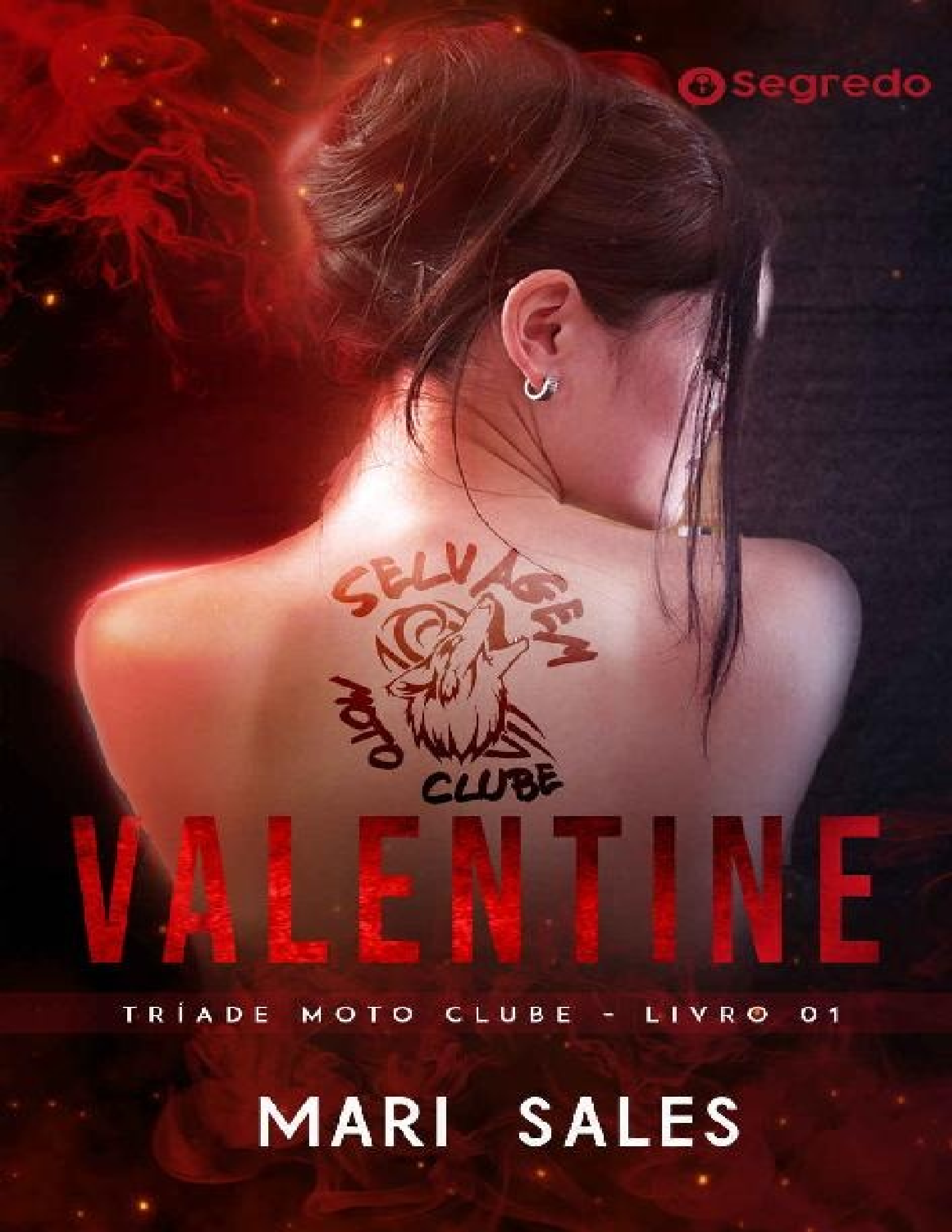
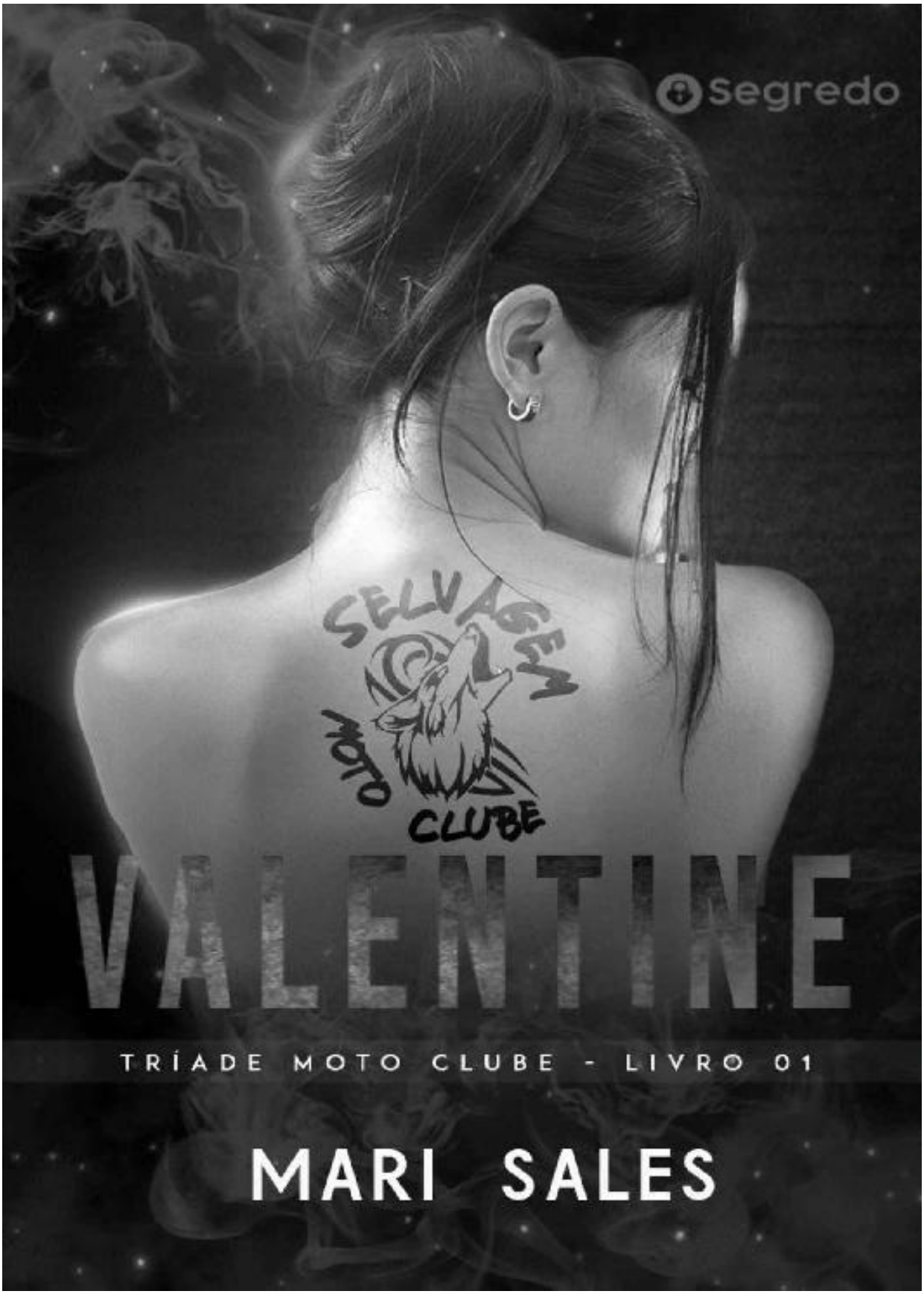

Segredo
SELVAGEM
MOTO
CLUBE
VALENTINE
TRÍADE MOTO CLUBE - LIVRO 01
MARI SALES


Segredo
SELVAGEM
MOTO
CLUBE
VALENTINE
TRÍADE MOTO CLUBE - LIVRO 01
MARI SALES

Copyright © 2021 Editora Portal

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa e Projeto Gráfico
Jéssica Macedo

Revisão
Ana Roen

Copydesk
Patrícia Trigo

Diagramação
Mylene Ferreira

1ª edição
Livro digital

Mari Sales
Editora portal
Selo Segredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais fez parte do intuito de ambientar e dar veracidade a história.



Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

Prólogo

- Doc

Capítulo 1

- Valentine

Capítulo 2

- Valentine

Capítulo 3

- Doc

Capítulo 4

- Valentine

Capítulo 5

- Valentine

Capítulo 6

Valentine

Capítulo 7

Doc

Capítulo 8

Valentine

Capítulo 9

Valentine

Capítulo 10

Valentine

Capítulo 11

Valentine

Capítulo 12

Valentine

Capítulo 13

Valentine

Capítulo 14

Valentine

Capítulo 15

Valentine

Capítulo 16

Valentine

Capítulo 17

Valentine

Capítulo 18

Doc

Capítulo 19

Valentine

Capítulo 20

Valentine

Capítulo 21

Valentine

Capítulo 22

Valentine

Capítulo 23

Valentine

Capítulo 24

Valentine

Capítulo 25

Valentine

Capítulo 26

Valentine

Capítulo 27

Valentine

Capítulo 28

Valentine

Capítulo 29

Valentine

Capítulo 30

Doc

Capítulo 31

Valentine

Capítulo 32

Valentine

Capítulo 33

Valentine

Capítulo 34

Valentine

Epílogo

Valentine

Sobre a Autora

Dedicatória

Para todas as mulheres que não têm medo do poder.





Agradecimentos

Gratidão à Deus, que me presenteou com uma família maravilhosa, que torna meu trabalho possível. Fabricio, Amanda e Daniel, amo vocês.

Essa é a segunda edição dos meus Moto Clubes do coração, que teve seu primeiro lançamento em 10 de abril de 2017. Gratidão a toda equipe do Grupo Editorial Portal por tornar essa série ainda melhor em 2021.

Ao Luiz Pereira, da Lupi Produções, que acreditou no potencial da obra e está tornando realidade a produção audiovisual, gratidão.

Um abraço especial para todas as pessoas que fizeram parte do início da minha carreira, entre 2016 e 2017. Leram minhas obras antes de irem para o mundo, me apoiaram e motivaram a fazer acontecer. Próximas ou distantes, apesar de tudo o que aconteceu, vocês fizeram parte e têm um lugar no meu coração. Gratidão.

Gratidão aos grupos literários, redes sociais e a internet, que torna possível o compartilhamento dessa obra de forma virtual.

E por fim, agradeço a vocês, leitores, por compartilharem o gosto por motociclistas, mocinhos intensos e moto clubes! Um abraço especial para aqueles que fazem parte da minha parceria poderosa, os Instagrans:

@_livrareando_

@AlfasLiterarias

@amantesliterariascariocas

@biblioteca_da_tati_chacon

@bibliovicio.da.jess

@blog.universoparalelo

@cia_da_leitura

@coruja_dos_livros

@divando_livros

@duasamigaselivros

@elas.contam

@elaseoslivros

@enquadrandolivros

@entrelivrosefotos

@fabdosconvites

@folhadepolen

@heybitchesbr

@indicacoes_literarias

@leiturasdavick

@leiturasetravessuras

@literariosmt

@literatura.hot

@literaturaemdiajessica

@livros.pamor

@livros_de_carol

@livros_empauta

@livrosincriveisqueeuli

@loop.literario

@loucas_por_livros_hot

@meu_paraizo_literario

@mi.livros.love

@minhapequenacolecao

@naosoucompulsiva

@ocantinhodaleituraa

@pequena_sonhadora_literaria

@resenhandominhasleituras

@resenhasdaevenyalves

@rosieoslivros

@samurailiteraria

@sonhandoacordadacomlary

@thayworld

@the_literary_traveler

@thebook_andthegirl

@umaromanticaliteraria

@umlivroumamor1

@vidadebibliotecaria

Amor, Respeito e Gratidão.

Mari Sales



Doc

Cheguei ao meu quarto no Moto Clube, tirei minhas roupas de trabalho as deixei amontoadas do lado da porta do banheiro. Era um mau hábito, mas não conseguia fazer de maneira diferente depois que chegava tão exausto do hospital, onde fazia plantão como clínico geral.

Enquanto tomava banho, refletia sobre meu dia e outros assuntos.

Tive todos os exames de John, o presidente do Selvagem Moto Clube, em minhas mãos e o diagnóstico não era nada bom. O câncer se espalhou por todo o seu abdome. Não havia quase nenhum órgão são em seu corpo, e o sentimento de impotência me atingia como um trem bala, como sempre

acontecia quando não podia fazer nada para ajudar a reverter o quadro do paciente.

Mas John não era só um presidente, o considerava como um irmão, ou mesmo um pai. Ele ajudou minha única família quando mais precisei. Tive que abdicar de muitas coisas, mas deixei de me importar pelo objetivo não alcançado, uma vez que minha irmã, seu marido e seus filhos gêmeos estavam a salvo de qualquer ameaça.

John sempre dirigiu o Moto Clube com pulso firme, muita responsabilidade e comprometimento. Não era perfeito, abusava do álcool e do cigarro e, até se estabelecer com sua atual senhora – companheira –, também abusava das mulheres disponíveis.

Eu não estava no clube para julgar, apenas para cumprir minha dívida sendo o médico daqueles homens que não se preocupavam nem um pouco com sua saúde. Todo começo de ano, era imposto para que fizessem exames de sangue e orientava os que tinham resultados não muito desejáveis, mas esses eram apenas metade dos membros.

E depois de um tempo, minha permanência no Moto Clube deixou de ser uma obrigação passando a ser minha rotina, minha família. Tive uma namorada até um tempo atrás, mas depois de tanto desamor por parte dela, terminamos e preferi não me arriscar com relacionamentos tão cedo. Até porque minha irmã, nada ciumenta, sempre me enchia a cabeça quando dizia que estava

com alguém. Eu só não tinha cabeça e tempo para esse tipo de drama.

Terminei meu banho, vesti minhas roupas habituais quando estava longe do hospital, todas pretas, e segui para o quarto de John para verificar como ele estava. A situação dele era tão grave que os especialistas não sabiam como ainda estava andando, vivo.

— Pres? — Bati na porta e a abri. Vi Lena encerrando uma discussão com ele, que estava abatido e deitado na cama. Segurei-me para não a repreender. Ela não era minha senhora, mas não deveria estar perturbando a paz de John. Ele poderia morrer amanhã e ela estava preocupada com bate-bocas.

— Desisto de você! — Lena encerrou a discussão com John, veio em minha direção e passou por mim sorrindo de forma maliciosa. *Vadia, quero distância sua,* pensei.

— Tudo bem? — Sentei-me na beirada da cama. Peguei seu pulso verificando seus batimentos cardíacos. Estavam baixos, mas não tanto.

Ele me encarou com um sorriso de deboche no rosto.

— Estou morrendo, não estarei bem por um tempo. — Antes que eu pedisse desculpas pela pergunta idiota, apertou minha mão, que estava segurando seu pulso. — Não há necessidade de desculpas, eu é que preciso me redimir. — Suspirou e desviou o olhar do meu. — Finalmente liguei e avisei Jocelyn.

— Decidiu contar a ela sobre sua doença agora? — Mostrei

preocupação. — E sua filha? — continuei meu questionário, porque ela sempre foi minha maior curiosidade.

— Bem, nenhuma das duas recebeu a notícia muito bem, mas não há nada que possa fazer agora. — Ele fechou brevemente os olhos, depois encarou o teto. — A melhor coisa que posso fazer é finalmente deixá-las em paz.

— Não diga uma besteira dessas. Eu duvido que estejam aliviadas pela sua partida. Ainda mais a geniosa da sua filha.

— Na verdade, minha filha está tão brava como nunca a vi. — Ele sorriu para o teto e não contive meu sorriso também. Pelas histórias que Pres me contava, sua filha tinha um gênio forte. Ela era bem-sucedida e destemida, tudo o que havia de melhor para se apreciar em uma mulher. Eu secretamente a admirava, só de escutar John falando sobre suas conquistas.

— Você não facilita também — rebati de forma branda.

— Eu sou Selvagem, não há nada que me faça facilitar a vida de ninguém. — Virou-se para mim, ainda sorrindo e piscando um olho. — Você irá conhecê-la amanhã.

— Está vindo para cá, para o Moto Clube? — Acenou em concordância com a cabeça. — Só eu sei que sua filha Valentine é mulher e não um homem, como fez com que todos acreditassem. Sabe que haverá questionamentos — lembro-o.

— Sei que levei essa história muito longe, mas escolhi esse nome para

ela propositalmente, para poder esconder sua identidade. Não queria que fosse alvo dos meus inimigos.

— Bem, agora não mais.

— Quero estar vivo tempo o suficiente para ver minha filha mudar o mundo. — O mistério e a diversão estava estampado no seu rosto.

— Oh, que olhar é esse, Pres? — Franzi a testa e tentei imaginar o que ele estaria aprontando.

— Apenas um bom pressentimento. — Fechou os olhos e suspirou. — Agora vá embora, Doc, preciso descansar.

Com essa dispensa educada, me levantei sem me despedir e segui para o refeitório em busca de comida antes de dormir.

Amanhã eu finalmente conheceria Valentine, a mulher que, mesmo sem conhecer, já habitava minha imaginação.



Um

Valentine

Sustentar a minha posição entre tantos homens descrentes estava difícil. Não bastava dizer que tinha nascido mulher e que havia dois cromossomos X, os olhares que me davam diziam que eu tinha me transformado. Não que fosse um problema o que eles pensavam, era apenas uma questão de autoafirmação.

Meu pai era o presidente do Selvagem Moto Clube. Ele estava morrendo por causa de um câncer. Uma reunião tinha sido solicitada para que o herdeiro do trono, Valentine, assumisse – no caso, eu. O que ninguém sabia era que esse herdeiro era mulher. Nenhum daqueles homens brutos e selvagens

esperava por isso, até porque não existia nenhum integrante do sexo feminino no clube. As mulheres se resumiam nas vadias – companhias de uma noite – e as senhoras.

Ou seja, eu estaria quebrando uma tradição, quase um tabu.

Na parte mais visível da sala, cheia de cadeiras e com uma grande mesa oval, perto de onde eu estava de pé, entortei meus lábios para a plateia nada receptiva olhando de volta para o meu pai. John Savage estava sentado em uma cadeira, seus cabelos ausentes e sua pele mais branca do que o normal o caracterizavam como fraco, mas ele era a pessoa mais forte que eu já tinha conhecido. Os músculos que o tornavam intimidante e a pose de bruto haviam desaparecidos.

Engraçado como ele nunca me quis envolvida com aquele lado de sua vida e, claro, eu fingia não me interessar. Acho que o surpreendi quando apareci aqui, vestida com calça jeans preta justa, blusa preta regata folgada e cavada, colete jeans com o desenho nas costas da cabeça de lobo uivando para o alto, símbolo do Selvagem Moto Clube, e coturnos pretos. Meu cabelo estava solto e meus olhos castanhos bem delineados completavam o visual.

Quando minha mãe me entregou as passagens para vir ver meu pai, porque ele estava morrendo, fiquei com raiva dele por não ter me avisado com antecedência e precisei desabafar com alguém.

A lembrança de descontar minha raiva no celular e na pessoa que estava

do outro lado da linha invadiu minha mente. Estando sozinha no meu quarto, a conversa tinha sido enérgica, mas meu amigo Jack conseguiu me acalmar do seu jeito.

— Jack, ele iria morrer e nunca me contar que estava doente! — Ofeguei depois de soltar toda a minha ira com o tom raivoso. Depois, eu só me sentia... triste e angustiada. Eu perderia o meu pai, logo.

— Val, se acalma — Jack sabia o quanto me confortava ao dizer meu apelido. — Você sabe o que vem com a morte de um presidente de um Moto Clube. Precisa se concentrar e pensar racionalmente.

Jack era membro do Piratas Moto Clube, o clube da minha cidade. Não queria me envolver com o Moto Clube do meu pai por uma questão de orgulho e um pouco de birra, confesso, mas vivia e respirava aquele mundo. Irônico como John Savage não me queria nele e eu o adorava.

Nem meu pai ou minha mãe sabiam daquele meu lado. Jack foi quem me reinseriu naquele mundo. Eu me envolvi amorosamente com ele quando comecei a faculdade e, até aquele momento, depois de dois anos formada, tínhamos um caso de tequila. Isso queria dizer que, toda vez que tomava a bebida, me jogava em seus braços e ele preferia apagar o meu fogo do que deixar outro membro do Moto Clube fazer isso. Não era o meu amor ideal, mas o único que tinha, e não estava disposta a abrir mão ficando sem nada.

— Eu não quero me envolver com as coisas do meu pai. — O

ressentimento me fez deitar na cama, encarando o teto.

Meu quarto era todo neutro, sem nenhuma indicação dos meus gostos por couro, *rock and roll* e motos. Preferia deixar para dar a minha cara quando tivesse meu próprio canto. O plano era terminar de juntar o dinheiro que precisava nos próximos seis meses e comprar um pequeno apartamento no centro da cidade.

Minha vida parecia uma mentira, mas preferia ocultar meus gostos da minha família e do trabalho. Tudo isso por uma questão de evitar conflitos e julgamentos.

Quando fiz dezoito anos, apareci com uma moto em casa, comprada com minhas economias. Minha mãe surtou e meu pai, que ligava apenas uma vez por mês para saber notícias em uma ligação que durava menos que cinco minutos, apareceu e me fez escutar um discurso de como uma moto era uma arma e o quanto ele tinha experiência nisso.

Na minha cabeça, só queria dizer a eles o quanto eram hipócritas, que os dois viviam ou viveram sobre duas rodas. Mas como a filha conciliadora que sempre fui, devolvi a moto para seu dono e nunca mais falei sobre o assunto. Ainda não tinha os argumentos certos para defender meu ponto de vista, por isso acabava sendo passiva quando envolvia minha vida pessoal, seguindo um caminho contrário da minha postura profissional.

Um ano depois que entrei na faculdade, conheci Jack e vi uma

oportunidade de alcançar o meu sonho uma vez enterrado. Ele era charmoso, com seus olhos azuis piscina e cabelo loiro escuro curto. Ele sempre andava com uma *bandana* azul amarrada no braço ou na cabeça, símbolo que indicava que fazia parte do Piratas Moto Clube.

Então, comprei roupas de couro e uma Harley Davidson Night Rod Special. Tanto as minhas roupas quanto minha moto ficavam na sede do Piratas Moto Clube junto com as coisas de Jack. Ele não se importava de compartilhar o espaço comigo. Na maioria das vezes, me tratava como uma irmã ao invés de amante, como eu realmente gostaria.

Eu não me enquadrava como uma senhora no Moto Clube, mas era considerada como uma ao estar tão próxima de Jack. Meu amigo vagabundeava com as vadias e isso sempre me incomodava, mas nossa amizade colorida só existia porque nunca demonstrei meu ciúme. Também nunca fiquei com outro homem, não por opção, mas porque meu coração era bandido o suficiente para aceitar aquela relação. Eu sabia que não merecia pouco, mas nunca achei ninguém que conseguisse roubar meu coração e me fizesse ofegar como Jack fazia.

— Vá dizer adeus ao seu pai e certifique-se de que Lorenzo não assuma a presidência no lugar dele. — A voz de Jack era sombria e autoritária. Fiz uma careta lembrando a história do homem que ele citou.

Lorenzo Rodriguez era o vice-presidente, o indivíduo mais podre e

perverso do Selvagem Moto Clube. Todos sabiam que ele gostava de trabalhar com a ilegalidade, mas meu pai nunca conseguiu provar, e por isso nunca pôde expulsá-lo do clube.

Carismático, bonito, líder nato e um grande influenciador, Lorenzo sempre esteve de olho no posto de presidente do Moto Clube, e por diversas vezes escutei meu pai repudiá-lo. Lorenzo era conhecido por suas artimanhas ilegais até na minha cidade, localizada em outro estado. Para os Moto Clubes que andavam na legalidade, ele era o inimigo. Isso queria dizer que Lorenzo Rodriguez não era bem visto pelo Piratas Moto Clube.

— E você quer que eu faça o quê? — Indignada, fechei os olhos suspirando. — Ele é o sucessor, não há nada que eu possa fazer.

— Claro que tem, você é filha do presidente, você tem direito a sucessão tanto quanto ele. — A seriedade em sua sugestão me faz gargalhar.

— Sério, Jack? Eu, presidente de um Moto Clube? Mandando em um monte de brutamontes? Homens que nunca tiveram nem suas mães mandando neles? — Continuo rindo e me levanto da cama, pegando minha mala na parte de cima do meu guarda-roupa.

— Você sabe que é possível. — Suspira. — Arranje alguém lá do clube para se casar então, sei lá... qualquer um de confiança do seu pai. Depois, deixe seu marido ser a figura do líder e faça com que ele impeça Lorenzo de continuar com qualquer coisa que esteja envolvido.

Daquela vez, minha risada era sem humor e sombria. Coloquei o celular no meu armário de cabeceira, acionei o viva voz e comecei a fazer a minha mala, não sendo muito agradável com minhas roupas.

— Jack, você tomou óleo de motor ou fumou orégano? Tem noção do que acabou de falar para mim? Tem noção que não estamos mais no século XVIII e sou totalmente capaz de me sustentar? Posso estar insegura quanto a liderar homens que não fazem parte de uma equipe profissional, mas não irei me rebaixar usando essa estratégia.

A linha ficou momentaneamente muda. Continuei a colocar minhas roupas na mala com mais violência e indignação. Será que estava louca ou era ele que estava, já que não percebeu o absurdo que acabou de falar? Não iria me casar por aparência. Além do mais, os problemas do Moto Clube não eram meus problemas, por mais simpatizante que fosse com a destruição da reputação de Lorenzo.

— Val... droga. — Suas palavras saíram tão baixas, demonstrando sua frustração. — Você lembra quando nos conhecemos, a merda que era o Piratas e a quantidade de crimes na cidade? Lembra o que aconteceu com você? — Ele não esperou por resposta. — Isso continuou até o filho da puta do Eduard morrer e Perez assumir. Eu era obrigado a vender drogas, Val. A quantidade de coisas ilegais que fiz por depender do Moto Clube... — a angústia em sua voz me faz parar e me sentar na cama. Eu não sabia disso ou não me lembrava. — Pode até

não ser problema seu, mas sei que tem bolas o suficiente para enfrentar tudo isso e fazer o que for necessário para assumir a presidência antes que Lorenzo o faça.

— Jack, eu sou mulher. Quem tem bolas é você, eu tenho lábios. — Tentei fazer uma piada, mas não havia risada, apenas suspiro e silêncio. — Você sabe que ninguém me apoiaria, nem meu próprio pai. Minha mãe vai pirar e serei deserdada. — Não acreditava que estava cogitando aquela ideia e analisando todos os lados, positivos e negativos da situação.

— Você pode se surpreender, Val. — O quê? Tinha escutado direito? — E outra, você já tem o apoio de todos os Motos Clubes da nossa cidade caso alguma guerra aconteça entre os Selvagens. Ninguém quer Lorenzo no poder.

— E desde quando apoio externo é válido? Desde quando algum motociclista vai apoiar uma mulher como presidente? — Terminei de arrumar minha mala jogando meu pijama nela. Fui até meu armário de cabeceira para tirar o celular do viva voz, colocando o aparelho no ouvido. — Desde quando eu quero ser a presidente do Selvagem? Sou uma consultora de empresas e não uma líder rebelde.

— Uma consultora que já fez muitos CEO's se curvarem aos seus comandos. Você sabe que dá conta. — Ele tinha bons argumentos para me motivar e eu estava quase convencida. — Sei que você está cogitando aceitar. Pense no quanto estaria ajudando a diminuir o crime na cidade... se bobear, no estado inteiro. Fora conseguir se vingar do que fizeram.

— Justiça. E por um acaso aquele infeliz que me tocou era subordinado a Lorenzo? — Jack era o único que conhecia a história e as conexões daquele idiota. Por mais que ele nunca tenha compartilhado comigo e eu não gostasse de reviver aquele acontecimento, sabia que não cruzaria com o homem do meu passado, porque meu amigo me garantiu.

— Homens com esse tipo de motivação participam do mesmo grupo. Você poderá impedir que aconteça com outras pessoas, poderá ter o encerramento que tanto deseja.

Droga, ele me conhecia tão bem. Sabia exatamente o que falar para me convencer: impedir que outras pessoas sofressem o que sofri. Tinha um senso de justiça enraizado no meu íntimo desde quando fui pega de surpresa por um homem inescrupuloso. O sentimento de impotência durante toda a ação me deixou diferente e com vontade de me defender.

Minha confiança tinha sido abalada.

Aprendi a atirar, usar facas, artes marciais e direção ofensiva. Cultivava uma vida atlética, com exercícios físicos regulares e alimentação saudável. Estava pronta para um novo ataque, pronta para fazer qualquer um que ousasse me tocar sofrer com muita dor.

Então, algo dentro de mim acionou e comecei a cogitar toda aquela situação. Ser presidente do Moto Clube.

— Só posso estar louca ao pensar em aceitar isso. — Sentada na cama,

apoiei minha testa em minha mão e meu cotovelo na perna. — Foi golpe baixo, Jack.

A rica risada dele preencheu meus ouvidos, aquecendo o coração. Amava aquele vagabundo, por mais que nunca tenha sido correspondida. Ele era meu calo, meu ponto fraco... ninguém precisava saber disso, muito menos ele.

Afinal, sabia o quanto não era valorizada, mas aceitava. Poderia ser bem-sucedida profissionalmente, mas a minha vida pessoal era uma farsa completa. Gostaria de ter a mesma força e determinação que tinha na carreira estando a frente do meu lado amoroso. Parecia fácil, simples, mas três doses de tequila transformavam isso em uma missão impossível.

— Sei onde seu calo aperta, Val. — Sorri, mas não disse nada. — Vá encontrar seu velho, seja uma boa aspirante a presidente e coloque aquele bando de Selvagens na linha.

— Venha comigo — peço com fragilidade e me arrependo no mesmo momento. Não podia demonstrar aquele tipo de fraqueza, não podia demonstrar meus sentimentos para ele, porque, quando fazia isso, Jack sumia durante dias. Ficava arrasada com sua ausência.

— Val... — o pesar substituiu o seu riso.

— Eu não posso viajar sem meu secretário executivo — desconversei com diversão fingida, tentando disfarçar, mesmo com meu coração apertado. — Mas não tem problema, arranjo outro por lá.

— Você sabe que pode contar sempre comigo, não é, Val? Se você tiver problemas, me avise que movimento os outros Moto Clubes — desviou também do assunto sentimental e fiquei aliviada. Daquela vez, acho que não haveria sumiço.

— Sua moto não é branca para você vir ao meu socorro como um cavaleiro. Falando em locomoção em duas rodas, você pode enviar a minha para mim? Não ando em moto alheia, você sabe. — Como estava indo de avião a pedido da minha mãe, teria que me preocupar com a logística daquela parte oculta da minha vida. Terminei de fazer minha mala e continuei: — Separe minhas roupas, fazendo o favor. Não posso aparecer no Moto Clube de terninho e salto alto.

— Com certeza despertaria muitos pensamentos luxuriosos, seria uma vantagem para você. — Nós dois rimos e sabia que sua mente pervertida estava lembrando do dia que realmente fiz isso. Foi o único dia que ele me procurou para transarmos. Foi feroz. Como ele disse naquele dia, eu era a sua fantasia sexual de secretária executiva se tornando realidade.

— Pervertido. Quando chegar lá te ligo.

— Tudo bem. Beijos, Val e... se cuida. — Seu tom cauteloso e protetor colou os pedaços do meu coração anteriormente partido. Sabia que era apenas a preocupação de um amigo, mas me iludia toda vez que escutava.

Incorrigível! Estava me comportando como uma idiota.

— Tchau, Jack. — Desliguei irritada comigo mesma por aceitar a responsabilidade dos meus sentimentos conflitantes. Sempre estou cuidando do que posso ou não falar quando conversávamos. Aquela situação estava me cansando aos poucos.



Resgatando os sentimentos que tive quando recebi a notícia da doença do meu pai e sua iminente morte, enquanto estava olhando para ele e conversas paralelas começaram na sala de reunião, me virei para todos os olhares duvidosos e anunciei em alto e bom som.

— Selvagens, solicito minha posição de presidente e aceito qualquer desafio para me manter nela — saiu feroz, e me sentia orgulhosa pela firmeza nas palavras.

O silêncio se instaurou no ambiente e meu pai estendeu sua mão para apertar a minha. Não me virei para encará-lo, pois não precisava de seu apoio ou conforto para assumir aquela posição. Porém, retribuí o aperto suave, aproveitando a rara demonstração de carinho. Apesar de meu orgulho, ele era meu pai, estava fragilizado e lutando contra a inércia que estava se tornando.

— Desafio aceito, princesa — enfatizando o deboche na última palavra, Lorenzo se levantou no meio da sala, sorrindo. Anunciou sua provocação com olhar de ironia e vitória, e nosso destino estava selado.

Urros e gritos poderiam ser ouvidos a quilômetros de distância de tão alto. O desafio para o Moto Clube era muito mais do que orgulho, era força e competência. Seria decidido em uma reunião dali uma semana. Eu não estava com medo, estava excitada.

Retribuí o sorriso irônico e malicioso para ele. Veríamos quem seria o melhor, seu corrupto.

Capítulo



Dois

Valentine

Estava no quarto com o meu pai, ele dormindo em sua cama e eu sentada em sua poltrona, repensando pela centésima vez tudo o que aconteceu quando reivindiquei minha posição como presidente, aceitando o desafio de Lorenzo. As apostas começaram, não se falava em outra coisa no clube e fui considerada um curinga.

Como o Selvagem nunca teve uma integrante mulher, muitas especulações – positivas e negativas – estavam me tirando o foco.

Observei meu pai dormindo serenamente e sua vulnerabilidade me entristeceu. Ele sempre foi um homem forte, bruto, com muito humor e de pouca sensibilidade emocional. Na verdade, só demonstrava afeição quando era para me reprimir de alguma atitude que considerava errada. Incrível como a maioria delas era espelhada nas suas: beber, pilotar moto, lutar, ser independente e fazer parte de um Moto Clube.

A poltrona que estava sentada era perto da porta e longe da luminosidade. Mantendo minha posição, escutei barulho de passos do lado de fora e alguém entrou sem bater à porta.

Eram a atual senhora do meu pai e um homem de jaleco branco. Ambos

não notaram a minha presença no quarto.

Lena era muito nova, artificial, tinha quase a minha idade e era simpática o suficiente para ser cordial comigo, apesar de perceptível sua completa antipatia por mim. Não era afetada por aquilo e propositalmente fazia questão de cumprimentá-la com um caloroso abraço, quando houve outras ocasiões. Ela iria me amar ou odiar... na marra.

— Ele se esforçou muito hoje. Sua filha lhe dá muita dor de cabeça e agora está na sede causando confusão. Você não estava aqui, então não imagina a audácia que ela teve. — Lena se sentou na beirada da cama segurando a mão do meu pai. Franzi o cenho para as palavras dela, mas não contestei. Queria ver quanto veneno ainda tinha para mim. — Acho que a pressão dele está muito baixa, ele anda tão fraco, faz tanto tempo que não...

— Quem está causando toda essa confusão são os que não aceitam a situação atual, Lena. Vamos ficar sem um presidente e alguém precisa assumir — o homem cortou Lena e tirou os instrumentos de uma maleta para auferir a pressão. Antes de colocar o estetoscópio no ouvido, encarou minha madrasta, sério e me surpreendeu. — Você não acha, Valentine?

Lena congelou e olhou para os lados me procurando. Levanto-me seguindo até a cama, encarando o homem perceptível e ousado. Apesar de o jaleco ocultar seu porte físico, apostaria que ele era bem musculoso. Bem, era mais alto do que eu, tinha pele branca, levemente bronzeada, e semblante sisudo.

Suas roupas pretas embaixo do jaleco indicavam que ele poderia ser um membro do Moto Clube, além de um profissional da saúde. O homem era uma contradição ambulante.

— O que você estava fazendo aí? — ela pergunta assustada, e sorri como se não tivesse escutado nenhuma acusação anterior.

— Apenas observando meu pai descansar. — Forcei a simpatia observando o homem que não conhecia examinar o meu pai. Ele estava concentrado e não desviou sua atenção. Ainda não tinha conseguido ver seu rosto completamente.

Quando o homem terminou de auferir a pressão, me encarou com rigidez e seus olhos azuis sombrios me chocaram. Algo na postura, que não sabia explicar, me confirmava que ele fazia parte do Moto Clube. E o que percebi ao encará-lo me confundiu, porque nunca tinha sentido nada parecido.

Aquecida, desejada, avaliada...

Minha mente queria me iludir ou eu estava criando expectativas fantasiosas. Uma coisa era certa, a situação estava contribuindo para me desestabilizar emocionalmente.

— A pressão dele está normal. É comum se sentir cansado mais do que de costume durante o tratamento de quimioterapia — disse para Lena, guardou os instrumentos em uma bolsa médica e ficou na minha frente com a mão estendida. — Sou Brian, mais conhecido como Doc. — Segurei sua mão e

compartilhamos uma estranha energia. Queria ficar com nossas mãos unidas, ao mesmo tempo em que me obrigada a afastar o sentimento conflitante.

— Olá, Brian — tentei parecer casual na hora de falar seu nome, apesar de ter feito de propósito para sentir seu nome em meus lábios. Como imaginei, muito sensual. — Você já sabe quem eu sou.

— Sim. Filha do Pres, Valentine. — Disfarçou um sorriso, depois acenou para Lena. — Preciso voltar para meu plantão. Virei checá-lo todos os dias antes de sair para trabalhar.

— Brian, querido, não vai ficar para a festa de hoje à noite? Estamos sentindo sua falta nas reuniões — Lena perguntou em tom de intimidade, aguçando minha desconfiança sobre a lealdade dela. Será que os dois tinham um caso?

Já na porta, Doc apenas virou seu rosto para dizer, indiferente e entediado, que estava fazendo muitos plantões e que naquele dia não era diferente. Antes de sair, me encarou mais uma vez, fazendo com que todo meu corpo e meu interior vibrassem pela atenção.

Interessante como a recíproca entre Lena e ele não parecia ser igual.

Virei para olhar meu pai e vi Lena soltando fogo pelos seus olhos em minha direção. Sem me preocupar, aproximei do meu pai observando-o mais uma vez.

— Você deveria deixar seu pai partir em paz em vez de causar esse

tumulto. Lorenzo vai assumir a presidência, como deve ser. — Veneno escorria de suas palavras.

Encarei-a dando de ombros, porque a sua opinião não me importava.

— Dessa vez sou inocente, Lena. Meu pai não discordou da minha decisão e estou confiante o suficiente para acreditar que gostou da ideia ao ponto de me apoiar. — Tento intimidá-la, mas não se afetou.

— Eu não o vi concordar. Você nunca se importou com o clube, por que agora? — Ajeitou-se melhor na cama voltando a segurar uma das mãos do meu pai.

Falsa!

— Bem, primeiro porque posso; segundo, porque quero. — Ainda bem que ela desconhecia o fato de que meu pai nunca me quis envolvida com o Moto Clube até algum tempo atrás.

Sorri sem humor para seu olhar chocado com minha resposta grosseira. Segui para me retirar do quarto, mas não sem antes escutar o último veneno do momento:

— Volte para sua mãe, sua cidade, antes que você se machuque. Ou talvez, ela.

Interrompi meus passos imediatamente e me virei com uma mão em minha cintura. Sorri para sua ameaça, apesar de internamente me arrepiar com preocupação com minha mãe.

— Preocupada comigo? — Levantei minhas sobrancelhas e continuei: — Ou é uma ameaça?

Ela não me respondeu, ficou olhando para o meu pai e, então, aproveitei para sair daquele local.

Incrível como alguns homens tinham a habilidade de ficar com mulheres boas de cama ao mesmo tempo que elas não possuíam caráter. Só deveria ser esse o único motivo para meu pai e ela estarem juntos. A mulher era mais artificial do que chiclete de melancia. Ela estava aprontando alguma coisa e infelizmente não conhecia ninguém para investigar mais sobre quem realmente era a maçã podre no grupo, se existisse, além do perigoso Lorenzo... ou se todo o clube estava corrupto.

Andando pelo corredor de quartos dos membros, mergulhada em meus pensamentos, fui abordada por uma mão e automaticamente entrei em modo de defesa, virando seu pulso e tentando torcer seu braço em direção ao chão para imobilizá-lo. Meu atacante era mais rápido e muito mais forte do que eu; me passou uma rasteira e montou em cima de mim depois que caí de costas no chão. Olhos azuis sombrios me encaram e parei de atacar, fazendo uma careta.

Possuía força suficiente para uma boa luta e conhecia mais de uma arte marcial para me tirar daquela posição, mas a curiosidade e confusão tomaram conta de mim.

— Qual é o seu problema? — soltei com irritação.

Tentei ignorar todas as reações do meu corpo ao senti-lo em cima de mim. Ele não colocou todo seu peso, suas pernas eram musculosas e estavam ao lado dos meus quadris. Seu cheiro era forte, amadeirado, e suas mãos, que estavam segurando meus pulsos acima da minha cabeça, eram ásperas e calejadas. Senti minhas partes íntimas aquecerem e, se fosse em outro local, em outro contexto, estaria pronta para dar para ele.

Estava virando uma vadia!

Antes de responder, ele se levantou, segurou na minha mão, me trazendo junto com ele, como se fosse uma boneca de pano. Isso me incomodou tanto quanto me agradou, porque minha mente direcionou meus pensamentos para a luxúria e o contexto não estava fazendo mais diferença.

— Posso ter um minuto do seu tempo? — Brian não me esperou responder, me puxou para dentro de um quarto e fechou a porta. O cômodo estava muito organizado e limpo, a não ser a roupa no chão no canto da porta do banheiro. Minha atenção foi desviada quando ele voltou a falar. — Não sei até que ponto você sabe sobre a atual situação do nosso clube, mas é muito imprudente medir forças com Lorenzo no momento.

Sua mão ainda estava no meu pulso e abaixei meu olhar para aquela ligação. Ele me soltou e, apesar da minha postura fria e calculista, já sentia falta do seu toque.

Droga, estava virando uma mulher sentimental. Depois de anos tendo

apenas Jack como amante, meu corpo finalmente decidiu escolher outro parceiro. Estava começando a ficar levemente preocupada.

— Você quer detalhar mais sobre isso? — Cruzei meus braços na minha frente e me arrependi de demonstrar uma postura defensiva. Eu não poderia demonstrar medo, ainda mais com desconhecidos, mesmo eles despertando luxúria em mim. Se continuasse assim, seria massacrada.

— O que você precisa saber é que esse Moto Clube só está esperando seu pai morrer para virar o caos. Você estando aqui só piorará as coisas, além de arriscar sua própria vida.

— Vocês combinaram? — perguntei franzindo o cenho. — Você não é a primeira pessoa a me ameaçar hoje e vejo que não será a última, então, não perca seu tempo. — Aproximei dele o suficiente para que nossas respirações fossem compartilhadas. — Não me intimido facilmente — soltei baixinho, vagarosamente e confiante, com meus olhos semicerrados.

Algo mudou no ar, não sabia se tinha sido minha aproximação ou a postura. Brian colidiu sua boca na minha ao mesmo tempo em que me pressionou contra a porta do quarto. Suas mãos estavam frenéticas como a sua boca na minha e não me controlei, refletindo seus movimentos. A tensão entre a gente só aumentava minha vontade de corresponder. O despertar do sentimento que nunca tinha sido direcionado para outra pessoa além de Jack me emocionou.

Sua boca tinha gosto de menta, seu cheiro era uma mistura de hospital e

floresta. Totalmente convidativo para estimular fantasias sexuais com um médico forte, bonito e motociclista.

Com minhas mãos em movimento, consegui sentir seus músculos fortes e sua bunda dura. Assim que ele esfregou seu quadril em mim, soltei um gemido entre seus beijos e percebi que poderia ter caído em alguma armadilha devassa.

Reduzi meus movimentos e levei as mãos para seu peitoral. Ele percebeu minha mudança de atitude e interrompeu o beijo, colocando sua testa em meu ombro. Nossa respiração estava acelerada, bem como os nossos corações.

Aquele tinha sido o beijo em um desconhecido mais alucinante da minha vida.

Brian apertou minha cintura com suas mãos e me pressionou contra ele. Era hora de encerrar a nossa interação.

— Não precisa me dar o último beijo, não vou morrer... não agora. — Trouxe um pouco de humor para mascarar meu nervosismo. Afastei-o de mim e tentei me recompor. Seus olhos azuis estavam nos meus castanhos, me devorando, querendo muito mais do que um beijo meu.

— Não foi essa minha intenção — pareceu confuso.

— Só diga o que você quer, não precisa se desculpar — interrompo-o. Meus olhos, anteriormente cheios de fogo, se transformaram em gelo.

Ele ficou mudo e sabia que minha rispidez tinha atingido um ponto

sensível nele. *Você não está lidando com uma mulher qualquer, Brian,* disse mentalmente a ele.

— Bem, se não tem mais nada... — encerro a conversa.

Virei-me para abrir a porta e ele me pressionou novamente nela. Seu corpo colou às minhas costas, suas mãos seguraram as minhas no alto e minha frente foi prensada contra a madeira. Se não fosse uma posição tão vulnerável, poderia dizer que era excitante.

— Ah, tenho muito mais para você, Valentine — ele sussurrou no meu ouvido, confiante e pressionou sua virilha na minha bunda, abaixando um pouco para que ficássemos no mesmo nível. — Mas podemos deixar isso para outro momento. Você precisa aprender a lidar com um homem de verdade, um verdadeiro motociclista. — Esfregou sua barba por fazer no meu pescoço e todo o meu corpo se arrepiou em apreço. Mal sabia ele que tinha experiência com um homem do mesmo universo que o dele e deveria ser por isso que meu corpo tinha vida própria e não seguia os comandos do meu cérebro. — O que quero dizer é que você precisa tomar cuidado com todos os que são fiéis a Lorenzo e repense sua posição de presidência, deixe que os aliados de John Savage cuidem disso.

Virei meu rosto de lado e nossos olhares se encontram. Senti a tensão sexual e ele não resistiu me beijando novamente. Daquela vez interrompi abruptamente, contra minha vontade, para focar na minha segurança e

integridade emocional... corrigindo, sexual.

Foco, eu preciso de foco!

— Tenha foco, Doc. Como vou saber quem é fiel a quem? Como vou saber se você mesmo não é leal a Lorenzo e está tentando me seduzir para facilitar sua ascensão à presidência?

Ele me libertou e voltei a ficar frente a frente com o médico. Segundos depois, me deu as costas indo em direção ao banheiro, me deixando sem resposta. Franzi a testa, não entendo aquela atitude.

Antes de fechar a porta, ele disse me encarando sobre o seu ombro:

— Talvez seja difícil de acreditar, mas acredite no seu pai. Eu confio nele.

Fechou a porta do banheiro, me deixando sozinha no quarto. Vi que era minha deixa para me afastar e buscar consolo em outro lugar.

Capítulo



Três

Doc

Como aquela mulher poderia ser tão irritante e atraente? Sentia que a conhecia há muito tempo, mas a recíproca não era verdadeira, ela nunca soube sobre mim e nem imagina como eu ouvi falar dela.

Como eu era a pessoa de confiança do Pres, sabia sobre as histórias da sua filha e da família que vivia fora do Moto Clube. Valentine sempre visitou minhas fantasias; o orgulho que John Savage tinha dela era contagiante.

Deixei a imaginação fluir enquanto subia e descia com a minha mão no meu pau. Imaginei Valentine de joelhos, com o olhar desafiador na minha direção enquanto seus lábios suaves deslizavam sobre a minha extensão. Os movimentos de língua que fez enquanto a dominava eram os mesmos que fazia no meu membro e, segurando o quanto dava, prolonguei o momento até que esporrei no box.

Deveria estar aliviado do tesão, mas só me deixou completamente frustrado. Encerrei o banho sem conseguir afastar as lembranças do nosso beijo. Nunca tinha sido homem de muitas palavras; tomar atitudes extremas era uma das minhas características e, por conta disso, poderia tê-la assustado.

Em minhas roupas pretas, saí em direção ao salão e encontrei meus

irmãos fiéis. Há muito tempo não confiava nos sub-líderes internos do Moto Clube e a doença do presidente desestabilizou completamente os membros. Ouvia-se que alguns queriam abandonar o Selvagem por causa de sua desestruturação, mas nunca houve um desistente, e eu não sabia dizer se era apenas pressão ou rádio-peão.

Vamos ver como tudo seguirá agora que a mentira de John sobre a sua filha tinha sido revelada. Muitos esperavam que um homem fosse a salvação dos ideais do clube, mas era uma mulher e isso mudaria tudo, estávamos prestes a romper um tabu.

— Que cara de derrotado é essa, Doc? — Playboy ergueu seu copo de cerveja fazendo uma oferta silenciosa. Neguei com a cabeça, sem álcool para mim.

Logan, Rock, Peter e Playboy eram homens com histórias frustrantes no passado, mas que seguiam a vida com determinação estando entre os Selvagens. Eram fiéis ao presidente, que os resgatou de alguma miséria e, por isso, além de membros eram meus amigos.

Aproximei-me deles, que estavam em torno de uma mesa de sinuca, jogando enquanto bebiam.

— Conversei com Valentine — anunciei.

— Ah, o traveco do filho do Pres? — brincou Logan.

— Não se enganem, a atitude pode se equiparar a de um homem, mas

todo o resto é feminino. Ela é mulher — rebato sério.

— Não sei se você diria a mesma coisa depois da reunião, que você perdeu novamente. — Fitei Logan com um olhar mordaz. Ninguém tinha nada a ver com minha vida ou o quanto me comprometia com os assuntos do clube. — Você sabe que os irmãos reclamam por você ter costas quentes com o Pres, ninguém perde uma reunião sem retaliação.

— Sou o único que não me beneficio dos lucros do Moto Clube, preciso trabalhar para me sustentar, cansei de explicar essa merda para vocês. — Encarei com raiva meus amigos, que sorriram diante do meu nervosismo. Estavam pegando no meu pé, para variar.

— Uau, alguém está alterado. — Rock me observou com cautela e sorriu com conhecimento. — Todo esse estresse é por causa da Valentine?

— Não — disfarcei a mentira nas minhas palavras, mas Rock sempre foi perspicaz.

— Tanta mulher nessa vida e você foi se interessar pelo traveco? — brincou Logan, o que fez Peter e Playboy rirem alto.

— Meu amigo, vou te apresentar umas vadias para que você esqueça seus problemas. — Com um braço em volta dos meus ombros, Playboy me virou de lado indicando um grupo de mulheres. Sendo uma noite aberta a convidados, elas estavam dançando à vontade em um canto do salão, na entrada da sede.

Muitos participavam das nossas celebrações em busca de bebida

gratuita e sexo selvagem.

— Vá você, ficarei no seu lugar na sinuca. — Empurrei Playboy, que sem nem um pouco de inibição, seguiu em direção ao grupo de mulheres.

— Ela irá aparecer na festa à noite? — Rock perguntou enquanto elaborava a sua jogada na mesa.

— Não sei, mas se até o final da tarde ela não aparecer, irei buscá-la. — Não me importei que aquelas palavras indicariam meu interesse e preocupação com a mulher.

— Se ela não tivesse uma penca no meio das pernas, também investiria nela. — Aproximei-me de Logan, apertei seu pescoço e o fiz se curvar para frente. Ele era mais novo do que eu, mais baixo e consequentemente, mais fraco.

— Fale novamente essa merda na minha frente e cortarei suas bolas — ameacei, percebendo que meu pavio curto, tão controlado nos últimos meses, estava de volta. Era médico, mas também um Selvagem.

— Estou apenas brincando, Doc, relaxa cara! — Desvencilhou-se do meu agarre e foi para a mesa efetuar sua jogada.

— Irmãos, aceitem a derrota, Doc foi rendido. — Rock piscou um olho para mim e não desfiz minha seriedade. Ele tinha sorte por ser maior do que qualquer um de nós, senão seria repreendido tanto quanto Logan foi.

— Vocês vão jogar ou conversar igual um bando de fofoqueiras? — resmunguei observando a mesa em busca de uma jogada certeira.

Valentine conseguiu algo inédito na minha vida, depois que Moly destruiu minhas esperanças em ter um relacionamento sério. Queria estar com aquela mulher, desafiá-la e ser desafiado. Há muito a adrenalina não corria nas minhas veias e meu estômago não ficava tão perturbado.

Sabia que a filha do presidente não estava de passeio pelo Moto Clube. Além de concorrer à presidência, iria auditar todos os nossos contratos. John entregou-me há alguns dias documentos que possivelmente teriam problemas, como a declaração do imposto de renda.

Não éramos apenas uma irmandade, possuíamos empresas, além de parcerias com estabelecimentos, tudo regularizado e devidamente documentado. Porém, depois que John começou a fazer quimioterapia, tudo desandou e a bagunça se instalou na administração do Selvagem.

Assim que me dei por satisfeito de interação entre eles, entreguei meu taco para Rock, peguei os documentos no meu quarto e segui para minha moto. Era hora de buscar a mulher que revolucionária o Moto Clube, bem como a minha vida.

Capítulo



Quatro

Valentine

Segui de táxi para um hotel perto da sede do Moto Clube. Depois do *check-in*, fui direto para o quarto, colocando minha mala em cima de uma das camas de casal e tirando toda a roupa do corpo. Antes de entrar no banheiro, peguei o celular e liguei para Jack.

Ele não atendeu e me preocupou que nossa última conversa tenha sido muito íntima para ele. Decidindo não interpretar nada antecipadamente, enviei uma mensagem dizendo que tinha chegado, que já tinha sido ameaçada duas vezes e que precisava cuidar da segurança da minha mãe, pois foi ameaçada também. Aproveitei e perguntei quando minha moto chegaria. Descobriria o quão preocupado ele realmente estava comigo.

Durante o banho, o beijo que Brian me deu se repetiu em meus pensamentos. Lembrei-me do seu corpo junto ao meu e, de olhos fechados, busquei as sensações que experimentei. Meu corpo se acendeu pela lembrança e terminando de me ensaboar, não resisti a aliviar um pouco da minha tensão com minhas próprias mãos.

Era frustrante!

A última vez que tive qualquer contato íntimo com alguém tinha sido

com Jack e há mais de três meses. A maioria das pessoas achava que eu era uma paqueradora, e todo final de semana tinha um homem em meu quarto. Apenas eu sabia o quanto era iludida e apaixonada por um motociclista que não correspondia meus sentimentos.

A pose de confiante e bem-sucedida não passava de uma grande fachada para minha insegurança e frustração em assuntos relacionados ao coração.

Apesar de que... era engraçado como ao pensar em Jack já não doía tanto assim e não causava tantos rebuliços no meu estômago. Se soubesse que beijar outro homem, um médico motociclista, faria aquilo comigo, teria beijado há muito tempo.

Sentada na cama, pensei no meu pai e o quanto de amor e indiferença a nossa relação foi construída. Minha mãe tinha um caso de amor e ódio com ele e sua vocação em cuidar do Moto Clube. Não sabia toda a história deles e, depois de um tempo, parei de perguntar para minha mãe, cansada de respostas evasivas. Ele não foi presente como um pai que morasse na mesma casa, mas também não foi um que nunca se lembrou de sua filha. Eu sempre quis mais e muitas vezes me esquecia de apreciar o que tinha.

Ele estava morrendo e não trocou quase nenhuma palavra comigo, a não ser para falar que estava feliz por eu estar com ele. Disse também que todos no clube achavam que eu era *homem*, por causa no meu nome, e ele fez questão de nunca contradizer para minha segurança. Ele deveria enxergar mais inimigos do

que realmente existiam em sua vida.

Tudo parecia uma caixinha de surpresas.

Deitada nua, aproveitei para recompor minhas energias com um cochilo. A noite seria uma criança e aproveitaria para me enturmar com os motociclistas... Ou acabar de vez com essa loucura de virar presidente.



Na recepção do hotel, fiquei aguardando um táxi para voltar à sede do Moto Clube. Muitas pessoas me olhavam da cabeça aos pés e não tirava a razão deles. Estando com uma calça de couro preta muito justa, bota preta de salto alto, um *top* tomara que caia da mesma cor e o colete jeans do Moto Clube, eu chamava atenção. Carreguei na maquiagem e deixei meu cabelo solto. Sentia-me intimidante e sensual, a imagem ideal que precisava passar para os membros do Selvagem Moto Clube. O mais engraçado era que me sentia confortável.

Peguei o celular do bolso traseiro da calça para verificar se Jack tinha retornado minha mensagem. Nenhum sinal dele, apenas uma mensagem da minha mãe, que retornei com o meu costumeiro "*estou bem, te amo*". Também tinha uma mensagem da única amiga que fiz durante a faculdade, Nina. Droga, esqueci de avisá-la que não estaria na cidade. Enviei uma mensagem rápida e resumida dos acontecimentos, adicionando que ligaria assim que pudesse.

Daquela vez, mamãe não poderia me controlar com seu cabresto.

Estava fora do alcance de sua asa, fazendo algo que reprovaria piamente, mas que sua opinião não me faria diferença. Queria sair de casa, gostava de Moto Clubes e de estar no poder.

Um barulho muito familiar ecoou pela recepção e minha atenção saiu do celular para uma moto que havia acabado de estacionar. O homem muito alto e de grande porte desmontou e meu corpo começou a vibrar, me fazendo franzir o cenho de estranhamento.

O que estava acontecendo comigo?

Assim que entrou na recepção, seguido por vários olhares assustados e cautelosos, reconheci Brian, ou melhor, Doc. Uau, sem o jaleco e com todo o traje do Moto Clube, ele despertava meu corpo e todos os meus desejos mais ocultos.

Braços musculosos, corpo atlético, traços retos e olhar dominante. Além da pose de mal-encarado, emanava confiança, diferente do ar acolhedor e um pouco sombrio que ostentava com o jaleco.

Muito sério e determinado, seguiu em minha direção e nossos olhares se encontram durante a sua caminhada. Parecia uma competição de encaradas e seria a última a desviar o olhar. Poderia não ter a mesma força, mas tinha todo o potencial.

— Senhorita, seu táxi chegou — o recepcionista, que apareceu ao meu lado, informou.

Ainda sem desviar meu olhar do visitante, guardei meu celular no bolso traseiro da calça e me preparei para a aproximação de Brian e seu olhar azul desafiador.

— Valentine — cumprimentou-me com um aceno de cabeça e olhou para o recepcionista. — Dispense o táxi, ela virá comigo.

Um calor, que não tinha nada a ver com desejo, começou em todo o meu corpo e cabeça. Se ele pensava que poderia tomar decisões por mim, sem me consultar, estava muito enganado.

— Obrigada. — Virei-me para o recepcionista e sorri. — Avise ao taxista que irei com ele, sim. — Estreitei meu olhar para Brian e saí de perto dele sem dizer nada.

Quando desviei de seu corpo, me barrou com sua mão no meu braço. Automaticamente olhei para sua mão em mim e depois para ele; fogo saía dos meus olhos. Se pensava que eu era uma das vadias submissas do clube, estava muito enganado. Ele me ignorou e falou novamente olhando para o recepcionista.

— A madame irá comigo, rapaz. Vá. — Seu tom era ameaçador. Amedrontado, o recepcionista saiu e meu desejo de discórdia inflamou.

— Quem você pensa que é? — Estreitei meu olhar para ele e destilei veneno em minhas palavras ditas sombriamente. — Coloque-se em seu lugar, Doc. — Usei seu apelido para soltar o meu sarcasmo.

— Preciso de sua ajuda e você da minha, Valentine. — Ignorou meu desdém, colocou a mão no bolso interno da jaqueta e tirou um envelope pardo dobrado. — Aí constam as três últimas declarações fiscais do Moto Clube e extratos bancários. Alguma coisa não bate e seu pai pediu para que verificasse, já que tem habilidade para resolver esse assunto.

— Meu pai poderia muito bem ter falado diretamente comigo. — Removi meu braço de sua mão e não peguei o envelope estendido pela outra. — Se existe divergência de informação, contrate um auditor. E... por que você está preocupado com a contabilidade do clube, já que é apenas o médico?

Minhas palavras ácidas o atingiram como um tapa, porque deu um passo para trás e balançou a cabeça negativamente.

— Considero seu pai como o meu próprio e vou tentar ajudá-lo sempre que pedir. — Guardou o envelope novamente e seus olhos, que outrora estavam normais e até convidativos, se tornaram frios e profissionais. — Vamos para o clube, chega de conversa. — Não era uma sugestão, mas um comando que não estava disposta a ceder.

— Eu vou de táxi. — Contrariada e não querendo ceder, dei-lhe as costas, para me afastar e novamente fui impedida pela sua mão. Fiquei indignada e meu tom de voz se elevou: — Droga, Brian, você precisa parar de fazer isso!

— E você precisa reduzir a frescura e desfazer a pose de princesa, porque comigo não cola. Se precisar, posso te carregar até a minha moto para

não desgastar o seu salto. — Começou a andar e me puxar com ele. Parecia muito rude da parte dele, mas seu aperto era suave e me permitia interromper sua ação.

Apesar da cena sugerida por ele se materializar na minha mente e muito me agradar, desvencilhei-me de sua mão seguindo ao seu lado. O idiota poderia ter o melhor beijo que já tinha provado, despertar a mulher indefesa que havia em mim, mas a personalidade dele já estava me irritando.

— Vou com você. Mas que fique claro, só estou fazendo isso para evitar chamar atenção — Não queria me dar por vencida e teria a última palavra.

Ele balançou a cabeça negativamente, mas vi o esboço de um sorriso contido.

Irritante.

Assim que chegamos à moto, ele a montou, deu partida e esperou que subisse na garupa com a sua mão estendida para me ajudar. Se tinha algo que me incomodava, era não estar pilotando a minha própria moto. Na ausência dela, teria que abrir exceções as minhas vontades.

Dispensando sua mão, apoiei a minha no seu ombro, meu pé na pedaleira e montei a garupa com maestria.

— Não é a sua primeira vez. — Sua afirmação com tom de decepção me surpreendeu. Eu estava protegida, mas não de um Moto Clube. O meu primeiro passeio sobre duas rodas não seria com aquele motociclista.

— Doc, posso ter pose de princesa, mas tenho mais experiência com motos e clubes do que você possa imaginar. — Acomodei-me na garupa grudando meu corpo no seu enquanto envolvia meus braços em sua cintura. Eu não perderia a oportunidade de sentir o quanto aquele homem era malhado, por mais chateada que estava com ele. Senti seu corpo enrijecer e depois relaxar ao meu aperto, ele também não estava acostumado com caronas. Brian me atrai, me irrita e faz a minha desconfiança aumentar. Tinha o céu e o inferno em um homem só. — Estou pronta, motociclista.

— A propósito — ajeitou a posição da moto em direção à rua —, você conseguiria muito mais aliados se estivesse vestindo uma saia.

— Não tenho intenção de me aliar com pervertidos — respondi, tentando mostrar o quanto seu comentário machista não me atingiu.

Ele resmungou algo como o quanto eu era irritante ao não interpretar uma brincadeira e acelerou.

Adorava minha moto. Pilotar era meu ponto alto do dia, o grito de liberdade e a afirmação de autocontrole. Poucas vezes estive como passageira e sempre era com Jack. Lembrando-me dele, percebi tristemente que estava me evitando e gostaria de saber até quando seria seu tratamento de silêncio comigo. Ou talvez, estava na hora de revidar.

Jack teria a minha vingança!

Capítulo



Cinco

Valentine

Era possível escutar a música e a conversa no clube a dois quarteirões de distância. Antes de entrar pelos portões, Brian pilotou a moto com uma mão e a outra apertou a que estava em seu abdome. Seus dedos acariciam o dorso e fiquei em choque com o carinho com tão pouco tempo que havíamos nos conhecido. Ao mesmo tempo estava desconfiada, uma vez que homens costumavam usar de sentimentos para conseguirem o que queriam com as mulheres.

Daquela vez não, queridinho!

Jack já tinha ocupado todas as cotas do meu lado carinhoso e trouxa. Não havia mais espaço para outro homem me fazer de capacho.

Ele parou a moto e desmontei, removendo minha mão da sua. Evitei externar minhas emoções, por mais que dentro de mim vibrasse a sensação de sua mão na minha e o quanto me agradou o contato.

Deixa de ser sentimental, Valentine, me repreendi mentalmente.

Estávamos no estacionamento de motos e existiam alguns membros do Moto Clube por entre elas, fumando e conversando de forma conspiratória ao observar minha chegada. Olhei para todos, nem um pouco intimidada, e coloquei as mãos na cintura. Virei-me para encarar Brian, que já tinha descido da moto e

me observava.

— Apesar de não ter sido necessário, obrigada pela carona. A partir daqui eu...

— Vamos falar com seu pai primeiro e verificar os papéis — Interrompeu-me. Estreitei meu olhar por seu jeito mandão. Ele achava que iria conseguir algo de mim agindo daquela forma?

— Precisamos colocar os pingos nos “is”. — Aproximei-me e estávamos quase da mesma altura, uma vez que meus saltos eram bem altos, para que nenhum marmanjo me intimidasse com sua altura. — Em primeiro lugar, não sou sua senhora para você me dar ordens, e mesmo se fosse, ninguém age assim comigo. — Ele abriu a boca e estava pronto para me interromper novamente, mas fechei minha cara emanando toda a minha raiva quanto à sua atitude arrogante. Ele cruzou os braços à sua frente e teve a capacidade de sorrir de boca fechada. Filho da... — Em segundo lugar, não estou aqui para resolver nenhum problema do Moto Clube antes que eu seja aceita como presidente. Então, preciso mostrar para esse bando de ogros machistas que uma mulher é tão capaz quanto um homem.

— Você sabe que existe um rumor de que você é um travesti, não sabe? — Ele estava ignorando tudo o que disse e mudando de assunto.

— Todos que acreditam nisso são idiotas, tudo por causa de um nome *unissex*. Por outro lado, acho muito bom que acreditem que sou travesti e se

afastem. Economiza o meu tempo com possível assédio, já que vocês demonstram preconceito.

— Terá que aliviar a tensão e não levar tudo tão a sério, ou vai lhe causar rugas. Nós falamos e brincamos sobre diversos assuntos, apenas isso. Não estamos acostumados a ter uma mulher por perto, sendo uma de nós. Explique o que te ofende, nós aprendemos rápido. — Seu sorriso se tornou sedutor e com uma força monstruosa, controlei meus braços de envolverem seu pescoço e meu corpo de unir ao seu. Perguntava-me se apenas eu estava sentindo aquele magnetismo entre nós.

— Então, tentarei ser o mais clara possível: não vou fazer o que você manda.

— Seu pai precisa de você. — Perdeu seu sorriso e descruzou os braços pouco paciente.

— Aprenda a sugerir e a perguntar, Doc. Estudou tanto para medicina que esqueceu a educação? — Quando tentou me interromper, me afastei, dando passos para trás, esticando meus braços para os lados. — Vou andar pelo clube, conversar com os membros e, depois disso, passo no quarto do meu pai. — Apontei meu dedo indicador para ele, pois queria me interromper novamente. — Céus, Brian, aceite a derrota e pare de me interromper.

Com as mãos esfregando seu rosto para cima e para baixo em sinal de frustração, me encarou novamente. Pisquei um olho fazendo charme para ele, e

saí em direção à primeira roda de conversa no estacionamento.

Daquela vez, ganhei a discussão com classe!

Feliz e muito confiante, abri um sorriso para as feições fechadas e de poucos amigos que me aguardavam. Mesmo não sendo receptivos, senti uma energia boa e de companheirismo entre eles. Se conseguisse convencer um, os outros seguiriam por tabela.

Eram quatro homens, provavelmente com menos de 40 anos e estavam bem vestidos e bem limpos. A loção pós-barba de um e o cheiro de sabonete de outro poderia ser sentido de longe. Sendo assim, poderiam ser membros que tinham uma moradia fora da sede e se portavam mais organizados.

Na minha profissão, avaliar o perfil de todos que me cercavam era um hábito e me ajudava na abordagem e tomada de decisão. Acabei trazendo isso para minha vida pessoal, me tornando muito calculista sobre relacionamentos. Apenas os homens que chegavam ao meu coração não eram estudados.

Droga, nunca analisei Brian!

Ignorando o que tinha acabado de perceber, ofereci minha mão para o homem musculoso que parecia uma montanha de tão grande, para apertá-la. Seu cabelo estava raspado, tinha uma barba de uma semana no rosto e olhos castanhos de águia. Ele daria um ótimo segurança, se já não fosse um.

— Olá, vim me apresentar formalmente. Sou Valentine Savage. Quem são vocês? — Depois de um segundo de choque com minha postura confiante e

nem um pouco intimidada, o brutamontes apertou minha mão com mais força que o normal e sorri para sua tentativa de intimidação. Ele também sorriu e acho que era por não vacilar do seu aperto.

Segundos depois, soltou minha mão demonstrando satisfação.

— Sou Rock, esses são Logan — apontou com a cabeça para o charmoso de cabelos bagunçados e olhos negros —, Peter — o rapaz levantou a mão em um cumprimento contido e um pouco tímido. Tinha olhos azuis claros, como de uma piscina e longos cabelos loiros — e Aaron, o Playboy. — Mostrou o dedo médio para Rock e ambos sorriram. Seus olhos eram azuis e seu cabelo preto comprido estava alinhado e amarrado na nuca. O cheiro do pós-barba vinha dele e a corrente de ouro em seu pescoço mostrava que ele possuía bens. — O que você pensa que é capaz de fazer para ser presidente do Moto Clube e liderar um bando de machos?

Minha cabeça estava catalogando tudo e adicionei um ponto positivo, pois pareciam querer me escutar, mesmo fingindo desinteresse em me conhecer.

— Eu tenho competência e alguns anos de experiência em consultoria para empresas. Isso ajudará e muito com as lojas de peças automotivas e a mecânica para motos. Também não me intimido facilmente e conheço como a cabeça dos motociclistas funciona. — Para não mudar minha postura confiante, estendi a mão para os outros três cumprimentarem, que receberam com apertos firmes, refletindo o meu.

Percebi que Brian se aproximou e estava fazendo parte da nossa roda, mas fingi não perceber sua aproximação, apenas encarei os quatro primeiros motociclistas que abordei.

— E como a cabeça dos motociclistas funciona? — Logan me encarou com curiosidade, um pé estava apoiado no pedal de uma moto e seu braço estendido se apoiava pela mão, no banco.

— Sim, o que você tem de diferente das vadias que frequentam as festas do Moto Clube? — Brian se intrometeu na conversa de forma brincalhona e lhe direciono um olhar mortal. Escutei uma risadinha coletiva percebendo que estavam querendo me desestabilizar.

Eles eram brincalhões. Era a minha vez de me divertir as custas deles.

Aproximei-me de Aaron, sorri sedutoramente e envolvi meus braços em seu pescoço. Ele pareceu surpreso, mas depois que encostei nossos quadris, ele sorriu com interesse e ampliei mais ainda o meu. Aproximei meus lábios de seu ouvido, inalei sua loção pós-barba e disse:

— Aaron — usei meu tom mais sensual e senti que ele começava a se animar, pelo volume em sua calça jeans desbotada. — A maioria de vocês, motociclistas, pensam com a cabeça de baixo. Aposto que em menos de trinta segundos Brian interromperá nossa interação — falei baixo o suficiente para que apenas ele pudesse ouvir. Senti suas mãos envolveram minha cintura ao mesmo tempo em que um rosnado atrás de mim soou.

— Playboy — Brian o alertou apenas o chamando, era mais intimidante que suas ordens direcionadas a mim.

Entrando na brincadeira, Playboy apertou minha bunda e colou sua boca na minha. Antes que pudesse sentir qualquer prazer em sua ação, fui afastada pelo braço por Brian, que deu um soco no rosto de Playboy. O homem cambaleou para trás alguns passos, mas levantou uma das mãos para seus companheiros indicando que estava tudo bem.

Com os braços cruzados na minha frente e recebendo o olhar mortal de Brian, sorri satisfeita.

— Como disse, senhores, conheço a cabeça dos motociclistas e... — Sou interrompida quando Brian investe em mim se curvando para frente e colocando seu ombro na minha barriga. — O que você pensa que está fazendo? — gritei, irritada enquanto ele caminhava em direção à sede do clube. — Coloque-me no chão, agora!

— Pode contar com a gente, Valentine! — Rock gritou em meio aos risos dos outros três. Aceitei a brincadeira, mostrei meu dedo do meio para eles e as gargalhadas aumentaram mais ainda. Não contive o sorriso, satisfeita por ter conseguido aliados tão bem-humorados.

Sabendo que Brian iria me levar até o meu pai, apenas apoiei meu cotovelo em suas costas e meu queixo em minha mão, como se estivesse aproveitando o passeio.

— Criança, farei você entrar na linha e te deixarei bem dócil. — Brian bateu na minha bunda e suas palavras, junto com sua atitude queimam meus ouvidos, fazendo-me lembrar de algo que há muito afundei em minha mente.

"*Parece um filhote assustado. Gosto desse jeito, muito dócil, Valentine*". As palavras surgiram na minha mente e vi vermelho. Não, nunca mais. Desisti de ser submissa e mesmo que não soubesse o mal que essas palavras me faziam, o puniria por isso.

Com um impulso bem calculado, joguei minhas pernas para trás e para cima, que deu o abalo suficiente para ele desequilibrar e cair de costas no concreto do estacionamento. Antes de cair de cara no chão, me desvencilhei de seu braço com uma cambalhota, caindo longe dele.

Ele se levantou e me encara atordoado. Apontei o dedo indicador para o seu rosto, furiosa.

— A brincadeira acabou, Doc. — Fogo saia das minhas ventas. — Você nunca, em hipótese alguma, diga novamente isso para mim, nem por brincadeira. Não sou animal de ninguém para ser domesticada. — Ele parecia confuso e arrependido, mas descartei qualquer pedido de desculpas naquele momento. — Estou indo até meu pai saber sobre a merda que ele quer que eu veja, vou beber, interagir com quem quiser e você ficará bem longe de mim.

Ele pegou meu dedo que estava apontado para ele com sua mão e, como da água para o vinho, sua postura de desculpa se tornou de intimidação.

— Cansei dos seus ataques e chiliques. Não disse nenhuma palavra ofensiva, mas se de alguma forma foi para você, sinto muito, estou tentando me aproximar e te conhecer, tentar descobrir o que é essa tensão que existe entre nós, mas você não me dá chance. — Tirou o envelope pardo do bolso e colocou na palma da minha mão. — Faça como quiser, vá para o seu pai e resolva.

— Brian, querido, você não teve plantão hoje? — A apreciação e sedução na voz da minha madrasta, queimou meus ouvidos. — Que bom que você veio.

Eu e Brian continuamos nos encarando, peguei o envelope e coloquei dentro do bolso interno do meu colete enquanto a mão da minha madrasta envolveu o braço dele. Desviamos o olhar para ela no mesmo instante.

Ridícula!

Evitando a interação com ela, virei-me e segui em direção ao quarto do meu pai enquanto escutava o interlúdio entre os dois. Lena estava dando em cima do meu homem.

O quê? *Meu homem*? Só poderia estar alucinando se estava com esse tipo de pensamento.

— Você poderia me examinar? — A tentativa de sedução da minha madrasta me faz bufar indignada. Não esperei para escutar sua resposta, apenas queria estar longe o suficiente deles e chegar até o meu pai.

Capítulo



Seis

Valentine

— Pai? — Entrei no quarto escuro e que parecia vazio, a não ser pelo homem sentado curvado na beira da cama.

Ele apenas bateu no espaço a seu lado, uma indicação para me sentar junto.

— Doc me passou uns documentos para serem avaliados. Disse que foi um pedido seu. — Sentei ao seu lado e automaticamente ele colocou uma mão na minha coxa.

— Sinto muito... se não fui um bom pai. — Sua voz era rouca, cansada e muito baixa.

— Não era sobre isso que queria conversar.

— Estou... muito orgulhoso... de você. — Respirou com dificuldade e colocou minha mão na dele, apertando, mas a dele estava sem força.

— Por que dizer isso agora? — Meu coração apertou por sua declaração. Não morria de amores por ele, mas sempre esteve na posição de pai para mim.

— Não parece óbvio? — Suspirou. — Estou morrendo.

— E a consciência se manifestou? — ironizei, ainda me sentindo azeda por conta da discussão com Brian. — Vamos cortar o drama. Quero assumir seu lugar aqui, vou acabar com esses ratos e bandidos que estão no clube. Então, vamos falar sobre os documentos que você pediu para Doc me entregar, para que pudesse analisar. — Sabia que parecia insensível, mas meu lado lógico tinha assumido o controle.

Ele assentiu com a cabeça e olhou para a parede, seus olhos estavam vidrados. Era visível a mente dele trabalhando e tendo muita dificuldade.

— Confie apenas em Brian... — ele coçou o queixo e suspirou. — Não, confie nele... confie em Rock também, ele é... um bom irmão. — Franzi a testa e me congratulei por ter conseguido o apoio de alguém de confiança. — Tome cuidado... espero que você tenha sucesso.

Ele se ajeitou na cama com dificuldade, deu um aperto suave na minha mão e virou de costas.

Algo dentro de mim foi abalado, pois senti vontade de chorar. Era uma loucura, já que não chorava há muito tempo e não achava que as palavras do meu pai deveriam ter tal poder sobre mim como tiveram. Além do mais, não houve nenhum carinho, apenas palavras de orientação.

— O que devo fazer? — sussurrei, mostrando um pouco da minha vulnerabilidade. Algo que mostrei apenas para Jack até aquele momento. O idiota do meu amigo.

Olhou-me por cima do ombro, esboçou um sorriso cansado e derrotado adiando a minha resposta. A doença, os dias sem dormir, cigarro e muita bebida estavam estampados em sua figura apática e doente. Não havia mais o brilho charmoso do presidente, do homem que roubou o coração da minha mãe e a estragou para todos os outros. Não havia mais a força do homem que carregou um Moto Clube nas costas e o tornou a irmandade íntegra que era, mesmo estando ameaçada por membros que gostavam do ilícito.

— Você já está fazendo. — Voltou o rosto para o outro lado e encarei suas costas. Alguns segundos depois, era possível escutar um ronco suave e a porta se abrir.

Virei-me rapidamente em direção à porta e Brian apareceu, sem minha madrasta em seu calcanhar. Não conseguia interpretar a sua expressão e a minha vontade era de provocá-lo. Apesar de meu pai avisar que poderia confiar nele, meu lado desconfiado sempre estaria com um pé atrás, tanto para os negócios como para o amor.

Amor... meu corpo deveria estar possuído se estava pensando naquele sentimento.

Ele caminhou rapidamente em minha direção, se ajoelhou na minha frente e limpou uma lágrima do meu rosto que nem tinha percebido que caíra. Seu olhar era intenso no meu. A vontade de me afundar em seus braços aumentava, mas me contive.

A preocupação comigo era palpável, reconfortante e impossível de não ser comparada com as atitudes de Jack, quando chorei na frente dele pela primeira vez. Não houve conforto como agora, apenas presença. Com meu amigo do Piratas Moto Clube, sempre havia economia de afeto.

Estive há muito tempo sendo usada, esquecendo que existia muito mais além do *não relacionamento* que tinha com Jack. A constatação disso foi algo assombroso.

Assustada, me levantei me recompondo, limpando o rosto com a mão e colocando minha expressão profissional para o abordar.

— Brian, agora que você dispensou Lena, vamos para algum lugar onde possa olhar esses documentos. — Deixei de lado nossa última discussão e segui com o próximo passo entre nós.

— Você sabe que nunca vou encostar um dedo nela. — Sua expressão era séria, mas sorrio de boca fechada para mostrar que estava apenas provocando-o e que eu pretendia continuar. — Você está bem? — perguntou carinhoso passando a mão no meu braço para cima e para baixo.

— Estarei, assim que resolver meu propósito aqui. — Levantei o envelope pardo, balancei na nossa frente e arregalei os olhos. — Por favor, tem um lugar para analisarmos isso? — Minha pose vulnerável foi totalmente camuflada. Precisava me focar em outra coisa, senão desmoronaria e não queria fazer isso com plateia.

— Meu quarto. — Suspirei indo em direção à porta que indicava.

Seguindo-o, tive um momento de epifania, corri em direção à cama, beijei a testa do meu pai e disse em seu ouvido apenas para que ele ouvisse:

— Também estou orgulhosa de você.

Saí do quarto e acompanhei um Brian com um olhar de admiração em minha direção. No caminho, vi que segurava um sorriso.

— O quê? — questionei alto, e brava. Não queria ser relacionada com carinhosa, mocinha ou sensível. Para aqueles homens, precisava me portar tão fria quanto conseguia.

Apenas balançou a cabeça negativamente e abriu a porta do seu quarto, fazendo com que lembranças de hoje mais cedo retornassem a minha mente. Meu íntimo vibrou. Os mesmos locais que sua mão tocou começaram a arder, ficaram em chamas e o que mais queria era esquecer aqueles papéis e me entregar à luxúria.

Olhei para Brian e vi que demonstrava se sentir como eu.

Droga de atração sexual!

Era impossível entender como demorei quase um mês para dar para Jack e que, com Brian, nem se passaram doze horas e estava pronta para ele. Não iria desperdiçar aquela oportunidade, estive muito tempo com Jack, apenas com ele. Era hora de experimentar outros sabores.

Ele fechou a porta enquanto eu seguia em direção à poltrona do seu quarto. Coloquei o envelope no assento, retirei o colete e me virei para encará-lo.

Enquanto nos olhávamos, nossa respiração acelerou, fazendo com que a elevação do nosso peito entrasse em um ritmo síncrono. Brian caminhou lentamente em minha direção e aproveitei para absorver todo o conjunto que ele era: ombros largos, músculos definidos e cheiro amadeirado. Era como estar na floresta e ser dominada pelo lobo mau.

Porém, eu não era a Chapeuzinho Vermelho. Eu era uma loba má.

Apesar de minhas experiências sexuais se resumirem apenas a um homem, estar com Brian despertou algo em mim que estava adormecido, meu lado lascivo. Nunca fui tão direta com um homem e sabia que os motociclistas não tinham problema em transar com uma mulher sem antes perguntar seu nome. Sabia seus instintos e, naquele momento, com ele, queria me libertar daquele amor vagabundo que sentia por Jack. Brian parecia tão diferente, tão melhor!

Parecendo um animal pronto para atacar a sua presa, observou cada movimento que eu fazia.

— Eu não namoro. — Inclinei-me e removi minhas botas, ainda o encarando.

Na verdade, ansiava por um relacionamento. Queria achar o companheiro para a vida, que não me tratasse como inferior, que fôssemos parceiros. Mas, com meu histórico de amor não correspondido, preferia começar

na defensiva, tentando me convencer de que não queria isso.

Parado, relaxou sua postura e removeu o colete, jogando-o ao seu lado. Depois, removeu sua camiseta, revelando um abdômen com algumas tatuagens e um peitoral coberto de tinta. Nenhuma tatuagem para ser visível com camiseta.

Assim que ficamos eretos novamente, reparei que estava bem mais baixa que ele pela falta do salto, na altura do seu ombro. Ele reparou também e sorriu.

— Prefiro você sem o salto.

— Eu prefiro você nu. — Aproximei, indo direto para o botão de sua calça.

Antes que pudesse desabotoar, ele segurou firme meus pulsos e os colocou atrás das minhas costas. Nossos corpos colaram e minha cabeça se inclinou para trás para encará-lo.

Nossa respiração ofegante fez com que nosso peito friccionasse um no outro, apenas aumentando o desejo.

— Não com tanta pressa. — Sorriu sensualmente e inclinou a cabeça para baixo, para deslizar seu nariz e lábios pelo meu pescoço. — Agora não quero ter pressa. — Sua voz era rouca e sensual. Não sabia até quando meu ventre aguentaria toda aquela preliminar.

— Eu tenho documentos para analisar — sussurrei. Meu corpo se arrepiou com a mordida inesperada em meu pescoço e quase me desconcentrei.

Não queria me fazer de difícil, mas achava que esse era um bom momento para testar seu interesse em mim. — Tenho membros para me apresentar e convencer.

— O único membro que você irá conhecer é o meu. — Determinado, confirmou sua afirmação me apertando ainda mais nele e esfregando seu quadril no meu, para que eu percebesse que ele estava pronto para a ação.

Soltei um suspiro, depois um gemido e tudo o que queria era conhecê-lo muito intimamente, porque meu ventre assumiu minhas ações. Estava pensando com meus desejos e, se fosse homem, poderia dizer que minha cabeça de baixo tinha tomado o controle. Busquei seus lábios com os meus e unimos nossas bocas em um beijo lento e sensual.

Ele liberou minhas mãos e acomodou as dele na minha bunda, me erguendo, interrompendo momentaneamente nosso beijo. Com a sugestão, envolvi minhas pernas em seu quadril e ele nos levou em direção à cama. Minhas mãos envolveram seus cabelos, nossos lábios voltaram a se ligar e o beijo se transformou em desejo, necessidade e desespero.

Chegando à cama, ele me soltou de costas com pouca suavidade e me olhou da cabeça aos pés. Fixou seu olhar em minha calça, se ajoelhou entre as minhas pernas e as abriu ligeiramente.

— Vou começar com minha parte favorita da anatomia feminina. — Sorriu sensualmente, me fazendo contorcer.

— Essa é a sua especialidade clínica? — Ergui meu quadril enquanto

removia a calça, fazendo com que minha minúscula calcinha ficasse ainda menor sob seu escrutínio.

— Apenas uma habilidade que adquiri com a vida, não na universidade. — Ofeguei, assim que se abaixou e mordeu suavemente minha virilha. Seguiu para a parte interna da coxa, revezando entre beijos e raspar os dentes, e por fim, meu ventre. Estava confortável para ficar nua na sua frente, porque mantinha a depilação em dia.

Arqueei minhas costas, ao mesmo tempo em que gemi. Fazia tanto tempo que não tinha relações que não precisaria de muito para me fazer gozar.

— Brian...

— Calma, querida. — Removeu minha calcinha e fez um som de aprovação. — Lisa, do jeito que gosto.

Antes de processar o que queria dizer com aquilo, sua boca cobriu minha intimidade, me fazendo contorcer de prazer e luxúria. Não diria que ele era apenas um homem hábil, mas com certeza um mestre no que fazia.

Meus gemidos preencheram todos os cantos do quarto. Quando cheguei ao ápice do prazer, praticamente gritei e tive um súbito momento de vergonha. Afundei meu rosto no travesseiro ao meu lado para esconder a surpresa de Brian e o trouxe para cima de mim. Eu nunca tinha sido tão escandalosa.

Ele me fazia esquecer os pudores.

Tão diferente de Jack. A última vez que me agraciou com um beijo lá

embaixo tinha sido há tanto tempo que nem me lembrava. Mesmo que eu sempre começasse lhe dando prazer, a recíproca não vinha daquela forma.

Estava envergonhada pela minha entrega, assim como me recriminava por ter ficado tanto tempo aceitando o tratamento que Jack me dava.

Deveria parar de comparar, porque já tinha entendido que nada com Jack era melhor.

— O que aconteceu? Não foi bom? — Brian removeu o travesseiro da minha face, seu corpo estava sobre mim e seu rosto, a centímetros do meu. Parecia preocupado e confuso.

Sorri para sua preocupação, fui preenchida com seu carinho e falei ao meu coração para não se entregar daquela maneira para o primeiro homem que pareceu ser melhor do que Jack.

— Me recuperando. — Ergui minha cabeça e o beijei suavemente, mas ele aprofundou e começamos uma nova dança.

Ele se afastou momentaneamente, saiu da cama, removeu a calça e seus coturnos. Ele estava longe demais.

Por um momento achei que tinha mudado de ideia, mas seu olhar sedutor mostrou todo o seu desejo por mim, me mantendo cativa. Existiam mais tatuagens em seu quadril e coxas, mostrando que poderia ser duas pessoas externamente. Aproveitei para remover meu *top* tomara que caia pela cabeça e o jogar para longe da cama.

— Na cômoda de cabeceira, à sua direita. — Sua voz era rouca e cheia de anseio. Ele apontou com o queixo para o cômodo e me estiquei para abrir a gaveta e ver o que ele queria. *Ah, sim, camisinha*. Peguei uma e voltei para a posição anterior, e ele rapidamente me cobriu com seu corpo nu.

— Muito preparado? — perguntei provocadora. Não me interessava seu passado nem com que frequência mantinha relações sexuais.

Mentira, estava muito curiosa.

— Sempre preparado. — Beijou-me com força, depois desceu para beijar meu pescoço, colo e peitos.

Cobriu um seio com sua boca, usou a língua e abusou da sucção. Continuei ofegando e gemendo, não acreditando que estava tão excitada quanto antes. Um pouco mais e estaria preparada para gozar novamente.

Não era assim com... PARE! Repreendi-me mentalmente. Não iria mais pensar em ninguém além de mim naquele homem, no nosso momento.

Brian sentou, colocou a camisinha e abriu ainda mais minhas pernas. Usou seus dedos para me provocar mais prazer e, antes de chegar ao meu limite novamente, fui penetrada. Um grito mudo saiu de meus lábios e minha cabeça inclinou para trás.

Com suas investidas e seus gemidos, fui transportada para o mundo do êxtase novamente.

— Oh, sim... — ofeguei e Brian cobriu meu corpo com o seu, sugando

meus seios e me fazendo implorar. — Mais...

— Você é muito gostosa, Valentine. — Seus beijos subiram para meu pescoço e terminaram na minha orelha. — Te quis desde a primeira vez que te vi.

Chegando perto do meu clímax, abri ainda mais minhas pernas e comecei a ir de encontro ao seu vai e vem. Percebendo isso, Brian pegou uma de minhas pernas, colocou no ombro e novamente soltei gemidos altos quando alcancei o pico do prazer. Não muito tempo depois, me seguiu, com sons intensos e prazerosos tanto quanto os meus.

Ele caiu em cima de mim e virou de lado, saindo do meu interior e me abraçando. Seu braço envolveu minha cintura e minha cabeça repousou em seu peito musculoso.

Escutei seu coração, que batia na mesma frequência alucinada que o meu. Senti-me conectada como nunca e esperava, desesperadamente, que fosse recíproco e não mais uma armadilha da vida.

Apenas o som ofegante da nossa respiração pôde ser escutado por um tempo e achava que era minha deixa para voltar à realidade, longe da luxúria. Fiz menção de me levantar, mas ele aumentou seu aperto na minha cintura.

— Onde você pensa que vai? — Cheirou meu cabelo e virou de lado, ficando de frente para mim. — Me dê um tempo, vou jogar a camisinha fora e podemos começar novamente.

— Enlouqueceu? Eu preciso...

— Calar a boca e me beijar. — Raptou meus lábios e não consegui demonstrar em palavras a minha indignação com seu atrevimento de querer mandar em mim. Novamente.

Rendi-me a seus beijos, sensuais e prazerosos. Há muito tempo não curtia apenas a boca de um homem.

Antes que percebesse, ele cumpriu a sua promessa e assumi meu papel obediente de sentir todo o prazer que queria me proporcionar.

Capítulo



Sete

Doc

Não havia volta, aquela mulher conseguiu despertar meus instintos de posse e proteção antes entorpecidos. Valentine não seria fácil de lidar. Sendo tão desconfiada e arisca, minha vontade era desnudar meu coração e fazê-la acreditar que poderia se apoiar em mim.

Com seus atos confiantes e nenhum pingo de vergonha, nosso sexo foi um dos melhores que já tive. Percebi que sua pose de intocável era abalada quando um carinho voluntário era oferecido.

Seu corpo vibrou junto com o meu e nosso prazer foi compartilhado, como um casal apaixonado. Não havia Moto Clube, disputa e ameaças quando a neblina da luxúria nos dominou.

Depois de fazê-la gozar mais algumas vezes, descansou sua cabeça no meu peito se rendeu ao sono. Nada era mais perfeito do que tê-la em meus braços.

Lembrei-me do momento de rebeldia comigo e cheguei à conclusão que alguém a havia machucado. Não percebi a extensão daquelas feridas, porque Valentine possuía uma armadura de atitude e seriedade que a transformava em invencível. Se o descuido tinha sido em seu coração, corpo ou mente, não me

importava, as pessoas que o causaram iriam pagar.

Era médico, tinha meu dever de prezar pela vida, mas dentro do Selvagem Moto Clube era um irmão, um motociclista endurecido pelo tempo e pelas circunstâncias. Nada iria impedir que fizesse justiça para a mulher que escolhi para ser a única.

Eu a conhecia mesmo antes de a encontrar dentro do Moto Clube.

Antes de regular minha respiração para acompanhá-la no sono, beijei seu cabelo e inalei seu cheiro feminino levemente adocicado. Um sentimento de dever invadiu meus sentidos, fazendo com que uma leve tensão me envolvesse. Valentine era minha e seria protegida custe o que custar. Qualquer um que entrasse em seu caminho seria aniquilado.

Capítulo



Oito

Valentine

Acabei cochilando nos braços de Brian e percebi que, se dependesse do meu coração, eu seria toda dele, não importaria o quê.

Precisava me blindar para não me entregar sem medir as consequências. Meu foco era ser presidente e não arranjar um companheiro, por mais atraente que fosse a ideia.

Deixei Brian dormindo na cama e fui para a poltrona, onde estavam os documentos que precisava avaliar. Peguei minha calcinha, o *top* tomara que caia e os coloquei. Removi os documentos do envelope e segui para me sentar apoiada na cabeceira da cama. Liguei o abajur e busquei a caneta dentro da gaveta da cômoda de cabeceira, que vi momentos atrás.

Reparei que dentro da gaveta havia uma foto de Brian com uma mulher, muito bonita e nem um pouco parecida com ele. Seu braço estava nos ombros dela e os dois sorriam amplamente. De fundo, um parque de diversões. O monstrinho do ciúme acordou dentro de mim e o reprimi, fechando a gaveta e voltando para os documentos.

Isso que dava se entregar a alguém que mal conhecia. Provavelmente ele era casado e eu estava sendo a outra. Ou poderia ser apenas uma amiga.

Precisava me concentrar e esquecer aquela foto.

Absorta entre números, rabiscos e comparações, um lábio muito macio beijou minha coxa e desviou minha atenção. Minhas pernas estavam cruzadas na minha frente e sorri, amontoando os documentos em uma mão e com a outra, acariciando o seu cabelo.

— Por que você não está dormindo? — Ele continuou beijando minha coxa. — Por que você não está nua?

— Minha noite ainda não acabou. — Coloquei os documentos e a caneta na cômoda de cabeceira, me movi na cama e fiquei em cima dele, montada em seus quadris nus. Alguém estava disposto a ter mais uma rodada.

Insaciável!

— Prefiro ficar nessa posição a noite inteira. — Ele colocou as mãos atrás de sua cabeça e movimentou seu quadril para cima. O sorriso insolente e satisfeito me convenceu a continuar.

Passei minhas mãos em seu abdome, peitorais e pescoço. Inclinei-me, beijando sua boca sensualmente. Rebolei um pouco e saí de cima dele como uma gata provocadora.

— Eu também, garanhão, mas não vou virar presidente ficando a noite inteira dando para você. — Pisquei um olho para ele, peguei minha calça e comecei a colocá-la. — Existe muita coisa estranha nessas declarações e vou precisar dos extratos bancários dos últimos três anos para confirmar minhas

suspeitas.

Ele se sentou na cama e seu ar descontraído e prazeroso sumiu. Ele se levantou e começou a procurar sua roupa.

— O que você encontrou?

— Não é nada conclusivo, mas é possível que tenha ocorrido compra e venda de peças, imóveis e automóveis de forma que os valores foram superfaturados ou subvalorizados. Quero confirmar esse detalhe e, se isso aconteceu, para onde foram essas diferenças. — Terminei de colocar minhas botas e então, coloquei meu colete, arrumando meu cabelo em um rabo de cavalo com um elástico de cabelo que sempre mantinha no bolso.

— O que isso quer dizer? — Brian já estava vestido e de pé na frente da cama.

Fiquei receosa de contar mais alguma coisa sobre o que tinha descoberto. Meu pai confiava nele, meu coração também, mas quando se tratava de números e análises empresariais, meu lado racional tomava conta e não havia nada que eu pudesse fazer.

— Vou te dizer assim que terminar de analisar. — Pisquei um olho para que ele não percebesse que eu estava tentando omitir informações. — Com quem conseguiria mais dados bancários?

— Agora não conseguiremos nada, porque Marco deve estar bêbado ou na cama com alguma companhia. Ele é o nosso tesoureiro, na verdade, nosso faz

tudo, e não posso dizer se ele é confiável ou não, mas é apenas com ele que conseguiremos qualquer coisa. — Ele se aproximou de mim e colocou uma mão na minha cintura.

Observei sua mão e depois seu rosto. Tanto quanto queria estar com ele como um casal, precisava fazer isso sem a sombra de um homem, porque acabaria sendo colocada sob ele. Coloquei minha mão na dele, apertei de forma carinhosa e a tirei de lá. Brian me olhou com confusão.

— Então, vou voltar a fazer o social com o pessoal. — Virei-me com o coração partido com a minha indiferença, mas era um mal necessário.

— Valentine — ele me chamou quando estava abrindo a porta do quarto. A amargura em sua voz fez meu coração partir um pouco mais. Virei-me e nos encaramos momentaneamente, seus olhos mostrando tanto quanto sua voz mostrou. Ele escondeu suas emoções rapidamente, mas detectei o desapontamento. — Vou te apresentar Juarez, um homem influente com os irmãos estrangeiros do clube.

— Ótimo. — Saí do quarto e não o esperei me seguir ou me acompanhar. Estava com muito medo que visse a mentira em minhas palavras e a verdade em meus olhos, que minha vontade era continuar nos seus braços recebendo seu carinho.

Mesmo sendo de madrugada, a festa ainda acontecia a todo vapor e com mais obscenidade. Homens jogavam sinuca com acompanhantes vestidas apenas

com roupa íntima. Mulheres com seios à mostra estavam dançando em cima das mesas enquanto homens gritavam e estimulavam suas performances.

Não gostava daquilo, mas não cabia à minha pessoa recriminar quando era feito de livre vontade pelas mulheres. Elas eram adultas e queriam se divertir, desinibidas. Qualquer desrespeito e força bruta, eu seria a primeira a interromper.

Fui direto para o bar e um jovem recruta e uma senhora aparentemente com mais de 50 anos me recepcionaram sorridentes.

— O que a senhora deseja? — o recruta me perguntou e fechei minha cara na mesma hora, fazendo com que ele se assustasse e arregale os olhos.

— Eu serei presidente ou uma irmã, então não me trate como senhora. — Antes de escutar suas desculpas, emendei meu pedido: — Duas doses de tequila, limão e sal.

Ele prontamente saiu em busca do que foi solicitado e a senhora se aproximou e estendeu a mão para mim.

— Carmem. — Cumprimento-a retribuindo o sorriso. — Fico feliz que finalmente alguém decente irá colocar ordem nesses meninos.

— Valentine. — Meu pedido chegou e prontamente joguei um pouco de sal no meu punho. Lambi, bebi a tequila e chupei o limão, evitando ao máximo fazer careta. — Eu não acho que eles precisem de ordem, só não devem seguir o caminho da ilegalidade.

Carmem assentiu com a cabeça e aprovou minhas palavras.

— Ótimo. O que precisar, estou à disposição. — Ela se afastou e foi entregar uma garrafa de uísque para Peter, que piscou antes de se afastar.

Olhei para o salão e avistei Brian na área da sinuca. Era claro que as mulheres com poucas roupas se aproximariam dele, e minha madrasta estava no meio, vestindo apenas roupa íntima e parecendo muito bêbada. *Que depravada!* Ele não parece retribuir a atenção, mas só de vê-las se esfregando no homem que acabei de me entregar me fez querer reivindicá-lo para que todos vissem e me respeitassem.

Estava fervendo de ciúmes, mas engoli junto com meu orgulho. Ele não era meu e não o queria como meu, repetia na minha mente, tentando me convencer de que era isso que queria.

Desviei meu foco de raiva do salão e voltei minha atenção para o rapaz atrás do balcão.

— Qual o seu nome e idade? — perguntei para o recruta assustado. Ele estava precisando de mais postura firme.

— Johnny e 21 anos, senhora... quero dizer, presidente... não, não... — ele se embaralhou com as palavras e parecia adorável, se não estivesse dentro de um moto clube. Curvei meu dedo indicador para que se inclinasse no balcão e fiz o mesmo, apoiando minhas mãos.

— Johnny, querido — falei lentamente. — Você não pode demonstrar

timidez ou fraqueza, senão será devorado. — Fiz um som de rugido, que o assustou mais ainda e me fez rir e recuar. — Isso é exatamente o que você não deve fazer.

Ele enrubesceu e tentou se recompor, colocando uma expressão severa no rosto.

— Quase isso, Johnny. Tente manter essa expressão o resto da noite. Você está no caminho certo.

Ergueu o queixo para me agradecer, se afastou e tomei minha segunda dose de tequila, que desceu queimando minha garganta muito mais do que deveria. Olhei o salão novamente, evitando a parte da sinuca e segui para me apresentar para o maior número de homens que conseguiria.

Homens eram difíceis de aceitarem mulheres estando no topo da hierarquia, bêbados então, eram piores ainda. Tive que escutar de tudo, desde que transformaria o Selvagem em um bando de maricas, até que mulheres serviam apenas para aquecer a cama para uma boa transa.

De todos que conheci, os piores foram Lorenzo e seus aliados. Eles eram vis e maldosos, aproveitando todas as oportunidades para me rebaixar. Porém, eles não tiveram muito sucesso.

— Boneca, se você chupar o meu pau, talvez eu fique mais calmo — o mais robusto e com cabelo gorduroso falou, assim que eu disse que eles precisavam ser menos agressivos comigo.

— Suas palavras seriam mais bem utilizadas se pensasse com o cérebro, não com o pau. — Pisquei um olho e voltei a encarar Lorenzo. — Eu só quero manter o clube limpo. Faça suas transações longe daqui.

— Cuidado, essas acusações são graves e você não tem como provar. — Com um tom sombrio, avançou um passo em minha direção para me intimidar. Apenas coloquei minhas mãos na cintura, esperando o que ele tinha para me mostrar, nem um pouco temerosa, porém pronta para contra-atacar. — Volte para as panelas, batons e maquiagem na sua cidade e deixe o Moto Clube para quem tem competência.

— Você não me intimida. — Dei um passo para mais próximo dele, fazendo com que seus aliados ficassem em alerta e com as mãos em suas armas e facas. Olhei para eles e sorri cinicamente. — Alguém com muito medo aqui?

— Continue com essa merda e você vai se arrepender — ameaçou com ódio.

— Lorenzo, você não foi o primeiro e nem será o último a me ameaçar, e nada disso me atingirá. — Olhei ferozmente para ele, depois me voltei para os outros. — Me aguardem.

Sem esperar por alguma reação ou resposta, virei as costas e saí em direção ao bar novamente. Rock e Logan estavam conversando com Johnny, todos rindo e bem descontraídos.

— Rapazes. — Aproximei-me e escorei no balcão ao lado de Rock.

Mesmo com meus saltos, era muito pequena perto dele, tanto de altura quanto de largura. — Rock, que fermento você tomou para ficar desse tamanho? — Tento me entrosar com eles, que foram os mais receptivos, e os três me olharam divertidos.

A tequila tinha começado a fazer efeito.

— Posso te mostrar outras coisas grandes se você quiser. — Colocou a mão na virilha. Lembrei do que Brian falou, sobre homens aprendendo a lidar com mulheres, e relaxei. Se fosse outra pessoa, acharia que estava me assediando, mas era apenas como aqueles homens eram, ogros e pervertidos.

— Vou passar essa e ficar com a tequila. — Na sugestão, Johnny colocou um copo de dose e o encheu. — Obrigada. — Sorri e virei o copo de uma vez. Depois da conversa com Lorenzo, só queria me embebedar e dormir.

— Valentine, Johnny aqui queria saber se dói muito trocar de sexo. — Encarei Logan, confusa, depois virei para ver um Johnny tentando ser forte e não ficar envergonhado. Logan e Rock estavam gargalhando.

— Eu não disse isso, eu juro. — O recruta me encarou e mesmo se esforçando, parecia desesperado. Sorri para ele e entrei na brincadeira.

— Não dói muito, mas ainda não consigo mijar sentada. — Daquela vez, todos nós rimos alto.

Conversamos e brincamos mais um pouco. Fiquei sabendo um pouquinho mais sobre aqueles caras e o principal, percebi que Rock era muito

carinhoso e Logan, muito sarcástico e brincalhão.

A festa estava acabando, os membros do Moto Clube estavam se dispersando e eu, involuntariamente, bocejei.

— Meu quarto está livre se quiser dormir. — Logan apontou com o polegar para trás de seu ombro e sorri sensualmente. *Se fosse antes de ter conhecido um certo motociclista...*

— Ela não vai para sua cama, imbecil. — Brian apareceu e deu um soco no ombro dele, que sorriu provocador. Ele me olhou e seus olhos estavam desprovidos do carinho anteriormente dirigido a mim, mas a posse continuava lá. — Eu te levo de volta para o hotel.

— Obrigada. — Sorrio sem vontade, triste com o rumo indesejado da nossa noite, e me despedi dos rapazes.

Acompanhando Brian até sua moto, reparei que consegui meu objetivo, que era conhecer e me apresentar a quase todos os membros do Selvagem. Apesar do meu coração querer tomar conta do rumo da minha vida, daquela vez, deixei a razão controlar.

— Depois que saímos do quarto, encontrei com Juarez e ele concordou em te apoiar enquanto você demonstrar força. Amanhã, conseguirei os documentos que você precisa. Que horas você virá para o clube? — Ele montou em sua moto e eu o acompanhei.

— Obrigada por falar com ele. Virei no horário em que você estiver

disponível. — Ajeitei-me atrás dele e percebi que seu corpo ficou tenso.

— Eu não irei buscá-la amanhã. — Seu tom era seco. Involuntariamente, apertei seu abdome e apoiei minha cabeça em suas costas, com um pedido silencioso de desculpas.

— Se te ofendi, sinto muito. Estou preocupada com meu pai, com o clube e com todos os que querem atingir minha família e a cidade. Pessoas como Lorenzo já me prejudicaram e qualquer oportunidade que tenho para combatê-los, agarro com toda a minha força. — Suspirei. Percebi que, no final, acabei descontando minhas inseguranças nele.

— O que isso tem a ver com a gente? — Ele pareceu agoniado.

— Tudo e nada, Brian. — Beijei suas costas e me endireitei na moto. — Tudo e nada.

Seguindo com a moto em direção ao meu hotel, percebi que seu corpo relaxou ao meu abraço. Aproveitei o passeio e mais uma vez o seu cheiro.

Quando chegamos ao hotel, não houve despedida, nem troca de palavras, apenas um olhar e o reconhecimento de que eu tinha um aliado, mas, possivelmente, havia perdido o amante.

Capítulo



Nove

Valentine

Sentada no escritório do Moto Clube, ao meu redor tinha papéis, anotações e um computador. Prendi meu cabelo em um coque frouxo. Vestia um short curto jeans desfiado, coturno, uma blusa preta de grandes dimensões e, como sempre, meu colete, que deixei pendurado no encosto da cadeira em que eu estava sentada enquanto trabalhava.

A bagunça me incomodou. Além da pouca documentação impressa e quase nada digital, as notas fiscais e extratos bancários estavam de difícil acesso. Cansei de reclamar com o responsável sobre sua desorganização e de escutar suas desculpas esfarrapadas.

— Marco, como você não tem armazenado os extratos bancários de todos os meses? — perguntei exacerbada.

— Não dá tempo de fazer tudo. Eu não fico o dia inteiro sentado aqui. — ele me respondeu com irritação. — São duas lojas de peças e uma mecânica, não há nenhuma ajuda, estou sozinho nessa tarefa. Você quer que eu faça o quê?

— Você deveria pedir ajuda, a parte administrativa precisa funcionar tanto quanto as vendas. — Eu o encarei, ficando mais impaciente do que antes.

— Seu pai não confia em ninguém para trabalhar no administrativo,

então sou apenas eu. — Marco estava ficando cada vez mais impaciente, assim como eu, e mal-humorado. *Bem, fizesse tudo certo que não me teria perturbando hoje.*

— Não existe isso de não confiar. Que chame alguém de fora do clube! — Tudo aquilo por causa de um ego de machões. Se não existia ninguém capacitado no Selvagem, que fosse numa agência de empregos e contratasse alguém apto.

— Por um acaso você sabe como funciona o Moto Clube? Ninguém de fora trabalha para nós. — A irritação começou a virar raiva. O homem largou os documentos e começou a me encarar jogando chamas pelos seus olhos.

— Há pagamento de salão de beleza na conta da empresa! Vocês são loucos, isso é totalmente irracional. — Apontei para o lançamento bancário no papel e minha vontade era de o esfregar na cara dele. A conta da empresa não deveria se misturar com as despesas da pessoa física.

— Ela é a senhora do presidente, o que você queria que fizesse? — Não estava acreditando que minha madrasta pediu e o idiota simplesmente pagou, mesmo sabendo das consequências.

— Que se foda tudo isso. Esse tipo de procedimento não é profissional, e posso usar como argumento para que seja investigado — explodo irritada. Além da minha frustração com a organização administrativa do clube, estava tensa por conta da última conversa com Brian.

Marco ficou em silêncio e aproveitou para continuar a olhar os papéis que tinha em mãos.

Distraída, tentando analisar os documentos, mas pensando na noite que tive, não vi Marco avançar em mim por trás e sua faca se posicionar na minha garganta.

— Você chegou aqui querendo mandar, sem nem conhecer como o clube funciona e quem faz ele funcionar. — Encostou a lâmina quase na minha clavícula e a senti cortar minha pele superficialmente. Seu tom estava sinistro e medonho. — Estou farto da sua voz, do seu nariz empinado e sua pose de tirana. Isso acaba agora!

Meu coração acelerou com suas últimas palavras e segui com meu instinto, apanhando seu pulso e tentando evitar que continuasse a me cortar. Ele era muito forte, impossibilitando qualquer tentativa de defesa.

Ergui meu pé na mesa, arqueio minhas costas da cadeira e caí em cima dele com ela, deixando-o momentaneamente surpreso. Ele se recuperou rápido e, ao virar, investiu com a faca no meu rosto. Eu coloquei meu braço na frente para me proteger, e acabei recebendo um grande talho nele.

— Porra, você quer me matar? — gritei me afastando. Segurei meu braço com a mão e senti o líquido vermelho escorrer por entre os dedos. Seu olhar era totalmente diferente de antes, parecia um assassino. Senti o medo me alcançar e dei passos para trás até chegar na parede. — Socorro! — gritei em um

ato de desespero, destoando da minha posição fodona de sempre.

Marco caminhou na minha direção predatoriamente, mas meu grito de ajuda o fez parar. Com um piscar de olhos, de assassino ele passou a assustado, como se um interruptor tivesse sido apertado. Olhou para suas mãos e se assustou.

O que tinha sido aquilo?

Antes que conseguisse processar aquela mudança radical na postura de Marco, Brian e Rock irromperam pela sala com armas em punho.

A faca caiu da mão de Marco assim que Rock pulou em cima dele e o submeteu no chão. Ele não tentou resistir e Rock apenas sentou em cima dele, por fim.

Brian guardou sua arma às costas, no cós da calça jeans, e correu ao meu encontro. Escorreguei pela parede até o chão, chocada com aquela tentativa de assassinato e com dor no braço, onde foi feito o corte.

— Deixe-me ver. — Brian solicitou calmo e estendeu a mão, todo profissional. Segurei o braço junto ao meu corpo e lágrimas escorreram dos meus olhos. Estava chocada e com medo. A ameaça se tornou real e não estava preparada. — Valentine! — Brian segurou meu rosto com as mãos e tentou fazer com que o encarasse, mas não enxerguei nada, a não ser os olhos atordoados, outrora animalescos, de Marco, que estava subjugado por Rock. — Valentine, olhe para mim! — a súplica na voz de Brian me faz focar nele.

— Ele tentou... — sussurrei.

— Deixe-me olhar seu braço, está sangrando muito. — Inspirei profundamente e soltei meu braço para que ele desse uma olhada. Pelo palavrão que soltou, acreditei que estava feio. Retirou a camiseta que vestia, envolveu no meu braço e devolveu-o para meu aperto.

— Mantenha pressionado.

Assenti com a cabeça e mais lágrimas silenciosas escorrem.

Sem aviso prévio, Brian me pegou no colo como uma noiva e se levantou.

— Rock, verifique o que aconteceu aqui. Vou precisar ir para o hospital com ela, o corte foi fundo e precisará de pontos, além de anestesia. Estou sem os suprimentos aqui comigo.

Não vi o que aconteceu na sala com Rock e Marco depois do que Brian falou, porque encostei minha cabeça no seu peito e inspirei profundamente, buscando consolo em seu perfume natural. Não pensei em como aquele cheiro se tornou familiar para mim em tão pouco tempo, apenas apreciei que possuía alguém para me confortar. Isso me acalmou e fechei os olhos para absorver tudo.

Não pensei que uma situação daquelas poderia me deixar em choque e sem reação.

Continuei com meus olhos fechados em um torpor, não percebendo Brian conversando com Playboy, pedindo apoio com o carro dele. Não tomei

conhecimento de ser colocada dentro do automóvel e de sair da sede do Moto Clube.

No caminho, Brian conseguiu uma camiseta qualquer para colocar no corpo, continuou me acalmando, alisando meu cabelo e sussurrando em meu ouvido para que ficasse calma, que ele não deixaria nada acontecer comigo. Repetia que não estava sozinha e mandava que eu respirasse profundamente.

Tentei seguir seus comandos, por mais que odiasse que mandem em mim.

Na verdade, o que passou na minha cabeça era que Marco realmente queria me matar e nunca fiquei com tanto medo. Já tive pessoas com raiva de mim e agressivas, que me ameaçaram, mas nunca pensei que isso poderia se concretizar. O choque da realidade bateu forte.

Como palavras e ações geravam reações tão adversas!

Percebi que havia entrado no mundo obscuro dos Motos Clubes e nunca parei para pensar nas consequências. Não refleti o quão perigoso seria querer medir forças com um possível senhor da ilegalidade. Lorenzo com certeza queria me matar e faria muito mais rápido e certeiro do que Marco, se tivesse oportunidade.

Senti um calafrio ao pensar naquilo.

Estava nos braços de um homem que entreguei meu corpo, mas não sabia nem seu sobrenome ou se ele estava arrependido. Mesmo não confiando

totalmente nele, Brian me proporcionava conforto e segurança, me fazendo querer estar com ele a todo o momento. Ao mesmo tempo, não queria me envolver, precisava focar no meu objetivo.

Enquanto Brian me carregava para dentro do hospital, conversando e dando ordens para os funcionários, minha mente voltava a minha situação e inspirei longa e profundamente, depois expirei e me recompus.

Ficar desesperada não iria me ajudar em nada.

Não havia mais medo, nem desespero, apenas a minha frieza habitual para tratar de um assunto profissional. Precisava tratar aquele atentado como acidente de trabalho.

Fui colocada na maca e, depois, em uma das camas na sala de emergência. Olhei para o homem que teve todo o cuidado de me transportar e sorri de boca fechada, tentando acalmar toda a preocupação estampada em seu rosto. Ele observou mais uma vez meu ferimento, removendo sua camiseta ensopada de sangue do meu aperto. Voltou a camiseta no lugar e ficamos nos encarando por um tempo.

Tanta coisa estava sendo transmitida pelo nosso olhar. Precisávamos conversar sobre o que tinha ficado mal resolvido no outro dia.

Então, fomos interrompidos por uma mulher. Parecia que um tampão tinha sido retirado do meu ouvido e tinha voltado a escutar.

— Doutor, aqui estão os instrumentos solicitados. — Uma mulher

vestida com roupas típicas de profissionais de saúde trouxe uma bandeja, com vários itens nela. Assim que a olhei detalhadamente, reparei que era a mesma mulher da foto que vi nas coisas de Brian. Merda, aquela mulher existia e trabalhava com ele. Observei seu crachá e li o nome, Francine Daniels.

— Fran, obrigado. Por favor, coloque em cima da cama, vou lavar minha mão e colocar uma luva. — Brian apertou o braço dela e vi aquela troca de carinho despertar o monstrinho do ciúme.

Fiquei atenta a todos os movimentos da tal Fran. Eu a encarei com expressão de poucos amigos. Ela olhou para mim depois que Brian ficou fora de vista e se assustou com meu olhar muito sério.

— Aguarde mais um pouco que o Doutor Powell já irá atendê-la. — Ganhei o sobrenome de Brian de presente. Ela sorriu nervosa, tirou de seu bolso um estetoscópio e um aparelho. — Enquanto isso, irei verificar sua pressão.

Esperei que terminasse de auferir a pressão para iniciar minhas perguntas.

— Você está tendo um caso com Brian? — Fui direta, muito brava e corajosa para deixar passar aquela oportunidade.

O olhar arregalado e sua mão na boca, tentando conter uma risada, me tirou do sério. Não disse nada engraçado. Não sentia mais nenhuma dor no meu braço, porque a ira tinha tomado lugar!

— O que é engraçado, querida? — Brian voltou com luvas e pegou a

seringa. Não sabia para qual das duas perguntou, mas quando fui abrir minha boca para responder, a mulher o fez antes de mim:

— Acho que você arranjou uma namorada com atitude, Brian. — Ele parecia confuso. Olhou de Fran para mim e voltou a olhar para ela. Então, ela continuou: — Bem, querido — ela teve a ousadia de tocar o ombro de Brian e piscar para mim —, vou terminar minha ronda, depois me ligue para confirmar sua vinda em casa amanhã. Traga ela.

Por mais calma que estivesse, a adrenalina começou a correr novamente pelas minhas veias e pulei da cama, pronta para encará-la, mesmo com meu braço fora de combate. Brian segurou minha cintura colocando seu braço ao meu redor e Fran desapareceu do meu campo de visão.

— Vi, o que está... — Era a primeira vez que Brian me chamava por um apelido. Ele estava confuso, sua voz era carinhosa e me encarou. Assim que dois segundos se passam, Brian abriu um enorme sorriso, colocou as mãos na minha cintura e me colocou de volta na cama. — Ah, entendi.

Explique, então!

Ele só disse isso. Estava muito brava para pedir mais informações e, independente disso, eu não era nada dele e nem ele era meu. Eu tinha sido fria na noite anterior e nossa relação estava um pouco abalada, então precisava ficar na minha.

Ainda divertido, Brian limpou meu ferimento do pescoço e colocou um

pequeno curativo. Não tinha sido profundo e não precisaria de pontos. Já meu braço era uma situação diferente e, depois de limpar e eu gemer silenciosamente de dor, aplicou anestesia local e começou a suturar.

Vez ou outra me olhava com seus lindos olhos azuis, mas a maior parte do tempo ele estava concentrado e absorto no procedimento que estava sendo realizado no meu braço. Ele era muito profissional e, se possível, ficava muito mais bonito e charmoso assim.

— Pronto. — Ele removeu as luvas e as jogou no lixo. Observou meu braço e evitei olhar em seus olhos enquanto conversava comigo. — Foram dezessete pontos. Deixe-os sempre bem secos. Vou te passar uma pomada para suavizar a cicatriz que...

— Não será necessário. Quando volto para tirar os pontos? — cortei sua fala e pulei da cama, não mais segurando meu braço. Ainda não olhei para ele, mas sim, para a parede.

— Vi...

Virei para a cama, em busca de alguma coisa para fazer e peguei a camiseta que ele me emprestou para estancar o sangue.

— Acho que sua camiseta está arruinada — soei distraída tentando mudar de assunto.

— Hei. — Sua voz está mais forte e firme, mas era orgulhosa o suficiente para pegar meu celular do bolso e olhar para ele ao invés de Brian.

Sua mão segurou meu antebraço. — Valentine, olhe para mim.

Vi que possuía várias mensagens não lidas e olhei para Brian, receosa do que eu encontraria. Estava gostando de ser chamada por um apelido que não fosse o meu habitual, Val.

— Posso voltar para o clube? Quero entender tudo o que aconteceu com Marco. Ele tem algum problema que o faz perder o controle da situação? — Tentei mostrar indiferença com sua proximidade e para seu sorriso singelo, mas fracasso, porque ele parece cada vez mais feliz.

— Eu não me importo com a camiseta. Os pontos serão removidos onde você estiver. E quero que você venha comigo amanhã na casa da minha irmã.

O quê? Irmã?

Meu cérebro não estava processando direito toda a informação que me repassou e ele não me deu tempo, pois saiu andando pelo hospital me puxando pela mão do meu braço não machucado. Permiti, porque estava um pouco aliviada que o monstrinho do ciúme tinha sido colocado para dormir e todo o fogo apagado com uma mangueira de incêndio de bombeiro mental.

Playboy estava nos esperando com seu carro brilhante e chamativo, uma BMW M5. Eu não tinha reparado quando entrei pela primeira vez. Brian abriu a porta do passageiro na frente para mim e entrou atrás.

— Você está me devendo uma lavagem e hidratação do couro do meu carro — Playboy mal deu tempo que eu me acomodasse no banco. Ele conduziu

o automóvel, carrancudo, e sua postura superficial me divertiu. Na verdade, consegui detectar que toda aquela pose não passava de diversão.

— Sério? Olha a minha cara de preocupação. — Virei meu rosto para o encarar debochada, mas com uma pitada de raiva fingida. Ele tirou o olho da rua e me encarou por um segundo, com seu olhar muito irritado, então voltou a olhar para a estrada, me xingando baixinho. — Amaldiçoar meus ancestrais não limpará seu carro.

— Um boquete enquanto dirijo também não, mas seria uma ótima moeda de troca — rebateu sério e nem um segundo depois que as palavras saíram de sua boca, Brian posicionou uma faca na garganta dele, fazendo com que subisse na calçada e quase atropelasse um poste. — Merda, Doc, você enlouqueceu?

— Melhor tomar cuidado com suas palavras. Ela merece respeito. — Sua voz era sombria e muito calma. A postura bruta e de poucos amigos indicava que ele tinha o pavio curto.

— Desde quando você se importa? — De assustado, Playboy passou a divertido e um pouco provocador. — É apenas uma brincadeira. A futura Pres e eu já ultrapassamos a barreira de nos conhecermos, agora somos mais íntimos. — A faca encostou ainda mais no pescoço dele, o que o fez rosnar em protesto, mas não cortou a pele. — Tudo bem, tudo bem, você venceu. Desculpe, Valentine. — Playboy virou para mim e piscou um olho. Brian recolheu sua faca,

mas a postura irritada não foi embora.

— Arranje outra para realizar esse tipo de favor sexual, Playboy — respondi tranquilamente. Virei para trás e encarei Brian, que ainda estava enviando dardos flamejantes pelos seus olhos em direção a Playboy. — Não preciso de ninguém para me defender, Doc.

Ainda estava brava com ele e sua irmã. Na verdade, não sabia mais o que sentir, só queria voltar para o momento em que estava com Marco verificando a contabilidade do Moto Clube, antes dele surtar.

Ele voltou seu olhar para mim e me aqueci internamente com seus olhos azuis convidativos. Ele não se importou comigo o tratando como “Doc”.

— Eu sei.

Irritante!

Sentei-me corretamente e mudei de assunto:

— O que acontecerá com Marco? — não direcionei a pergunta e esperei a resposta vir de qualquer um dos dois.

— Rock deve tê-lo levado para a sala de reunião, interrogado e, então, Pres irá decidir o que fazer com ele. Depois será colocado em votação para o clube decidir, se for o caso — Brian respondeu.

— Eu quero interrogá-lo e decidir o que fazer. — Virei para olhar para Brian novamente. — Eu mereço isso e não acho que o meu pai irá se importar.

Não houve resposta imediata.

— Não cabe a você decidir. O Moto Clube funciona assim — Playboy respondeu ante a hesitação de Brian. Eu me virei para ele em busca de enfrentar a situação.

— Que se foda, vou fazer isso ou ir à delegacia registrar uma ocorrência pela tentativa de assassinato. Então, quem decidirá o destino de Marco serão as autoridades. — Daquela vez, soei o mais tranquila possível, para a preocupação de ambos.

— Merda, mulher, você dá muito trabalho. — O motorista resmungou descontente, mas um meio sorriso era possível ver em seu rosto.

Relaxei no banco com satisfação, cruzei os braços à minha frente e apreciei a viagem de volta à sede do Selvagem.

Peguei meu celular, vasculhando as mensagens. Respondi minha mãe primeiramente, porque já estava brava por não ter ligado.

Jack enviou uma mensagem apenas dizendo para tomar cuidado e que minha moto chegaria naquele dia, com uma surpresa. Suas palavras eram estranhas, uma vez que Jack não era aquele tipo de pessoa. Não respondi e decidi torturá-lo, como ele fez comigo.

A última mensagem era de Nina, minha amiga mais próxima. Ela estava muito brava por tê-la avisado da minha viagem da forma como tinha sido. Iria precisar ligar e explicar tudo antes que ela surtasse e viesse me encontrar. Porque

ela era assim, tinha muito dinheiro e fazia o que queria, na hora que desse vontade. Respondi para ela que estava ocupada e que assim que tivesse um tempo, ligaria dando mais detalhes.

Assim que Playboy estacionou na sede do Selvagem Moto Clube, ao lado de carros e muitas motocicletas, saí do automóvel e vi a minha moto estacionada a alguns metros. Sorri satisfeita por ter a minha companheira movida à gasolina tão perto.

— Tríade chegou! — Aquele era o nome dela, por ter em seu tanque de combustível um adesivo com um tritão.

Mostrei a Brian o quanto estava feliz, e ele olhou para a minha moto sorrindo, mas logo esmoreceu, algo não o agradou. Acompanhei seu olhar e vi Jack se aproximando da motocicleta, olhando em volta e encontrando meus olhos.

Congelei.

Uma mão segurou a minha e vi que era Brian, que começou a me conduzir em direção a Jack. Playboy ficou para trás e sua risada poderia ser ouvida enquanto caminhávamos. Não removi minha mão de onde estava cativa, o choque que senti ao ver a feição de ciúmes de Jack era demais para que eu reagisse pela minha independência. Tive uma vontade louca de esfregar na cara dele que não era mais seu capacho, porém, fazendo isso, me tornaria vulnerável estando ao lado de alguém com mais influência do que eu no Selvagem.

Era tempo de confusão.

Capítulo



Dez

Valentine

— Quem é você? — Jack direcionou sua pergunta para Brian. Ele nem me cumprimentou. Está com ciúmes e constatei numa mescla de choque e irritação.

Decidiu bancar o namorado? Perdeu a chance, motociclista. Meu lado rebelde sentia satisfação naquela percepção.

— Olá, Val, como está? Que bom que está viva, apesar da cicatriz de guerra enorme no seu braço! A Tríade está inteira, eu a trouxe como pediu. Desculpe não responder suas mensagens. Tchau — engrossei minha voz para que ficasse como se fosse Jack falando comigo e consegui a atenção dele. Seu olhar amoleceu quando nos encaramos.

Era nítido o momento em que ele realmente processou minhas palavras, pois seu rosto ficou confuso, depois com raiva e, ao chegar no ápice, olhou para cada pedaço do meu corpo.

— O quê? Tentaram realmente te matar? Está ferida? — Segurou no meu braço para me puxar para perto, mas Brian me afastou colocando seu corpo na minha frente.

— Assunto resolvido, irmão. Pode seguir seu rumo.

Hum, dois motociclistas bonitos e fortes me disputando era tudo o que queria há um tempo. Porém, isso iria arruinar minha posição de aspirante a presidente do Moto Clube. Mais um motivo para não assumir o cargo, uma briga entre homens por minha causa.

Droga, precisava remediar aquilo.

— Brian, esse é Jack, meu amigo e membro do Piratas Moto Clube. Ele trouxe minha moto. — Abandonei a posição atrás de Brian e fiquei entre os dois. — Jack, esse é Brian, médico do Selvagem. Agora, rapazes, vamos para dentro, porque estamos chamando atenção e isso é a última coisa que quero.

Olhei em volta e vi alguns membros, que não simpatizavam comigo, observando nossa interação com reprovação.

— Preciso conversar com você, Val. — Jack tentou se aproximar de mim novamente e Brian colocou sua mão em volta da minha cintura, me puxando para o seu lado.

Hum, muito possessivo? Pelo jeito, nossa indiferença do dia anterior fora substituída por determinação.

Droga, não queria ser fria e distante com Brian novamente, mas ele querendo demonstrar posse no momento errado estava me deixando desconfortável.

— Jack, não é um bom momento. Me diga em qual hotel você está e assim que terminar aqui falo com você.

Ele me olhou intensamente e tentei decifrar o que estava por trás desses olhos nebulosos. Estava tão diferente de como normalmente me tratava, evitando mostrar que tinha algum vínculo além de amizade comigo. Senti-me estranha com toda a atenção que está me dando e seu olhar queimou em minha cintura, onde a mão de Brian estava.

— Você chegou ontem ao clube e já está dando para esse cara, Val? — perguntou com discrição, baixando o tom. Tanto Brian quanto eu ficamos rígidos com a forma que abordou o assunto. Minha vida não era problema dele.

— Irmão, não vá por aí — Brian avisou perigosamente e seu aperto na minha cintura aumentou para indicar sua insatisfação com o visitante.

— Jack, pare como isso. Já disse, não é um bom momento. Vá embora. — Saí do aperto de Brian e fiquei bem próxima de Jack, tentando intimidá-lo e impedindo que Brian avançasse nele, como fez por muito menos em Playboy.

— Val, eu... — ele deu um passo em minha direção e ficamos a poucos centímetros um do outro, quase compartilhando nossas respirações. Estava olhando para cima e ele para baixo, nossa diferença de altura ficou saliente.

Inspirei o perfume que antes sempre me deixava à mercê de suas vontades. Porém, não tinha mais efeito nenhum em mim e me senti livre de um jeito estranho. A ira no ar crepitava atrás de mim, vindo de Brian. Uma briga entre dois Moto Clubes seria iminente se não bancasse a apaziguadora.

Coloquei minhas mãos em seu peito e o empurrei levemente. Ele se

assustou com minha postura ofensiva, parecendo ressentido, mas não me importei e o olhei sério.

— Não invada meu espaço pessoal novamente, Jack. Como você mesmo não se cansa de me lembrar, somos apenas amigos, não vamos passar dos limites.

Ele olhou por cima do meu ombro, depois para mim, virou as costas e saiu andando pelo estacionamento, em direção ao portão.

Suspirei aliviada por ter evitado um embate, mas sabendo que algo muito pior me esperava quando fosse confrontar Jack. Independente disso, estava mais confiante com relação a ele, então cuidaria daquele assunto depois.

Virei para Brian e seu descontentamento era direcionado para mim. *Ah, não mesmo!*

— Valentine...

— Hei, calma lá — soltei antes que falasse alguma besteira que iria me deixar chateada. — Uma coisa de cada vez, Brian. Quero resolver meu assunto com Marco, depois conversamos sobre Jack.

— Não temos nada para conversar sobre aquele Pirata.

Dou um passo para trás, como se eu tivesse levado um soco. Olhei magoada por ter desprezado meu pedido de conversa a ser feita em outro momento, mas logo transformei em indiferença. Vi o arrependimento em seus olhos, que descartei ao me virar e lhe dar minhas costas.

— Faça o que quiser, Doc, não me importo. Estou indo lidar com Marco. — Passei pela minha moto, peguei a chave que estava na ignição e segui para dentro da sede, direto para o escritório.

Escutei passos atrás de mim e sabia que Brian me seguia. Queria o mandar ir se foder, mas percebi que seria melhor fingir que não me importava com sua presença.

Ainda levaria um choque térmico com aquele quente e frio.

Abri a porta do escritório e vi Marco sentado em uma cadeira, rosto machucado e molhado de suor, além da boca escorrendo sangue pelo canto. Rock estava à sua frente e pela postura agressiva, percebi que foi ele quem causou os danos. Meu pai estava sentado em uma cadeira próxima a eles, Lorenzo de um lado e Juarez do outro, ambos de pé.

Sabia que traidores no clube eram penalizados com tortura ou até mesmo a morte. Sempre estive ciente daquilo e não gostava. Porém, depois do choque mais cedo, a dor no meu braço me lembrando do que aconteceu, acabou me deixando insensível a aquilo. A ira não estava me permitindo pensar profundamente sobre as consequências das minhas ações.

Percebi Marco me encarando com seus olhos arrependidos e retribuí com frieza. Ele não teria nenhuma piedade de mim.

— Filha. — Meu pai estendeu rapidamente a mão em minha direção e me aproximei dele antes que a descansasse em seu colo.

— Lorenzo, Juarez. — Empinei meu queixo para eles como cumprimento e encarei meu pai. — Sim, pai.

— Marco não se lembra de ter atacado você. Mesmo depois de um pouco de persuasão, disse que teve um apagão e que não foi a primeira vez. — Juarez encarou o meliante. — Parece que nosso irmão acha que somos estúpidos — afirmou sombrio.

— Não se lembra? — Encarei Juarez e depois me recordei dos olhos confusos de Marco para mim e para sua faca, logo depois que gritei socorro. — Será que ele tem algum transtorno de personalidade ou outro tipo de doença?

— Não é isso... o rapaz está estressado... — Meu pai suspirou e me encarou. — Mas deve ser punido... mesmo assim. Não deveria ter... te tocado. — Terminou com um pouco de dificuldade e tosse.

Como meu pai tinha piorado de um dia para o outro? Era possível mudar tanto assim em pouco tempo?

Deixei a preocupação com meu pai de lado e voltei para meu problema atual.

— Eu sou a vítima e devo ter o poder de escolha na sentença dele. — Encarei Lorenzo, que me olhou com desdém, depois Juarez e por fim meu pai. Ele parecia satisfeito.

— É... justo — meu pai falou.

— Não é assim que trabalhamos, Pres — Lorenzo discordou olhando

para Juarez pedindo apoio e depois para mim, com repúdio.

— Podemos muito bem fazer uma exceção, Lorenzo. Até porque, se ela vir a ser presidente, precisamos saber do que ela é capaz. — Juarez foi imparcial.

Lorenzo zombou fazendo uma careta de tédio.

— Deixe-a! — meu pai falou no tom mais forte que podia e Lorenzo, derrotado, continuou zombando como uma criança mimada.

Virei-me e não deixei aquela atitude me atingir. Vi Brian na porta da sala de reunião e Rock se afastou de Marco, mas não antes de me entregar o soco inglês que estava usando. Coloquei em minha mão, mesmo que não quisesse usá-lo.

Encarei a pessoa que quase me matou há algumas horas. Ele suplicou com os olhos para que eu tivesse misericórdia.

— Marco, os documentos administrativos do clube estão totalmente bagunçados, há fortes indícios de fraude e corrupção interna. — Vi-o olhar para onde meu pai e os outros dois estavam e suspeitei que algum deles sabia a real situação do Selvagem. — Por causa de uma discussão esdrúxula, você tentou me matar. Me diga, como você quer que eu interprete tudo isso? Se estivesse no meu lugar, o que faria?

Marco respirou rápido e ofegante, fazendo com que me cansasse apenas de olhá-lo. Seu olhar mudou de objetivo, e, naquele momento, ele queria vingança. Algum tempo se passou e não me disse mais nada. Bem, ele estava

muito disposto a me deixar desconfortável na frente de membros importantes do Moto Clube.

Aproximei-me dele, segurei seu queixo e o encarei. Ele olhou para o chão, me ignorando.

— Tem certeza de que não quer me responder? — perguntei baixo, e muito ameaçadora.

Ele me surpreendeu ao voltar a focar em mim e cuspir sangue no meu rosto.

Que filho da puta!

Estava chocada e muito irritada quando escutei a risada de Lorenzo. Limpei meu rosto, e pelo canto do meu olho vejo Brian correr para o lado do meu pai, que tentou se levantar e caiu sentado na cadeira. Estava tremendo e segurando uma arma apontada em direção ao acusado.

Precisava conter os danos, por mais que meu orgulho estivesse ferido. Para lidar com os Selvagens, teria que agir como uma.

Dei um passo para trás, fiz um movimento para girar meu corpo e acertar o peito do meu pé no seu rosto. Ele caiu de lado no chão, indefeso. Suas mãos estavam amarradas nas costas e suas pernas fixas na cadeira. Sua posição era extremamente torta e nem um pouco confortável.

— Nada? — Inclinei-me para o chão e perguntei a um silencioso Marco, que daquela vez, recebeu um chute meu em suas bolas. — Acho que as

vadias do clube não se importarão, já que você mesmo não teme nem um pouco pela sua vida.

— Vadia! — Marco esbravejou do chão, gemendo.

Agachei, peguei-o pelos cabelos e o fiz voltar a se sentar. Daquela vez, estava de lado e evitando seu rosto. Ele se levantou, me xingando de nomes que deveriam fazer qualquer um sentir vergonha.

Raiva e adrenalina substituíram alguns dos glóbulos vermelhos do meu sangue. Queria me vingar.

— Eu não gosto de repetir, mas vou fazer uma exceção hoje — soei fria e calculista. — Se estivesse no meu lugar, o que faria?

— Eu foderia com você, vadia. — Pareceu um pouco alucinado e mostrou seus dentes ensanguentados para mim com um sorriso maníaco. O interruptor que o fez me atacar tinha sido virado.

Retribuí com um sorriso zombeteiro. Fui até meu pai, que estendeu a arma para mim, sabendo exatamente o que se passava na minha cabeça. Voltei para o encarcerado, apontei para seu pé e disparei. Apenas gelo corria por minhas veias, estava pensando apenas no momento, de forma inconsequente.

— Filha da puta! Você me paga! — Marco gritou e depois ficou gemendo e me xingando. Virou-se para onde meu pai, Brian, Lorenzo e Juarez estavam e esbravejou: — Eu não fui pago para isso.

Antes que eu pedisse para que esclarecesse o que queria dizer com

aquilo, Lorenzo atirou na cabeça de Marco, espirrando sangue em mim e por todo o chão da sala.

Mesmo com toda a adrenalina, fiquei chocada e muito confusa. Porém, de todos os sentimentos que estava sentindo até então, a raiva dominou.

— Que merda... foi essa... Lorenzo? — meu pai perguntou e todos estão olhando para ele de forma repressora.

— Só uma principiante e sem experiência levaria em consideração o que um homem praticamente morto diz. Fiz um favor para sua filha, ela passaria vergonha. — Guardou a arma nas costas, pegou o celular e colocou no ouvido: — Na sala de reunião, preciso de limpeza. — Encerrou a ligação e voltou o aparelho para o bolso. Lorenzo pareceu despreocupado, como se fosse a troca de óleo de sua moto.

Encaro o meu adversário, furiosa, e segui em sua direção, pronta para partir para a agressão. Não me importava que parecia muito mais forte, estava pronta para atacá-lo. Brian me chamou e Rock me segurou pela cintura por trás, impedindo que avançasse. Ele era grande e muito forte, mas tento escapar do seu aperto, sem sucesso.

— Você o matou porque ele iria te dedurar! — Cuspi fogo com minhas acusações e elas saíram altas e descontroladas. Não me importava com a descompostura, pois a raiva tinha me cegado.

— Tenha cuidado na hora de me incriminar. Te darei um desconto por

ser inexperiente. Com licença, tenho mais o que fazer. — Ele olhou para todos em sinal de adeus. — Irmãos.

Enquanto começava a atravessar a sala para sair, continuei tentando me desvencilhar do aperto de Rock.

— Incriminar? Está mais óbvio do que parece, não havia motivo para matá-lo daquele jeito. — Fiquei mais enfurecia quando ele continuou a andar e ir embora sem olhar para mim. — Vai fugir como um covarde, porra?

Lorenzo saiu da sala e não demonstrou nenhuma reação para as minhas palavras. Isso só me deixou mais ensandecida e minha vontade era de apontar a arma que estava em minhas mãos para sua cabeça.

— Vi, acalme-se — Brian chegou perto de mim e disse com sua voz serena.

— Acalmar? — Bufei, enfurecida. — O cara acabou de matar a única pessoa que poderia me ajudar com toda aquela documentação do caralho. Não me diga para ficar tranquila. — Soltei outros palavrões, para extravasar. Quando estava alterada daquele jeito, a cada duas palavras, três eram palavrões. — Me solta, Rock.

— Acalme-se, mulher. — Tentou apaziguar e comecei a me debater em seu aperto.

— Parem de me pedir isso, quando uma situação surreal acontece e vocês não fazem nada. Cadê suas bolas? — Olhei de Brian para meu pai e

Juarez. O último estava mortalmente silencioso e observador. Encarou-me agressivamente e não me senti intimidada. Parecia que eu estava vestindo um escudo invencível.

— Você não gosta de um membro, você fica na sua. Tem provas que ele é corrupto, você apresenta e encerramos esse assunto. — Juarez se aproximou de mim e suas palavras conseguiram me deixar mais controlada, apesar de internamente estar explodindo. — Prepare-se para o desafio e melhore essa sua postura descontrolada, pois não temos espaço para variação hormonal aqui.

— O cara acabou de falar que não foi pago para isso, muitos documentos estão ausentes e existem transferências bancárias de altos valores para contas desconhecidas. Se isso não for prova suficiente, vocês estão cegos por causa dos meus peitos e boceta. — Tinha chegado no ápice do meu despeito e sem me preocupar com as consequências, que seriam não ter apoio dos latinos no Moto Clube. — Minha postura estará pior e não me importo se isso incomoda alguém. Estou pronta para o desafio.

Juarez sorriu sombriamente e saiu da sala sem dizer nada. Rock me soltou de seu aperto, removeu a arma e o soco inglês da minha mão. Respirei aliviada por estar livre e um pouco confusa com a postura do Juarez.

Antes que pergunte a alguém o que aconteceu, dois rapazes da turma de Lorenzo, que me lembrei que estavam com ele no dia anterior, entram na sala e foram direto ao corpo tombado no chão, ao lado da cadeira.

— O que vocês irão fazer? — perguntei para os dois, encarando o defunto e não sentindo nada, nem remorso. A adrenalina estava correndo em minhas veias.

— A limpeza — um dos dois respondeu e seu tom era zombeteiro, porque parecia ser o óbvio. Tive vontade de chutar as bolas dele.

— Sim, gênio, mas seus familiares e amigos, o que vocês fazem com eles?

— Não há esse tipo de limpeza. — O outro me olhou sem emoção nítida na sua expressão. — No caso de Marco, ele não tinha nenhum vínculo que não fosse com o clube. Nenhum contador do Selvagem tem.

Franzi a testa e tentei processar o que ele queria dizer com aquilo. Olhei meu pai, que acabou cochilando na cadeira. Meu coração apertou com a visão.

— Merda, Brian. Ajude meu pai a ir para o quarto.

Tomando a frente, Rock, com toda a sua força e músculos, pegou meu pai no colo e saiu pelo corredor de quartos, atendendo ao meu pedido.

— Venha, você precisa de um banho. — Brian pega na minha mão e me puxou para longe da sala, enquanto os dois rapazes estavam limpando e retirando o corpo, sem prestar atenção em nós.

— Não tenho roupas aqui. Vou para o hotel. — No meio do caminho, soltei minha mão da dele e comecei a andar no sentido contrário.

Brian me alcançou, e sem paciência, me jogou em seu ombro.

— Tome a porra do banho e não discuta. — Brian seguiu comigo em seu aperto.

— Eu vou tomar, mas não aqui. — Esmurrei suas costas suavemente, sentia que meu sangue estava esfriando. — Pare de mandar em mim, não sou nada sua.

Ele entrou em seu quarto, me colocou no chão e sem anunciar o que faria, removeu minha blusa, expondo meu sutiã.

— Entenda uma coisa, Vi. — Encarou-me com muita emoção e percebi que refletia o mesmo sentimento. — Você pode mandar nos Selvagens, você pode liderar o clube, mas quando se trata de mim e de você — ele colou seu corpo no meu, sua voz se tornou sensual e irresistível —, eu sou a porra do guia. Confiando em mim, vou te transformar na mulher mais satisfeita desse mundo.

Capítulo



Onze

Valentine

Decidi que aquele era o momento de ceder. Abri meus braços e sorri de forma sensual.

— Sou toda sua, Brian. Por favor, me mostre o caminho.

Não precisei pedir duas vezes. Ele aproximou seu corpo do meu ainda mais, sua boca colidiu com a minha e suas mãos exploraram minha pele. Não me fiz de rogada e aproveitei a adrenalina que ainda corria em minhas veias para explorar todos os centímetros do seu corpo com minhas mãos e boca. Ele era puro músculo e tatuagens.

Começou beijando meus lábios e deixando uma trilha pelo pescoço. Removeu o sutiã preto e se deliciou com meus seios.

Gemi sem nenhuma vergonha daquela vez, me sentindo embriagada de desejo. Meu corpo estava vibrando de tanto tesão.

Ele se afastou para tirar sua camiseta, desabotoar os jeans e se livrar de seus coturnos. Ele pegou minha mão e a colocou em sua virilha, que estava mais do que pronta para o que eu queria.

— Sente isso, Vi? — Fechei os olhos e senti meu apelido em seus lábios, bem como sua masculinidade sob a cueca. — Quero ele na sua boca,

quero seus lábios me chupando.

Nunca um pedido me soou tão sexy. Não pensei em nada, apenas deixei-o me orientar. Ajoelhei-me, tirei sua cueca e o coloquei na boca, lambendo, deixando-o bem molhado, apreciando seu sabor. Depois, comecei a movimentar minha cabeça e os gemidos que escutei apenas me incentivaram a acelerar o movimento, me fazendo sentir poderosa.

— Calma, Vi. — Tocou meu rosto, deslizando sua mão para segurar meu cabelo e parar meus movimentos de sucção em sua ereção. — Quero gozar dentro de você, não na sua boca.

Levantei-me e tirei meu short, calcinha e coturno, ficando nua à sua frente, nem um pouco tímida. O sorriso confiante que me deu apenas me excitou ainda mais.

Avançou, me ergueu com as mãos na minha bunda e, antes que envolvesse minhas pernas ao seu redor, me jogou na cama e sua boca estava entre as minhas pernas.

— Brian! — surpresa, gritei ofegante e gemi seu nome. Ele conhecia meu corpo muito melhor do que eu, sua língua atingiu os pontos certos do prazer, me fazendo gozar em sua boca de uma forma que nunca gozei antes. Era muito intenso, animalesco.

E, como a água sendo escoada de uma banheira, minha empolgação se foi. Não sabia dizer se foi a adrenalina que se dissipou ou a intensidade do

orgasmo que me fez cair na realidade, mas quando Brian começou a subir em cima de mim, beijando minha barriga e peito, comecei a chorar descontroladamente, a pressão no meu peito intensificou de zero a mil em um segundo.

— Vi, está tudo bem? Te machuquei? — Ergueu-se sobre mim e coloquei minhas mãos no meu rosto para afastar aquele emaranhado de emoções, mas impedindo de abafar meu choro.

Oh, céus, o que estava acontecendo comigo?

Na verdade, tudo o que não processei corretamente durante o dia me atingiu como um trem de carga desgovernado, me atropelando e deixando muito vulnerável.

Brian se afastou de mim e comecei a sentir falta de ar, arquejando como se tivesse sido afogada. Merda, estou uma bagunça!

Porém, Brian não foi tão longe, apenas saiu da cama para me carregar no colo e me levar para debaixo do chuveiro. A água quente abafou o som das minhas lágrimas e dos soluços. Ele se sentou no chão e me segurou até que me acalmasse, não dizendo nada, apenas me apertando no seu colo e massageando meu couro cabeludo.

Eu quase fui morta. Jack teve um ataque de ciúmes. Espanquei um homem. Vi ele ser morto e sangue espirrou em mim. Parecia que estava em uma dimensão paralela.

Alguns minutos se passaram até que me acalmasse e parasse de soluçar. Estou envergonhada e fiquei preocupada de deixar uma impressão de desequilibrada para Brian. Era uma mulher confiante e determinada, aquela atitude demonstrava o oposto do que tinha convicta em mim.

— Não sou sempre assim. — Tentei sair de seu colo, mas seu braço intensificou o aperto e seu rosto foi para meu pescoço, deslizando seu nariz por ele e pela clavícula.

— Pare, Vi. Você não precisa ser forte o tempo todo, não comigo. Seu choro não é sinal de fraqueza, mas de que é humana. — Beijou meu pescoço e depois minha cabeça. — Nós sucumbimos de vez em quando e precisamos confiar em alguém para termos um pouco de consolo.

— Não posso. — Suspirei e tentei controlar as lágrimas que ameaçavam aparecer descontroladamente, como antes. Não conseguia falar sem abrir as comportas de água dos meus olhos.

— Quer conversar sobre isso? — pareceu preocupado, sua voz era cautelosa e acalentadora. Meu peito apertou, carente por tanta atenção.

— Não há nada para se falar. Foi a adrenalina. — Teimosa, ainda tentei disfarçar meu surto.

— Vi... — alerta-me.

— Preciso me trocar e refazer o curativo, está todo molhado. — Mudei de assunto e ergui meu braço machucado.

Brian se levantou, me colocando de pé e tomando cuidado com meu braço. Achava que iríamos sair do banheiro, mas pegou o sabonete e começou a me ensaboar delicadamente.

— Conheço um médico que cuidará muito bem de você. — Piscou um olho. Não me pressionou sobre meu lapso e começou a me dar banho, fazendo massagens em todas as minhas superfícies. O gesto me faz relaxar e amenizar a angústia que queria se instaurar no meu coração.

O carinho foi muito, a delicadeza e precisão de suas mãos no meu corpo me acenderam novamente. Gemi e, percebendo a excitação que estava me proporcionando, Brian me agraciou com mais um orgasmo, mas daquela vez com seus dedos entre minhas pernas e sua boca na minha.

Sem surtos posteriores.



Vesti uma camiseta preta de Brian, que ficou enorme em mim, mas não me importei, porque seu perfume estava impregnado nela e isso acalmou meus nervos. Minha blusa estava toda manchada de sangue, então a descartei. Coloquei o mesmo short de antes e meu coturno.

Sentei-me na cama e encarei a parede, relembrando tudo o que passei. Meu coração palpitou e fechei os olhos para afastar as imagens do corpo sem vida de Marco. Era tão estranho presenciar a morte. Um sentimento de remorso e

culpa acompanhava aquelas imagens, criando raízes em meu coração, ficando difícil superar.

Para desviar a minha mente de seguir para onde não queria, observei Brian se vestir. Não havia guarda-roupa, apenas uma grande cômoda. Ele vestiu a roupa, me encarando com preocupação e carinho. A intensidade daquele olhar fez derreter todo o gelo que existia no meu coração. Tinha vontade de me abrir com ele e me entregar.

Assim que terminou de se vestir, Brian pegou de dentro de sua maleta, que estava no chão ao lado da sua cômoda, gaze e álcool e veio em minha direção. Ainda não tínhamos trocado nenhuma palavra depois do banho, apenas olhares muito significativos.

Sentou-se ao meu lado na cama e cuidadosamente começou a cuidar do meu braço, desfazendo o curativo anterior, limpando a área e fazendo um novo.

— Obrigada, Brian — soltei baixo e colocando toda a minha gratidão naquelas palavras. Ele me segurou em um momento de fragilidade, estava cuidando de mim sem me colocar como inferior, algo que nunca tive antes. Tudo me fazia bem ao mesmo tempo que me deixava com medo.

— Sem problema, Vi. Quer aproveitar e descansar um pouco aqui no quarto? Vou trazer alguma comida para nós.

Estava com fome, mas lembrei de que precisava voltar com a auditoria da contabilidade do Moto Clube e conversar com Jack. Mesmo sabendo que

aquele clima de companheirismo poderia acabar entre nós, confessei:

— Preciso me encontrar com Jack e, depois, continuar com a auditoria. — Assisti sua mandíbula enrijecer em desgosto.

— Eu não compartilho — soltou, enfatizando cada palavra. Para reforçar sua insatisfação, se levantou abruptamente.

— Ele é apenas um amigo, Brian. Trouxe a minha moto, é um aliado fora do clube. — Levantei-me e fui atrás dele, que estava indo em direção à porta do quarto.

— Não pareceu só amizade. — Toquei seu braço, mas se desvencilhou de mim se afastando. — Não gostei de como ele falou com você.

— Eu também não gostei, e esse é um dos motivos que preciso conversar com ele, porque Jack não era tão babaca assim. O que tivemos está no passado, nosso vínculo nunca tinha sido exclusivo, além dele me lembrar que era apenas amizade. Em outras palavras, amigos com benefícios. — Não era do meu feitio convencer as pessoas do que queria fazer, uma vez que fazia o que queria. Só que... o que passei com Brian algumas horas atrás se enraizou dentro de mim e não o queria chateado, muito menos que me afastasse. Estava exausta de tratamento de gelo.

— Isso significa que você quer alguma coisa com ele ainda? — Não me deixou responder, parecia ter interpretado tudo errado e continuou aborrecido. — Valentine, não sei qual outra forma de demonstrar o meu interesse. Agora, vou

recuar. Faça o que quiser, não me deve nada, mas coma algo antes de sair.

Meu nome e não meu apelido me mostrou que ficou mais do que chateado. Estava sensível o suficiente para não aceitar aquilo, meu coração dominou a situação. Uma postura que nunca adotaria quando meu lado racional estivesse no comando.

Ele abriu a porta e fechei-a com força, fazendo com que Brian virasse de frente para mim espantado.

— Droga, Brian, ficaremos nesse quente e frio por muito tempo? Nunca tive um relacionamento de verdade e você já fez mais por mim em um dia do que Jack me fez em um ano. Tenho sentimentos por você que me amedrontam, de tão intensos. Então, porra, pare com a indiferença e confie no que vou te dizer: estou com você, apenas com você. — Saiu muito rápido, e elevando a minha voz a cada palavra.

Brian me abraçou pressionando minhas costas contra a parede e me beijou, como se tivesse ganhado na loteria. Sua língua invadiu minha boca e me derreti nele, puxando levemente seus cabelos e gemendo. Estava aliviada que tinha me ouvido e aceitara minhas palavras.

Rápido demais para meu gosto, interrompeu o beijo e encostou sua testa na minha.

— Quando acho que você não pode ser mais perfeita e me surpreender, você fala uma coisa dessas e me faz esquecer qualquer problema que tivemos

hoje. Quero te possuir com força. Nunca quis ter alguém como agora. — Deu-me um selinho antes de se afastar, me deixando atordoada com sua declaração.

Uau, ele me achava perfeita!

Quer me possuir com força!

Seus olhos estavam cheios de carinho. Queria me perder neles e ficar o resto do dia compartilhando aquele sentimento. Fiquei atordoada e sem palavras.

— Vou te alimentar, mulher, depois vamos falar com o merda do seu amigo — soou sarcástico com o título de Jack.

Vamos? Precisávamos ir com calma.

— Você não vai comigo para conversar com ele — anunciei, contendo a minha indignação. Nós tínhamos nos acertado, não poderíamos voltar a confusão por conta do seu jeito dominador. Ele estava confundindo as coisas, não me esconderia atrás dele.

— Você não me afastará mais, Vi. Vou com você, não estou pedindo autorização. — Segurou minha mão, saiu do quarto e seguiu para o refeitório, me arrastando atrás dele.

— Esqueça tudo o que te disse. — Tentei frear seus passos, mas ele era mais forte do que eu. — Me solta, Brian. Jack é assunto meu, não seu.

Ele parou, colocou as mãos em minhas bochechas e me beijou novamente, selvagem e sensual.

Virei gelatina e apenas segui a sua liderança, porque ele tinha conseguido me fazer esquecer a raiva, demonstrando carinho. Paramos o beijo ofegantes. Estávamos quase no final do corredor de quartos. Ele me encarou com o mesmo carinho de antes e quase esqueci o que queria falar para ele.

— Como te disse, Vi, me deixe ser seu guia, confie em mim. — Suas palavras suplicavam a minha atenção e me rendi, um pouco contrariada. Não sabia como seria uma conversa com Brian e Jack no mesmo cômodo, mas estava pronta para pagar para ver.

— Não me faça me arrepender — falei baixinho. Brian apenas segurou minha mão novamente e continuou a caminhar.

— Serei sua melhor aposta, baby. — Virou seu rosto para mim e piscou um olho. Ele estava descontraído e confiante, mesmo que o assunto fosse sério.

Suspirei e me deixei ser alimentada. Aproveitei para pesquisar os hotéis em que Jack poderia estar e liguei para encontrar seu paradeiro, já que não respondeu minha mensagem e nem retornou minha ligação. Daquela vez, eu o encontraria, mesmo que ele estivesse disposto a fugir de mim.

Capítulo



Doze

Valentine

Foi fácil descobrir que Jack estava hospedado no mesmo hotel que eu.

Seguimos na moto de Brian e, quando entramos no hall do hotel, novamente, todos os olhares se voltam para nós. Eu não me importei em chamarmos atenção, seguindo confiante com Brian atrás de mim.

Caminhamos em direção ao quarto em que Jack estava escondido e assim que nos aproximamos, a alguns metros de distância da porta, parei, fazendo com que Brian interrompesse seu progresso também.

— Eu preciso fazer isso sozinha. — Forcei meu olhar e voz de comando. Sabia que ele queria minha confiança, mas aquela situação era muito pessoal e um pouco embaraçosa, já que estava há algum tempo me reprimindo por ter aceitado aquele relacionamento estranho com Jack. Parecia conveniente até antes de conhecer Brian. Naquele momento, estava parecendo que eu era idiota.

— Vi... — Ele me puxou para seus braços, meu corpo se chocou contra o seu e colocou uma mão na minha nuca para encostar minha cabeça em seu pescoço. — Se fosse qualquer outro dia eu não insistiria, mas você está abalada e, dependendo de quão manipulador ele for, você estará vulnerável. Estou

preocupado e me colocando disponível para ser usado como escudo ou desculpa.

— Eu não estou vulnerável.

— Ficarei em silêncio. Farei o meu melhor para estar presente, apenas isso. Estarei na porta, apenas para caso aconteça uma emergência. — Começou a alisar meu cabelo com seus dedos e relaxei ao seu toque, aceitando sua sugestão de me acompanhar nessa conversa.

Estava um pouco aliviada e chocada que Brian pensou em tudo aquilo e eu não, uma prova de que estava pensando completamente com o coração. Apesar que eu não acreditava que Jack fosse tão baixo ao ponto de me manipular por causa de ciúmes. Antes que eu percebesse, meu lado racional ressurgiu dizendo que ele estava com a razão, então decidi ceder daquela vez.

Percebi que minha cota de insegurança já tinha sido gasta ao lado de Brian, com isso, optei por fazer um comentário sem o agradecer. Afastei-me para o encarar.

— Tudo bem, você me convenceu. Mas, independente do que você escutar ou ver, não faça nada, me deixe assumir a conversa.

Brian assentiu e acabamos com a pouca distância até o quarto de Jack.

Sem anunciar minha chegada na recepção, fui direto e bati na porta do quarto e esperei, com Brian atrás de mim. Não demorou para ele atender, abrindo apenas um pouco a porta, mas o suficiente para perceber que ele estava apenas com uma toalha enrolada na cintura e o cabelo úmido.

Seu peito molhado e exposto me fez lembrar de outros tempos, quando cobiçava aquela vista, suplicando sua atenção. Diferente de Brian, seus braços eram cheios de tatuagens, mas o corpo não. Desviei meu olhar e senti a mão de Brian apertando minha cintura. Jack me encarou de forma estranha, e parecia que desconhecia aquele homem que antes fora meu amigo e amante.

Estava na hora da ação.

— Precisamos conversar, Jack — soei firme encarando seus olhos frios em mim.

— Tenho compromisso, mas você pode falar enquanto me visto. — Ele abriu a porta completamente, virando em direção à sua mala aberta em cima da cama.

Sem pudor, Jack removeu sua toalha e ficou nu de costas para nós. Ele tinha uma bunda dura e irresistível... percebi que precisava parar de pensar com minha libido.

Virei para Brian e vi que ele estava na porta como combinado e queria falar alguma coisa, mas olhei para ele e o reprimi. Seu desconforto era visível, mas, como prometido, ele não deveria interferir.

— Você poderia ter se trocado no banheiro. — Coloquei a mão na cintura.

— Nada do que você já não viu. — Terminou de colocar a calça jeans preta e virou para mim com um olhar malicioso. — E usou. — Sorriu com

malícia, mas sabia que seu foco estava atrás de mim. — Pensei que conversaríamos apenas nós dois.

Nem precisava me virar para saber que Brian deu um passo à frente, ofendido com o que ele disse.

— E essa conversa será só entre nós. Brian está apenas cuidando de mim. — Forcei-me a dizer com a intenção de machucá-lo. Pela minha visão periférica, vi Brian relaxar.

— Você mudou.

— Você também, Jack. O que está acontecendo? Qual é o seu problema? — Meu tom ainda era apaziguador, mas estou pronta para mudá-lo dependendo de sua resposta.

— Meu problema é te ver sendo usada por esse cara. Você é muito boa para ele, Val. — Aproximou-se de mim e seu cheiro quase me teve sob seu domínio. Ele era familiar, mas apenas um amigo, repeti na minha mente.

— Bem, não se preocupe quanto a isso, sei me cuidar. Então, dá para acabar com a atitude de bundão?

— Bundão? — repetiu vagarosamente. — Até alguns dias atrás, eu e você estávamos juntos. — Pareceu um pouco alterado e suas palavras me atingiram como um tapa na cara.

— Juntos? — aumentei meu tom de voz e avancei em sua direção. — Você nunca se comprometeu comigo! E esses alguns dias atrás, nos meus

cálculos, são mais de três meses!

— O que você queria? Você nunca me deu chance, me deixava em segundo plano. Sua prioridade sempre foi o trabalho. — Ele também aumentou o tom de voz parecendo frustrado.

Eu nunca tinha dado uma chance para ele?

Eu colocava meu emprego em primeiro lugar?

— Em que mundo você vivia? — Levantei minhas mãos em frustração. — Quando eu dizia qualquer coisa sobre nós, você me dava um gelo por semanas e falava que éramos apenas amigos.

Ele fechou os olhos, virou as costas para mim e suspirou, derrotado. Não deixei que o silêncio ficasse entre nós, iria insistir até saber a verdade.

— Me diga, Jack, alguma vez você me quis como algo mais do que amiga? — Ele virou e avançou em mim, unindo nossos lábios.

Estava atordoada com a atitude, não conseguia me mexer de tão chocada que estava. Percebi Brian se aproximando rapidamente, mas não queria nenhum dos dois brigando. Jack abriu sua boca querendo invadir a minha com sua língua, mas chutei sua canela, dei uma joelhada em sua virilha e o empurrei forte o suficiente para cair na cama que estava atrás dele.

Brian foi para cima dele, colocou uma faca em sua garganta e, com sua voz mortal, fez pior do que quando ele ameaçou Playboy.

— Seu filho da puta, não vou tolerar que encoste nem mais um dedo em Valentine. Faça isso e, amigo ou não, estará a sete palmos.

— Brian, pare! — Corri para o seu lado e tentei puxá-lo de cima de Jack.

Não tinha força suficiente para impedir que algo acontecesse, mas tentei mesmo assim. Brian cedeu na minha tentativa e se afastou da cama, me levando com ele. Colocou um braço em cima dos meus ombros para me proteger.

— Não sei você, mas não acho que esse cara queira conversar, Valentine. — Brian estava quebrando a sua promessa de não interferir e sua atitude apenas acendeu minha raiva com sua mania de mandar em mim. Ele precisava entender que eu fazia o que queria.

Respirei fundo seguindo em direção a porta, sabendo que era melhor não fazer nada na frente de Jack, mas prometi a mim mesma que Brian ainda escutaria quando estivéssemos a sós.

Antes de sair escutei Jack me chamar:

— Val...

— Estou decepcionada com você, Jack — falei triste saindo do seu quarto junto com Brian, com meu coração apertado. Também estava satisfeita em ver que o dele não estava tão diferente.

Senti a tensão irradiando de Brian e evitei confrontá-lo, apenas segui em direção ao meu quarto e ele me acompanhou.

Entrei deixando a porta aberta, e comecei a andar de um lado para o outro, impaciente. Brian entrou, fechou a porta e me observou com os braços cruzados, escorado na parede, sem dizer nada.

— Você prometeu que não iria interferir — meu tom era acusatório. Continuei andando de um lado para o outro, como se fosse um animal enjaulado.

— Ele te beijou, e isso é uma justificativa convincente para quebrar a promessa — respondeu despreocupado, sem aceitar a minha acusação.

— Eu tinha tudo sob controle! — Parei e o encarei. — Como você quer que confie em você depois disso?

— Vi, saiba que quando se tratar de você, se algum homem te tocar, sempre vou reagir. — Ele avançou em minha direção assim que terminou de falar e levantei minha mão para pará-lo, mas não adiantou.

— Eu estou muito puta da vida com você, fique longe de mim. —Tentei desviar assim que se aproximou, mas ele me pegou pela cintura e me abraçou de lado.

Eu chutei, xinguei e tentei me soltar, sem sucesso. Poderia usar meus conhecimentos de defesa pessoal, usar toda a minha força, mas quando se tratava de Brian, apenas meu coração se pronunciava com efetividade e cedia, por saber que ele era alguém de confiança.

Parei de me mexer em seu abraço, mas meu peito ainda se movimentava rapidamente com toda a energia gasta. Ainda estava chateada.

— Vi...

— Eu não quero conversar com você agora. — Daquela vez sabia que estava agindo com teimosia, mas não me importei.

Escutei seu riso suave e queria tirá-lo de sua cara com um soco. Assim que nossos olhares se cruzam, me beijou lento e suave, degustando os meus lábios e língua, como em um banquete sem hora para acabar.

Tentei resistir aos seus encantos, mas cheguei à conclusão de que Brian sabia exatamente o que fazer para me convencer a me entregar. Era emocionante, tanto quanto assustador.

Ele interrompeu o beijo, me encarando com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Preciso ir para o meu plantão, você fica aqui e descansa, amanhã iremos comer na casa da minha irmã — falou casualmente. De frente um para o outro, suas mãos vagaram pela minha cintura e as minhas subiram e desceram pela camiseta que ocultava seu peito rígido.

— Você precisa parar de mandar em mim — retruquei, as palavras eram pouco convincentes, pois não havia nenhuma raiva nelas.

— E você precisa continuar a confiar em mim. — Beijou-me novamente, mas daquela vez rápido e bruto. — Vou trocar alguns turnos no hospital e ajudarei você com o Moto Clube, tudo bem?

Ele possuía a chave do cadeado do meu coração e estava querendo um

passe livre para dominar o lado racional. Eu não sabia se me entregava completamente ou fugia.

— Ainda não consigo entender como um médico como você faz parte de um Moto Clube como o Selvagem. — Busquei alguma informação no seu olhar e não encontrei nada.

— A história resumida é que seu pai conseguiu evitar uma tragédia com minha família e, como pagamento, me candidatei a membro.

— Evitar uma tragédia? — Minha mente começou a imaginar mil e um cenários diferentes. Não sabia explicar, mas o meu adversário me veio à mente e foi colocado como responsável pelo conflito familiar que prejudicou Brian. — Será que Lorenzo tem a ver com isso?

— Eu sei que ele está envolvido com coisas ilícitas, mas isso não o coloca como vilão de todas as histórias do Moto Clube. — Parou o movimento de suas mãos e apertou minha bunda. — Hum, melhor ir antes que te ataque novamente. — Piscou um olho para mim.

— Não coloque na mesma frase Lorenzo e me dar prazer — brinquei e envolvi meus braços em seu pescoço. — Nós dois não combinamos.

— Erro meu, não vai mais acontecer. — Ergue-me pela bunda, me colocando na cama, cobrindo meu corpo com o seu e colando sua virilha na minha. — Descanse. — Beijou minha testa e me deixou rendida, totalmente excitada.

— Sério que vai me deixar assim, insatisfeita? — Ergui-me em um cotovelo e o vi seguindo em direção a porta do quarto.

— Só assim terei certeza de que ansiará pelo meu retorno, para terminar o que comecei. — Olhou-me da cabeça aos pés e suspirou. — Não é só você que vai ficar querendo mais. — Gemi quando retirei a camiseta e segui para abrir o meu short. — Estou a uma ligação de distância, Vi.

Ele saiu do quarto e aceitei a ideia de descansar em meus aposentos. Senti necessidade de ser tocada e apertei meu seio, deslizando a mão pela minha barriga até chegar entre as minhas pernas. Estava pronta, mas desisti de me satisfazer sozinha. Pretendia estar completamente em chamas quando acabasse com Brian e sua provocação, assim que tivesse oportunidade.

Virei de lado na cama e a imagem de Jack retornou a minha mente, me deixando triste novamente. Nossa amizade estava por um fio. Desconhecia os motivos que o levaram a mudar de comportamento, não queria aceitar que tudo tinha sido impulsionado pelo ciúme. Pensei que ficaria feliz de saber que segui em frente e não ficaria mais pendurada nele, esperando migalhas de seu afeto.

“Você nunca me deu chance, me deixava em segundo plano. Sua prioridade sempre foi o trabalho.” Eu não acreditava que suas palavras eram apenas desculpas para se reaproximar, mas estava fazendo um exame de consciência e comprovando que poderia ter me comportado de tal forma, que fosse interpretada errada.

Ao almejar o posto de presidente do Selvagem, teria que encarar adversidades e lidar com a morte, a violência e as inimizades, diariamente. Questionei-me se realmente queria tudo aquilo, se valeria a pena.

A imagem de Brian me segurando debaixo do chuveiro me deu uma luz no fim do túnel e percebi que, valendo a pena ou não, queria continuar no Moto Clube e ao lado dele.

Capítulo



Treze

Valentine

Sou acordada pelo toque do meu celular. Levantei-me para atender e aproveitei para procurar minha roupa, que estava jogada no chão ao pé da cama.

— Oi, amiga — saudei sonolenta e entusiasmada pela ligação de Nina, minha única amiga. Fiquei de conversar com ela sobre minha viagem, mas me esqueci completamente. Esperava que não estivesse tão zangada.

— *Amiga da onça, só se for.* — Pelas palavras e tom nada cordial, ficava claro que estava brava, tudo o que menos precisava naquele momento.

— Olá! Boa noite! Como vai você? Alguém esqueceu a educação em casa.

— *Quando você ia me ligar e contar a loucura que está fazendo?* — Fui cortada e percebi que não havia espaço para ironia ou brincadeiras, ela estava realmente chateada, e Nina naquele estado gerava ações inconsequentes e atitudes agressivas. — *Pensei que era sua melhor amiga.*

— Calma, Nina, não é bem assim. Eu te mandei mensagem, disse que ligaria para você. Está tudo muito agitado por aqui, só agora consegui respirar direito e aproveitei para dormir — tentei me justificar.

— *Isso foi há dois dias. Dois dias do caralho! Acabei de receber uma*

mensagem do Jack contando que você vai ser presidente do Moto Clube do seu pai e quase foi morta. — Começou a ficar ofegante de tão rápido que estava falando. Tentei me preparar para a próxima enxurrada de acusações, mas com aquela loira, era impossível. — *Quando esse tipo de coisa acontece, você me liga no próximo minuto, e sempre cuido da sua retaguarda. Já estou disponibilizando dois seguranças meus para...*

— Nem pensar! — exaltei-me. — Jack é um amigo filho da puta. Ele que sugeriu a ideia da presidência e agora joga para você como se fosse uma decisão apenas minha e inconsequente? E outra, você nunca deu bola para as coisas que ele fala, desde quando você mudou de opinião? — Estava ficando muito brava, apesar de ser com Jack e não com ela.

— *Desde quando não tenho notícias suas há dois dias. Não questione sua segurança comigo, você sabe que tenho mais conhecimento que você nesse assunto.*

— E você sabe que sei me virar sozinha. Além do mais, as pessoas que me apoiam no clube são fortes o suficiente. — Fechei meus olhos para controlar a raiva que estava sentindo de Jack. Nina não precisava de minha ira, apesar dela mesma nunca medir as palavras para falar comigo. — Nina, por favor, não invente moda. Esse dia está quase acabando e o deixe terminar sem mais estresse, por favor — pedi derrotada.

Estudamos juntas na faculdade. Na mesma época que conheci Jack,

comecei a amizade com Nina. Tivemos muita coisa em comum, como a vontade de sermos "nossas próprias chefes", além de independentes. Nossa vida amorosa nunca foi das melhores, contrastando com nossa vida acadêmica e profissional, que sempre foram excepcionais.

Quando comecei com meu falso relacionamento com Jack, por muitos momentos ela me consolou, tentou colocar algum juízo na minha cabeça e me apresentar outros homens. Nunca consegui assimilar seus conselhos. Quando concluímos nossa graduação, nos distanciamos por causa da correria do dia a dia, mas mantivemos o contato por mensagens de texto ou e-mail. Uma vez por mês, buscávamos nos encontrar para nos atualizarmos sobre nossa situação de vida, e ela sempre me dava sermões sobre o desastre que era a minha vida amorosa.

Profissionalmente, decidi seguir com a consultoria de processos gerenciais, pois meus muitos estágios e cursos extracurriculares me gabaritaram para tal. Adorava poder ajudar a engrenagem de uma empresa funcionar. Nina, por sua vez, seguiu os passos do pai para sucedê-lo na empresa de escolta e segurança privada. Ela sabia muito mais de defesa pessoal que eu, já que convivia com proteção e artes marciais desde quando nasceu.

Linda, loira, porte atlético de dar inveja e muito bem resolvida, Nina também era muito destemida e forte psicologicamente, tendo já superado muita coisa na vida, inclusive a morte de sua mãe. Eu a admirava, mesmo com toda a

sua pose de metida.

Protetora como sempre, nunca tive coragem de me abrir com ela sobre determinados assuntos, principalmente sobre o que aconteceu comigo, porque por muito menos ela já tinha acionado seus seguranças, imagine se soubesse que já tocaram em mim sem a minha permissão?

— *E você acha que vou aceitar essa sua versão de Supergirl? Vou facilitar para você, te dar uma opção: meus seguranças ou eu mesma.* — Ou seja, ela não me deu opção e encerrou a discussão.

— Nem um, nem outro. Sei muito bem o quanto de trabalho você tem por aí, e não quero ser motivo para seu pai reclamar sobre sua atuação na empresa. Sei o quanto ele é rígido com você.

— *Ele terá que me aceitar trabalhando em campo, porque não vou te deixar de fora da minha vista tão cedo.* — Tentei protestar, mas ela era muito mais teimosa do que eu. — *Está decidido, não discuta mais. Ficarei na sua cola até que as coisas se acalmem. Serei uma irmã do Moto Clube, junto com você!*

— Nina! — advirto.

— *Assunto encerrado!*

— Droga, mulher, eu te odeio. — Estava derrotada. Ela apenas riu baixinho do outro lado do telefone.

— *Agora, quero saber de Jack. Por que ele me acionou? Ele não morre de amores por mim, assim como eu por ele. Por um acaso está aí com você?*

— Jack deve ter levado um fora de alguma vadia, porque agora decidiu que gosta de mim e está aqui, querendo demarcar território. — Lembrei-me com indignação da nossa conversa.

— *Mas ele gosta de você* — afirmou naturalmente.

— Como amiga, amizade colorida, ou você também se esqueceu? — Demonstrei frustração. — Ele ficou muito bravo porque estou ficando com outro motociclista e esse, minha amiga, não aceitou a atitude idiota que Jack estava querendo jogar para cima de mim.

— *Outro motociclista?* — gritou. — *Valentine, esquece esse tipo de homem. Ou eles te assumem como um macho homem das cavernas ou te tratam como roupa, usam apenas quando conveniente. Você precisa de alguém com um currículo melhor!*

— Quanta generalização, Nina. Ele possui uma lista interessante de habilidades. — Sorrio ao me lembrar de Brian. — Ele é médico e membro do Moto Clube. Meu pai confia nele e estamos nos conhecendo no momento, apesar de já ter me convidado para ir na casa da irmã e... outras coisas.

— *Sei que você já está de quatro pelo cara, consigo ver seu sorriso safado apenas pelo jeito como fala. Valentine, tome cuidado, não deixe que seu coração bandido assuma esse relacionamento. Já basta o Jack já ter feito você de gato e sapato, outro desses e eu te interno* — falou séria e divertida ao mesmo tempo. Sabia que sua brincadeira possuía um fundo de verdade.

— Ele não é como Jack.

— *Todos os homens são como Jack, aceite esse fato, Valentine.* — Ela parecia ter conhecimento de causa. Sabia que ela não tinha a melhor das experiências com o sexo oposto, ela também sofreu como eu, mas não iria discutir sobre aquilo.

— Já te disse, não generalize. Ele se preocupa comigo, cuidou de mim e até foi muito compreensivo quando surtei depois de um orgasmo, porque me lembrei do cara sendo morto na minha frente. Nunca tive isso. — Assim que as palavras saem da minha boca me arrependo imediatamente, porque a reação de Nina é dramática.

— *Surtar depois de um orgasmo? Cara sendo morto?* — gritou e parecia desesperada. — *Chega de conversa por telefone, estarei aí em poucas horas.* — Escutei barulho de tecido sendo remexido. — *Já estou fazendo minhas malas e indo até você.*

— Calma, Nina, você está exagerando.

— *Estou muito calma.* — Seu lado perigoso estava entrando em ação. — *Me aguarde.*

— Nina...

Encerrou a ligação e tentei retornar, liguei mais de duas vezes, mas não me atendeu. Amiga protetora era bom quando estávamos nos sentindo vulneráveis, mas, naquele momento, não queria nem imaginar como mais uma

mulher, muito mais mandona do que eu, seria vista pelos outros motociclistas. Ela tentará intimidar todos eles.

Já que não consegui por voz, tentei por mensagem falar com minha amiga: "*Você sabe que te amo, mas esse amor se transformará em ódio se você vier pra cá e fizer alguma besteira*". Tentei ser um pouco radical, mas sabia que não surtiria efeito. Nina fazia o que queria e não se preocupava com as consequências, porque sempre conseguia lidar com elas.

Aproveitei para ligar para minha mãe e avisá-la de como as coisas estavam indo, como meu pai estava e tudo por aqui. Comentei sobre conhecer os membros do clube, a festa e ela não parecia preocupada que estava passando o dia com motociclistas, então aproveitei para avisar que estava ajudando com a organização dos documentos e fazendo uma auditoria.

Apesar de estar achando tudo muito estranho sobre o comportamento da minha mãe e ela não dar nenhum alerta ou bronca sobre o meu envolvimento com o Moto Clube, não fiquei me questionando sobre aquilo. Encerrei a ligação dizendo que nos falaríamos mais em outro dia.

Estava debatendo sobre enviar uma mensagem para Brian ou não, quando alguém bateu à porta do meu quarto. Fiquei em alerta na hora e lembrei que poderia ser Jack.

Ainda sem roupa, me vesti rapidamente com roupas limpas e perguntei quem era antes de abrir a porta. Se fosse Jack, não o receberia, mesmo que

implorasse

— Entrega de comida chinesa para Valentine — uma voz masculina e jovem soou do outro lado da porta.

Franzi a testa. Não sabia quem tinha pedido comida em meu nome. Desconfiada depois dos últimos acontecimentos, peguei minha faca de dentro da minha mala como proteção, abri apenas uma fresta e observei o entregador uniformizado segurando duas sacolas.

— Eu não pedi nada, senhor, apesar de estar em meu nome. Deve ter havido algum engano.

— Não é engano nenhum. Doutor Powell pediu para que entregasse a comida para a senhorita. — Ele estava sorrindo e estendendo o braço para que pegasse a encomenda. — Está tudo pago, não precisa se preocupar.

Ainda ressabia, peguei as sacolas e fechei a porta rapidamente, sem dar nenhuma gorjeta. Mantive a faca comigo e coloquei as sacolas em cima da mesa. Vasculhei dentro e vi que tinha o meu preferido chinês, frango xadrez, *chop sue* e rolinho primavera. Meu sorriso era inevitável e meu peito se aqueceu com tamanha atenção e carinho. Eu não estava pensando em comer, mas Brian antecipou mais uma vez meus passos.

Fiquei feliz com seu zelo, mas meu lado independente queria estragar a agradável surpresa, me dizendo que daqui a pouco ele estaria ditando o que deveria comer e onde. Massacrei aquele pensamento em dois tempos, porque

meu coração precisava ter aquele momento de explosão de satisfação.

Antes que pensasse no que estava fazendo, liguei para Brian com meu coração palpitando de alegria. Ele atendeu no terceiro toque:

— *Vejo que recebeu a refeição* — saúda, divertido.

— Você realmente encomendou a janta para mim? — Tentei esconder a surpresa no meu tom.

— *Depois do que presenciei hoje, imagino que aquele cara que se diz seu amigo nunca se preocupou com sua alimentação.* — Apesar das palavras, sua voz estava serena. — *Adivinhei?*

— É o meu favorito, Brian, obrigada. Como você sabia a escolha certa?

— *Tenho minhas fontes* — respondeu misterioso e não me deixou curiosa por muito tempo. — *Seu pai... ele sempre falou de você para mim.*

— O quê? — Estava em choque. Como assim meu pai tinha falado de mim para ele, se todo mundo achava que eu era homem? Como, se todos pareciam surpresos ao me ver? Como meu pai sabia sobre meu prato chinês favorito? Como...

— *Não surte, Vi. Seu pai não comentava muito de você e apenas eu sabia que você era mulher. Na verdade, ele falava apenas comigo sobre a filha. Todos sabiam seu nome e pouco se comentava, porque seu pai não permitia falar sobre sua família dentro do clube.* — Brian suspirou. — *Existe muita coisa que precisamos conversar sobre John Savage, sobre o que sei, mas agora não é*

o momento.

— Muita coisa? E você decide jogar essa bomba agora, que não temos tempo para conversar? — Estava confusa e minha felicidade anterior foi murchando com tanta informação omitida.

— *Vi...*

— Estou feliz e chateada com você nesse momento, Brian. Obrigada pela janta, amanhã nos falamos. — Encerrei a ligação sem dizer adeus, muito confusa com tudo aquilo.

A raiva cresceu quando pensei sobre aquele novo pedaço de informação que Brian decidiu compartilhar apenas naquele momento.

Recebi uma mensagem de texto e vi que era dele: "*Você não vai me afastar, Vi, não se esforce muito quanto a isso, pois será em vão. Não se esqueça da minha boca, eu tenho mais para você*".

Por mais que meu coração se aqueceu com sua determinação por não ficar irritado com meus momentos de raiva, estava muito chateada e decidi não pensar sobre esse assunto. Depois iríamos conversar, então deixaria para me preocupar no momento certo.

Olhei para minha comida e meu estômago sorriu satisfeito. *Traidor*, falo mentalmente para meu órgão e decidi assistir um filme, enquanto jantava minha primeira refeição comprada por um homem.

Nossa, quão deprimente minha vida amorosa era?

Capítulo



Quatorze

Valentine

Senti uma presença na cama e acordei em alerta. Minhas costas estavam aquecidas e quando me movimentei, percebi um corpo grudado em mim. Antes que me assustasse ou tentasse identificar quem era, Nina pulou em cima de mim, me imobilizando e rindo.

— Você poderia estar morta, vadia, mas como sou sua amiga, apenas vou assustá-la e fazer montinho. — Abraçou-me animada, depois me soltou, saiu da cama e sorriu triunfante. — Viu como você precisa de mim?

A primeira pergunta seria: como ela entrou no meu quarto? Nem gastarei saliva, pois sabia da sua habilidade para invasão. Uma fechadura de um quarto de hotel não seria barreira suficiente para ela.

— Que horas são, sua louca? — perguntei, me sentando na cama e esfregando meus olhos. Pela janela não era possível ver os raios de sol da manhã e achava que ainda era madrugada. Agradeci por não ter dormido pelada, mas com uma camiseta e calcinha.

— Cinco e meia da manhã! — Animada, ela parece impecável com sua roupa muito preta, muito justa e muito estilo espiã.

— Você veio voando? Não há voos para cá antes das sete horas da manhã!

— Vim voando, mas sobre duas rodas. — Seu olhar tinha malícia e satisfação, como se tivesse ganhado uma corrida de Fórmula 1. — Sempre gostei de motos, mas, depois dessa viagem, estou pensando seriamente em participar de um Moto Clube ou criar o meu próprio.

— Louca, loira e linda... — resmunguei baixinho os adjetivos que lhe dei na época de faculdade, quando presenciava suas peripécias. Levantei-me da cama apressada. — Já que você está aqui, trouxe o café da manhã? — perguntei indo em direção ao banheiro.

— Não. Vamos tomar café da manhã na rua. — Senti seu olhar avaliador em mim. — É impressão minha ou essa camiseta é de um homem? — Não me deixou responder. — Oh, esse quarto é o seu ninho de amor? — Correu para o travesseiro e cheirou. — Cadê o cheiro másculo desse motociclista? Como sou sua melhor amiga, posso chamar o bonitão pelo apelido carinhoso dos cavaleiros em motos. Onde está o MC?

— Me poupe, Nina, esse quarto está imaculado. — Terminei de pentear meu cabelo, lavei meu rosto e comecei a escovar os dentes.

— Fracassada. — Jogou o travesseiro na cama e deitou de barriga para cima. — Vamos dar uma corrida antes do café da manhã? Não me exercito desde ontem, meus músculos estão pedindo para serem usados.

— Nem me fale, estou há mais de dois dias sem treinar, isso é um recorde para mim. — Enxuguei meu rosto e fui para a minha mala. — Vamos

dar uma corrida até a sede do Moto Clube então. — Sorri para ela e busquei minha roupa de treino: calça *legging*, top esportivo e camiseta regata de grandes dimensões. Peguei também meus tênis e meia de compressão.

Nina sorriu para mim enquanto me vestia. Ela estava muito animada, ligada na tomada, com a bateria cheia, e senti uma boa vibração vindo da minha amiga. Assim que terminei de me trocar, tomando cuidado com meu braço machucado, observei-a e um sentimento saudoso me invadiu.

Estranho como essas experiências de risco de morte nos faziam perceber o quanto desperdiçamos nossas vidas com coisas fúteis. Se eu tivesse morrido ontem, Nina seria uma das pessoas que mais sentiria minha falta e com certeza me recriminaria e a si mesma por não termos nos visto o suficiente, ou feito algo para me proteger.

— Estava com saudades — soei um pouco emocionada. Nina se levantou da cama e correu ao meu encontro para um abraço de ursa. Ela era mais alta do que eu, mas nosso porte atlético era parecido.

— *Ow*, vadia, também estava com saudades. — Ergueu-me e esbarrou sem querer no meu braço machucado.

— Ai! Merda, cuidado! — reclamei e me afastei, sem tirar o sorriso do rosto. Ela se desculpou, mas descartei sua preocupação. — Não foi nada, vamos correr.

— Vamos acelerar. — Pulou e saiu em disparada do quarto, como se

fosse alguma competição.

Se me lembrava bem, Nina costumava ter um senso de competição muito acentuado e tinha medo do que iria querer apostar daquela vez. Da última, tive que tomar três doses de tequila, o que me deixou bêbada e muito desinibida na pista de dança do bar que estávamos confraternizando.



Acabamos por beliscar o que tinha na recepção do hotel antes de sair. Com a nossa corrida iniciada há alguns minutos, apontei para o local com muro branco, alto e com grandes portões cinza a três quarteirões de onde estávamos, para que Nina soubesse o nosso destino.

— Aquela é a sede do Selvagem.

— Hum, vamos apostar quem chega primeiro? — perguntou, maliciosa.

— Não me venha com apostas, ainda estou de ressaca da última vez — tentei persuadi-la, mas sabia que não levaria nada em consideração.

— O que são algumas doses de tequila quando se tem um MC gostosão para apagar o fogo? — Começou a correr em disparada, me fazendo segui-la em desespero.

— Você trapaceou! — gritei, tentando acompanhar seus passos, mesmo sabendo da minha derrota eminente. Ela era muito mais preparada e tinhas pernas mais compridas, fazendo com que essa corrida tivesse a campeã definida

desde seu início.

Assim que chegou ao portão do Moto Clube, começou a dar pulinhos de felicidade, fazendo uma dança da vitória muito comprometedora, chacoalhando sua bunda. Cheguei perto dela, coloquei minhas mãos nos meus joelhos e comecei a ofegar. Esse final de corrida tinha sido muito para mim.

— Tequila! Tequila! — Nina parecia uma criança pulando e não conseguia segurar o meu riso. Mais uma vez o álcool me aguardava.

— Hora de voltar — anunciei dando meia volta.

— Voltar? Não, não, não, quero conhecer o clube. — Nina pegou meu braço e foi me empurrando até chegar na guarita. Nela, estava um dos membros com quem conversei, cabelos longos ondulados, menos de trinta anos, alto e musculoso. Ele parecia muito divertido, observando Nina. — Olá, querido, deixe a futura presidente e sua fiel escudeira entrarem.

— Não há ninguém acordado esse horário. — Abriu o portão eletrônico.

— Não são as pessoas que queremos acordadas. — Minha amiga muito atrevida olhou para baixo, na altura de sua virilha, depois para os olhos do rapaz e piscou um olho. — Não há problema, iremos acordá-los.

Observei o rapaz, que tinha uma pose imponente, ficar sem reação para a paquera descarada de Nina. Sabia que, quando muito agitada, tendia a ser impulsiva, falar ousadias e paquerar sem escrúpulos.

— Você tomou algum remédio para a concentração antes de vir? —

perguntei de brincadeira.

— Não, mas tomei dois energéticos. — Sorriu divertida com meu olhar de reprovação. — Vamos, mulher, me dê um tour pelo local.

Ela me empurrou na sua frente, deu um tapa na minha bunda e segui para dentro.

— Contenha-se! — tentei reprimi-la.

Depois de passar o estacionamento, que era em parte cascalho e outra parte concreto, existia um enorme galpão com o bar, sofás, cadeiras e mesa de sinuca. Depois dele, havia uma porta vai e vem que dava acesso ao refeitório, onde aproveitamos e nos hidratamos com água. De um lado estava a cozinha, do outro, o corredor para as salas de escritórios e quartos.

Estava tudo silencioso, apenas duas mulheres limpavam o galpão. Nós as cumprimentamos, e elas apenas levantaram a cabeça e acenaram, com a cara fechada e de poucos amigos.

Nossa, muito mal-humoradas pela manhã?

— Alguém não foi bem comida ontem à noite — Nina sussurrou para mim e balancei a cabeça negativamente para seu comentário. Nem tudo era sobre sexo.

Seguimos para o corredor dos escritórios e abri a primeira porta, a da sala em que estava no outro dia e onde quase fui morta. Abri achando que estaria tudo como antes, mas me surpreendi por ter tudo nos seus devidos lugares,

inclusive os papéis que eu tinha mexido junto com o contador... o finado Marco.

Respirei fundo e entrei.

— Vou aproveitar que você está aqui e tirarei algumas dúvidas. — Segui para um armário de ferro e retirei algumas pastas suspensas, as mesmas que estava auditando no dia anterior. — Veja a desorganização que está tudo, quanto documento ausente.

Ela pegou as pastas das minhas mãos, sentou-se na cadeira de presidente junto à mesa e começou a analisar.

— Você está enrolada, para não dizer fodida. — Tirou os olhos dos papéis por um momento para sorrir cúmplice para mim e depois voltou a atenção para eles. Analisou mais um pouco e continuou sua avaliação: — Falta muita informação. Você sabe que consigo quebrar o sigilo bancário de todos aqui, não sabe? — questionou orgulhosa.

— Como assim? — Peguei uma cadeira do outro lado da mesa, trouxe para o lado de Nina e comecei a olhar os documentos com ela.

— Veja, existe uma transferência de 15 mil para a mesma conta, toda segunda-feira, que tenho certeza que é de uma pessoa física. Pelos documentos anexados aqui, não existe nada indicando o destino desses 15 mil, e apenas com a quebra de sigilo bancário descobriremos. — Encarou-me pensativa. — Posso acionar minha equipe de investigação e te ajudar.

— Você conseguiria essas informações pra mim, assim, como mágica?

— perguntei, porque estava difícil acreditar que conseguiria esse tipo de informação, já que o próprio banco não nos fornecia.

— Eu tenho uma empresa de escolta e segurança privada, preciso ter acesso a esse tipo de informação, ainda mais quando um cliente possui muitos inimigos, ou possíveis inimigos. E não, não é mágica, é tecnologia beirando a ilegalidade. Mas essas particularidades ilícitas você ignora. Encobrimos os nossos rastros.

— Ótimo, faça isso e depois envie a conta pra mim. — Abracei-a ainda estando na cadeira e me senti mais aliviada por ter uma luz no fim do túnel.

— Enviar a conta? Só se for da quantidade de tequila que você terá que tomar. Falando em bebida, me lembrou de fogo, e isso me fez referência ao seu motociclista. Cadê o moço?

— Em seu plantão. — Sorri. — Ele vai me levar na casa da irmã hoje.

— Muito apressadinho, não? Ele nem te levou para jantar ou num cinema, está fazendo tudo ao contrário. — Soltou os documentos e ficou de frente para mim na cadeira. — Quando você se tornou tão atraída por esse tipo de homem? O que há com esses motociclistas e a paquera, antes de assumirem um compromisso?

— Os membros do clube normalmente não têm família fora daqui, são muito solitários, então a vida deles é muito impessoal, muita festa e pouca afetividade. Quando eles acham alguém com quem se identificam, que realmente

vale a pena, eles não esperam seguir os padrões, apenas agem por impulso. E... essa vida me atrai. Sentimentos intensos me cativam e não consigo evitar, apenas sigo o mesmo ritmo que eles.

Lembrei-me de quando eu e Jack ficamos pela primeira vez e comentei sobre isso. Uma lembrança agridoce que encheu meu coração de dor e saudade, porque ele tinha sido tão carinhoso e atencioso comigo naquele dia, prometendo amor sem palavras, apenas com ações. Naquele momento, pensando em tudo o que vivi, compreendi que interpretei tudo errado ou fui uma decepção. Não seguimos mais juntos depois da noite que tivemos e toda aquela intensidade acabou uma semana depois. Seria dessa forma com Brian? Tão intensamente como começou, poderia terminar, sabia disso. Não seria a primeira vez.

— Não, cabecinha, sem esse tipo de pensamento. — Nina me conhecia muito bem, bateu seu dedo indicador na minha cabeça e me repreendeu. — Sei que você está pensando em Jack, mas ele é um perdedor por não ter te dado valor, e você sempre cedeu também, aceitando migalhas. Não sei se o seu médico motociclista segue o mesmo padrão, mas prefiro pensar que ele é diferente, e vou tirar a prova real quando o conhecer. Você sabe como sou boa em identificar cafajestes, praticamente tenho um radar.

— Verdade, você falou isso de Jack no primeiro dia que o viu — lembrei.

— E você não me ouviu. — Fez uma falsa cara de brava. — Então, não

desanima.

A porta do escritório abriu e a cabeça de Brian apareceu. Seus olhos azuis cansados e sorriso nos lábios me trouxeram paz.

— Então você está aí — cumprimentou muito animado vindo em minha direção. Estava confusa com sua reação, mas deixei que ele me levantasse da cadeira ao se aproximar e beijasse meus lábios suavemente. Ele se afastou apenas o suficiente para olhar nos meus olhos e dizer: — Bom dia, Vi. — Sua voz era sensual e meu corpo amoleceu junto ao seu.

Estava em um sonho induzido pelo charme de Brian. Esqueci que Nina estava ali e que aquela sala era o mesmo local em que quase fui morta. Nunca fui cumprimentada tão carinhosamente, e, mais surpreendente ainda, jamais um homem ficou tão entusiasmado ao me ver.

Meu mundo dos sonhos foi maculado pela minha amiga estraga-prazeres.

— Amiga, esse está fora do meu radar. — Ela se levantou, sorriu e interrompeu nossa interação. — Nina, guarda-costas, amiga e aspirante a membro do Moto Clube, se todos forem tão gostosos como você. — Ela o olhou da cabeça aos pés, catalogando seu cabelo levemente bagunçado, olhos azuis e boca vermelha. Ela também avaliou sua camiseta preta, calça jeans preta e coturnos.

— Pare com isso, Nina — repreendi minha amiga com um tapa em seu

braço e ela olhou para mim como se fosse inocente. Brian apenas riu de nossa interação.

— Prazer em conhecê-la, Nina. — Brian foi cordial com ela. — Você está pronta para irmos? — ele perguntou.

— Nem começamos, além de estarmos fedendo e com roupa de ginástica — Nina respondeu por mim. — Precisamos voltar para o hotel, então faremos o serviço completo.

— Você não foi... — tentei dizer a minha amiga que não tinha sido convidada, mas Brian me interrompeu:

— Sem problema. Venha também, Nina. Falarei para minha irmã adicionar mais um prato. — Olhou para mim e apertou minha cintura. — Preferiria que você tomasse banho comigo, aqui. — Sorriu com malícia e apertei minhas pernas para parar o formigamento que há entre elas. Será que sempre seria assim quando ele falasse essas palavras de duplo sentido?

— Brian, não diga em voz alta esse tipo de coisa quando não posso arrancar minha roupa e te atacar. Eu não devo cobiçar o homem da minha amiga. — Antes que batesse em Nina novamente, ela saiu da sala dando gargalhadas da minha cara de espanto e boca aberta.

— Nina, você está proibida de tomar energético! — gritei atrás dela, que continuava rindo, mesmo sumindo do meu campo de visão. Voltei a olhar para Brian, que sorriu abertamente, aquecendo meu coração. Coloquei meus

braços em seu pescoço, colei meu corpo junto ao dele e sorri. — Uma pena termos esse compromisso, pois tudo isso me deu uma fome — soei sensual.

Ele apertou minha bunda, me colocou em cima da mesa e devorou minha boca. Eu o queria, meu corpo pedia por ele. Seu gosto era mentolado, seu cheiro, uma mistura da brisa da manhã com o ácido do hospital, e seu corpo estava pegando fogo colado ao meu.

Antes que eu começasse a aproveitar todo o seu potencial, se afastou de mim e foi para a porta gritando:

— Buscarei vocês daqui duas horas. Minha irmã odeia atrasos.

— Brian! — fiquei indignada. Como assim ele me deixaria necessitada? Novamente!

— Não é só você que precisará de um banho gelado. — Virou-se rapidamente e vi o volume na frente de sua calça. Piscou um olho para mim e saiu, me deixando com o corpo inteiro formigando.

Capítulo



Quinze

Valentine

Voltamos para o hotel em uma corrida mais amistosa do que a ida. Nina invadiu meu quarto com uma mala monstro e, depois do meu banho, perguntei a ela como aquilo se materializou.

— Um dos meus empregados trouxe para mim enquanto eu vinha de moto — falou com naturalidade e me recordei que minha amiga, além de destemida e bonita, também era muito rica e muito bem assessorada.

— Não te falta nada nessa vida, não é mesmo? — questionei enquanto penteava meu cabelo.

— Não mesmo, nem homem! — Percebi um tom irônico no final, mas descartei qualquer discussão, porque entrei no banheiro para tomar banho. Eu me perguntava se por trás dessa fala não tinha uma pitada de melancolia.

Não sabia da vida amorosa dela, o pouco que vi foram muitas paqueras, com ela sendo muito desbocada e confiante. Esse era o perfil que poucos homens eram atraídos. Além do mais, ela era mais forte fisicamente que muitos deles, intimidando mais ainda os avanços.

Não toquei mais no assunto e, assim que o tempo combinado com Brian passou, ele apareceu com sua moto no estacionamento do hotel. Antes que

pudesse ir até a minha, ele me segurou e apontou para suas costas.

— Você não vai me obrigar a ir na sua garupa novamente. — Cruzei os braços chateada. — Eu sei pilotar.

— Posso ir no seu lugar. Não tenho problema nenhum em ir abraçada a ele. — Meu olhar fuzilou Nina.

— Cada um segue com a sua. — Não convenci minha amiga, que se aproximava de nós. — Que se foda, vocês ainda vão me pagar por me fazer andar de carona.

— Pare de reclamar e aproveite para testar o guidão dele. — Nina subiu na sua moto e seguimos para a casa da irmã de Brian, Fran, sem mais reclamações.

No caminho, pensei em Jack e em como nosso último encontro foi. Não era o momento, mas precisava lembrar de conversar com ele novamente depois que toda aquela poeira abaixasse.

Assim que estacionamos as motos na frente do nosso destino, uma casa típica da cidade, somos recepcionados por dois meninos muito idênticos, de aproximadamente cinco anos, cabelos e olhos castanhos.

— Tio Ba! — os dois gritaram e abraçaram sua perna e quadril. Precisei me afastar um pouco, porque fui praticamente empurrada para longe. Sorri ao observar a interação dele com os sobrinhos.

— Gabe, Luke, como vão? Conheçam Valentine e Nina — Brian nos

apresentou enquanto os abraçava do jeito que era possível. Ele olhou para mim e piscou um olho, divertido, e as crianças apenas acenam um “oi” coletivo para nós. — Isso que dá ser a pessoa mais bonita e divertida da vida deles.

— Em seus sonhos, Brian. — Os meninos saíram em disparada para dentro de casa e Fran apareceu para cumprimentá-lo. — Olá! Vejo que trouxe sua namorada ciumenta.

Nina veio para meu lado e me olhou divertida enquanto tentava manter minha postura firme, mesmo que sentisse meu rosto aquecer.

— Desculpe por aquilo, estava muito agitada no momento, foi a adrenalina — tentei me justificar e Fran sorriu sem humor para mim.

— Foi divertido. — Estendeu a mão. — Sou Francine e se souber que você causou algum problema para o meu irmão, vou fazer da sua vida um inferno.

— Fran — advertiu Brian muito sério, mas ela apenas continuou me encarando, sorrindo cinicamente.

Segurei sua mão, retribuí o aperto firme no automático e fiquei um pouco atordoada com suas palavras e recepção. Mais ameaças? Tinha uma resposta na ponta da língua, mas me contive, ela era família e estava tentando proteger o irmão, por mais que não precisasse. Não iria me intimidar.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, depois de soltar sua mão, minha amiga falou:

— Eu sou Nina, guarda-costas de Valentine, e posso te garantir que você nunca conseguirá fazer da vida dela um inferno, mas se Brian ousar sacanear a minha amiga, a vida dele sim, será. Sou ótima em arrancar coisas. — Ela olhou para a virilha de Brian para ilustrar sua opinião e ele a cobriu com as mãos divertido.

— Calma, mulheres da minha vida, quero continuar com meu pau inteiro! Acho que irmos almoçar não seria má ideia. — Brincando, empurrou sua irmã em direção à casa. — Vá cuidar dos seus monstrinhos enquanto apresento as garotas para James. — Fran abriu a boca para falar algo, mas Brian começou a arrastá-la para dentro. Nós seguimos atrás. — Mulher, não brinque com minha paciência. — Daquela vez, o tom dele foi sério e fez com que Fran fizesse o que falou.

Brian deixou Fran entrar e ficou junto comigo e Nina no hall de entrada da casa.

— Sua irmã é tão simpática — ironizou a penetra.

— Nina! — repreendo-a.

— Desculpe por isso. — Brian esfregou as mãos no rosto e sorriu para nós. — Há coisas que acontecem na nossa vida que traumatizam mais nossa família do que a nós mesmos. — Encostou seus lábios nos meus, pegou minha mão e me puxou para dentro da casa. — Venha, vamos ver o meu cunhado.

Feitas as devidas apresentações, nos dirigimos para a sala de jantar. O

almoço foi tranquilo, na medida do possível. Sentamos à grande mesa de Fran e James. Seus filhos não ficaram muito tempo e foram logo brincar com seus bonecos de personagens de ficção.

Tentei ser a pessoa mais cordial possível, apesar dos olhares reprovadores disfarçados de Fran. Brian parecia alheio a essa interação, mas não Nina, e precisei contê-la de dizer alguma coisa por diversas vezes.

Percebia na postura de Fran que estava na defensiva. Mostrava ser insegura e possuir muito ciúme do irmão, então não cabia a mim disputar alguma coisa com ela. Nina com certeza também tinha percebido isso, mas com seu temperamento agitado desde aquela manhã, seu juízo deveria estar comprometido, impedindo que pensasse racionalmente. Essa era uma luta sem vitória para nós.

Éramos mulheres em posição de poder e muitos se espelhavam em nossas ações. Tínhamos orgulho do autocontrole, mas nem sempre conseguíamos atuar de forma perfeita, como naquela refeição.

Na hora de recolher os pratos e levá-los para a cozinha, me voluntariei para ajudar, mas fui descartada sem chance de objeção. Brian seguiu com sua irmã e fiquei com Nina e James na mesa.

— Desculpe minha esposa, ela sabe ser agressiva quando quer —O marido usou o tom conciliador.

Pelo jeito, aquela atitude estava fora dos padrões até para ele.

— Sem problema.

— Muito desagradável — Nina me interrompeu e apertei sua coxa com meus dedos para interrompê-la de dizer mais.

— Olha, os olhares assassinos foram para mim, então quem deveria estar incomodada sou eu, e como não estou, controle-se — pedi séria e me virei para falar com James. — O mesmo bicho que mordeu Fran acertou minha amiga, então apenas releve. — Suspirei e tentei apaziguar mais. — Gosto muito de Brian e acredito que ele tem mais poder em me machucar do que o inverso. Então, Fran pode ficar despreocupada.

— Vamos, Vi? Nina? — Brian apareceu muito carrancudo e apenas apontou a cozinha para James. Balançando a cabeça negativamente, o marido se levantou e foi para o cômodo indicado.

Escutei um soluço de choro e olhei assustada para Brian, que estava me puxando para a sala de estar, para dizer adeus a seus sobrinhos.

— O que aconteceu? — perguntei num sussurro, preocupada.

— Ela vai superar — respondeu irritado e com pouca confiança.

Observei-o se despedir dos meninos, e eu e Nina também o fizemos. O carinho e preocupação de Brian com seus sobrinhos era lindo e contagiante.

No automático, lembrei que faltava me despedir dos anfitriões. Saí de perto dos dois e fui para a cozinha, esquecendo completamente que algum clima obscuro entre irmãos aconteceu e eu era o motivo.

James estava abraçado com Fran e não havia mais choro. Ela abriu os olhos ao escutar minha aproximação e vi gelo em seu olhar.

— Obrigada pela comida, estava tudo muito bom. — Mesmo sem graça, ergui meu queixo com orgulho.

— Brian é um bom médico, bom homem e bom irmão. — Continuou nos braços de James, que aumentou seu aperto. Acreditei que estava tentando contê-la de dizer mais, mas não adiantou. Seguiu falando depois de um suspiro: — Vi uma vadia do Moto Clube destruir sua vida, e me mata saber que, por minha causa, ele se envolveu com esses selvagens. — Observei-a tomar fôlego para continuar e senti Brian às minhas costas.

— Supere isso, Fran. Sou outro homem desde então. — Colocou sua mão na minha cintura e apertou. — Valentine é obstinada, focada e presidirá o clube, então o que quer que Moly tenha feito para mim, já superei e você deveria fazer o mesmo, ou encontrar ajuda especializada. — Brian parecia duro em suas palavras, mas detectei preocupação e carinho. — Afinal de contas, por que nos chamou se faria esse show?

— Achei que a intimidaria.

— Não funcionou. Até logo.

As palavras dele sobre minha pessoa me aquecem por dentro e precisei me controlar para não o beijar.

Fran se soltou dos braços do marido e veio em minha direção. Brian

tentou interceder, ficando na minha frente, mas o empurrei levemente para o meu lado e enfrentei a fera.

— Você será presidente do clube? Do Selvagem Moto Clube? — surpreendida, arregalei os olhos e sorri orgulhosa ao notar que, de tudo o que Brian tinha falado, apenas se deteve naquele fato.

— Meu pai é o presidente, então reivindiquei minha posição como sucessora.

— Mas você é mulher! — Fran parecei consternada e aproveitei isso a meu favor.

— Sim, sou mulher e isso não me impedirá. Até o final dessa semana, haverá um desafio com o vice-presidente e não se engane, estou pronta para qualquer coisa. — Cruzei os braços à minha frente defensivamente, tomando cuidado com meu machucado.

Fran piscou duas vezes seus olhos e os fixou em mim, incrédula. Depois olhou para Brian e deixou sua boca aberta, em choque. Então, começou a rir e acenou com a mão, dispensando a gente e voltando para os braços de seu marido.

Brian aproveitou a deixa e me tirou de dentro daquela casa. Nina estava em sua moto, montada, esperando a gente.

— O que foi aquilo? — perguntei para Brian.

— Você me diz, você é a mulher, variação de humor é com vocês —

respondeu divertido e montou. — Deixe minha irmã pra lá, vamos voltar para o clube.

— Por favor! — exclama Nina que deu partida em sua moto.

— E quem é Moly? Qual é a história? — questionei curiosa, subindo na garupa, ainda contrariada de não estar pilotando. Colei meu corpo junto ao dele. Ele estava com sua roupa habitual toda preta e me perguntei se existia outra cor além daquela no seu guarda-roupa.

Impossível não apreciar estar abraçada com Brian, mesmo naquelas condições. Ele parecia ser feito apenas de músculos definidos, e seu cheiro era o interruptor para meus pensamentos luxuriosos.

Aguardaria sua resposta sobre essa tal de Moly ou voltaria a entrar no assunto mais tarde.

— Depois — respondeu alto, para sobressair ao som do motor das duas motos.

Dei um beliscão de brincadeira em seu abdômen musculoso e ele riu, pegou minha mão e beijou o dorso. Eu só queria não virar maria-mole com a demonstração de tanto carinho.

No caminho de volta, Nina, que estava seguindo atrás da gente, acelerou e se alinhou conosco, fazendo sinais com as mãos para Brian. Tentei identificar o que estava querendo dizer e reconheci os gestos de filmes de ação, sinais militares. Senti-o endurecer e acelerar a moto, acompanhando Nina.

— Se segura — Brian virou o rosto para falar quase ao meu ouvido e aumentei o aperto em sua cintura, tomando cuidado com o braço machucado. Coloquei minha bochecha em suas costas e, pela minha visão periférica, vi duas motos esportivas *Kawasaki* Ninja 1000, verdes. Eles estavam com roupas pretas de couro e capacete.

Curiosa sobre as motos e seus ocupantes, virei minha cabeça novamente. Percebi que um deles ergueu uma arma AK-47 e apontou em nossa direção.

— Um fuzil! — gritei e senti Brian acelerar mais ainda a moto, cortando os carros e furando sinais. Escutei tiros dados em nossa direção enquanto as manobras eram executadas.

Merda! Estava tomando todo o cuidado com meu braço machucado, mas esqueci-me dele e tentei fundir meu corpo junto ao de Brian, e fiquei um pouco preocupada que aquela era a segunda vez que tentavam me matar naquela semana.

Vi Nina fazer mais gestos com as mãos para Brian e fiz uma nota mental para aprender esses malditos sinais e seus significados, uma vez que deveria ser universal e muito útil para situações como aquela.

Ela reduziu a velocidade e virei minha cabeça para olhar o que ia fazer. Não consegui acompanhá-la, porque Brian virou uma esquina.

— Para onde ela foi? — gritei quando ele virou em outra esquina. Olhei

para trás e não vi nenhuma moto. — Nina não está atrás da gente!

— Já vamos encontrá-la, precisamos chegar o mais rápido no clube e pedir reforços.

— O quê? Ela foi enfrentar os dois sozinha? — reclamei, preocupada.

Mais algumas curvas, e andando muito acima do limite de velocidade permitido, chegamos ao Moto Clube. Brian não me deu uma resposta.

Assim que desligou a moto, bato, nem um pouco de leve, em seu ombro.

— Como você deixa minha amiga para trás? — Saí da moto e comecei a andar de um lado para o outro.

— Está tudo sobre controle, ela tinha mais vantagem que eu. — Brian desceu e veio em minha direção. — Acalme-se e vamos falar com Rock para pedir reforços.

— Não me peça para me acalmar! — Desviei dele e segui para dentro da sede do clube, com ele logo atrás. — Cadê a sua arma?

— Eu não a levo quando vou para a casa da minha irmã por causa das crianças. — Passou na minha frente, abriu a porta do salão para mim e chamou pelo membro.

Rock e Peter apareceram em nossa frente rapidamente, eles estavam jogando sinuca. Outros membros do Moto Clube estavam nos sofás assistindo

televisão, mas nenhum se virou para verificar o que estava acontecendo.

— O que foi? — perguntou Rock.

— Peguem suas armas, duas Ninjas estão atrás da amiga de Valentine a uns três quilômetros daqui. — Brian correu em direção ao corredor de quartos, enquanto Rock e Peter seguiram para parte de trás do bar e pegaram duas pistolas. Estava impaciente, mas fiquei no mesmo lugar observando suas ações.

Brian retornou e correu para fora. Eu e os outros dois rapazes o seguimos.

— Vi, você fica. — Nem olhou para mim, apenas subiu na sua moto e não me deixou protestar. — Seu braço, você está ferida.

Rock e Peter foram com ele, e eu, muito irritada, fui atrás de uma moto que tinha a chave na ignição. Montei e os segui sem avisar.

Quem ele pensa que é? Machucada ou não, eu também fazia parte daquela irmandade.

Três quilômetros depois, assim que vi a moto de Nina estacionada perto do acostamento, parei e fiquei chocada. O que vi me surpreendeu e acredito que o mesmo aconteceu com os três Selvagens, porque todos estavam imóveis e sem descer de suas motos.

Capítulo



Dezesseis

Valentine

— Nina! — gritei, fazendo com que todos na rua me olhem. Desci da moto, deixo-a no acostamento e saio correndo em direção à minha amiga.

Havia um grande aglomerado de pessoas na rua. Brian, Rock e Peter também descem de suas motos e vão na mesma direção que eu.

Cheguei perto de Nina e olhei para o chão, onde os dois perseguidores estavam deitados desacordados, sem seus capacetes e sem suas armas. Nos dois havia sangue escorrendo pelo nariz e um pouco caindo da boca.

— O que você...

— Por que não ficou no clube? — indignado, Brian chegou e cortou minha pergunta a Nina.

— Por que VOCÊ não ficou no clube? — Virei-me em sua direção devolvendo a sua indignação. Destaquei a palavra você e coloquei as mãos na cintura. Incrível como os homens motociclistas achavam que mandavam em alguma coisa.

— Ih, irmão, essa é arisca — comentou Peter, sorrindo para nós dois e depois voltou seu olhar para minha amiga, que suspirou e segurou seu próprio braço. — Merda. — Peter se aproximou dela.

Segui seu olhar e vi sangue manchando a roupa preta de Nina.

— Você foi ferida! — Virei para o lado, para chamar Brian, mas ele já estava próximo. — Por que tem que bancar a heroína? — repreendi-a.

— Acho que essa resposta é a mesma para o motivo de você não ter ficado no clube — Brian falou, mas não parecia bravo, apenas preocupado. Ele olhou o braço de Nina e franziu a testa. — Preciso remover a roupa de cima do machucado para verificar melhor se precisará de pontos ou não. Você está bem para andar de moto?

— Estou pronta para uma luta na selva agora. — Nina observou Peter, que estava verificando os outros dois estirados no chão. — Foi apenas um arranhão, vou sobreviver.

Peter assoviou.

— Boneca, você nocauteou os dois com perfeição — admirou.

— Não vou dizer que foi fácil, mas com certeza foi emocionante. — Nina sorriu, tentando esconder a dor de Peter. — E me chame por esse apelido novamente e perderá uma de suas bolas.

— Relaxa. — Ele se levantou, bateu suas mãos na calça de couro e encarou Nina. — Conseguiu perguntar alguma coisa, quem são e seus objetivos, antes de apagar o disjuntor deles?

— Não, loirão, estava muito ocupada evitando levar uma bala na cabeça — ironizou.

Antes de responder, Peter fez uma careta para o barulho de sirenes que começaram a soar.

— Merda, Doc, a polícia.

As pessoas aglomeradas começaram a conversar entre si e alguns dispersaram.

— Doc, leve as garotas para o clube, eu e Peter assumimos daqui. — Rock chegou perto de nós, todo imponente. Olhou ao redor com suas feições de mal-encarado e os curiosos começaram a se afastar, com medo.

— Vamos então — Brian disse envolvendo a cintura de Nina com um braço, a mão em seu cotovelo direcionando-a para sua própria moto. Involuntariamente, uma pontada de ciúme me atingiu e rapidamente agi.

— Ela vai comigo, pode deixar. — Tirei-a dos braços de Brian, olhei para minha amiga, que franziu a testa e depois sorriu de orelha a orelha. — Já melhorou, *Ramba*? — perguntei, mal-humorada.

— Nunca estive ruim. — Riu alto, virou para Brian e piscou. — Vamos brincar de médico depois?

Seu comentário faz com que algo dentro de mim mudasse. Sempre controlei meu lado emocional, principalmente porque Jack não aceitava muito bem. Agora, esse controle tinha sido esmagado e estava a ponto de explodir e meu corpo, principalmente meu rosto, começou a aumentar de temperatura.

Ao som da sirene mais alta, com minha cara como um pimentão de tão

vermelha, escutei Brian rir e subir na sua moto. Montei na minha, esperei Nina subir também e dei partida.

— Não chegue muito perto, senão vai me manchar de sangue. — Estou chateada com a brincadeira dela e não queria pegar leve, mesmo estando machucada.

Ignorando minha advertência, ela grudou em mim, colocou seu queixo no meu ombro e debochou:

— Quem sabe assim viramos irmãs de sangue? — Respirou profundamente. — Engraçado, é a primeira vez que você demonstra ciúmes, Val.

— Afaste-se. — Remexi no banco, tentando me livrar do seu abraço, mas não me soltou.

— Vadia, pense melhor e depois você fala comigo. — Não parecia ofendida com minha observação. Parei de me remexer no banco e acelerei a moto.

Segui em direção ao clube, com Brian na minha frente, e comecei a refletir sobre o que Nina falou. Ela estava paquerando Brian de brincadeira e não deveria levar a sério ao ponto de sentir ciúmes. Realmente nunca o demonstrei antes com Jack, mas com Brian foi quase incontrolável.

O que será que estava diferente?



Não precisamos ir ao hospital, porque Brian tinha abastecido os suprimentos do clube quando chegou do seu plantão, antes de irmos à casa de Fran. Ele fez questão de salientar que ter duas mulheres no Moto Clube aumentariam os acidentes, então não poderia ficar sem material médico para suturas e fraturas. Não pude me conter. Mesmo sabendo que era brincadeira, mostrei o meu dedo médio depois dessa indireta machista, enquanto ele costurava o braço da minha amiga. Ela, por sua vez, apenas fez cara de donzela em perigo, piscando seus olhos várias vezes para Brian, e sorrindo provocadora para mim.

Nina estava começando a me tirar do sério.

— Mantenha seco — Brian orientou assim que terminou a sutura.

— Seco não é bom. — Usou da malícia para me fazer explodir.

— Você quer me enlouquecer, Nina? — Levantei-me da poltrona em que estava sentada no quarto de Brian, e a encarei, furiosa. — Chega dessa paquera, palavras com duplo sentido e sugestivas para o MEU HOMEM. Arranje um pra você!

— Vi — Brian me chamou, havia diversão e calma no seu tom, o que me deixou mais irritada. Nina apenas arregalou seus olhos de forma inocente.

Saí igual um furacão do quarto, bati a porta e instintivamente fui para o canto do meu pai. Família sempre foi meu refúgio, mesmo escondendo tanto de mim dos meus pais. Parei, respirei fundo para me recompor, bati na porta e a abri

vagarosamente.

Meu pai estava deitado na cama, seu semblante era sereno e seus olhos estavam fechados.

— Pai? — Enquanto caminhava em sua direção depois de fechar a porta, vi que ele se movimentou na cama com dificuldade, mas conseguiu abrir os olhos e se sentou, encostando-se à cabeceira. Sentei-me ao seu lado e o ajudei a ajeitar as almofadas em suas costas. — Como você está?

— Morrendo — respondeu e não havia sarcasmo, apenas tristeza.

Olhei para seus olhos, mas não consegui ficar o encarando por muito tempo. Observei sua cabeça careca e tentei lembrar quando ela possuía muitos fios de cabelo preto, sedoso e bagunçado.

Pensei no que falar e decidi pelo mesmo assunto de morte.

— Tentaram nos matar mais uma vez — soltei sem filtro. Ele podia estar morrendo, mas isso não seria motivo para omitir informações. — Alguma coisa que preciso saber?

— Não será a última vez. — Meu pai suspirou e me encarou profundamente, preocupado. — Eu e sua mãe... não queríamos você nessa vida. Ela é muito arriscada... além de nos obrigar a nos afastar... de quem a gente ama.

— Ser presidente do Selvagem é sua justificativa por não estar junto com minha mãe? É isso o que você quer dizer? — perguntei, aproveitando a oportunidade de saber mais de um assunto que ela não gostava de falar.

— Isso, e porque... nunca fui digno... sua mãe era muito correta... para a minha vida muito torta — meu pai respondeu pausadamente. Vi o cansaço em seus olhos e corpo por dizer aquelas poucas palavras.

— Você não acha que deveria ser ela a escolher que vida seguir? — Considerei a questão como se fosse comigo.

— Talvez... mas não era forte o suficiente... para lutar pela família. Eu sempre fui um Selvagem... essa família sempre precisou de mim.

— E nós de você. — Lágrimas ameaçaram escorrer, e forcei-as a ficarem enclausuradas. Meus sentimentos estavam descontrolados e culpei Nina por começar aquela desordem. — Ela pode me matar pelo que vou dizer, mas sei que te ama até hoje.

— E eu a amo... amo vocês duas. — Sorriu saudoso e suspirou. — Lutei tanto... para que isso não acontecesse... Você será a presidente... você verá o peso... do cargo... o peso dessa... família.

— Eu sei, mas farei diferente de você. Aprendo com o erro alheio também, pai, não só com os meus. — Sorri e segurei a sua mão. — Eu gosto de Brian.

— Ele é um bom rapaz. — Tentou apertar minha mão, mas não possuía forças. — Muito protetor... será bom pra você... seja boa pra ele.

— Eu sei me cuidar e ele também. — Fiz um pouco de bico e meu pai sorriu. Lembrei-me de algo que Brian falou e perguntei: — Ele me contou que

você falava de mim para ele.

— Sim... desde quando você comprou... uma moto... com dezoito anos. — Balançou a cabeça em negação. — Você sempre... me surpreendeu... tão parecida comigo...

— Por que falar de mim para ele?

— Não são só mulheres... que precisam... desabafar. Depois que falei... a primeira vez... de você para ele... começou a me perguntar mais... ele te admirava... acho que... mesmo não te conhecendo... gostava de você. — Começou a respirar com dificuldade. — Estou tão... cansado!

Sua revelação inicial me chocou, mas guardei aquela informação para analisar depois, porque precisava ajudar meu pai agora, ele estava esgotado.

— Sim... desculpe, pai. — Levantei-me e ajudei-o a se deitar novamente. — Não deveria estar fazendo você conversar tanto.

— Eu gosto... — Fechou seus olhos.

— Eu também — sussurrei, beijando sua testa e fui para seu banheiro enxugar as lágrimas desobedientes que escorreram pelo meu rosto.

Brian praticamente me conhecia antes de nos encontrarmos pela primeira vez. Ele sempre gostou de mim, meu pai afirmou e... não sei o que fazer com essa informação. Será que era verdade? Será que isso existia, gostar de alguém sem antes ver ou conhecer?

Meu pai era distante, muito agressivo, mas continuava sendo meu pai. Minha mãe nunca reclamou de sua postura ou credibilidade, apenas da distância e teimosia. Foi muito ruim crescer sem uma figura paterna presente todos os dias, mas seria pior ainda com ele ausente definitivamente.

Eu não estava pronta para sua partida definitiva e não sabia se algum dia estaria.

Capítulo



Dezessete

Valentine

Saí do banheiro do quarto do meu pai de cara lavada, e vi Brian sentado na cama ao lado dele. Aproximei-me e percebi que estava verificando seu pulso.

— Está fraco. — Brian olhou para o meu pai e respondeu à minha pergunta silenciosa.

— Eu o cansei. Não deveria ter conversado muito.

— Não é sua culpa. — Levantou-se e me abraçou, e esqueci que saí de seu quarto como uma louca. Me sentia muito fraca emocionalmente no momento, então envolvi meus braços em seu pescoço e recebi seu carinho e consolo, tão necessitados. — Venha, vamos deixá-lo descansar.

Brian saiu do quarto segurando minha mão e me guiou para o seu.

— Cadê Nina? — perguntei assim que entrei, olhando para todos os cantos e relembrando o que tinha acontecido apenas alguns minutos atrás.

Para a minha surpresa, Brian me pegou no colo e, como uma noiva, me deitou na cama. Pairou acima de mim com seus braços em posição de flexão e suas pernas levemente dobradas no meio das minhas.

Olhar predador, sorriso com malícia e movimentos calculados me

fizeram aquecer por dentro, e meu coração acelerou, porque suas vibrações estavam me deixando nervosa e excitada.

— Então me conte... sou seu homem? — questiona e tentei contextualizar sua pergunta, lembrando de Nina dando em cima dele, e eu o anunciando como meu homem, como uma namorada muito ciumenta.

Céus, não estava me reconhecendo, perdi o controle!

Coloquei minhas mãos no rosto e fiquei envergonhada com minha cena de ciúmes. Gemi quando ele riu da minha reação.

— Não ria, estava um pouco descontrolada. Normalmente não sou assim, não tenho ciúmes. — Tirei minha mão do rosto para espiar e Brian se abaixou para beijar meus lábios, suave e carinhoso.

Coloquei minhas mãos em sua nuca e puxei-o em minha direção, aprofundando o beijo, tornando-o sedutor e saboroso. Seu corpo desceu e se aconchegou ao meu. Uma perna minha se levantou e enlaçou a sua. Senti sua excitação e arqueei meu quadril para o seu no mesmo momento que sua mão apertou minha cintura.

— Brian — gemi seu nome e esqueci qualquer vergonha ou inibição. Meu corpo estava aceso, em chamas. Só precisava confirmar que estávamos bem e que ele era meu.

Sua boca abandonou a minha e seguiu para o meu pescoço, lambendo e mordendo.

— Então... sou ou não sou seu homem? — perguntou novamente, mas meu cérebro virou gelatina e não conseguia mais processar nada do que ele falava. Só tinha uma coisa na minha cabeça: sexo.

Ele apertou meu seio por cima da camiseta e investiu em mim com seu quadril, uma, duas, três vezes. O movimento me fez quase alcançar a plenitude e meus quadris começaram a se movimentar também, porém Brian se levantou em posição de flexão e sorriu de forma sensual.

— Por que parou? — questionei infeliz, deixando minhas mãos pousarem ao meu lado. Levantou uma sobrancelha e não disse nada. — Por quê? — perguntei novamente e seu sorriso se transformou em uma seriedade sensual de outro nível. Assim, iria me hipnotizar e faria o que ele mandasse.

— Sou seu homem — afirmou depois de algum tempo nos encarando, e daquela vez não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Deixei as palavras invadirem minha mente e serem processadas pelo meu corpo. Minha temperatura aumentou e, se possível, meu coração acelerou ainda mais. Ele estava se dando para mim, bem diferente do tomar que estava esperando e me senti... bem, muito bem.

— Meu — sussurrei, colocando toda a posse e ciúme naquela única palavra. O sorriso dele aumentou e um entendimento entre nós aconteceu. Estávamos nos doando um para o outro, era uma questão de entrega e não posse. — Sou sua mulher.

Entreguei-me de bom grado a ele e não me permiti pensar sobre o tempo que nos conhecíamos. As circunstâncias em que nos encontramos tornou tudo mais intenso, fazendo com que confiássemos um no outro apenas por sermos nós mesmos.

— Minha! — diferente do meu sussurro, suas palavras saíram firmes e vorazes. Sua boca encontrou a minha novamente e suas mãos foram para a barra da minha camiseta, removendo-a rapidamente e me deixando apenas de sutiã. Observou bem meu corpo e sorriu mais ainda. — Você é linda, e é toda minha! — Começou a beijar minha clavícula, entre meus seios, e depois abaixou um bojo, sugando o seu objeto de desejo.

Arqueei meu corpo em sua direção e Brian aproveitou para desfazer o fecho do meu sutiã e removê-lo.

Ainda dando muita atenção para os meus seios com a boca, sua mão foi para minha calça e a desabotoou com pressa. Enquanto estava gemendo, ergui meus quadris ajudando-o a remover a calça e a calcinha, junto com os coturnos, ficando totalmente nua sob seu corpo.

Ele parou por pouco tempo para me olhar e logo voltou a beijar minha barriga, quadril e entre minhas pernas. Minhas mãos seguram firme seu cabelo, enquanto eu rebolava, aproveitando tudo o que a boca de Brian tinha para me oferecer.

Seus lábios causavam choques de prazer, enquanto sua língua estava

transformando-me em luxúria pura. Sabia exatamente onde me tocar, como fazer e quando pressionar.

— Assim... Brian! — Estava descontrolada enquanto tinha um orgasmo delirante. — Puta merda! — ofeguei, e Brian subiu em meu corpo deixando rastros de beijos, lambidas e mordidas até chegar à minha boca, e ficarmos olho no olho. — Tem certeza de que não é ginecologista? — Tentei colocar humor na nossa interação para equilibrar meu emocional, que estava nadando no rio dos bobos apaixonados.

— Sim, mas não me importo de te examinar todos os dias. — Lambeu meus lábios e abri minha boca para acomodar a sua, e sua língua se fundiu com a minha.

Peguei na barra da sua camiseta e a levantei para que fosse removida. Interrompi o nosso beijo, saindo da cama, retirando o resto da sua roupa. Completamente nu, voltou para cobrir meu corpo com o seu.

— Quero testar algo novo. — Sentou-se entre minhas pernas abertas com as suas cruzadas. — Com ou sem camisinha? — perguntou, segurou minha mão e me puxou para me sentar no seu colo. Senti sua ereção pressionar minha virilha e movimentei meu quadril involuntariamente.

Brian segurou meu quadril, me apertando carinhosamente. Depois, me imobiliza, solicitando minha atenção.

— Quero isso tanto quanto você, mas preciso saber se faremos com ou

sem camisinha. A decisão é sua — pediu e ponderei minha atual situação.

— Podemos fazer sem, faço exames regularmente e tomo anticoncepcional. — Beijei-o e coloquei minhas mãos em seu pescoço, aproveitando tudo o que aquela posição poderia me proporcionar. Ele era médico, acreditava que também fazia exames regularmente e não iria ter relações comigo sem preservativo se tivesse alguma doença.

— Não foi por isso que perguntei. — Entre os beijos, me ergueu levemente e se posicionou na minha entrada, arrancando um gemido dos meus lábios. Mordeu suavemente meu pescoço, me penetrando lentamente, e sussurra no meu ouvido: — A decisão é sua para o que você quiser de mim. Posso ser amante, seu homem, pai dos seus filhos...

Não tinha intenção de engravidar. Estava chocada com sua declaração, que elevava sua doação a mim para outro nível. Encarei-o e meus olhos brilham de admiração. Sorri amplamente e comecei a me movimentar para cima e para baixo.

Assumi os movimentos e suas mãos foram para meus seios, apertando e massageando. Seus lábios assumiram o lugar das mãos e meus movimentos deixaram de ser apenas sobe e desce, eles se transformaram em sobe, desce, rebola, para frente, para trás, esfrega...

O controle da situação me deixou livre para ditar a frequência e os movimentos em seu colo. Muito rápido, encontrei meu ponto de luxúria máxima

e levei Brian junto comigo para o mundo do êxtase.

— Vi — Brian gemeu na minha boca, enquanto seus braços me apertavam de forma calorosa e seu membro latejava dentro de mim.

Abracei-o forte. Estava ofegante e com o coração saindo pela boca.

Sem sair de dentro de mim, depois de alguns momentos um nos braços do outro, Brian se levantou comigo ainda em volta dele, e nos levou para o banheiro.

— Apesar de adorar esse cheiro de sexo na gente, vamos tomar banho e descansar um pouco.

— Preciso ir atrás de Nina.

— Ela já é grandinha e sabe se cuidar.

— Mas quase a mataram, deve estar surtando como eu.

— Playboy e Rock estão tomando conta dela, pode relaxar comigo. — Sorriu com malícia, mostrando que tinha tudo planejado.

— Sem objeção da minha parte — cedi sorrindo e entramos debaixo do chuveiro.



Relaxados, estávamos apenas curtindo nossa proximidade. Ainda nus, aproveitei que ele estava deitado de costas no meio da cama para ficar abraçada

ao seu lado, cabeça em sua clavícula, dedos deslizando em seu peito definido e cheio de tatuagens.

Estávamos em paz, em um mundo de amor recíproco e satisfação.

Interrompi nosso silêncio e movimentei minha cabeça para olhar seu rosto.

— Meu pai me contou que você perguntava sobre mim para ele — abordei parte da conversa que tive.

Brian respirou fundo e continuou a olhar para o teto, seus dedos da mão deslizando pelo meu quadril e bunda, numa carícia hipnótica.

— Não entendia o que acontecia comigo, mas sempre me pegava perguntando ao seu pai sobre você quando estávamos sozinhos, discutindo sobre o clube, e tomando nossa cerveja. — Sorriu saudoso. — Como uma novela, queria saber o próximo capítulo, a festa que tinha ido, a empresa que tinha te contratado, os argumentos que você tinha usado para não precisar de ninguém te levando ou buscando para os lugares que queria ir... — Movimentou- se, virando de lado para ficarmos cara a cara, a poucos centímetros de distância entre nossas bocas, compartilhando as respirações. — Eu fantasiava em te encontrar, porque já te conhecia muito bem.

— Por que não o fez? — Estava fascinada. Talvez não tivesse percebido, mas, para mim, estava sendo uma verdadeira declaração de amor.

— No início, estava com Moly. — Manteve a carícia em minha bunda

enquanto continuava se abrindo. — Namorei com ela por um tempo, logo que entrei para o Selvagem. Nosso relacionamento não era saudável, ela abusava das drogas, principalmente do *crack* e da bebida. Achava que a amava. Tentei cuidar dela, levando-a para reabilitação. Quando voltava, seguíamos numa rotina quase normal, ela até me idolatrava. — Beijou meus lábios docemente, depois meu nariz. — Depois da quinta vez... — arregalei os olhos, sem acreditar que insistiu por tanto tempo naquele relacionamento. — Eu ia apenas abandoná-la, afinal estava usando drogas novamente quando me prometeu não o fazer. Então, ela sumiu por uma semana e descobri que tinha se envolvido com os mesmos traficantes que quase mataram minha irmã.

— O quê? Sua irmã, envolvida com traficantes? — Coloquei minhas mãos em seu peito e sentir seu coração bater; sua respiração estava ritmada e tranquila. Ele segurou minha mão na sua e a beijou com ternura.

— Ela socorreu no hospital um usuário que devia muito dinheiro a eles. O rapaz quase morreu no beco, mas alguém chamou a emergência e minha irmã teve o azar de atendê-lo. — Ele fechou os olhos, suspirou e quando os abriu, estavam um pouco sombrios. — Nem uma hora depois de sua chegada, os traficantes invadiram o hospital para matar efetivamente o delinquente e minha irmã, que estava ao seu lado, tentou proteger o paciente, mas levou uma surra e ficou marcada.

— Marcada? Será que eles ainda estão atrás dela? — perguntei

preocupada, mesmo que essa mesma irmã não parecesse ter gostado de mim.

— Não... eles estão apenas em alerta. Quando soube do ocorrido, andei pela cidade procurando uma solução, pois minha irmã estava ficando paranoica, entrando em depressão, e não saía de casa. Entrei no bar que os motociclistas Selvagens costumavam fazer parceria e contei minha história para o homem atrás do balcão, achando que ele era apenas um bartender. No final da noite, descobri que era o presidente do Moto Clube e estava naquele lugar apenas para pegar uma bebida quando o abordei.

— Uau, que louco. O que meu pai fez? — Mesmo se tratando de uma tragédia, algo muito grave, apreciei a história, porque sabia que os dois estavam vivos e seguros até aquele momento.

— Ele intermediou uma negociação em dinheiro para o chefe desse traficante. Isso quer dizer que comprou a vida da minha irmã do traficante e eu, de bom grado, me ofereci para ser o médico que atenderia todos os membros do clube quando precisassem. Estava terminando minha residência em Clínico Geral e pretendia me especializar em Pediatria, mas mudei os planos, porque seu pai só aceitaria o acordo se me tornasse parte do Moto Clube.

Arregalei os olhos, admirada. Ele parecia firme, sério, mas tinha um grande coração.

— Então, você aceitou e virou um Selvagem?

— Não tão simples como você diz, mas sim, foi isso. — Enroscou uma

perna na minha e senti seu membro encostar-se à minha barriga. Ele estava duro e latejando.

Arrepiei-me inteira.

— O que você precisou fazer para se tornar um Selvagem? — Saiu sussurrado e sensual, como uma promessa de luxúria. Ele levou a mão para o meu seio e apertou levemente, brincando com o bico.

— Precisei mostrar que sabia usar uma arma, sabia lutar e andar em uma moto. — Beijou meu pescoço, movimentando seu quadril. Meu corpo se acendeu novamente, minha pele ficou em chamas e não contive um gemido.

— O desafio — sussurrei.

— Muita conversa e pouca ação. — Invadiu minha boca com sua língua, mudando de posição para ficar em cima de mim, esfregando seu quadril no meu.

Não discuti e segui sua liderança. Abri mais minhas pernas, recebendo toda a ação que ele queria me dar. E quando atingimos o clímax, meu coração tomou as rédeas da minha vida, me fazendo entender que estava mais do que apaixonada por aquele homem.

Tudo o que fiz para me tornar uma pessoa racional foi jogado para escanteio e isso me preocupou. Muito.

Capítulo



Dezoito

Doc

Acordei sorrindo e completamente embriagado da noite passada. Muito foi dito, muito se fez e tudo foi sentido. Eu era de Valentine, tanto quanto ela era minha, e isso me transformou no homem mais realizado do mundo.

Assim que percebi que minha cama estava vazia, a sensação mudou repentinamente. Mulher inquieta, não poderia dormir uma noite completa comigo?

Levantei-me da cama e notei o celular e as chaves da Vi em cima do armário de cabeceira, então respirei fundo. Com certeza estava dentro da sede do Selvagem, poderia estar falando com o pai.

Mesmo que minha decisão de tomar sua filha não dependesse de sua opinião ou benção, eu queria seu consentimento. Ela era valente, teimosa e completamente minha. Queria que John soubesse que poderia ficar descansado, porque se dependesse de mim, nada iria acontecer a ela enquanto estivesse comigo.

Tomei um banho rápido e segui até o quarto do homem que era meu amigo e uma figura paterna. Dei duas batidas suaves na porta, entrei e encontro Pres estirado no chão.

Não pensei duas vezes, corri a seu encontro, procurei seu pulso e não encontrei.

— Merda, John, esse não é o momento de morrer! — Arrumei sua posição e comecei a fazer massagem cardíaca.

Um, dois, três, quatro, cinco.

Resista, homem!

Ventilo ar por sua boca.

Preciso que saiba que amo sua filha!

Grito.

— Ajuda!

Volto para a massagem e, com toda a disposição que possuía, continuei meus movimentos até que Rock me encontrou, ligou para a emergência e tentou localizar Valentine.

Eu a amava tanto e não queria despedaçar seu coração.

Capítulo



Dezenove

Valentine

Mesmo exausta, saí do conforto da cama e dos braços de Brian, vesti minha roupa e vi o horário no relógio na cômoda de cabeceira. Já passava das duas da manhã e não tinha falado com Nina, muito menos voltado a conferir os documentos do clube. Brian continuava dormindo, deitado de costas, nu e com o lençol cobrindo apenas seu quadril. Nunca pensei que aguentaria uma noite de sexo intenso e vários orgasmos. Na verdade, não sabia nem que era possível, então *hei*, acho que ganhei na loteria!

Sem acordá-lo, fui para o escritório e lá fiquei trabalhando até o sol raiar. Esqueci o horário e minhas necessidades básicas, apenas foquei na organização daqueles documentos ,que poderiam me dar provas suficientes para incriminar Lorenzo, ou qualquer outra pessoa que queira prejudicar o Moto Clube.

Olhando para as cinco escrituras de lotes pertencentes ao Selvagem, que era uma das divergências que encontrei nas declarações ao fisco, vi que duas delas foram transferidas para o nome de Brian ainda aquele ano, e que anteriormente estavam em nome de outra pessoa, que não era de ninguém da irmandade ou do meu pai. Porém, os pagamentos da manutenção e da

transferência desses dois lotes foram feitos pelo Selvagem Moto Clube.

Brian usou o dinheiro do clube para comprar os lotes para ele? Será que existia construção neles?

Mil e uma perguntas invadiram a minha mente e a desconfiança, antes extinta, retornou a todo vapor. Meu coração dizia que existia uma explicação plausível, mas meu lado racional já imagina vários cenários. Estava na dúvida de investigar essas informações sozinhas ou perguntar diretamente para Brian. E se ele mentir para mim?

Poderia perguntar para o meu pai. Também tinha a opção de investigar junto com Nina e sua equipe de *hackers*. Ainda não estava decidida sobre o que fazer, então separei os documentos e anotei minhas dúvidas e informações para investigar posteriormente.

Os dois armários de documentos estavam abertos e vazios. Os papéis que ficavam guardados neles estavam espalhados pela sala e, ao mesmo tempo, estava analisando e organizando tudo.

Esperava que Marco tivesse deixado alguma pista sobre as irregularidades que estava fazendo e para quem. Os maiores gastos ainda eram as transferências semanais para contas específicas, sem nota fiscal, recibo ou anotação. O dinheiro que entrava parecia correto, mas o que saía, não.

Estava tão distraída e focada que não percebi que alguém bateu à porta. Também não notei que a pessoa entrou e estava parada ao meu lado. Enquanto

analisava um documento, anotando observações em meu caderno, levei um susto ao escutar uma voz grossa e com tom sério ao meu lado:

— Doc, encontrei ela. — Pulei da cadeira, virei meu rosto e encarei um Rock sombrio com o celular na orelha. — No escritório... não, acho que não sabe... tudo bem. — Desligou o celular e o colocou no bolso interno do colete.

— Está tudo bem? — perguntei com a testa franzida.

— Não te passou pela cabeça trazer seu celular junto com você? — perguntou ríspido.

Assustei-me com sua truculência e imediatamente apalpei meus bolsos, levantei documentos e não encontrei o aparelho. Merda, não lembrei do celular. Antes que pudesse me desculpar, fui abordada de forma grosseira novamente:

— Típico, esqueceu de pegar a porra do aparelho quando mais precisávamos falar com você.

— Escuta aqui. — Levantei-me e, sem meus saltos, ficava muito baixa perto dele, mas não me deixei intimidar e endureci a minha voz: — Não devo satisfação a ninguém do que faço e para onde vou, então não dê uma de namorado preocupado, porque você não é! — elevei o tom e deixei minha raiva extravasar.

— Bem, porra, avisarei a Doc que ele mobilizou eu, Logan, Peter e Playboy à toa, porque o preço pela sua cabeça não significa nada, então, deixa acontecer, fique vulnerável — retrucou com raiva controlada e se virou para ir

embora.

— Como assim o preço pela minha cabeça? — Segui-o até a porta. Ele parou e se virou.

— Os rapazes de ontem eram assassinos de aluguel de outro Moto Clube da cidade. Existe um preço pela sua cabeça. — Cruzou os braços e transformou a raiva em preocupação. — Podemos não nos conhecer o suficiente para sermos melhores amigos, mas você é filha do Pres, além de ser mulher de Doc. Ele é família, então você é família também. — Abrandou no final, fazendo meu coração palpitar.

— Rock. — Estava completamente desarmada e encabulada por saber disso. Porém, voltei ao foco daquela conversa. — Você acha que é culpa do Lorenzo os assassinos estarem na minha cola?

— Ele anda ausente da sede desde quando você chegou. Seu papel no clube se tornou oculto quando seu pai adoeceu, mas... não há nada de concreto. Também não conseguimos tirar informações dos dois que sua amiga abateu. A polícia está com eles sob custódia e provavelmente serão livres depois de pagar fiança. — Suspirou e abriu a porta. — Ou seja, todo cuidado é pouco. Vamos?

— Aonde? — perguntei, acompanhando seus passos.

— Hospital. — Um banho de água fria caiu sobre mim e imediatamente a imagem do meu pai, doente, invadiu minha mente. — Pres teve uma parada cardíaca agora de manhã e Brian o levou às pressas para o hospital, e desde

então estamos tentando te localizar.

Não esperei por ele, apenas segui para o estacionamento, passando pelo grande salão, sem olhar para os membros do clube que me cumprimentaram no caminho. Ignorei, porque o remorso e a angústia me dominaram. Assim que cheguei ao estacionamento, parei e lembrei que minha moto não estava ali. Minha visão começou a ficar embaçada, eram lágrimas não derramadas que se acumulavam nos meus olhos. Tinha que buscar minha moto. Procurei a chave nos meus bolsos e não achei. Não conseguia raciocinar direito, andei de um lado para o outro e tentei lembrar o último lugar em que estive e com quem estava.

Brian!

Corri para dentro da sede do Moto Clube novamente e Rock me parou no meio do caminho com uma mão na minha cintura.

— Me solta, preciso do meu celular, da minha chave... — Estava atordoada e algumas lágrimas caíram dos meus olhos.

— Shiiii... calma. Tenha calma. — Sua voz era suave e me segurou em um abraço de urso. Então, abaixa seu tom e diz no meu ouvido: — Todos estão olhando para o futuro presidente do clube perdendo o controle. Peguei seu celular no quarto do Brian, e Playboy está no carro esperando a gente. Vamos.

As palavras de Rock conseguiram desligar meu emocional e ligar meu lado racional, como se fosse um disjuntor. Reconheci as palavras dele e parei de espernear na hora. Respirei fundo, ajeitei meu cabelo e enxuguei

disfarçadamente minhas lágrimas. Rock seguiu para o estacionamento e apenas o acompanhei, daquela vez sem demonstrar emoção, apenas séria e concentrada.

Meu mundo estava começando a ruir e não podia esquecer que tinha um objetivo estando no Selvagem. Precisava demonstrar força e equilibro e não fraqueza e descontrole.

Perto do portão, Playboy estava com a M5 estacionada, esperando por nós. Entrei no banco do passageiro da frente, afivelei meu cinto e respirei fundo. O couro do banco serviu como um relaxador de nervos.

— Tudo bem, Valentine? — Playboy perguntou, assim que seguiu para fora da sede. Não detectei nenhuma preocupação em seu tom e agradeci por isso. Precisava de frieza e indiferença para conseguir controlar meu emocional.

— Estou bem. Ele estava doente, então era previsível, certo? — respondi sem emoção, controlada.

Ninguém respondeu minha pergunta, e não esperava que o fizessem. Estava usando o máximo da minha postura profissional, ocultando minhas emoções e minha instabilidade emocional. Precisava de consolo, mas ninguém no carro poderia me oferecer. Logo iria encontrar Brian, e teria alguém para me consolar e me fazer ficar firme.

Nosso percurso para o hospital foi feito em silêncio, e permanecemos assim até nossa chegada.

Rock parecia conhecer uma funcionária que estava na recepção, que,

depois de trocar umas breves palavras com ele, indicou uma sala, e seguimos para o local indicado. Ao entrarmos, vimos Brian junto com Fran e mais outros profissionais da saúde, todos vestidos com a roupa azul, em um semicírculo, analisando alguns papéis, que suspeitei serem exames.

Tirei um momento para admirar Brian e percebi o quanto ficava diferente daquela forma. Suas tatuagens não estavam à vista, seu cabelo foi oculto por uma touca e seu semblante era de preocupação e seriedade, como um médico da emergência deveria ser. Ele estava conversando com a equipe, e, depois de alguns minutos, tomou ciência de nossa presença.

Quando nossos olhos se encontraram, esperava ver um olhar reconfortante e carinhoso pelo menos, mas percebi que continuava com o mesmo perfil profissional, não parecendo reconhecer nossa afinidade e a minha atual necessidade.

Por que pensei que depois do que passamos no outro dia tudo seria diferente? O que será que estava esperando?

Cansada de ser a única pessoa a mendigar carinho, lembrando da minha época com Jack, decidi refletir sua postura profissional para não me sentir inferior e não acolhida numa situação tão delicada como aquela.

— Seu pai teve uma parada cardíaca e não está mais consciente, estamos o mantendo na UTI, intubado. — Continua com seu olhar médico-paciente e mantenho minha postura firme de acompanhante. — Valentine, ligue

para os parentes e as pessoas que você acha que gostariam de dar adeus a ele. Não há garantia de que viva mais do que vinte e quatro horas.

Sem exibir qualquer mudança de reação, demonstrei que suas palavras não me afetaram, mas lá no fundo, no meu coração, tinha sido esmagada e pisoteada.

— Tem alguém com ele? — perguntei, lembrando que meu pai tinha uma senhora que deveria estar preocupada com ele. Não acreditava que minha voz tinha saído tão firme com tanta coisa se passando no meu coração. Lembrei-me que tinha aperfeiçoado essa postura falsa e firme por anos.

— Não há ninguém o acompanhando. Eu o encontrei sozinho em seu quarto, desmaiado no chão. Provavelmente o esforço de se levantar o atingiu. Aqui no hospital, abrirei uma exceção para você e os parentes poderem visitá-lo antes que.... — Não precisava completar a frase e algo brilhou em seu olhar, mas desviei o meu do dele, olhando para Rock e Playboy atrás de mim, que presenciaram e escutaram a interação.

— Ficarei por aqui no hospital, rapazes. Obrigada pelo aviso, Rock. — Sorri forçado para eles e voltei a encarar Brian... ou melhor, Doutor Powell. — Vou fazer algumas ligações, então volto aqui para você me encaminhar para vê-lo. Tudo bem? — Minhas palavras indiferentes atingiram alguma coisa em Brian, pois seu olhar suavizou. Acenou afirmativo à minha pergunta e tentou falar, mas o corto, não querendo sua piedade ou outro motivo para sofrer. Ele

perdeu a oportunidade de me consolar e meu orgulho falou mais alto. — Obrigada.

Virei para sair e Fran abriu a porta para mim, saindo junto comigo e me seguindo.

— Sinto pelo que está acontecendo. Parecemos preparados, mas nunca estamos. — Ela me parou, com um toque no braço e me deu um sorriso conciliador. — Fique bem. — Sem esperar uma resposta, me abraçou forte, mas rápido, e sai na direção contrária que eu estava indo.

Esperava esse mínimo de reação de Brian, mas foi a irmã louca dele que me deu. Pelo visto, as palavras de amor da noite passada não serviram para nada, ou entendi tudo errado, mais uma vez. Achava que ele gostava de mim o suficiente para superarmos a barreira do outro dia, outros locais, e que haveria demonstração de afeto na frente das pessoas.

Estava enganada.

Andando pelo corredor, peguei meu celular, que estava com a bateria cheia, e não amoleci meu coração por pensar nele colocando-o para carregar. Instintivamente, acionei a primeira pessoa que sempre ligava quando estava abalada.

— Alô? Val? — Jack atendeu depois de apenas um toque.

— Meu pai está morrendo — com a voz embargada, contive as lágrimas. Só de o escutar me fez perder quase todo o equilíbrio que tinha

conseguido juntar. — Está sendo mantido por aparelhos, não tem mais... — Inspirei irregularmente, tentando não chorar de forma descontrolada.

Que droga de poder que Jack ainda tinha que me fazia confiar nele? Ou melhor, que droga de mulher que eu era que deixava os sentimentos me controlarem...

— Estou indo pra aí, me espere. — Surpreendeu-me.

— O quê? Você ainda está na cidade? — perguntei, confusa. Depois da nossa briga, achei que tinha me deixado.

— Eu não iria embora antes do seu desafio, Val — respondeu da mesma forma carinhosa que sempre falava quando estava fragilizada por alguma coisa. Porém, diferente de antes, se voluntaria a vir me ver, coisa que nunca fez. Seus consolos eram apenas por telefone, distante.

— Não precisa se preocupar comigo. Vou ligar para minha mãe e... — Decidi aproveitar aquela migalha de carinho que ofereceu, mesmo que minhas palavras dissessem o contrário.

— Me espere! — repetiu mais forte e encerrou a ligação antes que eu pudesse argumentar.

Suspirei. Estava confusa, mas satisfeita e aliviada por ter alguém familiar a me apoiar. Fiz a segunda ligação.

— Mãe? — Ela atendeu no terceiro toque, mas esperou que eu falasse primeiro. — Está aí?

— É o seu pai, não é? John... — A voz da minha mãe sumiu e escutei seus soluços e choro contido.

Com aquilo, o resto de emoção que estava segurando fugiu desenfreada, me fazendo soluçar ao telefone e encostar minha testa na parede.

— Ele vai morrer, mãe — contei chorosa. Minha mão se fechou e apertou entre meus seios, em cima do meu coração. — Eu nem pude me despedir direito... — funguei, angustiada.

— Estarei com você, minha filha — anunciou e parecia mais recomposta, apesar de sua voz estar um pouco desestabilizada. — Vamos passar por isso juntas, tudo bem?

— Tudo bem. Beijo. — Encerrei a ligação e fui me recompondo aos poucos, limpando as lágrimas e respirando fundo.

Fui até o bebedouro mais próximo, tomei um pouco de água e continuei respirando profundamente, várias vezes, até me sentir melhor. Ainda estava instável emocionalmente, mas era o suficiente para seguir com as minhas ligações.

Peguei meu telefone mais uma vez e liguei para Nina.

— Oi, vadia. Mais controlada? — saudou, divertida, depois de um toque.

— Você pode vir ao hospital ficar comigo? — perguntei e minha voz estremeceu na última palavra. Deveria ter falado com ela em primeiro lugar, mas

eu não estava pensando racionalmente. Respirei fundo e continuei com minha voz mais firme: — Desta vez, é meu pai. Ele pode morrer a qualquer minuto.

— Oh. — Pareceu encabulada e diminuiu o tom da voz. — Estarei aí em dois segundos, querida. Fique firme.

Não respondi e apenas encerrei a ligação, satisfeita que consegui terminar o que precisava fazer sem me transformar em uma poça de lágrimas.

Não tinha nenhum contato da família do meu pai para ligar, e da última vez que falou sobre um irmão ou seus pais foi apenas para amaldiçoar e dizer que estavam mortos para ele. Não conhecia ninguém, então não me daria o trabalho de comunicá-los.

Caminhei pelo corredor até a sala de espera do hospital e sentei em uma das cadeiras, apoiando os cotovelos nos joelhos e minha cabeça nas mãos. Estava observando os poucos familiares de outras pessoas na sala, quando uma mão conhecida apertou meu ombro.

Levantei-me rapidamente e não pensei em nada, apenas em ter conforto em seus braços, então eu o abracei forte.

— Jack! — Inspirei seu aroma conhecido. Seus braços fortes e acolhedores me envolvem, então me afundei neles. Lágrimas silenciosas escorrem pelos meus olhos e os fechei, para tentar me controlar. Fiquei internamente orgulhosa por ter conseguido me conter, mais do que quando recebi a notícia.

— Estou aqui, Val — falou baixo no meu ouvido, acariciando meus cabelos, me consolando com seu corpo e com um beijo no canto da minha boca. — Precisa de algo? — Recebi sua pergunta como um manto de acalento, e mal sabia ele que já estava me ajudando.

Com tudo isso, fiquei feliz em me sentir bem com ele, sem sentimentos contraditórios, sem quente e frio, sem amor não correspondido, apenas amigos. Aquele abraço serviu para colocar um ponto final em todo o nosso falso relacionamento e confirmar que éramos apenas amigos, mesmo com aquele beijo dúbio como cumprimento.

Não me importei em pensar qual seria a atitude padrão de Jack, que era totalmente diferente dessa que ele teve agora. Independentemente de qualquer coisa, ele era uma pessoa de confiança e estava em busca de me consolar. Se nosso abraço poderia ser interpretado por ele de outra forma, avaliaria depois.

— Val. — Escutei a voz de Nina e saí do abraço de Jack. Minha amiga me recebeu e me senti de novo acolhida com seus braços ao meu redor. Seu carinho me deu segurança para que não precisasse derramar mais lágrimas, e consegui me controlar.

— Nina, obrigada. — Pressionei-a nos meus braços e a soltei, olhando para os dois. — Obrigada por estarem aqui para mim. — Estava contendo as emoções e forcei um sorriso.

Indiquei aos dois os lugares para se sentarem e vi, na porta que dava

acesso aos funcionários do hospital, Brian de pé nos encarando. Nossos olhos se fixam um no outro, duelamos mentalmente e me perguntei quanto tempo ele estava nos observando interagir.

Seu olhar não me dizia nada, como antes, e não me deixei abalar pelo que acabou de acontecer comigo e Jack, porque não fiz nada de errado. Apesar de Jack ter sido um idiota alguns dias atrás, ele era meu amigo e tinha vindo até mim quando pedi. Assim eram os verdadeiros companheiros, independente das brigas e desavenças, estávamos sempre presentes uns para os outros.

Aguardando sua reação e relutante de ir até ele, Brian saiu de onde estava e veio até mim, ainda com sua postura de médico, sério e indiferente. Meus acompanhantes se sentaram, mas continuei de pé, esperando a aproximação do doutor. Tentei me manter firme, mas perdi a compostura anteriormente conquistada, quando ele me abraçou. Escondeu seu rosto nos meus cabelos, e seus lábios estavam perto do meu ouvido.

— Vi... eu estou... — Sua voz estava embargada. Inspirou profundamente pelo nariz e soltou o ar pela boca. — A partida dele também está me afetando mais do que gostaria. Por favor, ignore meu jeito indiferente lá dentro, preciso me controlar no hospital. — Beijou meu pescoço e deixou sua respiração atingir minha orelha. — Quando vi você nos braços dele, tive vontade de mutilá-lo.

— Ele é só meu amigo. — Controlei o choro. Se escutar minha mãe

chorar foi difícil, imagine ver o controle de Brian fraquejando.

— Eu sei e nem por isso preciso gostar, ainda mais quando ele disse aquelas coisas sobre você no outro dia. — Afastou-se com as mãos nos meus braços. Ele estava totalmente recomposto e daquela vez me deixou ver que tinha fortes sentimentos por mim, mesmo estando entregue ao seu lado profissional. — Nina. Jack. — Cumprimentou Brian, com um aceno de cabeça rápido e vi a mandíbula do meu amigo enrijecer. — Vamos? — Brian perguntou e fiquei confusa.

— Para onde?

— Dar adeus a seu pai. — Brian apertou minha mão e, sem esperar uma resposta, me puxou para dentro do hospital, para os corredores que guardavam o final da vida do meu progenitor.

Capítulo



Vinte

Valentine

Nina e Jack ficaram me aguardando na sala de espera, enquanto eu e Brian seguimos para a UTI.

Parando apenas um momento na frente da porta do centro intensivo em que John Savage estava, respirei fundo e entrei, mas não estava preparada para ver meu frágil pai ligado a vários aparelhos e fios.

Cansada de tanto derramar lágrimas, daquela vez apenas cruzei meus braços à minha frente de forma firme e me aproximei da cama.

Se ele parecia frágil quando o vi no Moto Clube, imagine deitado naquela cama.

Brian beijou suavemente minha cabeça, minha boca e saiu, me deixando sozinha com o homem que muitas vezes quis me rebelar, muitas vezes odiei e muitas vezes culpei.

— Dessa vez não haverá conversa, apenas meu monólogo.

Dando um passo mais próximo da cama de hospital, peguei sua pesada mão na minha e a apertei, tentando transferir um pouco da minha energia para ele.

— Nunca entendi o motivo de você e minha mãe não estarem juntos... sempre tive muita raiva do quanto sua presença me fazia falta, apesar de nunca demonstrar muito. — Respirei fundo e continuei: — Aconteceram tantas coisas comigo. Nunca tive um irmão, ou você, ao meu lado quando precisei de força, quando precisei me sentir segura. — Ainda olhando para sua face, sorrio de forma amarga e sem alegria, lembrando dos dias depois do que me aconteceu, quando adolescente, quando me humilharam, me tocaram e traumatizaram. — Da pior maneira, descobri que não preciso de um homem para ser forte ou me sentir segura. Da pior maneira, descobri que não adianta colocar a culpa nos outros por não estarem ao meu lado, porque eu precisava ser suficiente para mim mesma, precisava ser independente.

Inclinei-me para perto da sua cabeça, beijei sua testa e alisei sua careca com minha outra mão.

— Eu te amo, pai. Não deixarei que manchem seu legado no Selvagem, farei sempre o meu melhor.

Olhei para trás. Não havia ninguém tomando conta e percebi que Brian deixou uma cadeira aos pés da cama, me dando a entender que me deixará ficar o tempo que quiser. Sentei-me fiquei observando os últimos momentos de vida do meu pai, seu levantar e abaixar de tórax, além do semblante frágil e nada intimidante.



— Valentine? — Escutei a voz da minha mãe e despertei do meu cochilo na cadeira. Não sei quanto tempo se passou e foi inevitável não dormir, uma vez que tive poucos momentos para descanso naquelas horas que estive ali.

Levantei-me indo em direção onde ela estava parada, congelada no lugar. Dou um forte abraço nela, que retribui, inspirando o cheiro do meu cabelo, e fungou. Ela se afastou e me olhou da cabeça aos pés.

— Que roupas são essas, minha filha? — Estou com uma calça preta apertada, blusa regata da mesma cor, aparecendo meu sutiã esportivo branco, e coturnos. Nem um pouco parecida com minha roupa usual.

Não adiantava mentir e não tinha forças para omitir qualquer coisa naquele momento.

— Mãe, estou no Moto Clube, pretendo assumir a...

— Não acredito que ele fez isso comigo! — explodiu em mais lágrimas e não escondeu seu desespero, sua voz mostrando o quanto estava chateada. — Ele me prometeu... não, ele *jurou* que você ficaria de fora dessa vida.

— Não foi ele que decidiu isso, fui eu. — Tentei acalmá-la, colocando uma mão no braço dela, mas me contornou e seguiu para perto da cama, furiosa e chorando.

— Você não tinha o direito — disse ao meu pai, que continuava imóvel e frágil. — Ela é minha filha também. — Colocou as mãos no próprio rosto para abafar o soluço. — Ela é o nosso tesouro. — Sua voz saiu estrangulada, baixa e

sofrida.

Tentei ser forte, mas vendo minha mãe se desmanchar como nunca a vi, fez com que as lágrimas caíssem sem controle. Consegui mantê-las silenciosas, pelo menos.

Depois de alguns minutos, que pareceram horas, vendo minha mãe tentando manter a compostura, ela fungou uma última vez e suspirou. Acreditava que tinha encontrado um contentamento.

— Você continua o mesmo bastardo arrogante até no seu leito de morte. — Sorriu saudosa e passou a mão na cabeça dele. — Se nossa filha for prejudicada, vou te buscar, em qualquer lugar que você esteja, no céu ou no inferno, para te fazer pagar.

De forma inesperada, meu pai piscou os olhos e os abriu vagarosamente, olhando para minha mãe. Ela deixou a mão em sua cabeça e a outra colocou na boca, e as lágrimas anteriormente contidas voltaram a cair. Corri para seu lado e olhei meu pai com espanto. Será que conseguiria passar daquela?

— Pai?

— Vá em paz, meu amor. Nós sempre vamos te amar. — E, então, as máquinas começam a apitar e meu pai fechou os olhos.

Em câmera lenta, vi médicos invadindo o espaço, enfermeiras nos orientando a sair e Brian nos esperando do lado de fora. Caí em seus braços e,

assim que escutei minha mãe soluçar, estendi o braço para a puxar junto conosco e ficamos os três nos apoiando.

E assim tentamos nos consolar do evento que deveríamos estar mais do que preparados para enfrentar.



Não haveria velório, nem sepultamento. Apesar de a minha madrasta Lena querer palpitar no que fazer com o corpo do meu pai, quando voltamos para o clube e anunciamos a morte do presidente, eu e minha mãe decidimos cremá-lo e jogar suas cinzas pela estrada. Meu pai tinha dado a maior parte de sua vida para esse Moto Clube, então daríamos a ele um fim da mesma forma que a moto nos fazia sentir: livre.

Surpreendi-me quando minha mãe me acompanhou até a sede do Selvagem, estando presente no anúncio e nas condolências coletivas. Nunca tinha percebido, mas minha mãe tinha uma postura firme e bruta, como a minha própria. Uma pena que nunca quis compartilhar comigo sua história com o meu pai. Talvez naquele momento, depois que ele se foi, ela se abrisse.

Brian e Playboy estavam no hospital, fazendo os últimos ajustes para a cremação. Nina e Jack foram comer alguma coisa, e percebi uma interação estranha entre os dois depois que voltei para a sala de espera. Não poderia dizer com precisão se era amigável ou conciliadora, mas decidi não me envolver no momento. Depois perguntaria à Nina.

— Como a senhora do presidente, exijo que essa mulher saia daqui. Ela não faz parte do Selvagem e ninguém de fora é permitido sem ser numa festa aberta. Essa menina está desrespeitando os nossos costumes e regras — Lena declarou em alto e bom tom perto de nós, que estávamos sentadas em um dos sofás.

Olhei para os lados e vi Rock, Logan e Peter se aproximarem da gente, com suas posturas imponentes e agressivas demonstrando que estavam do nosso lado. Fiz um agradecimento apenas com o olhar para eles, e me levantei pronta para enfrentar minha madrasta e outros tantos membros do Moto Clube, que estavam olhando para nós com reprovação.

— Não há desrespeito aqui, Lena. Por favor, não cause tumulto, poupe meu pai. Ela é minha mãe.

— Tumulto? Eu? — desdenhou. — Nem você faz parte desse clube, deveriam as duas sair e nunca mais voltar, sob pena de serem exterminadas.

Dei um passo intimidante para perto dela e sua postura inflada murchou um pouco, quase a fazendo recuar com minha aproximação. Soltei fogo pelos meus olhos em sua direção.

— Serei presidente do Selvagem, você aceitando ou não, então, se nenhum desses homens que te apoiam te quiser, quem será expulsa — ameacei —, é você.

Com o canto do meu olho vi minha mãe se levantar e ficar ao lado de

Logan.

Lena abriu a boca para falar, mas o barulho do portão da frente do galpão se abrindo e Lorenzo surgindo por ele com mais quatro membros, seus seguidores, fizeram ela se calar.

— Indo com muita sede ao pote, princesa? — O apelido em sua boca me fazia ter nojo e querer xingá-lo. — Poderia muito bem assumir o posto e descartar vocês duas, mas vou me divertir um pouco com esse desafio e, então, você e sua mãe poderão voltar para suas casas.

Lena sorriu, triunfante, e direcionei meu olhar assassino para ambos.

— Você irá desobedecer ao que foi decidido em reunião? — Olhei para todos que estavam no salão e percebi as dúvidas e incertezas em suas faces. Muitos deixaram sua posição agressiva direcionada para mim e ficaram observando a interação entre os candidatos a presidente. — Você não tem nem a decência de esperar a despedida do meu pai para começarmos com isso?

— Aceite de uma vez por todas: ele morreu. Nenhuma mulher presidirá o clube, acabou a brincadeira. Fim de papo. — Carrancudo, veio em minha direção com seus apoiadores, tentando me intimidar.

Percebi Logan, Peter, Rock e outros membros se posicionando atrás de mim. Lorenzo parou quando percebeu que estava em desvantagem e sorriu de forma arrogante.

— Com muito medo? — Levantou uma sobrancelha e observei os

homens atrás de mim. — Vocês estão tão desesperados por uma boceta que vão aceitar que ela mande em vocês? Covardes!

— Lorenzo. — Rock se posicionou ao meu lado, com o corpo tenso e olhar muito sério. — O desafio ainda acontecerá e os irmãos do clube são fiéis às decisões tomadas nas reuniões. Então, recue.

— A donzela em perigo foi salva — um dos apoiadores de Lorenzo disse e eles riram. Meu corpo fervia por eles acharem que precisava da proteção de Rock, ainda mais quando se tratavam apenas de palavras.

Tentei retrucar, mas uma voz muito conhecida me fez perder toda a cor do rosto e meu coração acelerar.

— Então é aqui que tem um monte de cachorrinhos adestrados por uma vadia? — Um homem magro, alto, com seus músculos definidos e muitas tatuagens adornando seus braços, pescoço e parte do seu rosto se aproximou, e tudo pelo que lutei para ser forte e não fraquejar estava indo por água abaixo.

O sorriso de reconhecimento em seus lábios, além do olhar malicioso, me confirmaram que ele sabia quem eu era e o que fez para mim. Sua voz e seu rosto assombraram meus sonhos e pensamentos por muitos anos, mas nunca pensei que veria essa pessoa novamente.

— O que você está fazendo aqui, Taylor? — Rock perguntou e deu um passo ameaçador para frente. Nunca soube o nome dele até aquele momento. — Você foi expulso do Selvagem há anos, não deveria estar aqui.

— Injustamente — Lorenzo complementou, levantando seu dedo indicador. Piscou um olho para mim e percebi sua intenção em me desestabilizar. Ele sabia quem Taylor era para mim e isso fez meu estômago embrulhar. — Agora que vou ser presidente, algumas coisas irão mudar.

— Aceite que a sucessão só acontecerá com o desafio, Lorenzo. Os irmãos não gostam de pessoas sem palavra. — Rock abriu os braços, olhou para os lados e Lorenzo olhou também, percebendo que muitos estavam carrancudos e não gostando nem um pouco do antigo membro no local.

— Fuja, princesa, antes que você se machuque — Lorenzo me ameaçou e foi interrompido pela terceira vertente do Moto Clube.

— Parem com isso! — Juarez apareceu pelo portão de entrada do galpão com alguns membros latinos atrás e veio em nossa direção. Ele percebeu Taylor e lançou a ele um olhar de poucos amigos, depois olhou para Lorenzo.

— Taylor, você sabe muito bem o que acontece com membros expulsos do Moto Clube quando voltam sem autorização. — Juarez formou um círculo com seus aliados, comigo e Lorenzo no centro.

Estava me recompondo, minha temperatura estava voltando ao normal e minha determinação aumentava. Não deixaria que me derrubassem tão facilmente. *Posso, vou e superei*, repeti o mantra na minha cabeça, várias vezes.

— O novo presidente me... — Taylor começou a dizer confiante, mas não conseguiu terminar de falar.

— Não há presidente nesse Moto Clube no momento e decidiremos isso amanhã, antes que vocês destruam tudo o que John construiu. — Com seu olhar sério para os candidatos à presidência, Juarez anunciou alto e olhando para todos os membros presentes. — Amanhã, às oito horas, estejam todos aqui para presenciarem quem irá presidir o Selvagem. Homem ou mulher, superem isso, o presidente precisa ser forte. — Fez uma pausa. — Uma arma, uma luta e uma moto. — Ele nos encarou. Eu estava séria enquanto Lorenzo sorria sem nenhuma preocupação. — Estejam preparados.

Minha mãe se aproximou do meu lado e segurou minha mão. Tentei sorrir e passar algum conforto, sem muito sucesso, porque sua expressão fechada me dizia que estava mais do que preocupada.

Juarez começou a andar em direção ao refeitório, mas parou e se virou.

— Liberem o salão. Saiam do clube ou então fiquem em seus quartos. — Quando os homens começaram a se dispersar, Juarez se dirigiu ao ex-membro do Selvagem, que estava me encarando de uma forma que fazia minha pele se arrepiar. — E você, Taylor — Juarez pegou sua pistola nas costas e apontou para ele —, não apareça mais aqui, senão eu mesmo colocarei uma bala em sua cabeça.

Erguendo as mãos em sinal de rendição e caminhando junto com o bando de Lorenzo para fora do salão, mandou um beijo e piscou um olho para mim, me fazendo ver vermelho e querer avançar nele.

— Acalme-se, Valentine. — Rock segurou meu braço e indicou o caminho para mim e minha mãe, nos levando para dentro do refeitório. Chegando lá, se dirigiu a mim. — Não caia nas provocações dele. Vamos, Brian pediu que o esperasse chegar em seu quarto. Está vindo com Playboy.

Suspirei e escutei minha mãe me imitar, ambas arrasadas com a partida do meu pai e preocupadas com o que iria acontecer.

Chegando ao quarto de Brian, sentei-me na cama e trouxe minha mãe para junto de mim. Rock, Logan e Peter também entraram, fecharam a porta, mas ficaram de pé, apenas nos observando.

— Filha, o que é esse desafio?

Respirei fundo antes de responder. Pelo visto, ela não estava por dentro das regras do Moto Clube, como eu acreditava. Ela iria surtar!

Capítulo



Vinte e Um

Valentine

— Uma arma, uma luta e uma moto. Isso quer dizer que haverá um duelo onde deverei usar uma arma, depois lutar e, então, disputar uma corrida de moto. Não necessariamente nessa ordem. — Vi minha mãe arregalar os olhos e suspirei no aguardo de sua repreensão materna.

— Você vai lutar contra aquele homem? — Ela se levantou e começou a andar pelo quarto. Isso me fez perceber que minha atitude nervosa era igual à dela. — O quão injusto isso é? Você é apenas uma mulher!

— Sim, sou mulher, mas não menos forte. Se quero ser presidente, minha genética não pode ser desculpa. — Levantei-me e fui até minha mãe, fazendo-a parar de andar. Segurei seus braços e olhei no fundo dos seus olhos. — Mãe, estou treinando há muito tempo. Tenho uma moto, frequentei o Piratas Moto Clube e não sou tão frágil quanto pareço.

— Como é que é? Você mentiu para mim? — Ela se mostrou magoada e saiu do meu aperto. — Não te conheço mais.

— Mãe, não há tempo de discutir isso. Se você quiser ficar, ótimo, me apoie, senão, volte para casa, que é mais seguro. — Estava ressentida e vi o quanto aquelas palavras a afetaram negativamente.

— Você mente e ainda não me quer ao seu lado? — Se possível, parecia mais magoada.

— Droga, mãe! — Voltei a segurar seus braços, com mais rigidez, sem machucá-la. — Não posso deixar o clube nas mãos de Lorenzo. Ele é perverso, corrupto e desleal. Suas ações e seu mau caráter conseguiram me encontrar em outro estado, me subjugando e traumatizando. Eu me recuso a deixar que isso aconteça novamente, nem comigo nem com mais ninguém, não quando posso fazer algo.

— Como assim te traumatizou? — Vi quando as palavras fizeram algum sentido para ela e sua mágoa se dissolve um pouco.

— Não é o momento, mãe. Vamos preparar a despedida do meu pai, depois vou descansar para que amanhã possa fazer o meu melhor. — Soltei-a, fui para o banheiro e fechei a porta. Precisava de um momento sozinha.

Não queria fazer nenhuma revelação, mas quando percebi, as palavras já tinham sido jorradas da minha boca. Ainda bem que os rapazes não se manifestaram e nos deixaram discutir, porque não estava preparada para esclarecer meu ponto de vista com nenhum deles.

Dentro do banheiro, fiz minhas necessidades, lavei meu rosto e me encarei no espelho, com as mãos estavam apoiadas na pia. A pessoa no reflexo parecia firme, independente e rebelde. A confiança exalava pelos poros e me apoiei naquela imagem para enfrentar o que me aguardava nas próximas horas.

Encarar a minha mãe.

Espalhar as cinzas do meu pai.

O desafio.

Não contabilizei quanto tempo fiquei dentro do banheiro, mas quando saí, Brian e Playboy estavam no quarto também. Brian se aproximou de mim, preocupado, e sorrio de boca fechada.

— Você está bem? — perguntou com a testa franzida e com os olhos buscando alguma coisa no meu rosto.

— Sim. Conseguiu cremá-lo? — Sem entrar em detalhes, tentei desviar sua atenção do meu bem-estar.

— Apenas daqui dois dias estará pronto, não consegui para hoje. — Olhou para trás, para os rapazes e depois para mim. — Me falaram que você teve uma discussão com Lorenzo.

— Sim, mas Juarez o colocou no seu lugar. Não estou abalada — tentei convencê-lo, uma vez que já me sentia firme.

— Você está preparada para enfrentá-lo? — Brian questionou de forma suave e sua preocupação aqueceu meu coração, como das outras vezes que demonstrou carinho e atenção.

— Tanto quanto vou estar algum dia. Preciso descansar, estou exausta. — Bocejei assim que as palavras saíram da minha boca.

— Você pode ficar aqui.

— Vou voltar para o hotel, lá está Nina e minha mãe precisa dormir também. — Olhei para as outras pessoas que estavam no cômodo. — Mãe, não apresentei Brian formalmente. — Peguei na mão dele e nos aproximamos. — Essa é minha mãe, Jocelyn ou Jocy. Mãe, esse é Brian, o médico do clube, meu... — Encarei Brian, perdida em como rotulá-lo para ela. Não havia apenas namoro entre os membros do clube, isso era certo.

— Por falta de termo melhor, sou o homem da sua filha. — Estendeu a mão e os dois se cumprimentaram. Minha mãe não parecia surpresa ou chateada, e a falta de reação dela me preocupava, porque sempre foi muito expressiva.

— Podemos ir para o hotel, filha? — Percebi um pouco de desconforto por estar naquela situação. Era a primeira vez que apresentava um homem a ela, já que Jack sempre foi rotulado como amigo.

Virei-me para Brian, que me pegou em um abraço íntimo, pousando uma mão na minha nuca e a outra na minha lombar. Nossos rostos se alinham e a surpresa de suas ações me fez colocar minhas mãos em seu peito.

— Qualquer coisa que precisar, você me liga. — Brian foi intenso com suas palavras e olhar. Era necessidade, misturada com preocupação.

Naquela posição, em busca de fugir dos meus problemas, fiquei muito excitada e esqueci totalmente que tínhamos plateia. Envolvi meus braços em seu pescoço e beijei sua boca, como se fosse uma despedida para a eternidade. Sua

língua invadiu a minha boca, e seu sabor mentolado agitou minha língua, me fazendo querer mais do que um beijo, muito mais do que um simples gosto de seus lábios.

Uma tosse e um riso fizeram nossa interação acabar muito precocemente. Virei meu rosto e percebo que foi Playboy que nos interrompeu e os rapazes seguiram nos risos, nossa plateia.

— Desse jeito, vocês vão me deixar de pau duro. — Playboy rompeu as risadas com suas palavras sem filtro nenhum, deixando minha mãe ruborizada e eu sorrindo debochada para ele. — Vamos, dou carona para as duas no meu carro até o hotel.

Saí dos braços de Brian, peguei na mão da minha mãe e segui para fora do quarto, acompanhando Playboy.

— Você está precisando se aliviar, se apenas um beijo está te deixando excitado — rebati Playboy, não me contendo em provocá-lo.

— Ah, pode não ser minha garota, mas isso não torna você menos bonita ou menos desejável. — Olhou por cima do seu ombro e piscou um olho para mim, enquanto seguíamos pelo corredor.

— Valentine, que tipo de conversa é essa? — minha mãe sussurrou, brava, para mim. Claro que Playboy escutou, então riu, me fazendo achar graça também. Era bom sentir um pouco de normalidade e descontração no meio de tanta coisa fúnebre que aconteceu naquele dia.

— Mãe, você namorou o meu pai, não venha me dizer que nunca escutou um papo como esse. — Olhei-a de canto, nem um pouco preocupada com minha postura.

— Sim, mas apenas homens conversavam assim. Nós, as senhoras, não nos envolvíamos com conversa de duplo sentido. — Cruzou os braços assim que saímos para o estacionamento.

Senhoras? Quer dizer que ela tinha sido uma senhora? Guardei aquela informação para posterior questionamento.

— Bem, mãe, se acostume, pois agora o Selvagem não distingue homem e mulher quando se trata de membro. — Chegamos ao carro e abri a porta para minha mãe, enquanto Playboy entrava pela do motorista.



Assim que cheguei no meu quarto de hotel, levei um susto ao me deparar com roupas e muitas outras peças espalhadas pelas duas camas de casal e pelo chão. Parecia que alguém esteve procurando alguma coisa enlouquecidamente.

— Que bagunça é essa? Você foi assaltada? — minha mãe perguntou, preocupada.

— Gostaria de saber — respondi, pulando uma saia preta muito curta. — Nina! — gritei, tentando localizá-la.

Ela saiu do banheiro apenas de toalha e cabelos molhados. Sua respiração estava um pouco ofegante e suas bochechas estavam ruborizadas.

— Vocês já voltaram? — perguntou apreensiva, e desconfiei de sua postura.

— Bem, estamos aqui. E o que é tudo isso? — questionei apontando as roupas pelo chão. — E por que você parece tão corada?

— É o banho quente. — Respirou fundo e continuou: — Tive que fazer essa bagunça, porque meu detector de eletrônicos encontrou um rastreador na minha bolsa e retirei todas as minhas roupas para saber se mais alguma peça estava grampeada. — Franzi a testa e ela continuou: — Fiz isso com as suas roupas, primeiro. Desculpe por bagunçar sua mala.

— Encontrou alguma coisa na minha? — Removi minha blusa e fui em direção ao banheiro, cuja porta ela estava bloqueando. — Estou morrendo de sono e pretendo tomar um banho para dormir. — Virei para olhar a minha mãe e segurei minha blusa na mão. — Mãe, você precisa de alguma coisa? Só pegar na minha mala em cima daquela cadeira ou... pelo quarto. — Olhei ao redor e franzi a testa, não convencida de sua explicação. — Agora, licença, Nina.

— Eu ainda não terminei meu banho. — Segurou o batente da porta com as mãos, uma de cada lado.

— Bem, anda logo, quero usá-lo. — Virei e fui em direção à cama, jogando a blusa em cima do travesseiro. Minha mãe já estava retirando as roupas

de cima da cama.

— Nina, se importa se eu dobrar suas roupas? — Minha mãe parecia procurar alguma atividade para se distrair.

— Claro que não, Jocy. Volto num instante. — Nina entrou no banheiro e fechou a porta. Franzo a testa e me pergunto o que será que ela estava aprontando.

— Ela parece estranha. — Minha mãe indica o óbvio.

— Bem, é Nina, mãe. — Olhei para ela dobrando as roupas. — Você está bem?

— Vou ficar assim que tudo isso acabar — respondeu em um tom que não permitia qualquer especulação. Então, decidi encerrar aquele assunto.

Assim que todas as roupas estão longe da cama, deitei-me e fiquei olhando para o teto com as mãos atrás da cabeça. Pensei sobre aquele dia, desde a manhã no escritório até o final da noite.

Precisava conversar sobre os terrenos com Brian.

Tinha de catalogar e ver o que iria fazer com as coisas no quarto do meu pai.

Ainda havia o questionamento sobre Nina e Jack.

— Nina! — chamei e ela respondeu um “sim” estranho do banheiro. — O que você e o Jack estão tramando?

Não houve resposta e me preparei para perguntar novamente assim que ela terminasse o banho. Escutei barulhos estranhos vindo do banheiro, me levantei e bati na porta.

— Nina? Está tudo bem por aí?

Escutei um baque, como se ela tivesse caído no chão e instintivamente abri a porta, que estava destrancada.

Nada me preparou para a cena que vi e automaticamente tapei meus olhos com as mãos. Aquela imagem iria ficar tatuada no meu cérebro e não sabia se conseguiria olhar para ela novamente sem lembrar daquele momento. Tentei segurar meu riso.

— Oh, céus, amiga, por quê... o quê... agora? — Tentou se ajeitar no chão e fui saindo do banheiro. Esperava fechar a porta e esquecer a imagem dela deitada no chão, na parte de dentro do box, com um vibrador entre suas pernas.

Saí do banheiro vermelha como um pimentão e o riso preso na garganta.

— Está tudo bem com Nina? — minha mãe perguntou preocupada, terminando de arrumar todas as roupas na mala dela e na minha.

— Hum... — Não sabia o que responder, então preferi a resposta mais simples. — Está sim, ela tem tudo sob controle.

Nina saiu do banheiro embrulhada numa toalha, com os braços em volta dos seios. Sem olhar para nenhuma de nós duas, foi até a mala, pegou-a e voltou para o banheiro, fechando a porta rispidamente, sem dizer nenhuma palavra.

— Tem certeza de que está tudo bem com ela? — Minha mãe olhava na direção que ela desapareceu.

— Relaxa, mãe. — Demorei alguns segundos para continuar. — Ela está apenas... — Segurei o riso e não consegui terminar de falar, porque Nina saiu do banheiro como um furacão e deixou sua mala em cima da cama. Ela estava vestida toda de preto, como estava no mesmo dia que chegou, e seu rosto não esboçava nenhuma reação de fúria ou constrangimento. Na verdade, não conseguia identificar nada.

— Vou sair, vadia — anunciou neutra, pronta para sair do quarto.

Merda, precisava dizer a ela sobre as novidades.

— O desafio será amanhã — apresso-me a falar, antes que saia sem saber o que aconteceu. Ela para, vira e me encara, mais rígida do que o normal. — Tivemos uma discussão e foi definido que começará às oito horas, mas estarei lá no clube desde as seis. Você vai comigo? — perguntei esperançosa.

— Claro que sim. — Sorriu forçado e deu grandes passos em minha direção, para então me abraçar forte. — Boa sorte! Vá descansar.

Assim como se aproximou, rapidamente se afastou e foi embora.

— Filha, sua amiga está com algum problema — minha mãe insistiu e olhei para ela com a boca franzida e o sorriso nos olhos.

— Relaxa, mãe. O problema que ela tiver será superado, confie em mim. Vou tomar um banho e depois dormir. — Respirei fundo e olhei para a

porta, dizendo mais para mim do que para minha mãe. — Amanhã será um longo dia.

Capítulo



Vinte e Dois

Valentine

Encontrei Nina com Jack na frente do Moto Clube. Estava montada em sua moto e Jack de pé ao seu lado. Eu e minha mãe pegamos um táxi para ir à sede e não esperamos por ela, já que minha amiga não havia voltado para o quarto do hotel.

Estou vestida para a batalha, usando meu coturno sem salto, calça jeans desbotada, blusa preta regata justa, com sutiã esportivo azul marinho por baixo, e meu colete do Selvagem. O cabelo preso em um rabo de cavalo e maquiagem preta nos olhos completava o visual.

Cumprimentei Nina e Jack com um levantar de queixo, depois acenei para o rapaz que estava na guarita de entrada, Carter.

— Boa sorte, Valentine — foi cordial. Fiquei surpresa com sua espontaneidade e incentivo. Apesar de lembrar seu nome, não gravei o de todos os que foram receptivos comigo e isso precisaria mudar. Sorri para ele e segui para dentro do galpão, com os três atrás de mim.

Assim que abri a porta para entrar no salão do clube, percebi os simpatizantes de Lorenzo, porém sem ele, nas mesas de bilhar. A música estava alta, como se estivéssemos em uma casa noturna badalada. Segui para um dos

sofás mais distante deles e indiquei para minha mãe se sentar.

— Fiquem aqui. Vou entrar e tentar encontrar Brian — comuniquei a eles, falando alto o suficiente para me escutarem.

— Você está bem, Val? — Jack se aproximou de mim com uma feição preocupada. Sua *bandana* vermelha estava amarrada perto do cotovelo.

— Sim, tudo sob controle. — Sorri de boca fechada.

— Lembre-se, você é menor e possivelmente mais fraca, mas tem velocidade e sabe premeditar golpes. Fique perto apenas o necessário e... — Jack tentava me instruir e estava visivelmente preocupado, mesmo quase gritando para ser ouvido.

— Tive um bom professor, Jack. — Fiquei na ponta dos pés, coloquei meus braços em seu pescoço e o abracei forte e rápido. Ele envolveu minha cintura e me soltou assim que me afastei. — Cuide da minha mãe, sim?

— Sempre!

— Ei, vadia, ninguém para cuidar de mim? — Nina se aproximou e nosso constrangimento do dia anterior parecia superado.

— Bem, acho melhor que quem ousar te ameaçar esteja protegido contra você e não o contrário. — Abracei-a e falei em seu ouvido: — Depois você me conta sobre sua saída ontem à noite, e sobre você e Jack. Tem alguma coisa acontecendo e quero saber o que é.

Afastei-me dela e continuei a encarando. Tentou disfarçar, mas vi seu desconforto. Pisquei um olho, para quebrar o clima, porque sua reação já me disse muito. Virei para o sofá e inclinei-me ligeiramente para beijar o rosto da minha mãe, que já estava sentada.

— Te amo.

— Também te amo, minha filha. Se alguma coisa acontecer com você... — sua voz quase não podia ser ouvida.

— Fique tranquila, Jocy. O namorado da Val é médico, ele dá conta do recado. — Nina tentou brincar, mas ninguém sorriu além dela e eu.

Feitas as minhas despedidas, segui para o corredor de quartos, e fui diretamente para o quarto de Brian. A música ainda podia ser ouvida, porém mais branda. Bati duas vezes na porta e, sem esperar uma resposta, entrei no cômodo.

Ele estava se levantando da cama, vestindo apenas uma cueca boxer preta. Encostei-me na porta já fechada e o observo caminhar em minha direção, com seu olhar sonolento e andar predador.

— Vê algo que gosta? — Diminuiu a distância entre nós.

— Não — respondi com um sorriso malicioso. Ele levantou uma sobrancelha. — Vejo algo que quero.

Colando seu corpo no meu, pegou os passadores laterais da minha calça e pressionou meu quadril no dele, e senti sua animação matutina... *ou toda essa*

dureza seria por mim? Coloquei minhas mãos em seus bíceps, massageando todos os músculos e a pele firme sob minhas mãos, fazendo com que esquecesse qualquer insegurança.

Escutei alguns gritos e sons estranhos, mas lembrei que a música estava alta no salão. Brian pareceu não perceber, então não me preocupei.

— Pronta para liberar um pouco do estresse antes do desafio? — Beijou minha boca forte, com brutalidade e muita paixão. Seu hálito matutino não estava tão ruim devido ao toque de água gelada na sua língua. Terminado o beijo, olhou para trás e depois para mim novamente. — Temos uma hora até precisarmos estar no salão.

— Deve servir — provoquei e Brian me pressionou na porta, e suas mãos foram para os botões da minha calça, que não tinha zíper. Minhas mãos seguiram para sua bunda, que apertei com apresso. — Duro.

— Tenho outra parte do corpo mais rígida e muito mais interessante — falou rouco e sensual, colocando sua mão dentro da minha calça, sob a minha calcinha, e atingindo meu ponto sensível. Gemeu assim que percebeu o quanto estava excitada. — Oh, Vi...

Nossos lábios se uniram em uma interação irresistível. Seus dedos se movimentaram entre minhas pernas e as minhas mãos subiram para seus cabelos, e os puxei.

Movimentando meus quadris em sincronia com seus dedos magníficos,

a poucos movimentos de distância para atingir o ápice do prazer, somos interrompidos por batidas abruptas na porta.

Empata foda do caralho!

— Brian! Valentine! — Mais murros são dados na porta e, com o clima desfeito, nos afastamos e tentamos nos recompor antes que Brian a abra.

— Que merda você quer, Playboy? — Brian está infeliz.

O Selvagem invade o quarto. Sua arma está na mão, seu cabelo está desgrenhado e o olhar externava preocupação.

— Coloque uma roupa, Doc. Precisamos de você no salão, AGORA! — Parecia ensandecido e Brian seguiu para colocar alguma roupa. Andando de um lado para outro dentro do quarto, Playboy, assim que percebeu minha presença, olhou feio na minha direção.

— Nós tentamos de tudo, Valentine, juro que tentamos.

— Como assim, Playboy? O que está acontecendo? — perguntei confusa e permaneci afastada dele, porque seu estado emocional e sua arma destravada me preocupavam.

— Vinny, Mike e todos os aliados de Lorenzo invadiram o clube dando tiros para todos os lados. — *Oh, merda, então, aqueles gritos não eram da música*. Ele parou, colocou a mão livre na cabeça e puxou os cabelos. — Eles abateram vários irmãos e o seu amigo...

— Jack? — Fiquei em alerta e me aproximei dele, esquecendo a cautela. — O que tem Jack?

— Acertaram ele... merda, sua mãe e sua amiga... — Playboy parecia perdido e não conseguia falar uma frase coerente.

— Atiraram nelas? — Perdi a razão assim que as palavras saíram da boca dele. Segui em direção à porta do quarto, mas fui parada por Brian, com um braço na minha cintura.

— Calma, Vi — pediu no meu ouvido e me faz virar para ele, para encará-lo. — Calma.

— Como eles entraram e fizeram isso? Como não escutamos? Como... — Tentei falar para encontrar algum ponto de equilíbrio, porém sem sucesso. — Brian... — Minha voz sai chorosa.

— Acalme-se. Precisamos nos armar. Você sabe usar uma G37? — Acenei afirmativamente com a cabeça. — Vou te dar uma Glock e dois magazines. — Caminhou até sua cômoda, afastou o móvel e uma porta pequena se revelou. — Playboy, diga a situação atual.

— Mais ou menos quinze deles e sete nossos, mais vocês dois, nove. — Respirou fundo e parecia mais controlado. Suave, pensei aliviada. — Eles só acertaram o amigo de Valentine, as mulheres estão como reféns. Querem que Valentine apareça para resolver a situação.

Arregalei meus olhos. Não sabia se estava aliviada ou lívida por saber

que estavam vivas. Aproximei-me de Brian com o sangue fervendo.

— Me dê a arma, Brian. Vou acabar com eles. — A adrenalina começou a correr nas minhas veias, e a vontade de ação se sobrepôs à preocupação e cautela.

— Aqui. — Pegou uma arma para ele, colocou nas costas, no cós da calça jeans que vestiu, pegou uma faca em um coldre e colocou no tornozelo. Então, me entregou uma arma idêntica à dele e dois magazines. — Precisamos nos organizar e ter cautela.

— Eu vou matar aqueles idiotas.

— Apenas se for necessário, Vi. — Olhou-me de forma intensa e foquei minha atenção nele. — Por favor, não faça nada no impulso, vamos ser racionais.

Tentei contra-argumentar e ele me parou com um beijo na boca, rápido e firme. Senti sua força e determinação naquele gesto.

— Você terá sua vingança, mas não hoje. — Parei para pensar por um momento e suas palavras penetraram em meu cérebro, se solidificando como rocha. Apesar da adrenalina, consegui me controlar.

— Tudo bem. Estou calma. Qual o plano? — perguntei, quando Brian foi em direção a porta.

— Playboy, Juarez está com eles? — questionou Brian.

— Não há nenhum latino no clube. Eles se omitiram. Estamos em desvantagem.

— E Lorenzo? — Brian o cortou, sua cabeça trabalhando em uma solução rápida e em uma estratégia.

— Também não está.

— Quem está controlando a situação no momento? — Meu homem pega sua arma das costas e verifica se está tudo em ordem.

— Rock e os rapazes estão tentando conversar com Vinny e me enviaram aqui para encontrar Valentine. — Playboy parecia mais calmo e estava acompanhando o raciocínio de Brian.

— Isso está com cheiro de conspiração. — Olhou-me nos olhos e encaro uma versão de Brian que nunca tinha visto: firme, metódico e calculista. Ele não era mais o médico, e, sim, o membro de um Moto Clube. — Volte com Valentine para o salão. Se perguntarem por mim, digam que não me encontraram ou que saí mais cedo e não voltei. — Olhou para mim firme e me orientou. — Guarde sua arma, não ceda, não perca o controle. Eles tentarão de tudo.

— Pode deixar, me manterei firme — falei, mais para me convencer do que a ele.

— Não deixarei nada acontecer com você, prometo. Nem a você também, Playboy. — Brian encarou-o, bateu em seu braço e abriu a porta. — Vão, guardarei a retaguarda de vocês. Mantenham-se firmes.

Seguimos correndo para o salão e quando entramos nele, ao abrir a porta, fui surpreendida por sangue chamuscado em alguns lugares, música alta, corpos e vidros no chão, além de homens se enfrentando cara a cara.

Com a arma na mão, Vinny apontou para mim e fez sinal para me aproximar dele. Segui em sua direção e olhei ao redor em busca dos meus amigos e da minha mãe. Encontrei o corpo de Jack estirado no chão, imóvel, perto do sofá. Estremeci internamente e quis chorar, mas guardei aquela emoção para depois. Recusava-me a acreditar que ele tinha morrido. Não o meu Jack, não quando não tínhamos conversado como devido.

Olhei para todo o salão e percebi que a música alta foi estratégica, para abafar os tiros e os gritos. Para camuflar mais ainda o ataque, as armas de Vinny, Mike e seus capangas estavam com supressores.

Minha mãe estava sendo mantida sentada no chão. Seus olhos estavam chorosos e transbordando medo. Uma arma foi posicionada em sua cabeça por outro simpatizante de Lorenzo. Nina estava cativa nos braços de Mike, que se mantinha ao lado de Vinny. Um de seus braços prendia os dois dela nas costas e o outro estava em sua garganta. Ela oferecia resistência, se mexendo e fazendo força. Seu olho estava roxo e havia sangue escorrendo pelos lábios dela, e não duvidava que possuía costelas quebradas também. Minha amiga era feroz e nem um pouco fácil de conter.

Rock estava próximo a eles com a arma em punho e posição

ameaçadora. Apesar de todo o seu porte brutamontes, ninguém do outro lado parecia impressionado. Logan e Peter se mantiveram ao seu lado junto com outros dois membros, que reconheci sendo Johnny, o rapaz do bar, e Carter, o da guarita. Johnny seguiu meu conselho e seu olhar não parecia nem um pouco refém ou amedrontado, porém acreditava não ser o suficiente para lutar contra eles.

Olhei de forma ameaçadora para Vinny e ele apenas sorriu com escárnio.

— Venha nos prestigiar, princesa — debochou, sua voz estava um pouco acima do som da música.

— Solte elas, Vinny — gritei o mais alto que conseguia. — Seu problema é comigo e não com elas!

— Ah, eu vou soltá-las, mas não antes de Taylor repetir o que fez de melhor em você. — Tentei conter minha reação. Internamente, estava com os nervos em frangalhos, mas externamente, consegui mostrar força e indiferença. Ele não iria mais me afetar, não deixaria. Ele virou o rosto para trás e, com uma risada medonha, anunciou: — Desligue o som, Taylor, o desafio vai começar agora.

Capítulo



Vinte e Três

Valentine

Taylor surgiu atrás dos comparsas de Lorenzo e um frio medonho atingiu meu coração. Parecia difícil de respirar, mas me forcei a inspirar e expirar levemente para recompor o controle.

Era mais forte do que aquilo.

Deixei de ser aquela garota vulnerável e indefesa. Tinha apoio, força e sabia me defender.

Ergui meu queixo e não me deixei abalar pela aproximação daquele homem. As memórias indesejadas foram impedidas de invadirem minha mente e ditarem minhas ações.

— Tire a roupa, vadia. — Parou alguns passos de distância e com sua arma em punho, fez um movimento em minha direção.

— Não estamos aqui para o desafio? Onde está Lorenzo para isso? — perguntei de forma controlada.

— Você fará o que a gente mandar. — Ignorou minha pergunta, e fiquei em dúvida se isso foi ou não foi orquestrado por Lorenzo.

— Quem é você para me dar alguma ordem? — Olhei para ele de forma

ameaçadora e escutei minha mãe gritar. Encaro Vinny e minha postura destemida vacilou ao vê-lo dando um tapa com o dorso da mão no rosto dela, enquanto outro homem apontava uma arma. — Deixe ela em paz!

— Faça o que lhe é mandado e sua mãe não sofrerá. — Virei meu rosto para Taylor, que sorria malicioso para mim. — Vamos lá, meu cachorrinho, eu te adestrei muito bem.

— O desafio é entre Valentine e Lorenzo. Não há razão para tudo isso. — Rock tentou desviar a atenção de Taylor, sem sucesso. Vi pelo canto do olho todos os homens que me apoiavam segurando suas raivas.

— Ah, rapazes, garanto a vocês que não vão se arrepender. — Taylor me olhou da cabeça aos pés, me fazendo ter nojo. — Ela sabe rebolar como ninguém e esses peitos... ah, os peitos estão maiores do que da última vez. — Piscou um olho para mim e a bile subiu pelo meu esôfago, atingindo minha garganta. Não acreditava que estava revelando tudo aquilo. Minha raiva dirigida a ele começa a aumentar.

Rock deu um passo à frente em direção a Taylor, e minha mãe gritou novamente, daquela vez por causa de um soco de mão fechada em sua mandíbula, o que a fez desmaiar. Dei dois passos em direção a ela, pelo instinto de protegê-la, e a arma de Taylor encontrou minha cabeça, me fazendo parar imediatamente.

— Mais um passo e seus miolos estarão espalhados pelo salão — Taylor

ameaçou, insensível.

— Faça isso. — Olhei em seus olhos, meu temperamento iria sair do controle. — Atire logo e acabe com isso de uma vez, seu porco pervertido. — Estava de saco cheio daquela intimidação.

Taylor, Vinny e os outros da sua turma riram alto. Nina estava mais agitada ainda, porque Mike lambeu seu pescoço e falou alguma coisa em seu ouvido que a deixou lívida. Busquei seus olhos e tentei pedir a calma que nem tinha no momento. Precisávamos atacá-los e não morrer no processo, e a mente estratégica dela funcionando nos ajudaria.

— Eu não vou repetir, tire a roupa! — Taylor soou ríspido, assim que as risadas acabaram. Sua arma ainda estava apontada para a minha cabeça e ele parecia nervoso.

Virei minha cabeça e olhei para Rock, que me instruiu para não fazer nada que não quisesse, que eles dariam um jeito. Voltei a encarar Nina e ela diminuiu sua resistência, transmitindo com seu olhar que estava preparada para ação e tentaria se livrar do seu captor. Segui minha atenção para a minha mãe caída no chão, que estava um pouco esquecida por Vinny, e torci para que continuasse assim. Todos estavam armados, e precisava agir rápido o suficiente para que os homens que estavam comigo entendessem que deveriam atacar sem pestanejar, assim que eu o fizesse. Brian precisava estar sincronizado comigo.

Num piscar de olhos, saí da mira de Taylor, girando um passo para o

lado. Saquei minha arma das costas no movimento, apontei diretamente entre os olhos dele e atirei.

Não usei nem um milésimo de segundo do meu tempo para pensar no que tinha acabado de fazer. Tinha matado uma pessoa a sangue frio, e era o homem que havia me molestado anos atrás. Mas, naquele momento, meu instinto de sobrevivência estava muito mais dominante.

Antes mesmo de disparar, o caos caiu sobre o restante dos membros do clube, e tiros e muita correria foram vistos. Na ânsia de ajudar minha mãe e Nina, corri em direção a elas assim que atirei em Taylor, tornando-me um alvo fácil. Senti em meu corpo vários pontos de ebulição. Na clavícula, quadril e coxa. Estava com mais adrenalina que sangue em minhas veias, e descarreguei todo o meu primeiro magazine em Vinny e Mike, que também eram alvos fáceis.

Nina caiu de joelhos e por um momento achei que tinha sido atingida, mas estava verificando minha mãe, que despertou atordoada de sua posição deitada no chão.

— Vamos nos esconder. — Peguei no braço dela e a puxei para ficar de pé. Saímos correndo, junto com Nina, e fomos para trás de um sofá que ficava mais afastado dos inimigos e mais próximo dos aliados.

— Você está ferida! — minha mãe exclamou. Observei-a assim que a posicionei sentada no chão.

— Estou bem, vou sobreviver. Preciso ajudar os rapazes. — Sem

esperar qualquer objeção, saí em direção a um ponto estratégico para atirar neles.

— Val! — gritou Nina, e não olhei para trás, apenas substituo o magazine vazio por um cheio.

Daquela vez fui mais cautelosa e acertei outros homens de Lorenzo do meu atual esconderijo, atrás de uma mesa de sinuca.

Logan e Rock estavam em uma luta corpo a corpo com outros dois, enquanto Peter, Playboy, Johnny e Carter estavam por entre os móveis e atirando nos outros membros corruptos, que estavam atrás do bar se escondendo.

Quando menos esperamos, Brian invadiu o bar e rendeu todos os membros restantes, sem matar ninguém. Gritou para cessar fogo e os ajudou para imobilizá-los. Logan e Rock também tiveram seus adversários rendidos no chão, ambos desacordados e muito machucados.

Saí do meu esconderijo e segui em direção ao bar, satisfeita que Brian conseguiu acabar com a disputa sem mais mortes, diferente de mim. No caminho, vi o corpo estendido de Jack no chão e tentei me aproximar dele, me ajoelhando ao seu lado. Desabei no chão com joelhos e mãos, fraca demais para sustentar meu corpo. Minha vista começou a ficar turva e minhas forças pareciam drenadas. A adrenalina estava indo embora e os ferimentos causados em mim foram me consumindo.

Escutei pessoas dizerem meu nome, e uma mão forte e áspera segurou meu rosto, que reconheci ser de Brian. Antes de apagar, consegui colocar uma

das minhas mãos no pescoço de Jack e falar:

— Ele tem pulso.



Acordei com a boca seca e uma dor no corpo cruel. Percebi que estava deitada, então virei para o lado e pisquei, para os olhos se ajustarem com a luz muito clara no recinto. Percebi que estava em um quarto estranho.

— Calma, filha, você está no hospital. — Escutei minha mãe falar e sua mão pousar na minha cabeça, alisando meus cabelos. Observei o quarto e percebi que estávamos apenas nós duas ali.

— Todos estão bem? — minha voz rouca e minha garganta arranhando transformaram minha fala.

— Sim, a maioria ficou bem. — Minha mãe se afastou, pegou um copo de água e o trouxe para mim. — Beba devagar. Você precisa se preocupar só com sua recuperação agora.

Fiz o que minha mãe me orientou e minha garganta agradeceu a umidade. Percebi que ela possuía alguns roxos pelo rosto, o que fez meu coração se apertar. Não queria envolvê-la mais do que já estava.

— Você está bem?

— Sim, nada que gelo não resolva. E você, sentindo muita dor?

— Estou bem, na medida do possível. — Respirei fundo sentindo falta

de mais informações. — Como assim a maioria ficou bem?

— Bem. — Pegou uma cadeira, colocou próxima a cama e se sentou. — Vários corpos foram tirados do clube, estão todos muito abalados.

— Você sabe quem são? — perguntei, mas suspeitando que minha mãe não saberia a resposta. — Jack era um deles?

Um lampejo de reconhecimento apareceu nos olhos dela, mas não me respondeu, porque foi interrompida pela entrada de um médico e uma enfermeira no quarto.

— Olá, Valentine, como está se sentindo? — O homem sorridente e com um crachá com o nome doutor Philipes me perguntou. A enfermeira acompanhava no sorriso cordial.

— Hum... com dor no corpo e um pouco de dor de cabeça.

Ele escreveu em um papel e depois olhou para a enfermeira.

— Aumente mais um pouco a dose do analgésico. — A enfermeira assentiu, e ele voltou a me olhar. — Você sabe o que aconteceu com você?

— Sim, mais ou menos — respondi, um pouco incerta. Sabia que tinha levado alguns tiros, mas não o que foi feito depois.

— Você foi operada para a remoção de dois projéteis, um na clavícula e outro no quadril. Você também teve um corte profundo na coxa. O ferimento da clavícula foi o mais grave, porque houve fratura de osso, deixando a recuperação

mais lenta. Os outros ferimentos terão uma recuperação mais rápida, mas não haverá risco de sequela aos ossos e músculos. Você estava fraca, o que causou seu desmaio antes da cirurgia, por isso precisou receber duas bolsas de sangue. — Fez uma pausa para que pudesse absorver tudo o que disse. — Seu ferimento anterior no braço está quase pronto para remover os pontos. Alguma dúvida?

Sabia que estava bem, mesmo que tenha que passar por uma recuperação nada agradável. Eu apenas queria saber sobre os outros, quem viveu, quem morreu, e o médico não seria de grande ajuda.

— Nenhuma. O doutor Powell trabalha aqui? — emendei a pergunta na minha resposta, antes que dissesse qualquer outra coisa.

— Sim, ele que a trouxe para o hospital e...

— Preciso falar com ele.

— ... e está em cirurgia nesse momento. — Concluiu a fala anterior.

— Ele está com quem? —

— Não posso divulgar nenhuma informação se não for parente. — Tentei perguntar mais, mas ele me interrompeu e minha mãe apertou minha mão. — Descanse, você precisará de todas as forças para que seu corpo se recupere desse trauma.

Assim, ele e a enfermeira me deixaram cheia de perguntas e foram embora.

— Você sabe de algo, mãe? E Nina? — Olhei para ela.

— Eu não sei, filha. Nina está no clube com aquele rapaz muito forte e alto, algo sobre organizar e limpar. — Percebi o cansaço e desânimo na voz da minha mãe e a observo bem. Além das marcas da agressão, todo o resto indicava o impacto negativo na sua aparência.

— Mãe? — Ela me olhou e senti vontade de chorar. — Me desculpa por tudo.

— Vou sobreviver, como sempre fiz, filha — interrompeu-me e me abraçou levemente, apenas colocando seu corpo em cima do meu. — Durma um pouco, querida.

— Onde está meu celular? Preciso saber...

— Assim que Brian sair do centro cirúrgico o trago para cá. Agora, descanse! — Minha mãe me interrompeu usando seu tom de ordem.

Fechei os olhos e aceitei me desligar mais um pouco, apenas o suficiente para esperar a chegada de Brian e de notícias.

Capítulo



Vinte e Quatro

Valentine

— Como foi? — Escutei minha mãe cochichar, nem um pouco baixo.

Tinha acabado de acordar novamente e decidi não alarmar ninguém, até porque queria escutar a conversa.

— Difícil. — Era a voz de Brian e não se importou em falar baixo como ela. — As próximas vinte e quatro horas serão decisivas para definir sua recuperação ou não. Estou confiante, mas não há garantias nessas situações.

Eles estão falando do quê?

— Ele era um rapaz tão bom. — Minha mãe fungou parecendo triste.

Ele quem?

— Não tive a melhor das interações com ele. Não me agradou nem um pouco como tratou Valentine, mas é amigo dela e eu, como médico, não posso tratá-lo diferente por causa disso.

Oh, estavam falando de Jack! Não suportei mais ficar calada, abri os olhos e encarei os dois, que estavam levemente afastados da minha cama.

— Ele vai sobreviver? — perguntei, fazendo ambos olharem para mim e perceberem que acordei.

Surpreendentemente, Brian correu para um lado da cama, colocou suas mãos em meu rosto e colou nossas bocas em um beijo carinhoso e urgente. Muito rápido se afastou, mas apenas poucos centímetros, o suficiente para nos encararmos e nossas respirações serem compartilhadas.

— Você me assustou pra caralho, Vi. — Beija meus lábios novamente com intensidade. — Como está se sentindo?

— Com fome? — respondi com uma pergunta, arrancando um sorriso de seus lábios. Seu carinho me faz melhorar e até esqueci que estava preocupada com Jack.

— Ela já pode comer? Eu trago algo. — Minha mãe esperou Brian assentir e saiu do quarto, deixando-nos sozinhos.

Brian continuou me encarando com um leve sorriso no rosto.

— Você foi muito corajosa e irresponsável. — Beijou minha testa e sentou na cama, perto do lado do meu quadril não machucado.

— Serei presidente de um Moto Clube, preciso de coragem e irresponsabilidade nas minhas ações. — Forcei um sorriso, mas não consegui disfarçar minha preocupação com os acontecimentos do Selvagem. — Me conte, como tudo acabou depois que apaguei?

— Você perdeu muito sangue, mas antes que te levasse de carro para o hospital, a ambulância chegou, um dos irmãos tinha ligado para a emergência. Você e Jack foram trazidos às pressas para o hospital, ele com perfuração no

pulmão e você com pouco sangue. Nunca te vi tão branca. — Olhou-me nos olhos e consegui identificar toda a angústia que sentiu naquele momento. — Você se arriscou muito.

— Como ele está? — descartei sua preocupação e perguntei, pegando a sua mão na minha e apertando.

— Está entre a vida e a morte. — Respirou fundo e sua mandíbula parecia rígida, como se estivesse incomodado com algo. — Ele quase perdeu um dos pulmões e na mesa de cirurgia teve duas paradas cardíacas, mas sei que é forte. — Retribuiu o aperto de mão e a levou para os lábios, beijando dedo por dedo, muito gentil. Seu olhar apaixonado me faz relaxar e aquecer por dentro.

— Sim, Jack é forte. — Decidi não tocar mais no assunto, apesar de querer saber mais sobre o seu estado de saúde. Brian não pareceu demonstrar ciúme, mas sabia que sua mandíbula rígida queria dizer justamente o que queria me esconder. — Quem morreu?

— Carmem. — Brian suspirou infeliz. — Era nossa mãezona e tenho certeza de que ninguém queria acertar ela de propósito. — Fiz cara de espanto e tristeza. Ele continuou beijando o dorso da minha mão. — Duke, Paul, Jem e Will também se foram, não sei se você se lembra deles, mas eram bons homens.

— Não me lembro e isso me frustra, não guardei o nome de todos. — Reprimi a vontade de chorar. Muitos perderam suas vidas. — Tinham família?

— Não. A maioria dos nossos irmãos não possui parentes ou uma

senhora. Seu pai costumava recrutar esse tipo de homem para dar um lar e uma família a eles. — Vi o quanto se importava com os irmãos e a aflição invadiu seus olhos. — Eram homens do bem, apesar de tudo.

Balancei a cabeça de forma assertiva e refleti um pouco sobre o que seria do clube. Não havia mais certeza de nada.

— Além de Vinny, Mike e Taylor... — Senti o sabor amargo em meus lábios ao dizer os nomes dos homens que começaram tudo aquilo. — Quem deles morreu?

— Elton e Benny morreram também. O resto está sob nossa guarda até decidirmos o que fazer — falou sombrio.

— Como assim?

— Rock e Peter estão os mantendo presos em nossa sala de interrogatório até segunda ordem.

— E o que Lorenzo diz sobre isso? Conseguiu entrar em contato com ele?

— Bem, eram seus homens, e acredito que estava a par de tudo isso, mas são apenas suposições de minha parte. — Suspirou e fechou os olhos por um momento. Percebi que estava muito cansado e me afastei o suficiente para ter um espaço ao meu lado.

— Você está cansado. Venha, deite comigo.

O sorriso agradecido que me ofereceu curou qualquer angústia sobre o que passei. Ele se deitou de lado e ficamos nos encarando, sua mão ainda na minha, apoiada no meu quadril, acima do curativo da cirurgia.

— Estou há mais de vinte e quatro horas ligado, você não sabe o quanto estava pedindo por uma cama. — Seu sorriso continuou no rosto, mas seus olhos se fecharam.

— Vocês encontraram Lorenzo? — decidi continuar com a conversa.

— Sim, encontramos. Sua amiga, Nina, possui muitos contatos e é extremamente competente.

Aproximou-se para beijar meus lábios. Aproveitei e aprofundei um pouco, com saudade de sentir seu sabor, abrindo minha boca e incentivando a sua a fazer o mesmo, mas foi por pouco tempo. Ainda com os olhos fechados e a boca úmida de nosso beijo, continuou falando:

— Lorenzo disse não ter conhecimento do que seus homens fizeram, que eles agiram por conta própria. Também falou que está sensibilizado com tudo o que aconteceu e que te dará quinze dias de descanso para executar o desafio.

— O quê? — Indignei-me. Brian apenas entortou a boca em desgosto, concordando com minha reação. Seus olhos continuaram fechados e acreditei que a qualquer momento iria dormir. — Ele é muito ousado para dizer isso. Precisamos interrogar os capangas que sobreviveram.

— Está sendo — bocejou — providenciado. — Ajeitou-se na cama, aproximou seu corpo mais do meu e inspirou profundamente. — Precisamos sair do hospital e nos reunir com todos para tomarmos alguma atitude quanto a isso. Lorenzo está muito enganado se acha que acreditamos no que disse, porém nada radical poderá ser feito, ele é um membro importante.

— Eu saio amanhã se precisar, Lorenzo tem que ser parado. — Sorri e Brian refletiu meu sorriso, mesmo não me vendo. — E Juarez? Por que ele não estava lá ontem?

— Ele e seus irmãos estão fora do clube. — Abriu os olhos e me encarou feroz. — Disse que é lindo na teoria ter uma mulher como presidente, mas que nenhum membro do seu círculo aceitará isso. Então, eles rescindiram seu vínculo com o Selvagem.

— Mas que traiçoeiro! Fez pose de conciliador, mas na verdade só queria fugir. — Bufei.

— Ter uma mulher no Moto Clube e como presidente não é tão simples, Vi. Estamos com poucos membros e novos só entrarão se te aceitarem. — Brian me deu um selinho e voltou a fechar os olhos, e daquela vez seu rosto ficou relaxado.

— E agora, o Moto Clube será Rock, Logan, Peter, Playboy, Johnny, Carter, eu e você?

— Uhum. — Brian concordou com seu subconsciente, pois suas feições

relaxadas indicavam que estava dormindo ou quase. — Gostaria de saber o que aconteceu entre você e Taylor.

— Foi há muito tempo, deixe essa história para outro dia.

— Que bom que se foi, caso contrário, eu mesmo providenciaria seu encontro com a morte. — Bocejou e ficamos em silêncio.

Olhei seu rosto cansado e decidi seguir sua liderança, como sempre, quando estamos apenas nós dois. Sem esperar minha mãe chegar com a comida, fechei os olhos e mergulhei no mundo dos sonhos novamente, com o calor de Brian misturado ao meu.



— Bem-vinda ao mundo dos vivos, vadia. — Nina estava toda sorridente ao meu lado da cama, de pé, e com seu traje preto. Seu rosto parecia quase recuperado, graças aos quilos de maquiagem que usou.

Olhei para meu lado e sabia que Brian não estava mais lá, e parecia ter saído há muito tempo, pois não havia seu calor no colchão.

— Se está procurando seu médico motociclista gostosão, ele precisou sair e voltará assim que puder. Ele parecia muito preocupado. — Ela piscou um olho e ergueu uma sacola de papel pardo. — Comida dos deuses para a deusa da ação: *donuts* e *cupcakes*.

Senti meu estômago roncar e, naquele momento, queria nada mais do

que comer. Tentei me sentar na cama, mas meu quadril doeu com a força que fiz para me mover.

— Ajude-me a levantar, preciso comer urgente — implorei.

Nina abandonou o saco na mesa de cabeceira para me ajudar. Ela apertou um botão nos pés da cama e a cabeceira começou a se erguer, me deixando quase efetivamente sentada. Sacudiu o pacote na minha frente e o roubei de sua mão. Abri e fui devorando o primeiro doce que peguei sem escolher, um *donuts* com cobertura de chocolate e recheio de creme. — Hum. — Gemi em apreciação.

— Nossa, isso sim é prazer. Se você geme dessa forma quando transa com Brian, acho que o tem comendo na sua mão.

— Nina! — repreendo, enquanto ela apenas ri. Minha amiga e seus comentários nem um pouco tímidos. Olhei para os lados em busca de outra pessoa. — Onde está minha mãe?

— Foi dormir um pouco, depois que trouxe a comida e viu os pombinhos dormindo. — Olhou dentro do meu pacote e o afastei dela, com cara de cachorro que estava guardando seu osso. — Hei, eu mereço um também.

— Vá buscar para você, esses são meus. — Sorriu quando peguei o próximo, era um *cupcake* de frutas vermelhas. Nina apenas fez bico de brincadeira para a minha negativa em compartilhar. Comi o doce e decidi começar com a conversa séria, mesmo apreciando o clima descontraído entre

nós. — Como você está?

— Estou ótima, para falar a verdade. Sei que não tem graça nenhuma na morte de pessoas inocentes e até mesmo dos bandidos, mas toda essa ação me motivou mais ainda a continuar com a empresa de segurança do meu pai. — Pegou a cadeira e se sentou próxima à cama.

— Como foi com a limpeza com Rock? Alguma notícia de Jack? — perguntei ansiosa.

— Rock é um verdadeiro Shrek, ogro por fora, mas um príncipe encantado por dentro. Ele quase não me deixou fazer nada. — Sorriu e continuou: — Falamos com o contato da polícia, enterramos os corpos, limpamos literalmente o salão e prendemos os arrogantes. Você sabia que existe uma cela no clube? Na verdade, existe um porão pra isso. — Parecia mais entusiasmada do que assustada. — Vou copiar a ideia e fazer um desses lá para minha empresa. É muito útil para interrogar e manter suspeitos. Ilegal o suficiente para fazer meu pai surtar. — Ficou sonhando e esqueceu da minha segunda pergunta.

— E Jack? Tem notícias dele? — tirei Nina de seu estado sonhador. Sua testa franziu.

— Levou um tiro no pulmão e quase morreu. Nenhuma mudança em seu quadro, está entre a vida e a morte, até a última vez que fui informada. — Lembrei de algo que queria saber dela antes daquela confusão toda acontecer.

— Você foi almoçar com Jack depois da morte do meu pai. Depois, na mesma noite, você praticamente fugiu e apareceu com ele lá no Moto Clube. O que está acontecendo? Sei que não foi tanto pelo momento constrangedor, porque essa palavra não existe no seu mundo.

— Bem... Ele e eu... — Vi um pouco de dúvida quando as palavras saíram de sua boca.

— Não me esconda nada! Vocês estão juntos? O que estão aprontando? — Tentei transparecer indiferença, mas mesmo que sejamos só amigos, uma pontada de ciúmes me atingiu ao imaginá-los juntos, se beijando, se tocando...

— Não! — apressou-se em dizer. — Na verdade, ele me procurou antes de viajar para cá. Abriu-se comigo, explicou porque nunca te assumiu e que estava arrependido de tudo o que fez você passar. Ele queria começar do zero com você, mas acabou caindo do cavalo quando te viu com Brian. No dia que seu pai faleceu, fomos almoçar e ele me contou quão escroto e idiota foi com você quando chegou ao Moto Clube e, em vez de agradecer que encontrou um homem melhor, deixou o ciúme e o orgulho falarem mais alto. Ele sabia que não tinha mais chance e acabei — fez uma pausa — consolando o arrependido. — Parecia envergonhada. Aquela era a primeira vez que a via assim, e tentei encontrar as palavras não ditas.

— E por que ele nunca me assumiu? Como você o consolou? — Estava incerta de querer ou não saber as respostas para as perguntas que fiz.

— É uma longa história, que se resume em: uma mulher pela qual ele sempre foi apaixonado nunca ter correspondido seu interesse o traumatizaram. — Abri minha boca para perguntar, mas ela tirou um doce de dentro do pacote e depositou em minha boca aberta. — Eu sei que é irritante, fez com você a mesma coisa que a mulher fez com ele. A vida é assim, nós precisamos impedir que façam isso com a gente e não o contrário.

Ficamos em silêncio e percebi que não tinha respondido minha outra pergunta.

— E você o consolou como? — insisti, comendo meu último doce. Amassei o papel e o entreguei a Nina, que o jogou no lixo próximo a cama.

— Nos beijamos. — Arregalei meus olhos com surpresa. — E posso ter me aproveitado um pouco dele e tocado seu pau até ele gozar.

Abri a boca em choque.

Ela o beijou e o fez gozar. Ela acha que se aproveitou dele. A pontada de ciúmes desapareceu no momento que a diversão tomou o seu lugar na minha mente.

— Se aproveitado dele? Tenho certeza de que ele gostou e muito — falei com um tom brincalhão.

— Eu sei e, depois que gozou, ele ficou confuso, falou um monte de coisa sem sentido e foi embora, me deixando toda formigando e... excitada! — Cobriu o rosto com as mãos, rindo, e o que aconteceu no banheiro me parecia

muito claro e esclarecedor agora.

Comecei a rir, baixo e tímido. Quando ela tirou as mãos dos olhos e nos encaramos, gargalho, com força, fazendo os ferimentos no quadril e na clavícula se esticarem e doerem.

— Ai, droga, não posso rir muito. — Tentei me controlar, mas uma gargalhada saiu, acompanhando a dela. — Você o assediou e ele fugiu?

Assim que as palavras saíram da minha boca, mais eu ri, deixando o clima que estava um pouco tenso, descontraído.

— Eu estava morrendo de medo de você ficar brava comigo, como se tivéssemos um código de amigas, para não pegar o ex, que não sabia e o descumpri — Nina falou entre os risos.

— Eu até pensei em ficar brava, mas... — Controlei um pouco meu riso. — Não há nenhum motivo para isso. Não estou mais com Jack, não sinto mais nada amoroso por ele e preciso deixar ele ir.

— Assim é que se fala. — Nina ficou séria por um momento. — Agora me diz, o que foi aquilo com aquele tal de Taylor?

— Não vai ter jeito, terei que falar sobre essa merda. — Suspirei tomando fôlego. — Foi em uma festa, quando tinha entre dezesseis e dezessete anos. Eu tinha bebido pouco, mas acabei completamente bêbada, provavelmente a bebida estava batizada. Comecei a dançar de forma sensual e acabei atraindo os olhares masculinos da festa. Um garoto se aproximou me convidando para ir a

um lugar menos agitado. O segui, sem perceber que tinha chamado um outro cara, o Taylor. Eles me encurralaram, me forçando a beijá-los. Quando me recusei tentando sair da armadilha, Taylor começou a passar a mão no meu corpo, falando que precisava me adestrar, que eu parecia um cachorrinho assustado, enquanto o outro garoto tampava minha boca com a mão. Eu estava muito desorientada e não consegui evitar que ele abaixasse minha calça no mesmo momento que ele abaixava a dele. Desesperada, consegui morder a mão que tampava minha boca e gritei, chamando a atenção de algumas pessoas, que se aproximaram para me ajudar. Os dois sumiram quando a primeira pessoa começou a andar em minha direção. Procurei uma carona segura para casa e chorei a noite inteira.

— E você se sentiu culpada, pois estava bêbada, e nunca contou isso para ninguém — Nina adivinhou e eu apenas assenti.

— Nunca achei que encontraria esse homem novamente, ele protagonizou muitos dos meus pesadelos e pensamentos destrutivos.

— Não mais. Que o diabo o recepcione — Nina soou rancorosa. — A culpa nunca é da vítima, Val.

— Eu sei — *apesar de , por muito tempo, achar que era,* concluí a frase na minha mente.

Depois de um momento de silêncio, a porta do quarto se abriu e vi um Brian muito sério nos encarando, fazendo o clima pesar ainda mais.

O que seria daquela vez?

— Jack conseguiu passar das vinte e quatro horas e começou a reagir bem ao tratamento. — Tinha prendido a respiração, e exalei contente. Vi Nina fazer o mesmo, mas não sabia em que nível de paixão ela estava por meu amigo, porque a linda, louca e loira era muito desapegada daquelas coisas, mas acreditava que, pelo menos preocupada, ela estava com ele.

Capítulo



Vinte e Cinco

Valentine

Duas semanas se passaram desde o dia do tiroteio na sede do Moto Clube. Era minha alta do hospital e também o dia que minha mãe voltaria para casa. Recomendaram-me trinta dias sem atividade física, para minha infelicidade. Estava receosa e animada ao mesmo tempo, porque muita coisa mudou naquela última semana. Além da quantidade de membros ter sido reduzida a quase um quinto de pessoas, Lorenzo ainda queria realizar o desafio, mesmo não tendo apoio de ninguém do clube.

Na verdade, achava que Lorenzo não era mais um adversário. Afirmava aquilo, porque nas últimas vezes que falei com alguém do Selvagem, tinha sentido que algo estava diferente.

Além do desafio, tinha a auditoria que me prontifiquei a fazer. Não estive presente, mas Nina providenciou a quebra do sigilo bancário de todos os membros do clube, de todas as contas que tiveram movimentação, e descobriu que aquelas transações suspeitas de 15 mil eram divididas entre as contas de Lorenzo, Mike e Vinny. Ela também encontrou notas fiscais de entrada de material nas empresas de autopeças, comprado de empresas fantasmas, ou seja, os materiais não entravam no estoque, porém a aquisição era paga.

Lorenzo também possuía seu nome no contrato social dos três empreendimentos, tornando a exclusão dele do Moto Clube muito mais difícil.

Os custos com os terrenos em nome de Brian, que estavam sendo mantidos pelo Selvagem, bem como as despesas supérfluas da última senhora do meu pai foram apurados. Eu não tinha notícias de Lena há um tempo, e ela não voltou para o clube nem para pegar suas coisas no quarto do meu pai. Existia algo de muito estranho naqueles dois eventos, e iria tirar isso a limpo o quanto antes.

O dossiê estava em minhas mãos desde o dia anterior à minha saída do hospital e estudei cautelosamente todo ele. Procurei analisar de forma racional os itens. Todas essas irregularidades precisavam acabar, mas deixaria a parte de Brian por último, pois era a que mais me afetava.

Até ele era corrupto?

Não queria acreditar, mas os papéis me indicavam aquela direção, que usou o dinheiro do clube em benefício próprio.

E como remover o nome de Lorenzo dos contratos sociais do Moto Clube sem causar mais conflitos? Talvez precisasse de algum especialista jurídico para me orientar.

Era muito cedo ainda, mas já estávamos no aeroporto, apenas minha mãe, Nina e eu. Mesmo com dificuldade para me movimentar como fazia antes, dei um abraço de lado nela, que beijou minha testa e depois minha bochecha, de

forma carinhosa, como despedida.

— Você promete que terá cuidado? Que ligará se precisar de algo? — sua voz saiu um tanto chorosa. Sabia que queria me recriminar por continuar com a ideia de ser presidente do Moto Clube, mas depois do que passamos, ela percebeu que minha vida era aquela, por mais louca que fosse a ideia.

— Claro, mãe — apenas confirmei para sua tranquilidade. O que ela poderia fazer para me ajudar?

— Não se preocupe, estarei aqui para protegê-la — orgulhou-se Nina.

— Não, você não estará. Voltará amanhã para sua empresa, seu pai ligou, eu escutei — disse brava, quase como uma mãe repressora.

— Droga, me deixe curtir meus poucos dias de sossego, mesmo que com fortes emoções e adrenalina a todo minuto — brincou e abraçou minha mãe para um adeus. — Tchau, Jocy. Você também pode me ligar se precisar de algo, de proteção até filha postiça.

Balancei a cabeça em negação para a sugestão da minha amiga. Ela não tinha jeito, encontrava humor em todos os lugares.

— Me ligue todos os dias, senão eu o farei. — Minha mãe se virou e seguiu para a fila dos detectores de metais que antecedia a sala de embarque.

Sabia que tinha se afastado ligeiro para que não víssemos suas lágrimas. Naquela semana no hospital, todas as diferenças que tivemos durante aqueles anos de convivência foram dizimadas. Não nos sentamos para esclarecer o

passado, apenas conversamos sobre o que queríamos a partir daquele momento, e percebemos que não havia outra solução senão aceitar o que estávamos vivendo.

Era difícil, para mim, deixar tantos assuntos pendentes com a minha mãe, mas quando comecei a falar sobre meus dias no Piratas Moto Clube, ela me disse que existiam coisas que eram melhor ficar na ignorância, já que o pouco que sabia fazia seu coração sangrar. Então, decidi parar de falar, omitindo também o que aconteceu comigo e com Taylor. Talvez minha mãe não tivesse tanto estômago quanto imaginei.

Como ela estaria morando sozinha, queria voltar a estudar pedagogia e, então, dar aulas em escolas de educação infantil. Minha mãe sempre foi boa em trabalhos manuais, paciente para lidar com pessoas e cuidadosa com organização. Atualmente, trabalhava em um escritório de advocacia, na parte administrativa, mas isso nunca tinha sido o que realmente queria fazer. Ela me falou que ocupava o cargo com o intuito de me inspirar para que fosse trabalhar em algo sério e estável. Bem, acho que não peguei a dica.

Gostava do sério e estável, mas também apreciava o irresponsável e louco. Estar em apenas um deles não me deixava feliz o suficiente, os dois mundos me completavam. Precisava do pacote completo.

Ela ainda se sentia traída, magoada e triste por minhas mentiras. Ao mesmo tempo que não queria que escondesse algo daquele tipo, percebeu que

cultivou uma postura que me fez seguir o caminho da enganação e omissão. Não haveria mais mentiras de minha parte, estávamos com nossas vidas alinhadas e na mesma página.

Ser presidente de um Moto Clube não estava nos meus planos, muito menos nos meus sonhos, mas foi a oportunidade que surgiu para unir tudo o que gosto, que é administrar uma empresa e fazer parte de um ambiente dominado pelas motos. Poderia viajar sobre duas rodas, ter uma família não sanguínea, criar nossas próprias regras, e promover muitas festas e diversão. Mesmo apreensiva com o que me esperava, não iria desperdiçar aquela chance.

Não vi Brian depois de ele ter dado a notícia que Jack estava se recuperando, apesar de ter recebido duas mensagens pelas enfermeiras de que estava ocupado e que tentaria me encontrar assim que seu turno acabasse. Ele estava cuidando de Jack, tentando tirá-lo do coma. Apesar de ser o médico responsável por ele e ser essa a sua função, acreditava que tinha uma motivação maior para a recuperação do meu amigo, uma que realmente queria saber e pretendia averiguar depois.

Nina esteve comigo todos os dias. Me entretinha e me contava sobre a organização e a convivência com os rapazes na sede do Selvagem. Seu rosto melhorava a cada dia, mas a maquiagem escondia todos os hematomas muito bem.

Fiquei sabendo por Nina que, depois da morte do meu pai, Brian avisou

a todos que uma reunião estaria em iminência de acontecer com todos eles assim que o novo presidente assumisse. Eles, também, deveriam continuar com os trabalhos de forma regular. Apesar das empresas serem do Moto Clube, havia não membros contratados para trabalhar e as gerenciar.

Brian nunca me contou sobre a ação e não gostaria de pensar que estava me escondendo algo, mas era o segundo indício de que alguma coisa estava errada. Então, ele não veio me visitar, e o amor que achei que sentia por ele começou a ser contaminado com dúvidas.

Amor. Só poderia ser, porque luxúria e amizade não me afetariam tanto. Estava me sentindo estranha, um tanto traída por Brian não ter me falado o que estava acontecendo no Moto Clube ou sobre seus terrenos. Eu seria a presidente, estava fazendo uma auditoria, deveria ser comunicada de ações que afetassem o clube. Ele não confiava em mim? Na minha competência?

E então, chegou o dia da minha alta.

Depois de sairmos do aeroporto, com o dia começando a amanhecer, Nina nos conduziu na M5 de Playboy para a sede do Selvagem. Todos deveriam estar lá, seria a decisão sobre a presidência do Moto Clube, e eu tinha medo que esse desafio tivesse que acontecer. Não estava em condições nem de ficar de pé direito, imagine de duelar.

— Você está muito quieta, Val — Nina observou assim que entramos no estacionamento. Carter estava na guarita e acompanhou nosso carro depois de

fechar o portão. A viagem tinha sido em silêncio, nem o som do carro foi ligado.

— Não estou com um bom pressentimento — justifiquei antes de sair do carro, depois que estacionou na frente da porta de entrada do galpão. — Acho que Brian está escondendo algo de mim. — Saí do carro e segui para as portas do salão.

— Bom te ver inteira e com cor. — Carter acenou para mim com um levantar de queixo e abriu as portas para entrarmos.

— Obrigada, bom estar de volta — falei ao passar ao seu lado e seguir para onde todos estavam.

Reunidos ao lado do balcão do bar, Peter e Playboy estavam com um copo na mão, provavelmente tomando tequila, cuja garrafa estava perto deles.

Lorenzo, Lena e mais dois homens que não conhecia estavam próximos a Rock, Brian e Logan. Eles pareciam descontraídos, sorrindo e conversando, como velhos amigos.

O que será que estava acontecendo? Lorenzo não era o inimigo?

Olhei para o lado, para comentar com Nina, mas ela não pôde ser vista. Conferi atrás de mim e não vi Carter também.

Onde estavam eles? Tinha algo errado.

— Para onde foram Nina e Carter? Eles estavam ao meu lado — questionei assim que me aproximei deles. Meus instintos gritavam para minha

mente que existia algo errado.

— Carter ficará com Nina até a nossa reunião acabar — Rock se pronunciou e olhei para Brian, esperando alguma explicação ou reação, mas ele estava com sua postura profissional, como no hospital. *Ah, não, de novo não.*

— O que vocês estão discutindo? Quem são esses homens? — Cruzei meus braços à minha frente e me apoiei no banco do bar, não me sentindo forte o suficiente para me sustentar de pé, mas querendo me mostrar audaciosa perante desconhecidos.

— Que você não está em condições de enfrentar o desafio — respondeu Lorenzo de forma apaziguadora e maliciosa. Poderia até tentar mostrar seu lado pacífico, mas sabia muito bem quem ele era. Seus dois acompanhantes e Lena estavam sorrindo e me avaliando.

— Quem irá decidir isso sou eu. — Encarei todos de forma feroz. — Podem ser três duelos, armas e moto eu consigo participar. A luta...

— Você não está em condições de participar de nenhum deles, Valentine. Não há nada que possa fazer para disputar agora. — Brian não demonstra cordialidade, seus olhos estavam frios em minha direção. Mais uma ação que começou a destruir todo o pilar de confiança que construí com ele.

— Então o quê? O clube ficará sem presidente? — perguntei um pouco alto demais, olhando para todos os outros membros do Selvagem, não recebendo nenhum apoio. De canto de olho, vi Lena sorrir triunfante.

— Conversamos entre nós e decidimos que eu e Lorenzo disputaremos, já que sou a pessoa mais próxima ao antigo presidente. Uma mulher no comando não iria funcionar, de qualquer maneira. — Senti a traição dele me alcançar, como uma faca torcendo no meu peito. Seus olhos foram nos meus e escondiam algo. Mais uma coisa que não sabia, mais uma coisa que omite e quero arrancar dele, nem que seja à força. Mas naquele momento, apenas o encaro, enraivecida.

— Como é que é? — Saí da minha posição, marchando firme, meus ferimentos doendo pelo movimento e vacilo quando me aproximo de Brian, quase caindo. Ele tenta me firmar, mas dispenso sua mão com um tapa. — Não toque em mim. — Olhei feroz para ele e depois encaro Lorenzo. — Vocês não podem fazer isso — afirmei com raiva mal contida. — Vocês — encaro os dois, e Lorenzo sorri — deveriam estar presos por roubarem o clube. Tenho um dossiê completo das transferências irregulares e manutenção de terrenos que não são do Selvagem. Eu tenho provas de que VOCÊS — apontei para os dois — usavam o dinheiro do clube em proveito próprio. — Foquei em Brian, que pareceu surpreso. — Então, nenhum de vocês têm direito a nada, a não ser à cadeia.

Minha vontade era de partir para a agressão e dei um passo ameaçador para Lorenzo. Lena invadiu a frente dele e me empurrou com força, com as mãos em meu peito. Não tendo a mesma destreza com meus machucados, caí no chão e meu ferimento do quadril ardeu. Senti o sangue escorrer e olhei para baixo para comprovar. Apesar da minha calça e blusa pretas, o sangue vermelho deixou uma mancha molhada no meu lado.

— Não pense que você conseguirá mudar isso, vadia — ela falou, ao mesmo tempo em que Brian se ajoelhou ao meu lado, levantando minha blusa e conferindo que os pontos romperam. — Estamos nesse clube há muito tempo, ajudamos a construí-lo e prosperá-lo, temos muito mais direito do que você.

A dor era tanta que não impedi Brian de me examinar. Não faria nenhuma diferença afastá-lo, já parecia frágil e derrotada para todos. A derrota havia me alcançado.

— Vá embora, Lena — Brian soltou com tom de ameaça. Ela não se moveu e ele gritou: — AGORA!

— Vá, querida. Depois nos falamos. — Lorenzo a puxou pela cintura, beija sua boca e ela saiu, carrancuda e rebolando.

— Traga minha mala médica, Johnny.

— Não será necessário. — Abaixei minha blusa e me levantei com dificuldade, fingindo não sentir as mãos de Brian me apoiando para que conseguisse ficar de pé.

Johnny ignorou o que eu disse e seguiu para buscar o que lhe foi solicitado.

— Veja, Valentine, aceite que você não pertence a esse lugar. Mulheres não foram feitas para lutarem contra os homens. — Lorenzo debochou. — Esse Moto Clube acabará, tendo você à frente da presidência, ninguém te aceitará e você não terá nenhum membro novo.

— E corruptos não deveriam ter o direito de disputar um lugar no clube, tanto quanto serem aceitos por homens de bem que querem fazer parte dele. — Afastei-me de Brian e vi em seus olhos um pouco de remorso. Não me deixei ser afetada, cultivei a raiva em meu sangue, para que a fragilidade fosse embora. — Estou de saco cheio de vocês. — Minha voz saiu trêmula. Olhei para todos, que não fizeram menção nenhuma de me apoiarem e segui para me sentar em um sofá.

— Mais um motivo para você não poder presidir o clube, muito sentimental — Lorenzo terminou e os dois homens que estavam com ele deram risinhos zombeteiros. — Choros, TPM, hormônios...

Idiotas.

Johnny apareceu com a maleta e a entregou para Brian.

— Façam o que quiserem, mas saibam que seus reinados não serão por muito tempo. — Aproximou-se com a maleta e sem pedir licença, levantou novamente minha blusa, abriu minha calça e abaixou um pouco a lateral. Eu estava sem forças, novamente, para impedi-lo.

— Vou precisar dar outro ponto. Tudo bem? — Brian me perguntou e reconheci o tom carinhoso e amoroso, me fazendo querer chorar e gritar de raiva. Por que mudou de postura justo agora?

Decidi não responder e não o olhar. Naquele momento, queria que ele se explodisse... Na verdade, ansiava que todos o acompanhassem na explosão.

— Nunca vou desistir de você. Lembra? — falou baixinho, apenas para os meus ouvidos e queria entender qual era a dele, mas desisti, fingindo que não escutei. Terminou de cuidar do meu ferimento, colocou outro curativo e me vestiu.

— Eu não lido bem com traição — respondi ríspida e me levantei, querendo ficar o mais longe dele. Arrumei minha calça e encarei Lorenzo e seus dois acompanhantes.

— Vamos acabar logo com isso? — Lorenzo pediu e Brian guardou seus instrumentos usados em um saco do tipo hospitalar. Olhou-me pesaroso e foi até Lorenzo, determinado.

— Sim, vamos acabar com isso.

Percebi que meu propósito no clube tinha acabado, que desapontei meu pai e Jack, que não consegui impedir que Lorenzo fizesse mal a outras pessoas. Mas nem tudo estava perdido. Iria assistir o desafio e, então, mostraria o porquê uma mulher era a melhor opção para presidente, com o dossiê em mãos.

Capítulo



Vinte e Seis

Valentine

— Partimos em dez minutos. — Brian olhou para Lorenzo. — Logan e Peter serão minha base. — Estende a mão em direção a ele, que a pegou em um cumprimento. — Vamos até o campo de camping, dez minutos de luta e voltamos. As armas...

— Vamos usar as munições de borracha, sem mirar na cabeça e virilha. — Lorenzo continuou e recolheu sua mão. — Elas estão no porão. Kenny e Dan serão minha base. — Apontou com o polegar para os dois que estavam atrás dele.

Todos acenaram com a cabeça em um acordo silencioso.

— Eu busco as munições. — Rock se voluntariou e seguiu em direção às portas do refeitório.

Não conhecia a localização do porão, mas sabia que tinha uma prisão e que estava ocupada atualmente. Ou não. Havia muitas coisas que não tinha certeza.

Playboy se afastou deles e seguiu em minha direção. Vi Brian acompanhando com os olhos a aproximação de Playboy e não parecia nem um pouco contente. Não esperava nenhuma aproximação deles, já que Brian parecia

falar em nome de todos com relação a sua desaprovação em me ter como presidente do Moto Clube. Apenas fiquei com os braços cruzados, encarando os homens conversando com suas equipes.

— Você sabe, não é nada pessoal. — Playboy mostrou um meio sorriso para mim, mas continuei sem olhar para ele. — Você está bem? — perguntou e parecia realmente preocupado.

— Economize sua preocupação comigo — respondi com tom amargo. — Vocês armaram para cima de mim. — Não olhei para Playboy e vi Brian me observando, direcionando sua preocupação para mim. Internamente, levantei meu dedo médio para ele. Externamente, apenas retribuí sua encarada com ferocidade.

— Estamos do seu lado, como estivemos do lado do seu pai. — Playboy me fitou e depois observou os homens conversando, como eu. As palavras foram ditas de forma descontraída e firmes, como se sempre soubesse disso e não tivesse nenhuma dúvida.

— Não tenho certeza se quero essa mesma lealdade, se realmente posso chamar assim. — Vi Rock aparecer com algumas caixas na mão e distribuir para os seis, que apresentam suas armas e os magazines vazios.

Não estava entendendo o motivo de Playboy estar ali, conversando comigo ao invés de me enxotar ou me desconsiderar, como fez Brian. Sabia que algo de estranho estava acontecendo e não conseguia raciocinar direito, já que

meu coração magoado estava à frente dos meus pensamentos.

Percebo que minhas palavras não o afetaram e sua descontração e confiança ainda pairavam no ar.

— Se você tivesse dormido comigo em vez de Brian, agora estaríamos de férias na praia, tomando água de coco. Eu estaria vestindo um short e você, um minúsculo biquíni. Moto Clube e desafio seriam a última coisa que estaríamos pensando no momento. — Aproximou-se mais de mim, deu um tapinha nas minhas costas e se afastou, olhando por cima de seu ombro. — Venha, vamos acompanhá-los de carro.

— Não vou com você. — Percebi que meu protesto pareceu uma birra e Playboy sorriu antes de voltar em minha direção, pegar meu braço não machucado e me puxar. Acabei cedendo e percebi que minhas forças para lutar contra aqueles homens foram dizimados. Era como se fosse uma briga de irmãos, não conseguia aceitar suas provocações por muito tempo, mas sempre continuaria gostando deles.

— Depois que tudo isso acabar, quando você estiver liberada por Brian para fazer alguma atividade física, vamos cair no ringue e você terá todo o tempo do mundo para descontar sua raiva em mim. Agora, vamos apenas apreciar o show.

Ele me puxou para fora do salão e vi Brian observando minha interação com Playboy com um olhar nada amigável e possessivo. Hum, bom saber que

ele não gostava que outros homens me tocassem. Minha intenção era que o médico se sentisse traído tanto quanto eu me sentia.

Ao chegar perto do carro, vi Nina e Carter conversando tranquilamente. Assim que ela percebeu nossa aproximação, sorri, mas, um segundo depois, fez uma careta, como se tivesse se lembrado de algo.

— Porra, vadia, fiquei sabendo... — Nina começou, mas a interrompo:

— Sim, bem, não vou participar do desafio. Acompanharei de carro com Playboy. Vocês vêm? — Abri a porta do passageiro.

— Eu e Johnny ficaremos no Moto Clube. — Carter se aproximou. — Voltarei para o meu posto. — Seguiu para a guarita.

— Nina ficará com Johnny dentro da sede. — Escutei Rock dizer assim que chegou perto do carro e abriu a porta de trás. — Vamos, Playboy.

Observei Brian e os outros homens montarem em suas motos, darem partida e seguirem para o portão, que Carter já estava abrindo. Escutei o barulho do motor e percebi que Playboy já tinha entrado e ligado o carro.

Sem dizer adeus para Nina, me ajeitei no banco, fechei a porta, Rock também, e Playboy seguiu atrás das seis motos.

Já na primeira quadra, vi o homem que Lorenzo disse que se chamava Kenny retirar a arma de suas costas e apontar para Logan.

— Não! — gritei no carro e coloquei minha mão no painel, inclinando

meu corpo e achando que dessa forma conseguiria impedir alguma coisa. A arma disparou e acertou as costas dele, que se encolheu e quase desequilibrou da moto.

— Acalme-se, Valentine, são balas de borracha. — Rock me puxou de volta pelo ombro não machucado para que minhas costas ficassem encostadas no banco. — Doem pra caralho, mas não matam.

Fiquei envergonhada pela minha ação e por ter me esquecido daquele detalhe. Toda a situação me tirou do equilíbrio e estar machucada, não conseguindo me defender como costumava fazer, me deixou mais vulnerável do que o normal. Não estava conseguindo me controlar para que meu lado racional tomasse conta das minhas ações.

Então, para não cometer mais nenhuma gafe, decidi não dizer mais nada.

Percebi Logan reduzir a velocidade e não mais acompanhar as outras motos, que começaram a aumentar a velocidade, cruzando entre carros e pessoas sem muito cuidado. Ainda estávamos em um local movimentado da cidade, e as pessoas observavam as motos passarem com olhares curiosos e amedrontados.

A seguir, Lorenzo tentou se aproximar de Brian, que estava à frente. Peter se aproximou do líder adversário e tentou afastá-lo apenas com sua moto, mas Dan, a base dele, puxou sua arma e começou a atirar nos dois.

Meu coração se apertou quando Brian perdeu o controle momentâneo

da moto, tentando desviar dos tiros e então seguiu, sem ainda usar sua arma. Logan aproveitou que ficou para trás para atirar nas costas dos três adversários. Ele conseguiu acertar o braço de Dan, que desequilibrou, perdeu o controle da moto e capotou na calçada.

— Isso! — Playboy vibrou e bateu sua mão no volante. — Menos um.

As construções foram se acabando e o volume de carros e pessoas reduziu, fazendo com que toda a pista estivesse à disposição dos cinco. Logan voltou a acompanhar Brian, que cada vez mais aumentava a velocidade da sua moto.

Estávamos quase nos aproximando do destino e nenhum deles fez mais movimentos de ameaça, seguindo com suas motos em dois grupos distintos, cada um de um lado da pista.

Ao chegar ao campo, todos estacionaram, desceram das motos e retiraram suas armas, um apontando para o outro. Playboy parou o carro afastado, mas num local que ainda permitia ver o que estava acontecendo.

— Não dava para parar mais longe? — perguntei irônica, abrindo a porta do carro, mas Playboy se inclinou para mim e a fechou. — O que foi?

— Ninguém sai do carro, vamos assistir daqui. — Ligou o som com o volume baixo. *Feuer Frei*, da banda *Rammstein*, estava tocando e, com o coração na mão, observei a próxima etapa do desafio.

Lorenzo começou atirando, quando Brian avançou em sua direção. Ele

acertou o ombro de Brian, que recuou um pouco antes de colocar seu punho fechado, com força, na cara dele.

Logan e Peter pararam Kenny com as armas apontadas em sua direção. Ele ficou com as mãos para cima em sinal de rendição, sua arma foi descartada no chão, perto do seu pé.

Lorenzo e Brian começaram uma luta corpo a corpo acalorada. Dois socos atingiram o rosto do médico, depois um chute atingiu o abdome de Lorenzo, que tentou acertar mais um tiro em Brian, mas foi longe.

Mais um soco atingiu o rosto de Brian, que caiu no chão quase desacordado, deveria ter acertado a mandíbula. Lorenzo conseguiu uma vantagem e acertou as costas de Brian, que gritou e rolou do chão, para escapar da mira do segundo disparo.

Com cara de dor e arma em mãos, ele atirou no estômago de Lorenzo, que inclinou com o impacto, dando a vantagem para Brian. Ele se levantou com um pouco de dificuldade e praticamente pulou em cima de Lorenzo, envolvendo seu braço musculoso em seu pescoço e tentando, assim, estrangulá-lo. As armas caíram no chão um pouco distante de onde eles estavam atualmente lutando.

Chacoalhando, caindo de costas e arranhando o braço em volta de seu pescoço com suas unhas, Lorenzo conseguiu sair do aperto de Brian. Ambos se encaram, ofegantes e cansados. Brian estava com hematomas perto do olho e Lorenzo tinha o rosto vermelho pela falta de ar.

— Dois minutos restantes — Peter gritou de seu local onde subjugava Kenny.

Lorenzo aproveitou que Brian se distraiu, pulou em cima dele e o derrubou de costas no chão, fazendo-o arfar por falta de ar. Ele montou a cintura dele e começou a socá-lo, muitas e muitas vezes, alternando entre os punhos.

Dentro do carro, comecei a respirar de forma acelerada, tentando acompanhar os compassos do meu coração, que também estavam acelerados. Ele me traiu, mas não deveria estar perdendo assim, não deveria se machucar tanto.

Olhei para Playboy, depois para Rock e percebi que os dois também pareciam apreensivos.

— Peter e Logan não podem ajudar? — perguntei, sem conseguir esconder minha aflição.

— Não — respondeu Playboy, sem sua descontração anterior.

Vi Brian tentando se defender com os braços, erguendo seu quadril para sair da guarda de Lorenzo, porém em vão. Quando achei que tudo estaria perdido e Brian provavelmente teria uma concussão na cabeça de tantos socos, escutei o barulho de motos e não era o motor típico de Harley´s... eram motos esportivas.

Olhei pela minha janela e vi as duas motos verdes, *Kawasaki* Ninja. Pareciam as mesmas motos abatidas por Nina, que nos seguiram naquele dia, porque os motociclistas também estavam de preto e com AK's em mãos.

— Merda, eles novamente. — Abri a porta do carro, sem saber o que fazer, mas com a intenção de avisar a todos do perigo. — Cuidado! — gritei.

Capítulo



Vinte e Sete

Valentine

Assim que as armas começaram a disparar, Rock pulou em cima de mim, me derrubando e fazendo com que todos os meus machucados ardessem em resposta. Ele me cobriu com o seu corpo enquanto, com uma mão erguida, começou a atirar nas motos, mirando em suas engrenagens.

— Eles vão matar Brian — reclamei desesperada, com lágrimas saindo dos olhos por causa da dor causada pelo movimento brusco e pela preocupação de perdê-lo.

Depois de descarregar toda a sua munição na moto, vi-a explodindo, tornando o piloto parte das chamas. A explosão assustou o outro motociclista, que caiu da moto, mas seguiu em direção a Lorenzo e Brian.

Rock me ajudou a levantar e correu em direção a eles. Vi Kenny e Peter estirados no chão, com sangue escorrendo de suas roupas. Logan também parecia ferido, mas estava sentado, segurando seu braço e verificando Peter.

Segui em direção a toda a confusão. Olhei adiante e vi Lorenzo e Brian deitados enquanto Rock e Playboy estavam se aproximando. Rock apontou a arma para o motociclista da segunda moto que estava caminhando em direção a eles.

— Não se mexa ou vou atirar! — gritou Rock assim que se aproximou dele. — Playboy, veja os dois, eu cuido desse aqui. — Ele não desgrudou o olhar do visitante indesejado, que pareceu desconsiderar o aviso de Rock e continuou caminhando.

— Brian tem pulso, não foi ferido à bala, vou colocá-lo no carro — Playboy soou enérgico e carregou Brian em seu ombro, seguindo para o veículo.

Aproximei de Playboy, que não parou seus passos, então o acompanhei. Precisava verificar Brian com meus próprios olhos.

— Ele está bem? — Toquei o rosto dele, que estava muito ferido e não esboçava nenhuma reação.

— Provavelmente desacordado por causa das pancadas em seu rosto, não se preocupe. — Passamos pelos outros dois Selvagem. — Peter? — perguntou a Logan, que se levantou com dificuldade. Percebi que também tinha sido ferido na perna, então corri para abraçar sua cintura, colocar seu braço no meu ombro e ajudá-lo.

— Morto — respondeu sem emoção. Ele olhou para mim e não identifiquei nada em seu olhar, porque estava sem vida.

Peter morreu. Meu peito apertou pela perda de mais um membro do clube. Não o conhecia muito bem, ele era mais reservado e silencioso. Não sabia se me sentia mais aliviada ou triste. Deveria tê-lo conhecido, meu pai com certeza gostaria disso. Sentia que estava falhando em tantos pontos, em os

conhecer e protegê-los.

Escutei um disparo e olhei para trás em reflexo, quase derrubando Logan. Pedi desculpas rapidamente e olhei para Rock, que mantinha a mira de sua arma no corpo estirado do motociclista que nos atacou e estava indo em direção a Brian.

— Vamos — Playboy nos incentivou a continuar.

Voltamos a andar e, assim que chegamos ao carro, outro disparo. Coloquei Logan sentado no banco do passageiro, enquanto Playboy acomodava Brian deitado no banco traseiro. Daquela vez, Rock estava com seus braços ao lado do corpo, porém virado para Lorenzo, que se sentou, parecendo uma maria-mole.

— O que... — não sabia o que perguntar. Estava muito chateada para pensar de forma coerente. Não tinha certeza se Rock havia atirado em Lorenzo.

O irmão tão grande como uma rocha seguiu em nossa direção e vi o corpo de Lorenzo cair no chão, o sangue se espalhando ao seu redor, formando um lago. Ele parou ao lado de Peter, ajoelhou e apoiou sua mão em seu peito. Segundos se passaram antes dele se levantar e vir em nossa direção.

Brian começou a gemer dentro do carro e dei a volta para ficar de frente para sua cabeça. Ele se levantou com dificuldade e se sentou no banco.

— Porra... — resmungou, sua voz era apenas um sussurro.

— Você está bem? — Brian não me respondeu, parecia não perceber

onde estava. Virei para Playboy, que entrou no banco do motorista. — Precisamos ir para o hospital, vocês estão muito feridos.

— Eu aguento — Logan disse num gemido. — Não podemos ir para o hospital sem Doc, haverá muitas perguntas. Eu espero ele melhorar.

Rock entrou no banco traseiro do outro lado, muito sério e irradiando raiva.

— Merda! Caralho! — Bateu à porta do carro. — Vamos embora, Playboy. A coisa vai ficar preta.

Fechei a porta do meu lado. Brian escorou sua cabeça no meu ombro, e sua mão pousou no seu colo. Coloquei minhas mãos na dele e a apertei suave, apenas para dar força e apoio. Ele não parecia estar pensando de forma coesa.

— Eu te amo, Valentine — Brian sussurrou no meu ouvido. Congelei com suas palavras, olhei para os lados e percebi que ninguém estava prestando atenção em nós. Todo o meu corpo endureceu, minha respiração parou e apenas meu coração acelerado continuou a funcionar.

— Brian? — Minha voz saiu trêmula e baixa. Como assim ele me amava? Depois de tudo o que fez, ainda diz isso? Será que estava delirando?

Ele não respondeu e percebi que podia ter sido o inconsciente comandando sua fala. Seu rosto estava muito judiado dos golpes anteriormente levados. Não sabia se me sentia mais aliviada, com raiva ou triste. A tensão no carro era tanta que apenas ignorei o que acabei de escutar.

Seguimos em silêncio fúnebre até Playboy interrompê-lo, quase próximo à sede do Moto Clube:

— O que aconteceu?

— Lorenzo se envolveu com os Aranhas — Rock parecia dizer uma sentença de morte. — As duas Ninjas eram deles, em busca de pagamento ou vingança.

Ninguém perguntou mais coisa nenhuma e eu não entendi o que isso queria dizer.

— Lorenzo está morto?

— Morto.

— Quem são os Aranhas? — comecei a deixar a aflição transparecer na minha voz.

— O nosso pior pesadelo — Logan falou estrangulado e a sede do Selvagem apareceu na minha visão.

— E o que isso quer dizer?

Entramos no estacionamento do clube, com Rock gritando de dentro do carro para Carter fechar todas as entradas, que estávamos em perigo.

Playboy ajudou Logan a se locomover até a entrada do salão e Rock carregou Brian em seu ombro. Eu apenas os segui, preocupada com o pouco de informação que tinha. Iríamos enfrentar nosso pior pesadelo e não sabia nada

sobre ele.

Quando entramos, Logan se sentou em uma cadeira e relaxou, colocando sua cabeça para trás, apoiada no encosto. Brian foi colocado no sofá que ficava mais perto do bar. Carter entrou no salão e trancou a porta. Nina e Johnny apareceram pela porta do refeitório, descontraídos, mas mudaram suas posturas imediatamente, assim que viram Logan pálido e ensanguentado.

— O que aconteceu? — Nina se aproximou de Logan. — Merda, vou buscar toalhas e água. Vá também, Johnny.

Eles voltaram por onde haviam entrado e apenas observei. De um lado, vi Playboy com o celular na mão, tentando falar com alguém e não tendo sucesso, porque xingava a todo momento, enquanto olhava para o aparelho. Vi Rock tentando acordar Brian.

— Acorde, Doc. — Rock bateu de leve em seu rosto assim que ele o depositou no sofá. — Precisamos de você, irmão. Vamos!

Brian começou a balbuciar alguma coisa e Rock colocou sua orelha perto da boca dele, para tentar entender o que estava falando.

— Porra de cara apaixonado — disse um pouco irritado e deu outro tapa no rosto de Brian, um pouco mais forte, o fazendo acordar de vez. Seus olhos estavam abertos e vidrados, porém ainda ficou deitado. — Deixe essa merda para depois, quando você e sua mulher estiverem sozinhos. Precisamos de você, cara. Logan está ferido, Peter morto e os Aranhas estão atrás da gente.

Brian se sentou rapidamente, mas gemeu de dor e colocou a mão na cabeça como se precisasse segurá-la para parar de rodar. Quando pareceu se estabilizar, me olhou nos olhos e o que vi me chocou. Era intenso e abrasador. Mesmo com seu rosto muito machucado, seus olhos conseguiram transmitir um acalorado sentimento para mim. Segundos se passaram, e continuei imóvel, encarando-o, sem saber como reagir. Ele, por sua vez, olhou para todos os lados, encontrou sua maleta médica, que tinha usado comigo há algumas horas, e focou em Logan.

— Me ajude a chegar nele — Brian disse e Rock o ajudou a se locomover até Logan, que estava perdendo a cor. — Você disse os Aranhas?

— Sim, Doc, a porra do Aranhas Moto Clube. Ou Lorenzo se envolveu com eles ou os motociclistas simplesmente decidiram destruir o Selvagem. — Rock deixou Brian do lado de Logan e pegou uma cadeira para o médico se sentar.

Nina e Johnny apareceram com toalhas e baldes de água.

— Aqui, para limpar um pouco dos ferimentos. — Nina colocou as toalhas em cima de uma mesa que Rock estava locomovendo para perto de Brian, e deixou os baldes no chão próximo a ele.

Brian apenas acenou com a cabeça em agradecimento e começou a examinar Logan. Olhou sua perna, depois o braço, então voltou para a perna. Não sabia como ele conseguiu forças para fazer aquilo, porque seu rosto estava

muito inchado e não parecia tão melhor quanto o irmão de clube.

— Preciso remover sua calça, irmão — disse com voz rouca e cansada. Logan apenas balançou a cabeça negativamente.

— Corte logo, já não tenho mais força para nada. — Logan suspirou e fechou os olhos. — Parece que fui drenado por um vampiro.

— Sim, cara, você perdeu muito sangue. Vou tentar fazer o máximo, mas precisará de uma transfusão o quanto antes. — Brian pegou uma tesoura e começou a cortar a calça de Logan a partir do ferimento, para cima e para baixo, como o verdadeiro profissional que era. — Não atravessou, vou precisar remover o projétil antes de costurá-lo.

— Faça isso! — Logan disse com os dentes cerrados, expressando em seu rosto toda a dor que estava sentindo com a remoção do corpo estranho.

— Tome isso. — Nina apareceu com uma garrafa de tequila, que foi virada sem cuidado na boca do homem machucado.

— Vou aplicar um pouco de anestesia local, mas não acabará com a dor completamente. — Brian seguiu com sua postura profissional, narrando tudo o que estava fazendo e o motivo. Se não fosse trágico vê-lo todo machucado tendo que cuidar de outra pessoa, seria cômico.

Nina se ajoelhou ao lado de Brian, auxiliando-o e limpando o ferimento de Logan. Mesmo chateada com tudo o que aconteceu no dia, saí do meu torpor e segui em direção aos feridos. Peguei uma toalha em cima da mesa, molhei-a no

balde com água limpa e comecei a passar na lateral do rosto de Brian. Ele parou de movimentar a pinça de sua mão e me olhou nos olhos. Ao contrário dele, continuei a limpar, tão delicada quanto poderia, tentando contribuir de alguma forma.

— Cuide de Logan, eu cuido de você — falei baixinho e Brian obedeceu.

Ele continuou conversando com Logan, assuntos aleatórios, e exigindo respostas. Acreditei que se relaxasse, sua situação poderia piorar. Vi o quanto Brian estava cansado, mas mesmo assim, se dedicou a cuidar do amigo. Com aquela motivação, continuei limpando os ferimentos no seu rosto o melhor que poderia, sem atrapalhá-lo.

Já tínhamos perdido muitas pessoas, não gostaria de perder mais um.

Os outros membros do Moto Clube apenas olhavam em nossa direção, nem um pouco relaxados, acompanhando cada movimento nosso. Apesar do estado de saúde de Logan ser um pouco delicado, a tensão no ar não estava tão justificada.

Qual era a verdadeira razão para aquele clima?

— Pronto — a voz de Brian saiu cansada. Anunciou assim que terminou com a perna de Logan. — Vamos para seu braço. Tudo bem, irmão? — Encara seu paciente.

— Merda. — Logan disse com rouquidão e respirou fundo. — Acho

que vou apagar.

— Fique com a gente — Nina se levantou e aproximou seu rosto do dele. — Nada de dormir ainda, senhor perfurado. Conte-me alguma coisa engraçada.

— Além de sentir minha perna dormente? — Logan respondeu e tentou sorrir para Nina, mas pareceu uma careta.

Brian aproveitou que Nina assumiu o posto de conversar e mantê-lo acordado e começou a cuidar do segundo ferimento.

Percebi que o rosto de Brian estava bem melhor e limpo com meu auxílio, então parei meu trabalho sem trocar qualquer palavra, abandonei a toalha em cima do balcão do bar e me aproximei dos outros, que começaram a cochichar entre si, abalados.

— E então, vão parar de cochichar igual comadres e me dizer o que está acontecendo? Por que estão tão agitados? — perguntei com as mãos em cada lado da minha cintura.

Estava cansada, mas minha pose de comando não tinha sido abalada.

Eles me olharam com apreensão e um estrondo do lado de fora do clube pôde ser ouvido. Todos viraram suas cabeças para a porta do salão e franzi minha testa, desviando dos rapazes e seguindo em direção ao barulho.

— O que foi isso?

— Valentine, cuidado! — Playboy gritou em alarde, estendendo sua mão em minha direção.

Antes de me aproximar da porta, ela foi arrombada, suas partes jogadas no chão, as dobradiças ficando suspensas no portal. Por reflexo, estiquei meus braços para frente e tentei bloquear qualquer estilhaço de se aproximar do meu corpo.

Escutei barulho de motos esportivas e recuei alguns passos para trás, assim que uma mão pegou no meu braço.

— Vá para trás, Valentine. Os Aranhas chegaram — Rock falou sério, me empurrando para ficar atrás dele e fazendo meu sangue gelar.

Será que estava pronta para enfrentar aquele pesadelo?

Capítulo



Vinte e Oito

Valentine

Homens vestindo macacões de couro preto entraram, um a um, dentro do salão. Eram mal-encarados, barbudos e carrancudos, transbordando perigo e uma péssima atitude.

Quando Rock alertou para que me afastasse, fui para trás do balcão. Por instinto, me aproximei de Nina e segurei forte sua mão, que retribuiu em igual intensidade.

Logan continuou sentado na cadeira, uma mão segurando uma toalha em seu ferimento do braço. Brian tinha se levantado e estava à frente de Rock, Playboy, Carter e Johnny.

Um homem jovem, com cabelo curto bem arrumado, sem barba e com estereótipo de galã ficou à frente dos invasores. Ele estava sorrindo, mas não havia humor em sua feição, apenas perigo e malícia. Não gostei do que vi.

— Senhores — o galã cumprimentou, olhando a todos.

— Reparos em portões e portas não são baratos. — Brian cruzou os braços à frente do seu corpo com intenção de intimidar. — Qual a dificuldade em entrar sem invadir?

— Qual seria a graça? — Levantou as sobrancelhas em diversão

sombria. — Sobre os portões, tenho certeza de que não paga nem 10% do que me devem. — O galã continuou sorrindo e os seus acompanhantes começam a se aproximar dele, intimidando muito mais do que Brian. — Cadê o presidente dessa merda?

— Estou aqui. Ninguém do Moto Clube fez dívida com o Aranhas. Não temos negócios com vocês. Podem ir embora. — Brian deu um passo à frente, seus braços se soltaram.

— Você é o presidente? — O galã ergueu uma sobrancelha em surpresa. — Quem me deve, prometeu me entregar o presidente do Selvagem como pagamento, a herdeira de John Savage, sua filha. Você não se parece com uma mulher. — Fez uma varredura pelo local, parando seu olhar em mim e Nina. Com suas palavras e seu olhar ameaçador, meu coração parou um segundo e depois começou a bater mais acelerado do que qualquer outro dia. — Lorenzo me deve!

Lorenzo fez a dívida e eu, como presidente, seria o pagamento? Por que não me deixou assumir o posto então, sem desafio? Por que fazer isso com Brian?

— Suas fontes estão desatualizadas, Victor — Brian falou cauteloso. — Lorenzo não faz mais parte desse Moto Clube e somos apenas nós. John morreu semana passada. — Abriu os braços indicando os homens ao seu lado como membros.

— Então, as vadias ali do fundo estão disponíveis? — Victor faz um gesto com a mão para um de seus aliados, que começam a vir em nossa direção. Rock se posicionou na frente dele.

Senti Nina apertar a minha mão duas vezes. Olhei para ela e tentei entender o que queria me transmitir. Aquela situação estava muito tensa, não conseguia pensar direito. A tensão estava em todos, nós estaríamos em desvantagem se acontecesse algum confronto. Tudo isso não me deixava confortável para pensar em uma estratégia adequada de ataque ou defesa.

Nina apertou minha mão novamente, duas vezes. Arregalei meus olhos para ela, como se dissesse “eu não te entendo”, quando olhou para o meu lado e acompanhei seu olhar. Então vi, no balcão inferior, uma arma. Na hora, entendi o que queria e muito disfarçadamente estiquei minha mão e peguei a arma. Soltei minha mão da dela e verifiquei a trava, sem tirar os olhos do confronto próximo a nós, tentando não demonstrar o que estava planejando.

— Tem certeza de que querem começar um confronto contra nós? — Victor aumentou seu sorriso e começou a me encarar, seu olhar me causando calafrios.

Pare de olhar para mim como se eu fosse uma presa indefesa!

— Vocês já começaram há algumas horas — Brian falou com os punhos fechados ao lado do seu corpo. — Digam o que precisam e vão embora, não queremos mais conflitos, não estamos no mesmo ramo que vocês.

— Eu quero a dívida, feita por Lorenzo, paga. — Sem sorriso e muito sério, Victor tirou seu olhar de mim e agora encarou Brian. — Não me importo se ele não faz mais parte do Moto Clube, sua dívida foi feita em nome de vocês, então, vocês pagarão.

— Você me quer como pagamento da dívida? Eu sou o presidente agora — Brian se ofereceu, fazendo meu coração apertar. Céus, ele estava se colocando em perigo para me proteger.

— Oh, homem, não estamos nesse nível. A não ser que você tenha uma boceta, prefiro outro meio de pagamento. Não precisa ser o presidente. — Victor se dignou a piscar um olho para mim e sorrir. Segurei a arma com mais firmeza em minhas mãos, louca para mirar em seu rosto, como fiz com Taylor.

— Não haverá esse tipo de pagamento. Mulheres não estão no negócio. Diga seu preço, será apenas dinheiro.

— Duzentos mil — Fez um movimento com a mão para o homem, que Rock estava bloqueando a passagem, indicando que voltasse a seu lugar anterior. — Venha, Bill, ainda não será hoje.

O tal Bill se afastou, rindo para Rock e se posicionou do lado de Victor.

— Será providenciado em uma semana — Brian prometeu e queria abrir minha boca para protestar, uma vez que estava com o dossiê das contas do Moto Clube em mãos e não existia esse valor em caixa. Será que ele enlouqueceu?

— Quatro dias, e não tolero atrasos ou desculpas. — Sem esperar, Victor virou de costas para nós e todos de sua equipe começam a sair do salão, uns derrubando cadeiras e rindo da bagunça. Meu coração não conseguia sentir alívio ainda.

Alguns passos depois, o chefe do Aranhas se virou para nós, com o mesmo sorriso malicioso.

— Faça um favor, e peça para a belezinha com a arma na mão vir entregar o dinheiro para mim. Sozinha.

O que disse? Como viu minha arma?

— Não! — Brian sou enérgico.

— Não é negociável, a não ser que você queira seu Moto Clube em chamas e suas lojas saqueadas.

Droga, ele não iria facilitar para nós e Brian não aceitaria. Precisava minimizar os danos.

— Eu vou! — gritei do meu lugar e o sorriso de Victor aumentou. Brian me encarou bravo, mas não havia alternativa.

Sem mais diálogo, eles foram embora e um pouco de alívio me invadiu. Saí do local que estava atrás do balcão, deixei a arma em seu local de origem e, sem encarar os rapazes, fui em direção à porta arrombada. Vi, uma a uma, as motos esportivas saindo do estacionamento do clube pelo portão destruído.

— Você enlouqueceu? — perguntou a mim um Brian muito aborrecido, vindo para ficar ao meu lado. — Estamos tentando te proteger e você se oferece para eles?

— Em primeiro lugar, não me ofereci, ele exigiu — respondi chateada, encarando-o com a mesma intensidade de exasperação. — Em segundo lugar, me proteger do quê? Eu vim para o clube para ser o foco, ser a presidente, e você fez o favor de rechaçar todo o meu esforço. Então, aceitar sua exigência era o mínimo que poderia fazer. — Até chegar as últimas palavras, estava gritando.

— Foi tudo uma armação, Valentine! Você sempre terá o posto de presidente — falou cansado. — Um dos caras que prendemos, depois do tiroteio com Mike e Vinny, soltou a língua e falou dessa dívida de Lorenzo com o Aranhas. Você estava vulnerável, e a primeira solução que encontramos foi essa, tirar a presidência de você perante os outros. Usei a ambição de Lorenzo para que ficasse tentado pelo poder. — Com seu rosto machucado e olhar agoniado, ele parecia um mártir falando comigo.

— Você só esqueceu que EU precisava saber disso, que EU estou envolvida com o clube, que EU sou sua mulher e que EU merecia uma satisfação! — gritei com os punhos fechados ao meu lado, meus olhos ainda fixos nos seus.

A última frase o atingiu como se tivesse levado um soco no estômago e meu coração começou a se comover. Um pouco. Coração idiota, não podia ser

tão fácil de dobrar.

— Nossos planos não saíram como o planejado, e agora percebo que, com você sabendo, poderia ser diferente. — Abaixou a cabeça, fechou os olhos por um momento e voltou a me encarar. Brian continuava chateado. — Mas isso não muda o fato de você querer se arriscar de forma desnecessária com os Aranhas.

— Bem, aceite, que dói menos — soei ríspida. — Estou reivindicando meu posto novamente. Posso não ser a presidente perante eles, mas aqui eu sou, e digo o que deve ou não ser feito.

— Você não sabe do que eles são capazes.

— Claro, você não fez o favor de me dizer isso antes! Além do mais, onde você vai achar o dinheiro que ele pediu? Eu vi as finanças das empresas do clube, não há todo esse dinheiro em caixa. — Comecei a deixar a raiva e frustração tomarem conta das minhas ações.

— Daremos um jeito. Deve haver algum lugar de onde podemos conseguir. — Brian divagou.

— Que tal dos dois terrenos no seu nome? — Coloquei minhas mãos na cintura e o encarei, pomposa.

— Do que você está falando? — Aproximou-se de mim, dando um passo em minha direção, com seu rosto em confusão.

— Não se faça de desentendido! O clube mantém dois terrenos

gigantescos em seu nome, próximo ao centro da cidade. As escrituras estão em seu nome, não há como refutar isso. Você está usando o dinheiro do Selvagem para benefício próprio, assuma de uma vez por todas!

— Nunca ouvi falar desses terrenos, nunca comprei nada em meu nome, pelo contrário, tenho contribuído com parte do meu salário para manter o clube desde quando fui recrutado, como forma de pagamento da dívida da minha irmã. — Parecia realmente chateado agora, me encarando com o cenho franzido. — Não venha jogar merda que nunca ouvi falar na minha cara, nunca roubei o clube!

Desde quando descobri os terrenos em nome de Brian, minha dúvida sobre sua honestidade começou a se inverter. Em vez de duvidar dele, pensei que os papéis que estavam errados. E se as escrituras fossem falsas, então o estava acusando injustamente.

Uma dor de cabeça começou a se formar e precisei de espaço, precisava estar sozinha para pensar racionalmente.

— Droga! — Fechei os olhos rapidamente, desviei dele e entrei no clube, percebendo que todos estavam acompanhando nossa discussão. Parei um momento e me virei de volta para Brian. — Não acabamos de conversar. Estou cansada, estamos exaustos. Logan precisa de um hospital e...

Doc passa por mim e vai em direção a Logan, que está sendo carregado por Rock em seu colo. Parecia que todos tinham se lembrado dele naquele

momento.

— Vamos usar o carro do Playboy, ainda está inteiro no estacionamento — Rock falou e os três seguiram para o carro, sem direcionar nenhuma palavra a mim.

— Cara, nunca vi tanta ação quanto nessas últimas semanas. — Johnny assoviou. — Pres, você chegou e balançou as estruturas do Selvagem.

— Não é culpa dela, idiota. — Nina se aproximou dele, bateu em sua nuca e retribuí a cara ameaçadora que Johnny fez pelo tapa. — Você quer lutar? — Abriu os braços e o instigou. — Venha, não tenho medo, tenho força.

Carter começou a rir e Johnny o acompanhou.

— Nina, se você não fosse tão bruta, eu te faria uma proposta muito indecente! — Johnny declarou e Nina cruzou os braços à sua frente, olhos cerrados. — Sei o quanto que aguento, e você é muita areia para o meu caminhão. — Fez movimento com as mãos, indicando um corpo violão, como se ela tivesse uma grande bunda, piscou um olho e se aproximou com um sorriso divertido. — Estou brincando, querida, podemos começar com os planos agora mesmo.

Em um movimento ágil, Nina deu um soco na cara de Johnny, que quase caiu e fez Carter rir. O atingido segurou o rosto, sem perder o sorriso.

— Cuidado com o que você fala! — Nina soltou irritada.

— Eu mereci. — Suspirou. — Parecia que precisávamos de um pouco

de descontração, para aliviar o clima. As coisas andam muito sérias por aqui, e agora, com a morte de Peter...

— Pelo jeito, você ganhou colhões, de um dia para o outro, Johnny — falei, um pouco divertida com a cena e entendendo seu ponto de vista. Também queria esquecer... *desfazer* a discussão que tive com Brian, principalmente.

— Tive um bom incentivador. — Piscou um olho para mim e seguiu em direção aos quartos com Carter.

— Hei, alguém ligue para limpeza vir arrumar essa bagunça — gritei para minha voz alcançá-los.

— Considere feito, Pres. — Carter acatou e retirou seu celular do bolso, enquanto caminhava para dentro. — Já volto.

Fui até o sofá e me sentei com um baque. Nina fez o mesmo ao meu lado.

— O que você vai fazer, Val? — ela perguntou, olhando o teto, com a cabeça apoiada no encosto.

— Enfrentar as consequências. — Endireitei minha postura, olhei para o salão e suspirei. Tudo aquilo era minha responsabilidade.

Fechei os olhos, inclinei minha cabeça no encosto do sofá novamente e comecei a lembrar de todos os acontecimentos dos últimos dias. Recordei-me do meu pai, de todos os integrantes do Selvagem, das mortes, e das informações que tinha e onde poderia conseguir mais.

Enérgica, decidi fazer uma nova pesquisa sobre o Selvagem em suas dependências.

Capítulo



Vinte e Nove

Valentine

Ao invés de ir para o escritório buscar documentos sobre o clube, segui para o quarto do meu pai. Nada melhor do que saber mais sobre o Selvagem do que com o presidente. Eu e Nina começamos a procura pela cômoda de roupas e o armário de cabeceira, em busca de informações ou pistas.

— Você reparou que não tem nada de Lena aqui? — Nina observou.

— Essa mulher tinha tudo planejado. — Lembrei-me dela dando em cima de Brian, depois de Lorenzo. Ela não era fiel, isso era fato.

— Ou ela previa nossa invasão. — Nina sentou-se na cama e começou a bagunçar a gaveta do armário de cabeceira.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Deveria ser ilegal olhar gaveta de roupa íntima de pai e mãe — soltei, enquanto vasculho de um lado ao outro entre as cuecas. Eram boxers, cores neutras, mas eram do meu pai, e não estava confortável em vê-las ou tocá-las.

— Podemos aproveitar e retirar todas essas roupas das gavetas, para entregá-las à doação — Nina disse sentada na cama, olhando alguns papéis que encontrou. — Seu pai tinha uma letra bonita.

— Boa ideia. — Fui para o guarda-roupa do meu pai. Na parte de cima, buscando por uma mala, acabei encontrando duas, grandes o suficiente para o que precisava. — Ótimo, temos malas, vou colocando tudo dentro delas. — Sem olhar para Nina, levei as malas para o lado da cômoda e comecei a colocar as cuecas, depois meias e shorts de dormir.

Vasculhando a segunda gaveta de camisetas, na última da cômoda, encontrei uma peça prateada.

— Encontrei uma chave. — Ergui-a no ar e me virei para Nina. Ela estava com lágrimas nos olhos. Tinha um papel em mãos e, sem entender o motivo da emoção, me aproximei dela. — O que aconteceu, Nina?

— Seu pai escreveu uma carta de despedida. — Ela segurou o choro e estendeu o papel para mim. — Desculpe não anunciar antes, mas acabei me envolvendo na leitura.

— Deixe-me ver! — Sentei-me ao seu lado e tomei o papel de sua mão. Meus dedos tremiam, mesmo eu não tendo começado a ler. A emoção dominou meu coração e mente. O que será que ele queria dizer com essa carta?

Filha,

Nunca imaginei que chegaria a ser tão sentimental. Incrível como saber do dia de sua morte pode mudar todos os seus conceitos e posturas.

Construí minha vida com base no clube, em recrutar homens honestos e

com vontade de contribuir. Homens sem família, ansiando por pertencer a algum lugar, estar em algum lugar.

Eu era feliz quando recrutava um homem desses para o Selvagem. Minha felicidade mudou de foco quando conheci Jocelyn. Nesse momento, minha felicidade era conversar com ela, fazê-la sorrir e amá-la. Meus homens se tornaram secundários, e Jocelyn se tornou o centro do meu mundo.

Tudo foi por água abaixo quando percebi que a minha mudança de foco trouxe ilegalidade, corrupção e morte para o clube, que construí com integridade. Os homens que tanto dependiam de mim, agora estavam abandonados. E para piorar meu sentimento de culpa, descobri que Jocelyn estava grávida.

Não há justificativas plausíveis para meu distanciamento de você, minha filha. Estava entre duas máquinas que faziam minha vida seguir em frente, faziam minha vida ter sentido. Na minha cabeça errática, não era possível estar com as duas, então precisava tomar uma decisão, ou a vida tomaria por mim.

Tentei lidar com o clube e com vocês da melhor maneira que podia, mas não era possível fazer nem um e nem o outro bem. Deixei a desejar nos dois e, então, desapontei os dois, o clube e Jocelyn.

Ver você como uma verdadeira Selvagem me fez repensar tudo o que tentei evitar, que era unir os dois mundos, as duas máquinas da minha

felicidade. Fiz tudo errado e vou partir desse mundo arrependido das minhas escolhas. Poderia ter trazido meu amor para dentro da minha razão de viver, para o clube.

O clube e vocês sempre serão os amores da minha vida, um pelo meu ego e outro pelo meu coração.

Desculpe não poder estar junto com você nessa loucura que decidiu se envolver. Confesso que estou feliz por estar errado sobre tudo o que achava que era certo para você. Você merece cuidar desse clube muito mais do que eu mereci.

Por favor, seja um presidente melhor do que fui, acompanhe todos os irmãos e não deixe que a ilegalidade domine o Selvagem novamente.

Não cause injustiças como fiz e, por favor, devolva o sonho que roubei de Doc. Ele nunca me cobrou e sempre me apoiou em todos os momentos, mas roubei seu futuro de ser Pediatra. Existem duas escrituras de terrenos em seu nome mantidas pelo Moto Clube, por mim. São bons terrenos, e são dele para vender ou fazer seu centro de assistência às crianças. Ele sempre teve uma queda pelas ações sociais em prol da infância. Doc tentou esconder esse lado de todos, mas descobri, infelizmente, muito tarde.

Por favor, devolva o futuro a esse homem. O sonho de Doc nunca deveria ter sido descartado como eu fiz.

E você, minha filha, viva bem e aprenda a equilibrar tudo o que te faz

feliz. Não tenha arrependimentos.

John Savage

Coloquei minha mão na boca e abafei um soluço. Nina me envolveu com seu braço e apoiou sua cabeça na minha.

— Muita coisa se explicou e outras ficaram no ar, não é mesmo? — Ela externou meu pensamento e balancei a cabeça de acordo, as lágrimas escorrendo pela minha face.

Se já me sentia com peso na consciência por não saber mais dos membros do clube, naquele momento, sentia mais ainda. A morte de Peter pesou em meus ombros. Precisava me dedicar a eles tanto quanto eles se dedicavam para o clube.

O que será que aconteceu entre meu pai e minha mãe para eles não terem ficado juntos? Será que foi só o meu pai o teimoso ou os dois?

Outra coisa, o sonho de Brian. Céus, como estava errada sobre tudo.

— Meu pai comprou para Brian os terrenos. Fui tão injusta com ele mais cedo — afirmei o óbvio.

— Ninguém sabia sobre isso, não há culpados nessa história — consolou-me.

— Meu pai morreu se sentindo tão culpado. — Suspirei, trêmula, e

funguei um pouco. — Espero que encontre a paz onde quer que esteja. Estou me sentindo culpada igual.

— Ele encontrará seu acordo, e você também. — Nina pulou para uma posição em pé e me puxou pelas mãos com ela. — Vamos terminar de vasculhar tudo isso. Doaremos suas roupas, descobriremos seus segredos, e honraremos sua memória. — Sorriu carinhosa, me incentivando.

— Sim. — Limpei as lágrimas, dobrei a carta, guardei no meu bolso e voltei para a limpeza dos armários do meu pai, um pouco culpada e cheia de dúvidas.



Era madrugada quando terminamos. Além das duas malas, dois sacos pretos de 50 litros foram preenchidos com roupas. Peguei seus dois coletes, duas camisetas e um lenço, todos com os símbolos do Selvagem Moto Clube. Elas fariam parte das minhas lembranças do meu pai, bem como do meu guarda-roupa.

A chave que tinha encontrado era de um armário escondido no fundo do guarda-roupa. Havia armas, munições, dinheiro e vários documentos pessoais, falsos e legítimos. Tudo foi catalogado, mas deixado no mesmo lugar. Tinha decidido vir morar aqui, no mesmo quarto que ele morou. Removi todas as roupas de cama, tirei os pertences pessoais do banheiro e de cima da cômoda. Nina me informou que existia uma equipe terceirizada de limpeza que atendia o

Moto Clube, que poderia limpar todos os cantos do cômodo, deixando-o como novo.

Não me importaria de começar a dormir aqui a partir daquele momento, sem essa limpeza profunda, mas Nina me lembrou de Lena, e nada do que aquela mulher tocou queria ter por perto. Anotei mentalmente para descobrir seu paradeiro, uma vez que Lorenzo estava morto e ela não foi vista ao redor do clube para lamentar.

Oh, céus, foram muitas mortes!

— Nina, precisamos verificar os corpos lá na área de camping. — Lembrei-me daquele detalhe, peguei meu celular e, sem perceber que era madrugada, liguei para Brian.

Ele não me atendeu e quando a ligação terminou, o xingo mentalmente. Reparei o horário e direcionei a repreensão para mim, ele deveria estar dormindo. Digitei uma mensagem de texto para ele: "*O que faremos com o que aconteceu na área de camping?*".

— Agora que você lembrou que era madrugada? — perguntou, divertida, quando percebeu que estava fazendo uma careta para o celular em minhas mãos.

— Agora que lembrei que você precisa pegar um avião. — Arregalei os olhos para ela. — Que horas é seu voo?

— Às dez da manhã, ainda há tempo. — Estendeu a mão em minha

direção. — Chaves da sua moto. Vou fazer o *checkout* do hotel, trazer suas coisas e entregar minha moto para a transportadora.

— Você é um anjo. — Peguei a chave do meu bolso, bocejei e levantei meus braços para me alongar. — Acho que vou cochilar um pouco, estou exausta.

— Faça isso. Quando você acordar, tudo estará em ordem, como feito por um anjo lindo, louco e loiro. — Sorrio para sua escolha de palavras.

Abraçamo-nos em despedida e seguimos para direções diferentes, ela para fora do clube e eu para cama, dormindo em cima de um lençol limpo que estava dentro do guarda-roupa, que coloquei apenas para aquele momento.



Senti meu corpo levitar, braços fortes me carregar e, então, me depositar em uma superfície macia e confortável. Virei meu rosto para o lado e senti o cheiro que sempre estaria memorizado em minha mente e corpo, o cheiro de Brian.

Virei para o lado e abri meus olhos devagar, eles estavam muito pesados. O cansaço de todo o trabalho que tive para organizar o quarto do meu pai, bem como a tensão do desafio e o conflito de mais cedo, me derrubaram.

— Brian — chamo, sonolenta e a rouquidão em minha voz torna tudo um tanto sensual.

Sinto o colchão se afundar na minha frente e o rosto de Brian, ainda muito machucado e inchado, se alinhar com o meu em cima das almofadas. Ele se deitou ao meu lado, apenas longe o suficiente para não nos tocarmos.

— Sinto muito — falou e esperei ele continuar, explicar seus motivos, mesmo tendo uma ideia.

Aguardei um pouco mais, meus olhos vasculharam os seus, tentando despir suas palavras em intenções e... nada.

Decidi começar.

— Ainda estou chateada por não confiar em mim, me esconder coisas. — Colocou o dedo indicador nos meus lábios, encerrando minhas palavras.

— Acabou, Vi. Tivemos mais ação em um dia do que em toda a minha história no Selvagem Moto Clube, estamos todos sobrecarregados de adrenalina e perdas. Precisei tomar decisões em benefício do Moto Clube. Tomei outras atitudes pensando no que sinto por você. — Olhou-me com mais intensidade, esperando que as palavras fossem absorvidas por mim. Não me movimentei, não reagi, apenas esperei. Daquela vez não viria tão simples, não seria eu a pessoa fácil a perdoar.

Fiquei em silêncio, ele fechou os olhos e suspirou. Virou de costas e colocou um braço em cima de seus olhos, seu corpo estava tenso. Ergui-me pelo cotovelo e o observei.

Como ele não disse mais nada, resolvi falar sobre minha recente

descoberta:

— Você não sabia sobre os terrenos em seu nome, porque meu pai fez isso sem te contar. — Chamei a atenção dele com minhas palavras, então levantou o braço de seu rosto e me olhou. — Ele deixou uma carta de despedida. — Tirei o papel dobrado do meu bolso e entreguei a ele. — Ele morreu sentindo culpa por ter roubado o seu sonho de ser Pediatra.

Com isso, ele se sentou abruptamente na cama, removeu com força o papel da minha mão e começou a ler. Seus dedos começaram a vibrar o papel, e suspeitava que essa informação não era de conhecimento coletivo.

— Como ele... — Depois de um tempo, suspirou e devolveu o papel para mim, que guardei novamente no meu bolso. Com as mãos em seu rosto, esfregou e gemeu, lembrando que estava machucado. — Merda de pancada, deveria colocar gelo no meu rosto.

— Ou um banho gelado — sugeri, o que o fez me olhar espantado, pensando com a cabeça de baixo em vez da de cima. — Não estou me convidando para o banho, estou sugerindo para você, sozinho.

— Escute, Valentine. Você é a mulher mais forte e destemida que conheço. Você é centrada, coloca sua vida em risco pelos outros, e tem o maior coração do mundo. Em meus devaneios pós-pancadas na cabeça, percebi que tenho fortes sentimentos por você, que não planejei em primeiro momento, mas que foi inevitável. — Ajoelhou-se na cama, na minha frente e pegou meu rosto

com as mãos, fazendo com que me sentasse na cama e o encarasse com a mesma intensidade.

— Que sentimentos são esses, Brian? — questionei, ansiosa por uma resposta e com o coração acelerado. Nós brigamos, mas um sentimento diferente de tudo o que já senti fez com que não o repelisse por causa disso.

— Eu realmente amo você, Valentine. Me matou ver o sentimento de traição em seus olhos, quando disse que você não deveria ser presidente, que foi tudo uma armação. — Aproximou-se e achei que me beijaria, mas voltou para sua posição, seus olhos demonstravam receio. — Depois que a transação com o Aranhas acabar, quero estar com você e, desta vez, quero te ajudar no que precisar para reestabelecer o Moto Clube. Quero estar junto com você para a vida.

Coloquei minha mão sobre uma de suas no meu rosto e apertei.

— Preciso saber se você confia em mim o suficiente para agir pelo Moto Clube. Preciso saber se você está disposto a me ter como presidente do Selvagem, sem dúvidas da minha competência. Preciso saber se você está disposto a ter paciência para que recupere minha confiança em você, preciso de tempo.

Ele suspirou aliviado, fechou os olhos e uniu nossas testas.

— O tempo que você precisar, meu coração. — O apelido me pegou de surpresa, fazendo meu estômago flutuar com borboletas. — Confio em você, nós

confiamos em você para tornar esse Moto Clube tão bom quanto o seu pai o deixou.

Saiu da cama e foi em direção ao banheiro, se despindo das roupas no caminho e colocando-as no canto da porta, do mesmo jeito que encontrei no primeiro dia. Ele não se incomodou em expor sua nudez na minha frente e aproveitei para conferir seu corpo, tão musculoso quanto lembrava. Os poucos raios solares que entravam no quarto o faziam parecer uma obra de arte.

Antes de fechar a porta do banheiro, me encarou com um sorriso cauteloso.

— A propósito, Logan está no hospital, em observação, e amanhã terá alta. Aproveitei e verifiquei Jack, que continua em coma, mas com melhoras consideráveis, pode acordar a qualquer momento. — Alívio inundou meu coração conflitante naquele momento. Tinha me esquecido de Jack, mas Brian sabia o quanto ele era importante para mim, e isso só o tornava um homem muito melhor do que qualquer outro que poderia ter. — Rock cuidou dos corpos no camping e faremos o enterro de Peter amanhã, se você estiver de acordo. — Assenti com a cabeça e continuou: — Quando cheguei, Carter estava com os funcionários arrumando os portões e a porta do salão do clube, então, descanse, está tudo encaminhado.

Ele ia fechar a porta e eu o interrompi:

— Brian?

— Sim?

— Você está bem? Quando será seu próximo plantão? — Ele me dá um sorriso suave antes de responder:

— Eu estou bem, e antes de vir para cá, passei no setor de recursos humanos para tirar uma licença, então sem plantão para mim nos próximos dias. Serei todo seu.

Fechou a porta e não me deu mais oportunidade para perguntas. Ele se declarou para mim, tão intenso quanto da última vez. Deite-me de costas na cama e olhei para o teto, refletindo qual seria o meu próximo passo, para continuar com a vida no Moto Clube e com o meu coração.

Capítulo



Trinta

Doc

Voltei do meu banho apenas para ver Valentine completamente rendida ao sono. Estava muito brava com minhas ações, e confesso que não imaginei que meu excesso de proteção poderia provocar aquela reação nela.

Falta de confiança. Suas palavras me perfuraram e doeram muito mais do que a surra de Lorenzo. Não queria decepcioná-la, ao mesmo tempo em que não a queria em risco. Bem, precisava conciliar minhas vontades, porque não estava nos meus planos chateá-la com aquilo novamente.

Coloquei-a de forma confortável na cama, tirei suas botas, calças e deixei apenas a blusa. Seu corpo atiçou o meu, como uma sereia encantava o marinheiro. Controlei-me para não a beijar completamente e a levar para um perfeito êxtase.

Esse não era o momento de satisfação carnal, precisava organizar o clube, tentar interceder sobre a ida dela no Aranhas Moto Clube e recuperar sua confiança.

Acostumado a permanecer muitas horas sem sono, mesmo tão judiado como meu corpo estava, vesti uma roupa, coloquei meu colete e segui para o refeitório, em busca de um pouco de alimento.

— Como ela está? — Johnny perguntou sobre Valentine, enquanto fui direto para a cozinha em busca de algo que eu mesmo iria fazer. Ele me seguiu.

— Cansada, mas preocupada com o Selvagem. Arrumem tudo, mostrem a ela que pode confiar em nós — respondi ao mesmo tempo em que retirei da geladeira laranjas para preparar um suco. Levaria o café da manhã para minha mulher.

— Você sabe, é muito estranho ter uma mulher como presidente, mas até que gosto. Parece que nunca será monótono tendo ela à nossa frente. — Entregou-me pães frescos e sorri. — Fazendo uma média com a sua senhora?

— Você sabe, eu serei o senhor dela. — Sorrio com o pensamento e termino de preparar a refeição matutina.

Peguei um pão para mim e praticamente engoli antes de voltar para onde Vi estava. Antes de abandonar a cozinha, Johnny me interrompeu:

— Será que teremos casamento a partir de agora?

Virei minha cabeça para encará-lo e dei de ombros.

— Se diz isso por mim, informo que não precisarei de casamento para validar minha posição ao lado da presidente do Selvagem. Agora, se fala por você... será que conseguirá encontrar alguém que aguente todo o seu chulé? — Rio, quando meu irmão mostrou o dedo médio, sorrindo para nossa conversa descontraída.

Casamento... se for isso que Vi quer, ela teria. Mas uma coisa era certa,

éramos um casal, e nada iria mudar essa situação.

Capítulo



Tinta e Um

Valentine

Por mais que os sentimentos e as palavras trocadas fossem intensas, acabei pegando no sono antes de Brian voltar para a cama. Ele tinha removido minha calça jeans e enviei um agradecimento mental para ele. Dormir com calça não era agradável.

Acordei com o cheiro de pão fresco e suco natural, apoiados na cômoda de cabeceira ao meu lado da cama, com uma nota escorada no copo.

Coração,

Fui ao hospital com Playboy buscar Logan, e vou trazer as cinzas do seu pai.

Fique pronta, precisamos ir ao banco levantar o dinheiro.

Brian

Novamente o apelido, *Coração*. Não parecia que tínhamos resolvido todas as nossas diferenças, mas Brian parecia confiante que tudo estava bem encaminhado, mas ainda não aceitava que ele planejou “salvar” o Selvagem sem

contar para mim.

Uma briga de casal?

Talvez tenha sido apenas isso. Talvez não. Ainda estava confusa sobre o que pensar, então decidi aproveitar meu café da manhã e me aprontar para levantarmos o dinheiro.

Durante o banho, no quarto do meu pai, onde Nina havia deixado minha mala, pensei em estratégias para saber mais sobre o Selvagem, e sobre os outros Motos Clubes da cidade e arredores. Não poderia estar tão desinformada como atualmente. Isso me deixava fraca e vulnerável.

Refiz meus curativos. Meu braço estava apenas com a cicatriz do atentado, não precisando mais de cuidados. Coloquei minha calça e blusa mais confortáveis. Ao pegar meu colete, decidi por usar o do meu pai, ainda com seu cheiro forte impregnado nele.

Segui para o refeitório e encontrei Rock, Playboy e Johnny sentados em uma mesa, comendo e conversando.

— Bom dia, rapazes — cumprimento-os e me sento ao lado de Playboy, que bate seu ombro levemente no meu. — Você não tinha que estar com Doc no hospital?

— Boa tarde, você quer dizer — brincou. — Já passou do horário do almoço e alguém responsável precisou ficar. Carter foi com ele.

— Tão tarde assim? — perguntei, fazendo uma careta. — Brian já

voltou do hospital?

— Está a caminho — Rock disse e tomou um pouco do líquido que continha no seu copo. — Temos que conversar, Pres.

— Sim. — Concordei com a cabeça. — Preciso que vocês me falem mais sobre o que fazem para o Moto Clube, e quais são os Moto Clubes aliados e inimigos. — Declarei com uma postura ereta e profissional.

— Não era sobre isso que queria conversar, mas podemos começar com essa parte. — Rock apoiou seus braços na mesa, suas mãos se espalmaram nela. — Johnny cuida do bar e da cozinha do clube. Comida e bebidas são com ele. — Olhei para o rapaz, que ergue um copo em minha direção como um brinde. — O resto de nós, tirando Doc, faz a segurança da sede e das lojas.

— Mas vejo vocês aqui todos os dias — falo, confusa.

— Isso é porque a sede do clube está precisando mais do que as lojas, desde quando você chegou.

— Eu não sou causadora de problemas, se você está querendo insinuar isso. — Olhei-o feroz, mas não se abalou.

— Seu pai pediu para que ficássemos aqui por você. — Franzi a testa em confusão e ele sorriu saudoso. — Mesmo se você não tivesse se apresentado naquele dia, estaríamos aqui para te defender e apoiar. Seu pai salvou as nossas vidas... devemos muito a ele.

— Sim, ele literalmente salvou a minha vida, quando impediu que um

traficante terminasse de me dopar com heroína para causar uma overdose — Johnny falou e vi seus olhos nebulosos, ao lembrar do ocorrido.

Virei para Playboy e direcionei uma pergunta silenciosa a ele, querendo saber sobre a sua entrada do clube.

— Não olhe toda curiosa para mim, Pres. Prefiro dizer sobre os Moto Clubes aliados. — Mexeu-se desconfortável no banco e tentei imaginar qual seria sua história por trás daquela pose de metido a rico.

— No momento, serve. Diga-me sobre os aliados.

Passamos um tempo conversando sobre os outros Moto Clubes. Descobri que não éramos o maior clube, mas o mais respeitado, graças ao meu pai. A união nos tornaria mais fortes e ideias para que isso acontecessem foram surgindo em minha mente.

Eles me falaram também sobre o Aranhas Moto Clube. Os membros eram homens com muito dinheiro e poder, que estavam envolvidos com muitas coisas lícitas e ilícitas. Ninguém sabia exatamente qual a extensão efetiva de seus negócios.

Sobre a dívida de Lorenzo, que descobriram com alguns comparsas, era devido a uma distribuição de drogas e uma casa de sexo. Arrepiei-me com a última informação, porque imaginei que poderia haver pessoas trabalhando naquele local contra sua vontade, e meu instinto de justiça começou a aflorar. Marco, o falecido contador do nosso Moto Clube, também estava envolvido com

eles, tentando desviar dinheiro do Selvagem para pagamento de favores e mercadorias. Enquanto escutava sobre seu presidente, Victor, tentei acalmar aquele sentimento, uma vez que nada de bom e tudo de vil foi falado dele.

— Não sei como esse pagamento será feito, mas é impossível você ir sozinha à sede deles, entregar o dinheiro. Você foi louca em concordar com isso por vontade própria — Rock declarou, carrancudo.

— Não me olhe desse jeito. Pelo que vocês me falaram, ele não é do tipo que facilita para ninguém. Então, não havia motivo para uma discussão se já sabíamos que ele ganharia.

— Mesmo assim, ainda será uma loucura. Doc nunca te deixará sozinha com eles — Playboy complementou.

— Bem, já conversei com Brian e essa é uma escolha minha, não dele. — Levantei-me do banco, tirei meu celular do bolso e olhei o horário. — Quando será que ele voltará?

A porta do refeitório foi aberta e Brian entrou, carregando um Logan mais corado e mancando.

— Aí está, bem na hora — Playboy falou e se levantou, e o mesmo fizeram os outros. — Como está, Logan?

— Sobrevivi — disse e se aproximou da gente. Ele me olhou e bateu no meu braço, justo o que estava com a fratura.

— Está machucado, idiota — reclamei com uma careta, e segurei meu

braço. Ele arregalou os olhos em um pedido silencioso de desculpas e tentou sorrir. — Tudo bem, depois desconto no seu.

Sorrimos e olhei para Brian, que estava observando nossa interação.

— Pronta, Vi? — Brian perguntou e fiquei triste por não ter me chamado pelo novo apelido. Muito cedo me apeguei a ele.

— Sim, estou pronta.

Nós nos despedimos dos rapazes, e saímos andando lado a lado. Quando estávamos passando pelo bar, no salão, ele me parou com uma mão no meu cotovelo.

— O que foi? — perguntei e ele me respondeu com um beijo, apenas um encostar de lábios.

Decidida a superar nossas diferenças, levantei meu braço bom e o envolvi ao redor de seu pescoço, abri minha boca e deixei sua língua invadir a minha, forte, necessitada.

Seu beijo tinha gosto de café, que provavelmente tomou no hospital antes de vir aqui. Suas mãos invadiram sob minha blusa, muito gentilmente passaram pelas minhas costas e costelas, fazendo uma parada dramática sob meus seios, na borda do sutiã.

Mesmo sem fôlego, nosso beijo continuou, um sentimento avassalador dominou o momento, fazendo nossas línguas se saborearem como nunca antes. Nossos lábios compartilharam o sabor de puro êxtase.

Os corpos se uniram quando me trouxe para mais perto dele, me forçando pela lombar com sua mão possessiva. Sua excitação estava clara e rígida no meu estômago e meu baixo ventre se contraiu, necessitando de sua atenção.

Assim que minha mão, do braço cuja clavícula estava machucada, se aproximou do zíper da sua calça, ele se afastou de mim, mas manteve suas mãos no meu corpo, apoiadas no meu quadril.

— Também te quero, muito, Coração — disse com sua voz rouca, me fazendo querer apertar minhas pernas para aliviar o formigamento entre elas. Aquele apelido só intensificou minha necessidade. Mas acabei cedendo.

— Então vamos.

— Precisamos ir ao banco, e, depois, dizer adeus definitivamente para o seu pai — interrompeu-me, pegou na minha mão e me guiou para uma mesa, onde uma urna estava em cima.

Meu pai. Ele se resumiu a isso... cinzas. E elas serão espalhadas pela cidade.

Peguei a caixa com as mãos trêmulas e segui Brian para o carro de Playboy. Pelo visto, ele era o único a ter um automóvel além de uma moto.

Nossa viagem até o banco foi silenciosa e cheia de contentamento. Apesar de não trocarmos nenhuma palavra, o entendimento entre nós começou a se estabelecer. Talvez fosse interessante conversar mais uma vez com Brian, mas

nada mudaria nossos sentimentos, era apenas uma questão de alinhamento de pensamentos e ideias.

Odiava assuntos mal resolvidos.

No banco, o gerente da conta já conhecia Brian e foi acessível quanto a explicar como poderíamos levantar duzentos mil. As opções eram fazer um empréstimo, colocando algum imóvel como garantia; hipotecar o clube; solicitar capital de giro... eram muitas alternativas, e escolhemos a que nos traria o dinheiro de forma mais rápida e sem muitos questionamentos, que era um empréstimo em nome do clube, colocando um imóvel como garantia.

— Coloque os terrenos que estão no meu nome — Brian sugeriu e balancei a cabeça negativamente. Era um presente de meu pai para ele, não deixaria aquilo acontecer.

— São seus, Brian.

— Só podemos receber como garantia imóveis em nome do Moto Clube. E, como vocês me falaram, os sócios no contrato social estão mortos e será necessário um advogado para realizar essa solicitação de forma rápida como vocês querem. É necessário fazer um inventário e saber sobre os herdeiros de todos.

Droga, existia mais isso. Perguntei a Brian se existia algum advogado fixo para o clube, e descobri que estávamos sem assistência jurídica. Com tantos contatos entre polícia e o submundo das mortes, esqueceram-se de uma peça

fundamental para quando imprevistos acontecessem: um advogado.

Pegando meu celular, enviei uma mensagem para Nina, a pessoa que sempre tinha tudo ao alcance das mãos: “*Preciso de um advogado, bom, para agilizar o inventário do Selvagem.*”

Poucos minutos depois, enquanto o gerente da conta estava fazendo a parte burocrática do empréstimo, ela me respondeu: “*Tenho a pessoa ideal para vocês e, por coincidência, está na cidade. Entrará em contato com você o quanto antes.*”

Sem mais explicações, Nina me auxiliou, como sempre.

O gerente solicitou documentos pessoais e, assim, consegui os duzentos mil para pagar a dívida com o Aranhas, que seria minha próxima ação.

Capítulo



Trinta e Dois

Valentine

No caminho de volta, Brian nos levou para a estrada depois da área de camping, onde aconteceu todo o massacre do dia anterior. Ele não explicou o motivo de seguirmos aquela direção e eu também não perguntei, muito absorta em observar o verde que passava pela janela do carro.

Perto de uma área de pasto com algumas árvores, próxima à estrada, ele parou o carro no acostamento e olhou para mim e fiz o mesmo.

— Você está pronta? — ele perguntou com seu tom carinhoso.

— Pronta para o quê? — Fiquei confusa, mas começando a imaginar o que queria dizer.

Ele olhou para o banco de trás, para o local onde a urna com as cinzas do meu pai estava repousada.

Se estava pronta para dizer adeus ao meu pai? Achava que nunca estaria, mas precisava dar esse encerramento para ele.

Sem responder verbalmente, balancei a cabeça assertivamente uma vez e saí do carro. Brian fez o mesmo e veio para o meu lado. Abri a porta de trás do carro, peguei a urna e a segurei nas mãos como se fosse feita de cristal.

Brian encostou seu quadril no carro, cruzou os braços à sua frente, de forma casual, e me observou olhar a urna com os restos mortais do meu pai.

Dei um breve olhar apreensivo para ele, que me retribui com uma expressão de incentivo. Olhei para o pasto e dei alguns passos para dentro da propriedade, até chegar à cerca de madeira. Nela, subi, e fiquei apoiada de pé, uma perna de cada lado da cerca. Abri a urna e aproveitei o vento para espalhar as cinzas.

— Pai, descanse em paz. — O vento começou a espalhar o conteúdo da urna no verde pasto. Pensei que fazer aquilo, em cima de uma moto, seria mais emocionante, mas daquela forma, me deu conforto também. — Não há culpa em suas ações, quando elas foram feitas com as melhores das intenções. Continuarei seu legado, me preocuparei mais com os membros do clube, não deixarei ninguém na mão. Ou, pelo menos, tentarei não deixar. — Suspirei e verifiquei que sobraram poucas cinzas no interior. Uma rajada de vento das minhas costas para frente me atingiu e balancei a urna para que as últimas partes do meu pai fossem espalhadas. — Eu te amo.

Sem mais nenhuma parte restante do meu pai para me apegar, fechei o recipiente, pulei da cerca e corri para os braços do homem que começou a se tornar o meu apoio, meu suporte. Brian me recebeu de braços abertos, beijou minha testa e me deixou aconchegar em seu peito o tempo necessário para me acalmar.

Não havia mais lágrimas, nem tristeza, apenas encerramento. Um tanto necessário para meu pai e seu sentimento de culpa.



Voltamos para a sede do Selvagem, e Brian segurou minha mão em sua coxa durante todo o trajeto. Assim que atravessamos o portão, que já estava arrumado e funcionando em perfeito estado, avistamos um carro prata, conversível, estacionado perto da entrada da sede. Era um pomposo Mercedes Z4.

— Quem será? — Brian perguntou, enquanto saímos do carro de Playboy e seguimos para dentro do clube.

Não o respondi e decidi descobrir por mim mesma, já que Carter não estava na guarita.

Assim que entramos, escutamos muitos risos e um deles de mulher, uma morena alta e elegante estava sentada no banco do bar, com roupas sociais muito femininas. Carter e Johnny estavam ao seu lado, ambos hipnotizados pela moça.

— Olá, posso saber quem é você? — Cheguei impondo minha presença.

Ela virou todo o seu corpo para mim, suas pernas estavam cruzadas uma na frente da outra, mostrando suas panturrilhas bem malhadas. Seu decote era discreto, mas o suficiente para saber que possuía grandes seios. Ela estava muito bem maquiada, seus olhos castanhos estão esfumaçados e seu cabelo estava

preso em um coque frouxo. Ela vestia uma saia justa de linho que ia até os joelhos, blusa de alça de renda e blazer, parecendo uma verdadeira executiva, ou...

— Eu sou a mais nova advogada do Selvagem Moto Clube. — Pulou do banquinho e veio em minha direção, toda elegante e com uma mão estendida em minha direção. — Prazer, sou Rachel Collins, a seu dispor.

Segurei sua mão, dei um aperto firme, que foi retribuído por Rachel, me fazendo gostar dela desde aquele momento.

— Por favor, ao nosso — Carter falou.

— Sim, ao nosso dispor! — Johnny complementou e os dois riram em zombaria.

— Contenham-se. Rachel é nossa convidada — pedi séria aos rapazes, que sorriram para mim.

— Não se preocupe, estávamos todos paquerando de forma inocente, certo, rapazes? — Virou para eles e piscou um olho, deixando os dois mais encantados.

— Obrigada por ter vindo tão rápido. Eu sou Valentine, Presidente do Moto Clube.

— Estava na área, e quando Nina comentou sobre uma dívida com o Aranhas, eu realmente precisava participar — disse entusiasmada. Percebi em seus olhos um tom de rebeldia, que me fez questionar por que ela precisava

confrontar esses homens tão perigosos.

— Nós precisamos, nesse momento, que você reveja os contratos sociais do clube e veja uma forma de darmos a garantia que o banco precisa para efetivarmos o empréstimo.

— Não tenho nada para fazer até o final de semana. — Sorriu. — Onde estão esses documentos?

— No escritório. — Virei para Brian, me inclinei para depositar um beijo casto em sua boca e segui para as portas que levavam para aquela parte do clube. — Por favor, me acompanhe.

— Você pretende fazer um recibo de pagamento pela dívida com o Aranhas? — perguntou, enquanto andávamos até o escritório, já longe do salão.

— Não pensei tão longe assim, até porque a palavra, nessas situações, vale muito. — Cheguei à porta do escritório, abri e acendi a luz, revelando a bagunça, como tinha deixado da última vez que estive ali.

— Uau, algum furacão passou por aqui. — Entrou e avaliou todos os lugares.

— Prazer, furacão. — Diverti-me. — Sente-se onde achar melhor, vou passar a você os contratos. — Em uma pilha, comecei a folhear os papéis até encontrar o que procurava.

Com os documentos em mãos, entrego para Rachel, que estava sentada em uma das cadeiras da área de estar.

— Aqui estão eles.

— Certo. — Pegou os papéis e começou a ler e então, a me questionar: — Você já ouviu falar de Victor Aranha?

— Não, mas o conheci na noite passada. — Aproveitei o momento e comecei a guardar os documentos anteriormente catalogados por mim.

— Ele pode até ser um homem de palavra, mas nunca é demais se respaldar com um documento — disse, sem tirar os olhos dos papéis em suas mãos.

— Que tipo de garantia eu vou ter com pagamento de dívidas ilegais? — Olhei para ela com a testa franzida, apesar de ainda estar concentrada em seus papéis. — Ele me queria como pagamento.

— Hum... típico da arrogância dele — murmurou e não sabia se deveria comentar ou deixá-la continuar. Decidi pelo segundo. — Posso transformá-lo em legal, e ainda garantir que nenhum outro empréstimo possa ser feito pelo seu clube, caso algum outro lunático queira fazer negócios com ele.

Refleti um pouco sobre sua proposta e decidi que não havia problema nenhum em tentar. Imaginei que ele não daria atenção a esse lado do pagamento, mas, já que ela estava oferecendo e era minha assessora jurídica, indicada por Nina, iria seguir sua orientação.

— Tudo bem, o que você sugerir.

Eu a vejo sorrir para os papéis e não me faz nenhuma pergunta mais até

terminar de ver tudo o que estava em suas mãos. Ela se levantou e foi até a mesa principal da sala, onde um computador estava posicionado.

— Ele funciona? — perguntou e não esperou minha resposta, ligou a máquina e começou a mexer. — Ótimo, vou começar a escrever o documento necessário para o banco, uma vez que, na última alteração contratual, Lorenzo deixou explícito que não possui herdeiros e que, em caso de sua morte, sua parte deveria ficar com o atual presidente do Moto Clube. — Ela tira os olhos do computador, mas seus dedos continuaram digitando no teclado. — Vocês possuem uma ata de reunião para a eleição da presidência?

— Mulher, estamos em um Moto Clube, dirigido apenas por homens, onde apenas as empresas que gerenciam possuem documentação legal, o resto são apenas acordos verbais. — Joguei minhas mãos para cima, um tanto indignada que fizesse aquele tipo de pergunta.

— Bem, agora vocês terão. Uma mulher está presidindo esse Moto Clube e ela possui uma assessora jurídica à altura. — Sorriu de boca fechada para mim, voltou sua atenção para a tela do computador e seus dedos pareciam ainda mais furiosos no teclado.

Céus, essa mulher parecia uma máquina!

Gostei dela.

Sorri e continuei guardando os documentos espalhados pela sala até ela anunciar a finalização de suas ações, o que não demorou muito. Ela não me

pediu autorização, apenas ligou a impressora, imprimiu várias folhas e veio em minha direção com uma caneta, parecendo certeira e poderosa.

— Veja, esse será o novo contrato social, contendo apenas você como proprietária. — Mostrou outros papéis. — Esse é o documento que você levará para o banco, que contém informações sobre você ser a única e legítima herdeira das empresas do seu pai. Esse documento é uma ata de posse como presidente do Moto Clube, e precisarei que todos os membros assinem. E por fim, esse é o contrato de quitação de dívida com o Aranhas.

— Uau. Você fez tudo isso agora, enquanto eu estava organizando os papéis?

— Bem — pareceu um pouco encabulada e tímida, totalmente diferente da mulher confiante e paqueradora que vi em nossa primeira interação —, tenho leitura dinâmica e curso de digitação, nada demais.

— Obrigada. — Sorri e não a elogiei mais, percebendo ser esse o motivo de sua retração. — Onde assino?

Capítulo



Trinta e Três

Valentine

Depois que Rachel foi embora, Brian me arrastou para o seu quarto. Com a porta fechada atrás de nós, com todo o cuidado, removeu peça por peça do meu vestuário, para que nenhum dos meus ferimentos fossem perturbados.

— Brian, eu posso me despir — soei divertida, quando se abaixou para retirar a calcinha.

Levantou a cabeça para me encarar. Seu rosto ainda estava machucado, mas muito melhor do que no dia anterior. Ele me deu um sorriso sensual ainda abaixado, colocou uma perna minha em seu ombro e lambeu meu sexo levemente exposto.

— Prefiro ter toda a diversão.

Depois disso, começou a tortura oral da forma mais prazerosa. Apenas um toque me deixou em ebulição. Pouco tempo aguentei e logo me colocou deitada na cama de costas, então, me pediu que virasse de bruços.

Meu ventre se contraiu, formigou e meu sexo começou a latejar. Essa não era a minha posição favorita, porque dificilmente gozava, mas nunca tinha feito com Brian.

Ele pegou um travesseiro e colocou debaixo do meu quadril, fazendo

com que minha bunda empinasse.

— Linda. — Alisou meu quadril, cada mão em um lado. Então, chegou entre minhas pernas, abrindo-as, me expondo completamente. — Eu quero te ouvir gozar — com sua voz rouca de desejo, começou a deslizar dois dedos entre minha umidade e meu clitóris, uma, duas, várias vezes.

Estava tudo muito bom e intenso, e meu quadril começou a se movimentar contra seus movimentos, buscando a fricção perfeita para chegar ao meu clímax. Antes que meu ferimento no quadril começasse a doer, parou as investidas, segurou-me com uma mão em minha lombar e saiu de trás de mim, despindo suas roupas, enquanto eu o observava com canto de olho.

Voltou para cama, abaixou seu rosto entre minhas pernas e me lambeu, o que foi o suficiente para me acender como antes dele se despir.

Segurando seu membro, ele me penetrou e me cobriu com seu corpo. Depositou beijos no meu ombro, enquanto entrava e saía de mim, numa tortura vagarosa e comedida.

— Mais. — Mendiguei mais atenção para o meu prazer.

Ele mordeu meu ombro e, com movimentos mais bruscos, se mexeu. Eu o senti ofegante, quase perdendo o controle, e achei que terminaríamos sem que eu chegasse ao orgasmo, mas foi rápido e certeiro ao se erguer, dobrar uma perna ao meu lado e me pressionar perfeitamente contra o travesseiro, fazendo com que a fagulha restante de excitação fosse acesa e meu clímax fosse encontrado.

Sorri, gemi e aproveitei cada segundo daquele gozo, que foi seguido pelo dele.

Para não cair em cima de mim, ele se deitou ao meu lado, de costas. Estava ofegante e seu sorriso se assemelhava ao meu.

— Você foi incrível. — Virou sua cabeça para me encarar.

— Você fez todo o trabalho — disse, satisfeita.

— E você correspondeu de acordo com minhas expectativas. — Aproximou-se, beijou meus lábios e se afastou. — Vamos, vou colocá-la para dormir depois de te dar banho. — Saiu da cama e estendeu a mão para mim.

— Seja meu guia. — Sentei e coloquei minha mão em cima da dele. Seu sorriso orgulhoso e satisfeito fez com que meu coração entrasse em ebulição de tanto amor.

E eu que achava que ele estava de mau humor.



Com a parte burocrática finalizada com o banco, estava com todo o dinheiro armazenado em uma mochila pouco suspeita. Brian, Playboy e Rock vieram comigo buscar a quantia no banco. Logan continuava de repouso para se recuperar de seus ferimentos, e Carter e Johnny ficaram de guarda na sede.

Hoje era o dia para realizar o pagamento para o presidente do Aranhas. No dia anterior, Victor tinha ligado para Brian, informando que o local da

entrega seria em um de seus clubes de sexo.

Era claro que houve muita discussão por parte do meu homem. Ele estava muito protetor, e percebi que ficou assim depois que começamos a dividir o seu quarto. Já tinha anunciado que ficaria com o cômodo do meu pai e ele não parecia preocupado, talvez porque se mudaria comigo ou porque achava que eu não teria coragem de deixar o dele.

Mas, então, ele teve que aceitar os termos de Victor, mas conseguiu uma leve barganha, Brian iria comigo.

Com minhas roupas de motociclista e Brian com as suas, seguimos para o clube, na moto do meu homem. Eu já me sentia melhor para montar, e estar sobre duas rodas melhoraria uma rota de fuga, caso fosse necessário.

Ele parou no estacionamento aberto, preferindo esse ao subterrâneo, sendo o primeiro mais discreto. Descemos da moto. Ele segurou minha mão e com a outra, a bolsa com o dinheiro.

Passamos pelo segurança da portaria, que tinha a mesma estrutura que Rock. Ele nem se dignou a ser cordial, apenas disse para seguirmos direto para área VIP, que foi fácil de achar, dada a presença de outros dois sósias do segurança da entrada.

Até então, não havia ninguém nu, muito menos com roupas obscenas. Todas as pessoas estavam muito bem vestidas e conversavam naturalmente, como se estivessem em um bar qualquer, um muito luxuoso e com pouca

iluminação.

Subimos um lance de escadas e seguimos por um corredor, onde música sensual, gemidos e sons de corpo batendo contra corpo eram escutados. Segurei de novo a mão de Brian e a apertei, levantando minhas sobrancelhas em espanto e curiosidade. Ele apertou a minha de volta e olhou para frente, como se fosse para falar para manter o foco.

Chegamos ao final do corredor, onde uma mulher muito sensual e com olhar malicioso nos avaliou da cabeça aos pés. Ela estava na frente de uma porta, que provavelmente era onde Victor estava.

— Queridos — a moça lambeu os lábios e olhou para meus peitos e, em seguida, para a virilha de Brian —, procurando por diversão?

— Viemos falar com Victor — respondi e Brian apertou minha mão. Virei meu rosto para ele e franzi meu cenho, um sinal para indicar que “quem manda aqui sou eu”.

Ela bateu na porta, colocou a cabeça para dentro e nos anunciou:

— Chegaram. — Então, abriu a porta e ficou ao lado, dando espaço para entrarmos.

Victor estava sentado no sofá, camisa social preta e calça da mesma cor. Um charuto aceso em uma mão, um copo de uísque na outra e uma mulher vestindo apenas uma calcinha minúscula rebolava à sua frente, depois em seu colo, e voltando para sua frente.

Olhei para Brian e ele tentava desviar seus olhos da mulher, mas com pouco sucesso. Pareceu desconfortável e ri internamente por se incomodar em ver outras mulheres nuas, que não fosse eu.

Victor percebeu e zombou dando um sorriso.

— Fique onde está, Brian — disse em tom de comando e o senti endurecer ao meu lado. — Moça bonita, venha e me traga o pagamento da dívida.

— Não! — Brian deu um passo para frente de forma protetora e apertei sua mão o suficiente para chamar sua atenção. Ele olhou para mim e, com meu olhar mais convincente, estendi minha mão, indicando que me entregasse a bolsa, e pedi que não fizesse mais nenhum alarde sobre as exigências daquele homem.

Peguei a bolsa, que me entregou relutante, e escutei a risada de escárnio de Victor.

— Vejo quem realmente manda. — Colocou o copo em cima do braço do sofá, tragou seu charuto e jogou a fumaça em minha direção, seu olhar malicioso percorrendo meu corpo. — Venha para mim, Valentine.

Meu nome em sua boca pareceu tão errado e tão pervertido que me arrepiei. Enquanto me aproximava, a dançarina ainda continuava sua dança sensual, compenetrada em sua tarefa e não se importando que uma negociação estivesse acontecendo.

Próximo o suficiente a ele, tirei de um compartimento da mochila o papel que continha o contrato de quitação da dívida feito por Rachel, e joguei aos seus pés o dinheiro.

— Está aí, contado e recontado. — Depois, entreguei-lhe o documento feito pela advogada. Ele apenas me encarou divertido. — Assine esse documento e, então, estamos terminados.

— Assinar? — perguntou de forma lenta e perigosa. Não fez menção de pegar nenhum papel, nem olhar a mochila.

Chacoalhei o papel, irritada, e fechei minha cara.

— Vamos acabar com isso, tenho mais o que fazer.

Devo ter exagerado nas palavras, porque sua expressão mudou de curiosa para aborrecida. Ele pegou o papel da minha mão com raiva, e, sentado na mesma posição, começou a ler, suas sobrancelhas franzindo ainda mais.

Quando chegou ao final da folha, onde continha o espaço para as assinaturas, com a minha e de Rachel já preenchidas, um olhar espantado invadiu suas feições. Ele olhou para mim, depois para o papel, e um sorriso que não achava ser possível acabou se esboçando em sua face, um sorriso satisfeito e um tanto saudoso.

— Muito bem. — Levantou-se, e a dançarina deu espaço para ele se locomover até sua mesa. Pegou então uma caneta e assinou o documento.

Muito chocada que a sugestão de Rachel tenha dado certo, fiquei

aliviada que não parecia mais ameaçador quando devolveu o papel para mim.

— Sua advogada é Rachel Collins? — perguntou ao se sentar novamente no sofá.

— Não, é a advogada do Selvagem — respondi, percebendo que ele parecia conhecê-la e que seu nome foi de peso naquele pagamento.

— Hum. — Olhou para além da dançarina, tragando seu charuto.

Fiquei parada, olhando para ele, até que voltou seu rosto para mim, confuso.

— O quê? Decidiram participar de um ménage?

Percebendo que essa era a deixa para ir embora, virei para me aproximar de Brian, que colocou seu braço de forma protetora em meus ombros e saímos dali.

Acabou.

Capítulo



Trinta e Quatro

Valentine

Chegamos à sede do Selvagem Moto Clube com alívio e sentimento de missão cumprida. Era noite e apenas as luzes dos postes do estacionamento iluminavam nossa chegada. Desmontei da moto de Brian com um enorme sorriso no rosto.

— Tudo certo agora?

— Não. — Saiu da moto, segurou minha cintura com as mãos, uma em cada lado, e me olhou sério. — Você está merecendo um belo de um castigo por continuar se arriscando tanto assim.

— Acostume-se, Brian, sou presidente de um Moto Clube, me arriscar está na descrição do cargo. Além do mais, qualquer coisa que me acontecer, tenho você para me curar. — Coloquei minhas mãos em seu rosto e continuei sorrindo, tanto pela sua preocupação comigo como por constatar que minha clavícula estava bem melhor.

— Então, por ter diploma de Medicina, devo estar disponível para te curar, sempre? — Uniu nossos quadris e tentou esconder seu sorriso, sem sucesso.

— Isso, ou me deixará impossibilitada de ser guiada entre quatro

paredes. — Fiz referência a sua declaração, de ser meu guia, não o meu dono. Aproximei meu rosto do seu e fiz que iria beijar sua boca, mas no último momento, virei meu rosto e beijei sua bochecha. — E nada de beijos.

— Cruel. — Tirou suas mãos da minha cintura, colocou no meu rosto e me beijou, como um verdadeiro amante. O movimento dos seus lábios era lento e ávido, suave e forte, tudo ao mesmo tempo.

— Hei, quando os senhores estariam pensando em entrar e contar como foi? — Playboy gritou da porta do salão, fazendo com que nós dois ríssemos no meio do nosso beijo, interrompendo-o.

Brian se afastou um passo, pegou na minha mão e seguimos para dentro do clube, onde todos os rapazes estavam esperando em volta de uma das mesas de sinuca.

— Então? — Rock perguntou.

— Assunto encerrado — anunciei com um sorriso contido. — Agora, temos apenas nosso clube para pensar e nos preocupar.

— Precisamos enterrar Peter — Logan disse, sentado em uma cadeira próxima à mesa de sinuca. Sua pose era casual e seu braço estava apoiado na superfície ao seu lado.

— Sim — confirmei e balancei a cabeça em acordo. Com a necessidade de pedir um empréstimo, o seu enterro acabou ficando em segundo plano. Naquele momento, se tornaria prioridade máxima. — Também precisamos voltar

à rotina com a segurança e a administração das lojas.

— Sim. — Rock assentiu e fez uma carranca. — Ken, gerente da oficina mecânica, me falou que começou a ter problema com um pessoal desconhecido que anda frequentando o local.

— Vamos marcar uma reunião amanhã com todos os gerentes? — sugeriu Brian. — Você já tem as finanças, agora precisa conhecer a rotina deles.

— Boa ideia. — Olhei para ele ao meu lado e sorri. — Além disso, vou organizar a parte contábil e as declarações, para nos regularizarmos. Chega de dívidas. Também iniciarei a Tríade Moto Clube.

— Como assim? — Playboy especulou. — Esse não é o nome da sua moto?

— Sim. Ela será o símbolo da união entre os moto clubes. Vamos nos apoiar e lutar contra quem não está disposto a fazer o bem.

— Alma justiceira? — Rock sorriu apreciando a ideia. — Será muito bom que isso aconteça, você é a mais indicada para começar uma revolução entre os motociclistas.

— Temos muitos quartos vagos agora. — Carter colaborou. — Alguns dos homens que foram embora, trabalhavam nas lojas de peças. Elas estão um pouco desfalcadas.

— Precisamos recrutar mais pessoas. — Fiz uma pausa. — Nós somos sólidos, formamos uma boa equipe, mas mesmo com mais Selvagens por vir,

nunca será a mesma coisa.

— Todos serão Selvagens. Temos uma vantagem agora, a de não sermos apenas homens. Há uma mulher no comando — Brian falou com orgulho e meu peito inflou de satisfação.

Todos balançaram a cabeça em concordância com o que ele declarou. Quase me emocionei por saber que todos estavam firmes e dispostos a me apoiar.

Um silêncio pairou no ar até que Playboy pegou seu taco de sinuca e jogou, encaçapando duas bolas, uma em cada canto da mesa.

— Uau, você tem algum talento escondido, não? — falei e esqueci o quanto aquela frase soou com duplo sentido. Brian apertou minha mão e balançou a cabeça, não acreditando que disse aquilo.

— Ah, Pres, não é só esse talento que tenho escondido. No dia que Doc não der conta do recado, chame um homem de verdade, como eu, e meu talento. — Colocou a mão na virilha e os homens riram do meu desconforto simulado.

— Ah, mas não existe competição quando se trata de Doc, Playboy. Perca as esperanças.

Johnny estendeu um copo de tequila para mim, que o recebi e bebi de bom grado no mesmo momento. Estávamos descontraídos, rindo e vivendo uma nova etapa, a Era da presidente Valentine.



Foram quase trinta dias para que Jack acordasse de seu coma. Alguns dos irmãos Piratas estiveram pelo hospital, observando e cuidando dele. Jack não tinha família consanguínea, pelo menos era o que ele me dizia, então apenas os irmãos do Moto Clube apareceram.

Brian havia recebido uma ligação avisando de seu despertar. Em menos de dez minutos, estava montada em minha moto e seguia para o hospital com Brian na sua moto. Ele não me impediu, já me conhecia o suficiente para saber que, quando estava focada em algo, atropelava, e se não me acompanhasse, ficava de fora.

Ele não queria estar de fora. Sempre participava de tudo comigo, me ajudando com as decisões do clube e com os afazeres necessários para que as empresas seguissem.

Ele se tornou meu *senhor* e foi um tanto engraçado quando propus a ele para sê-lo. Eu era a presidente do Moto Clube, não seria a senhora de ninguém, então ele deveria ser meu senhor, por mais capiciosa que aquela afirmação soasse.

Não houve objeção, ele gostou do seu título e ainda pediu que o chamasse assim quando estivesse dentro de mim, em êxtase, gozando. Descobri, com isso, que ele era muito arrogante e competente em matéria de me proporcionar momentos de prazer e relaxamento.

Descemos de nossas motos e saímos em disparada para dentro do hospital.

— Calma, Vi, Jack não vai ter alta do hospital, não precisa ter pressa — falou calmamente, enquanto me seguia pelos corredores.

— Eu não me importo, só quero vê-lo. — Senti meu coração acelerar e meu estômago voar. Que sentimento era aquele? Será que ainda gostava dele?

Brian parou na frente de uma porta e a abriu para que eu entrasse. Olhei para ele, momentaneamente congelada, e percebi que não ia entrar.

— Vá, converse com seu amigo, estarei bem aqui se você precisar. — Sua mandíbula ficou tensa e seu olhar pesaroso. Foi nítido o quanto estava desconfortável em dizer as palavras, mas disse mesmo assim, porque confiava em mim.

Nós aprendemos a confiar um no outro.

Entrei no quarto e vi que Jack estava olhando para mim, e me recepcionou com um sorriso cansado.

— Val.

— Oh, Jack, até que enfim você acordou! — Andei até sua cama e parei, colocando minha mão no meu peito. Jack estendeu sua mão para mim e recebi-a com a minha.

— Sempre te amei — soltou, assim, sem nenhuma preparação, e meus

olhos se enchem de lágrimas. Eu as controlei, porque não poderia chorar... não deveria. — Você sempre foi a melhor mulher que conheci, e nunca te dei valor o suficiente para assumir o que sentia por você. Achava que, para estar ao seu lado, precisava me tornar o seu amante. Descobri que posso te amar como seu amigo.

Sorri e recebi suas palavras como um bálsamo para minha alma.

— Você não acha que está muito filosófico a essa hora da manhã? Nem perguntei como você está — tentei brincar e deixar o clima mais leve.

— Eu precisava dizer, antes que morresse e não conseguisse falar.

— Você não vai morrer. — Apertei sua mão, forte.

— Porra, você andou treinando? — Soltou minha mão como se tivesse esmagado a dele.

— Fracassado, um mês no hospital te fez virar um frangote. Saia logo dessa cama, muitas pessoas precisam de você.

— Você precisa? — perguntou-me, e mesmo ele tentando esconder, vi o duplo sentido, o quanto daquela vez era ele quem gostava de mim e eu não o correspondia de forma igual.

— Os Piratas precisam de seu irmão e eu preciso do meu amigo. Quem irá escutar minhas lamúrias quando algo der errado no meu Moto Clube?

— Então, você conseguiu?

— Ser presidente? — Confirmou com a cabeça. — E você tinha dúvida?

Nossos olhares se cruzam pela última vez e, para encerrar, me inclinei e dei um beijo no canto da sua boca. Acabou o falso romance e prevaleceu a boa amizade. Incrível como todos aqueles sentimentos conflitantes de dúvida, conflito e amor se tornaram claros em minha mente. Estar com Brian me fazia ter uma nova perspectiva de romance, de vida, totalmente diferente de como eu vivia com Jack.

No final das contas, entrei em um acordo comigo mesma de que ele teve responsabilidade em usar meus sentimentos para fazer o que quisesse comigo. Fui responsável em não me amar como devia e deixá-lo fazer isso.

Despedi-me de Jack e saí do quarto para ver um Brian curioso me aguardando. Fiquei na ponta dos pés e dei um selinho nele, com olhos abertos, e ele sorri, me encarando.

— Foi tudo bem? — perguntou cauteloso.

— Sim, foi tudo bem — respondi misteriosa e segui em direção à saída do hospital.

— Então, toda aquela pressa era para um *tudo bem*? — insistiu, tentando arrancar mais informações de mim.

— Bem, o que posso fazer se às vezes a ansiedade toma conta? — Pisquei um olho para ele e saímos do hospital, indo direto para as motos.

Assim que coloquei a chave na ignição, ele fez o mesmo, indicando que assumiria a frente quando estivéssemos na rua.

— Pode deixar que eu te guio — declarou.

Sorrio de orelha a orelha para ele, subo na minha moto e estufo o peito.

— Sim, seja meu guia.



Valentine

Depois que fizemos o empréstimo para pagar a dívida com Victor, do Aranhas Moto Clube, tive que mergulhar com esmero nas finanças e administração das empresas do Selvagem Moto Clube. Em apenas algumas semanas, consegui deixar toda a documentação burocrática e fiscal organizada e em dia. Fiz várias reuniões e decidimos migrar uma das lojas de autopeças para junto da oficina mecânica. Engraçado como era uma coisa óbvia para ser feita, mas que ninguém tinha pensado naquilo antes.

Com a venda do local da loja, conseguimos levantar um bom dinheiro para reformar a sede do clube. Colocamos cercas elétricas, acesso biométrico para determinadas salas, compramos uma cozinha industrial moderna, geladeiras

com portas de vidro e pintamos todos os quartos. O clube parecia recém-criado e, pela quantidade de quartos vagos, estava quase me convencendo daquilo.

Um dos quartos vazios era o que pertencia a Peter. Fizemos o seu enterro dias depois do desafio, no cemitério público, com honras Selvagens, um passeio pela cidade e uma noite com muita tequila e história sobre o irmão que partiu. Lena apareceu na sede do Moto Clube para a despedida, mas foi enxotada por Carter, sem dar a ela oportunidade para entrar.

E, como um projeto pessoal idealizado pelo meu pai, construí em um dos terrenos de Brian, com uma estrutura pré-moldada, um espaço para acolher crianças carentes, sem lares ou que estivessem passando dificuldades.

Demorou um pouco mais de dois meses para ficar pronto, e quando o convidei para um passeio de moto, em uma noite agradável, com céu estrelado e vento fresco, ele nem desconfiava o que o aguardava.

— Decidiu finalmente assumir o papel de mulher na relação e comemorar *mesversário* de namoro? — Brian me provocou, enquanto o arrastei para fora do salão, em direção à minha moto.

— Eu tão assumi, que irei conduzir e pagar a janta. — Coloquei a chave na ignição da moto, subi nela e encarei Brian.

— Você sabe que não tenho nenhuma objeção em ficar por trás de você, principalmente sem roupa, mas prefiro conduzir, e você, com certeza, prefere que eu a conduza. — Avançou em minha direção, montou atrás de mim na moto,

tirou meu cabelo de um lado do meu pescoço e roçou seu queixo com barba por fazer em minha pele.

Meu corpo se arrepiou em apreciação, minha barriga vibrou e meu ventre pulsou. Ele sabia o quanto me excitava e me distraia fazendo aquilo.

— Brian — gemi seu nome. Assim não conseguiria mostrar nada a ele.

— Precisa de algo, meu Coração? — Brian sussurrou com sua voz rouca e muito sexy. O apelido carinhoso que me deu há algum tempo só aumentou mais e mais minha libido. Incrível como tudo era melhor quando as pessoas envolvidas no relacionamento estavam em sintonia.

Sabia que deveria parar de lembrar o meu relacionamento com Jack, até porque já estava resolvida sobre o assunto. Porém, acreditava que ainda perduraria, até que meu cérebro aceitasse o que meu coração já sabia desde o primeiro dia em que Brian me tocou, que aquele homem foi feito para mim e todos os outros eram apenas pessoas que passaram em minha vida.

— Assim não vou conseguir te mostrar a surpresa. — Tentei me desvencilhar de sua tortura sexual, mas só consegui quando ele desistiu, ficando em uma posição ereta atrás de mim. E quando digo ereta, queria dizer todo o seu corpo e membro.

— Ok, vou me comportar. Na volta, eu conduzo — decretou, entusiasmado.

— Muito animado? — Dei a partida na moto.

— Sempre, quando estou com você — respondeu no meu ouvido e nos conduzi até o sonho de Brian e o último pedido do meu pai.

Sem demonstrar nenhuma reação de reconhecimento da rota, guiei para o local que antigamente era apenas um terreno, totalmente subutilizado, com muito mato e pouco cuidado.

Parei a moto na frente do grande portão e ambos descemos da moto.

— O que... — Ele começou a perceber o que realmente estava acontecendo quando leu o nome pintado no muro ao lado do portão.

— É seu. — Sorri para ele e peguei sua mão, apertando-a. — Na verdade, é nosso. Nós dois vamos ajudar e contribuir para que crianças possam ter mais oportunidades.

Com as chaves em mãos, retirada de dentro do bolso da minha calça, abri o portão. Entramos e comecei a apresentar o Centro de Recreação e Acolhimento de Menores Abandonados SMC.

Parecido com a sede do nosso Moto Clube, o local possuía um salão, porém sem paredes e quase com o dobro de tamanho. Era onde as crianças iriam brincar, fazer atividades e passar o tempo. Na parte fechada, existia um grande refeitório e uma sala de estar, com vários colchões, almofadas e uma televisão na parede.

Existia também o corredor dos quartos, mas aqui eram dois grandes dormitórios para as crianças, separados por meninos e meninas. Existiam

também os quartos para os monitores, as salas de aula e o consultório de Brian, onde ele faria o atendimento e o acompanhamento médico.

— Aqui, você irá atender todas essas pessoinhas que tanto trazem alegria para o mundo. — Deixei-o observar cada detalhe da sala, os suprimentos médicos alinhados em prateleiras e uma réplica do seu diploma emoldurado na parede, atrás de sua mesa — falei com sua irmã e ela topou em trabalhar com você, aqui.

— Você conversou com a minha irmã? — Brian olhou para mim assustado e com muita razão. Eu e Fran não possuíamos um relacionamento tão bom, uma vez que ela era muito ciumenta e mimada, e eu não dava o braço a torcer para seus dramas. Porém, quando o assunto era agradar Brian, nós ignorávamos nossas diferenças.

— Para você ver o quanto amo você. — Sorri e me sentei em uma cadeira próxima. — Você não precisa mais trabalhar no hospital fazendo plantões, nem sua irmã. Fiz alguns ajustes e o Moto Clube poderá pagar os salários de vocês. Você pode se dedicar completamente ao seu sonho.

Ele se aproximou de mim com grandes passos, me levantou e me beijou com fervor. Era o beijo que mais gostava, com muita língua, força e descuidado. Era sincero, dado por instinto, o mais verdadeiro de todos os beijos. Aproveitei todo ele, retribuindo os movimentos e apreciando seu sabor.

— Você é incrível, sabia? — Brian interrompeu nosso momento, juntou

nossas testas e me elogiou ofegante.

— Se sou incrível, devo agradecer a você, por me proporcionar oportunidades de colaborar com sonhos tão importantes quanto os que você tem.

Ele me beijou mais uma vez, com pressa demais, e me puxou pela mão para sair da sala e, então, do Centro.

— Aonde você vai com essa pressa toda? — Ri e quase corri para acompanhá-lo.

— Tentar retribuir com sexo e amor a pessoa que transformou a minha vida. — Havia tanta intensidade em sua voz que meu peito apertou e lágrimas ameaçaram encher meus olhos.

Fui trancando tudo o que era possível com rapidez enquanto saímos, e seguimos em direção à minha moto.

Ele subiu para pilotar e não o questionei, pois seria a sua vez de me surpreender.

Depois daquele dia, rapidamente o Centro começou a funcionar, Brian estava ávido para concretizar o seu sonho. Gostávamos de fazer recreações no espaço e todos os irmãos se colocavam disponíveis para ajudar, transformando o momento de brincadeira em esperança para as crianças acolhidas.

Naquela celebração em específico, eu estava de saco cheio. A discussão machista que não levaria a lugar algum quase me fez chutar as bolas dos meus irmãos.

Crianças não se importavam com o tipo de material que era feito um brinquedo ou quem carregaria mais salgadinhos para a festa, elas só queriam um pouco de afeto e amor. Mas então, uns certos Selvagens resolveram transformar isso em competição.

Vi Brian de braços cruzados, sorriso no rosto e postura relaxada enquanto observa Rock, Logan e Johnny discutindo quem entregaria o que na festa de hoje à tarde, no Centro de Recreação e Acolhimento de Menores Abandonados SMC.

— Hei! — gritei o mais alto que consegui, para acabar com a palhaçada. Todos na sala pararam o que estavam fazendo ou falando para me olhar. — Ótimo, foco em mim agora — falei em tom normal e apontei o indicador para mim, para elucidar. — Rock levará a comida, é o mais pesado e não será dificuldade para ele. — Quando Johnny começou a abrir a boca, apontei o dedo para ele e gritei novamente: — Quem decide sou eu, já que vocês, princesas, não sabem dividir.

Vi de longe Brian me admirando e tentei desviar minha atenção dele, pois meu peito inchava de prazer por ser motivo de orgulho.

— Deixe Johnny com os brinquedos e Logan com a fantasia de Barney — Rock falou com humor.

— Barney combina mais com você, seu cuzão. — Logan mostrou o dedo médio para Rock, que apenas sorriu, nem um pouco incomodado.

— Não precisamos de ninguém fantasiado, já contratei atores para isso. Logan, você ajuda Johnny com os brinquedos.

Resmungando, porque era só o que eles podiam fazer, saímos da sala de reuniões, a mesma em que tinha reivindicado minha posição de presidente do clube há alguns meses. Nunca imaginaria estar naquela mesma sala discutindo sobre um evento de caridade. A vida realmente era uma caixinha de surpresas.

Brian envolveu seu braço na minha cintura e beijou meu pescoço.

— Está pronto?

— Para você, em todos os momentos, Coração.

Nossos sorrisos satisfeitos ficam enfeitando nossas faces até o final do dia, quando as crianças já estavam esgotadas e os rapazes mais ainda.

Em apenas um mês de funcionamento, o Centro ajudava mais de trinta crianças, entre abandonadas e em situação carente. Contratei uma Assistente Social e ela estava em contato direto com os órgãos do governo para encaminhá-las para adoção. A vontade era de manter todas as crianças para sempre, mas precisávamos pensar no bem-estar delas, e ter uma família, um pai e uma mãe, era o melhor que poderíamos oferecer a elas.

Não houve nenhum novo recrutamento no Selvagem durante aquele tempo, e em alguns momentos achava que era por causa da minha posição no Moto Clube, mas não deixei isso me abalar, porque sabia que os novos membros seriam os mais leais. Os homens que faziam parte atualmente do Moto Clube

nunca demonstraram estar incomodados com meu comando, e sempre me trataram como qualquer outro irmão do clube, com piadinhas e preocupação quanto ao andamento dos negócios.

Bem, aquela lacuna de recrutamento tinha acabado alguns dias depois, no momento em que dois irmãos apareceram no Centro, trazendo sua irmã, por parte de pai, de cinco anos, que estava muito malcuidada e desnutrida. Eles eram jovens, dezenove e vinte anos, mas estavam morando nas ruas há quase um ano, e quando descobriram o nosso lugar, trataram de resgatar a irmã do local insalubre em que vivia. Eles viram no Centro uma oportunidade para dar uma vida melhor à irmã, uma vida que eles não puderam ter.

— Para onde vocês vão? — perguntei, quando terminei a entrevista junto com a Assistente Social. Brian, juntamente com sua irmã, estavam fazendo a avaliação médica da menina.

— Qualquer lugar — o mais velho falou, me encarando sem nenhum medo ou hesitação.

— Conhecem o Selvagem Moto Clube? — O sorriso que o mais novo esboçou e o brilho nos olhos do irmão mais velho me deram toda a indicação que precisava. Eles tinham garra e bom coração, o perfil perfeito para serem recrutados.

Sorri amplamente e estendi minha mão para apertar as deles.

— Muito prazer, sou Valentine, a presidente do Selvagem Moto Clube,

e gostaria de saber se vocês têm interesse em fazer parte da família.

Não houve mudança na reação dos dois, a empolgação continuou mesmo sabendo que uma mulher era presidente do Moto Clube.

Sorri internamente e respirei aliviada. Eu era mulher, tinha desconfianças, mas nunca duvidei do meu potencial e das possibilidades de mudança de conceitos e paradigmas. Acreditava em mim, e era tudo o que precisava para o sucesso.



Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha, em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico, em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora, em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018, e publicou mais de 70 títulos na Amazon – entre contos, novelas e romances.

Site: **http://www.autoraMarinales.com.br**

Facebook: **https://www.facebook.com/autoraMarinales/**

Instagram: **https://www.instagram.com/autoraMarinales/**

Wattpad: **https://www.wattpad.com/user/mari_sales**

Pinterest: **https://br.pinterest.com/autoraMarinales/**

Assine a minha Newsletter: http://bit.ly/37mPJGd


SELVAGEM
MOTO
CLUBE

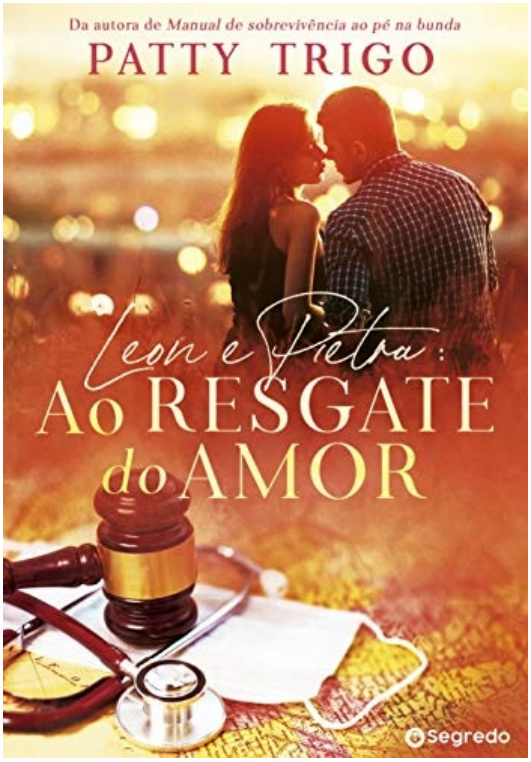
Conheça mais livros da editora em

grupoeditorialportal.com.br/

Leia também!

Outros títulos do selo segredo

Leon e Pietra: Ao resgate do amor



link => https://amzn.to/3u7wBGq

Sinopse:

Ele, um médico dedicado ao trabalho humanitário; Ela, uma advogada que luta pela justiça em favor das mulheres que sofrem com violência doméstica; ambos solteiros e dedicados as suas profissões. Em uma festa de casamento decidem que um relacionamento casual seria uma ótima forma para lidar com a química visível. Cinco anos depois eles se reencontram, o momento não podia ser pior, mas descobrem que aquela química ainda ardia como fogo em palha seca. Entre encontros e desencontros, esse casal vai enfrentar os dramas da vida em busca do resgaste ao amor.



A secretária do CEO

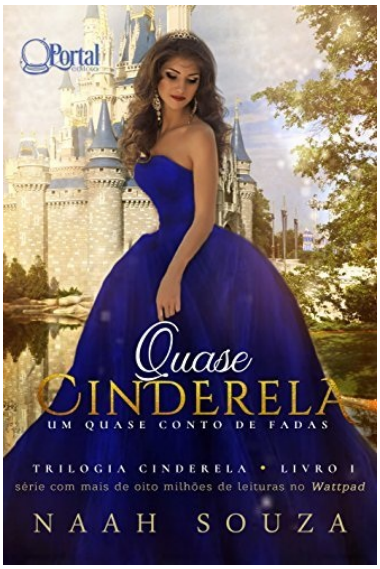
link => https://amzn.to/2HX7osy

Sinopse:

Diana Williams é uma mulher bem resolvida, que batalhou muito para conseguir ser a secretária pessoal do CEO Fellipe Corppin. Tudo está prestes a mudar quando o Sr. Fellipe deixa a empresa e seu filho assume. Ele é um dos maiores magnatas, um homem lindo e extremamente sexy. Maycon Corppin também é orgulhoso e decidido no que quer, ele tem a mulher que desejar e quando algum problema surge, resolve com sexo.

Em meio à convivência, Diana e Maycon acabarão não resistindo um ao outro, cedendo ao mais profundo desejo. Porém, segredos guardados trarão à tona problemas, que parecem não ter solução...

Quase Cinderela: Um quase conto de fadas (Trilogia Cinderela Livro 1)



link => https://amzn.to/2Vkv15Z

Sinopse:

Desde o acidente que matou seus pais, Hannah mora com sua tia e suas duas primas em um pequeno país europeu chamado Mirabelle. As três transformam a vida da garota em um verdadeiro inferno e mesmo sofrendo constantes humilhações, ela não se deixa desanimar e encara tudo de cabeça erguida. A moça anseia pelo dia que irá completar seus dezoito anos e poder ir embora de Mirabelle, para viver uma vida tranquila bem longe da sua nem tão querida família. Em Mirabelle, a monarquia absolutista resistiu ao longo dos séculos e em pleno século XXI ainda é governado por reis e rainhas. Todo o reino aguarda ansiosamente para descobrir quem é o príncipe e futuro herdeiro do trono que será apresentado na sua festa de 18° aniversário, sobretudo as jovens solteiras que sonham em conquistar Sua Alteza Real e tornar-se a próxima rainha do país todas as garotas da região sonham em conquistar o coração do jovem nobre. Todas. Exceto Hannah. Entretanto, como a vida é cheia de surpresas, os caminhos dos dois jovens irão se cruzar e antes mesmo que eles se deem conta, suas vidas estarão entrelaçadas. O príncipe é moderno! A fada madrinha é o amigo gay! A madrasta má é conhecida como Tia Satan!